MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN



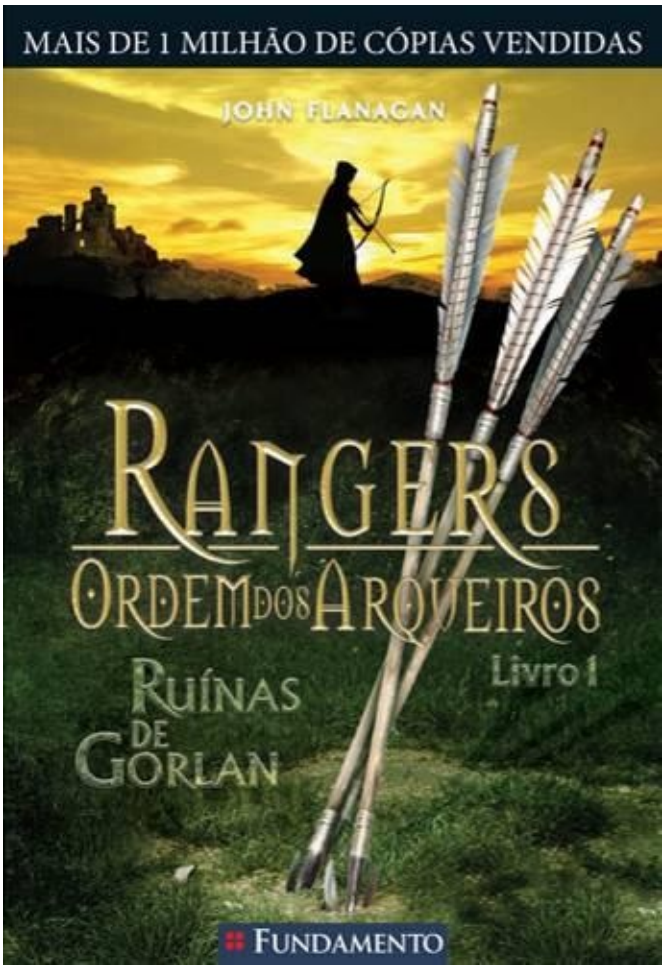
RANGERS

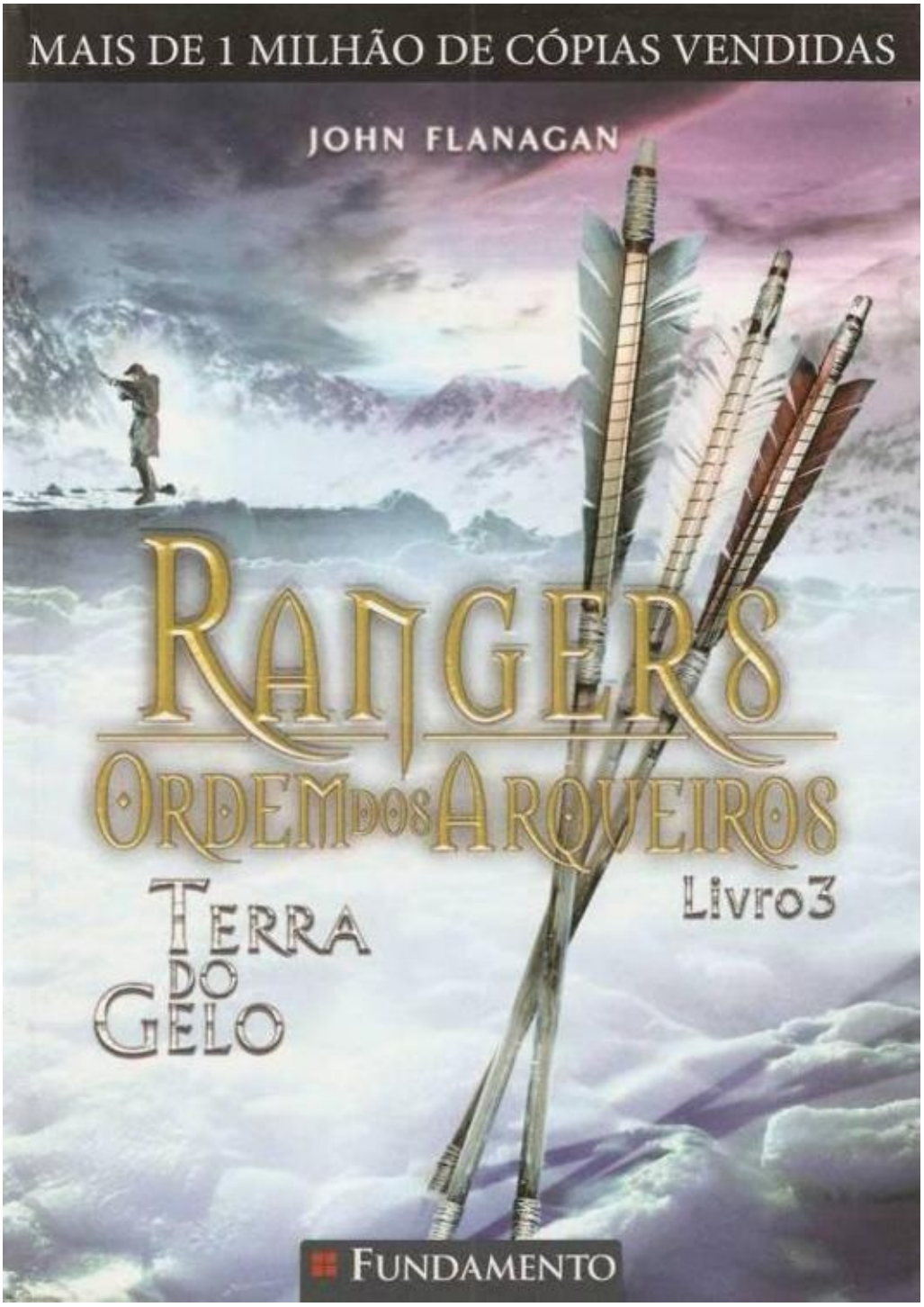
ORDEM DOS ARQUEIROS

Livro 3

TERRA DO GELO

FUNDAMENTO


MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS
JOHN FLANAGAN
RANGERS
ORDEM DOS ARQUEIROS
Livro 1
RUÍNAS DE GORLAN
FUNDAMENTO


MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS
JOHN FLANAGAN
RANGERS
ORDEM DOS ARQUEIROS
Livro 3
TERRA DO GELO
FUNDAMENTO



Aclamada pela crítica do mundo todo. Da lista dos livros mais vendidos do New York Times. Publicada em mais de 14 países.

Rangers — Ordem dos Arqueiros, a série: uma lei-tura imperdível e

emocionante do começo ao fim.

Forças da natureza podem ser um poderoso oponente para um jovem aprendiz de arqueiro e uma princesa em terras de piratas e mercenários. Por isso, depois de um longo e sombrio inverno, Wil e Evanlyn estão diferentes.

Eles entenderam que, em toda guerra, há um tempo para lutar e um tempo para aceitar o inevitável. A Terra do Ge-lo nunca tinha visto jovens prisioneiros com tanta honra, coragem e companheirismo, mesmo passando por muitas tristezas e humilhações. Nesse pedaço de mundo gelado e hostil, a batalha pela vida é travada com armas feitas de outros materiais: uma forjada no pulsante calor da alma; outra malhada na mais cruel escuridão. Na corrida pela salvação, Evanlyn mostra seu valor, mas isso pode não ser o suficiente para libertar ela e Will. Por sua vez, Halt e Horace precisam enfrentar falsos cavaleiros e muitos espertalhões na tentativa de resgatar seus amigos. Será que chegarão a tempo?

Duas batalhas pela vida, simultâneas e arriscadas, com uma finalidade só: salvar Wil .

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Flanagan, John

Rangers — Ordem dos Arqueiros: T/John Flanagan; [versão brasileira: Editora Fundamento] — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2009.

Título original: Ranger’s apprentice: The Icebound Land 1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

07-7502

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5 2. Literatura juvenil 028.5

JOHN FLANAGAN

RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

Livro 3

TERRA DO GELO




Mar Congelado
Desertos do Norte
OCEANO DO OCIENTE
Florestas de Greystone
ESCANDINÁVIA
Sonderland
Estepes do Leste
Mar Stromwhite
Teutônia
Picta
Castelo de Araluen
Mar Estreito
La Rivage
Montsombre
ALPINA
Araluen
GÁLICA
Célitica
IBÉRION
ASLAVA
OCEANO SEM FIM
TOSCANO
O Mar Constante
Mar de Rostov
N

ARALUEN E SEUS VIZINHOS

ANO DE 643 DA ERA CRISTÃ



O navio estava a apenas algumas horas do Cabo Shelter, quando uma forte tempestade o atingiu.

Durante três dias, tinham navegado para o norte, na direção da Escandinávia, por um mar calmo como um lago, fato que muito agradou a Wil e Evanlyn.

— Até que não está tão ruim — Will disse enquanto o navio estreito cortava as águas com tranquilidade.

Ele tinha ouvido histórias sombrias sobre pessoas que passavam muito mal a bordo de embarcações no mar.

Mas para ele o suave balanço do navio não era motivo de preocupação.

Evanlyn concordou um pouco hesitante. Ela não era uma navegante experiente, mas já tinha estado no mar antes.

— Se não ficar pior que isso — ela retrucou. Ela tinha notado os olhares de preocupação que Erak, o capitão do navio, lançava para o norte e o modo como ele estava estimulando os remadores do Wolfwind a aumentar a velocidade. Quanto a Erak, ele sabia que aquele tempo enganosamente calmo anunciava uma mudança para pior —

muito pior. Vagamente, no horizonte ao norte, ele via a linha escura da tempestade se formando. Ele sabia que, se não conseguissem dar a volta no Cabo Shelter e entrar no abrigo da massa de terra em tempo, seriam atingidos por toda a força da tempestade. Durante vários minutos, ele avaliou velocidades e distâncias, analisando seu avanço em comparação ao das nuvens que se aproximavam apressadas.

— Não vamos conseguir — ele disse finalmente para Svengal. Seu segundo homem no comando concordou.

— Acho que não — Svengal respondeu filosoficamente.

Erak examinou o navio com atenção, certificando-se de que não havia equipamentos soltos que precisavam ser amarrados. Seu olhar caiu sobre os dois prisioneiros encolhidos na proa.

— É melhor amarrar esses dois no mastro. E também vamos prender o remo de direção com cordas.

Will e Evanlyn observaram Svengal se aproximar deles com um rolo de corda fina na mão.

— E agora? — Wil perguntou. — Eles não podem estar pensando que vamos tentar escapar.

Mas Svengal tinha parado no mastro e estava fazendo sinais agitados para eles. Os dois araluenses se levantaram e andaram com passos incertos até ele. Will percebeu que o navio estava balançando mais e que o vento soprava mais forte. Ele andou com dificuldade para chegar perto de Svengal. Atrás dele, ouviu Evanlyn murmurar um palavrão, nada adequado a uma nobre, quando ela tropeçou e arranhou a pele num poste de amarração.

Svengal apanhou sua faca de caça e cortou dois pe-daços de corda do rolo.

— Se amarrem ao mastro — ordenou. — Vamos enfrentar uma tempestade violenta a qualquer minuto.

— Você quer dizer que podemos ser atirados ao mar? — Evanlyn perguntou sem acreditar.

Svengal percebeu que Wil estava se amarrando ao mastro com um nó de laço perfeito. A garota estava tendo problemas, de modo que Svengal pegou a corda, passou-a ao redor da cintura dela e a prendeu também.

— Talvez — o marinheiro respondeu. — É mais provável que vocês sejam jogados ao mar pelas ondas.

Ele viu o rosto do garoto empalidecer de medo.

— Você está dizendo que as ondas podem mesmo. . cair no convés? — Wil perguntou.

Svengal lhe deu um sorriso duro e sem humor.

— Ah, podem sim. .

Ele correu de volta para ajudar Erak na popa, onde o capitão já estava amarrando o imenso leme.

Will engoliu em seco várias vezes. Ele tinha imaginado que um navio daquele tamanho deslizaria sobre as ondas como uma gaivota e agora lhe diziam que era provável que as ondas caíssem estrondosamente sobre o convés. Ele se perguntou como o barco continuaria flutuando se isso acontecesse.

— Oh, Deus... o que é aquilo? — Evanlyn perguntou baixinho, apontando para o norte.

A linha fina e escura que Erak tinha visto era agora uma massa negra e turva a apenas 300 metros de distância, aproximando-se a uma velocidade maior que a de um cavalo a galope. Os dois se aproximaram mais da base do mastro e tentaram envolver todo o poste áspero de pinho com os braços, procurando se prender até com as unhas.

E então o sol desapareceu quando a tempestade ca-iu sobre eles.

Só a força do vento já foi suficiente para deixar Will sem fôlego. Literalmente. Aquele não era um vento como outros que Wil conhecera. Aquele vento parecia uma for-

ça selvagem, viva e primitiva, que corria em volta dele, deixando-o surdo e cego, e que arrancava o ar de seus pulmões e o impedia de enchê-los novamente: ele o sufo-cava e ao mesmo tempo tentava fazer que soltasse as mãos do poste. Com os olhos bem fechados, Will tentava respirar e se segurava desesperadamente ao mastro. Vagamente, ouviu os gritos de Evanlyn e sentiu quando ela começou a escorregar para longe dele. Ele tentou agarrá-la sem olhar, encontrou sua mão e a puxou de volta.

A primeira onda enorme caiu sobre o convés, e a proa do navio se inclinou num ângulo assustador. Eles começaram a ser levados para cima junto com a onda e então o navio oscilou e começou a deslizar.

— Para trás e para baixo! — Svengal e Erak grita-ram para os remadores. Suas vozes foram levadas para longe pelo vento, mas a tripulação, de costas para a tempestade, viu e entendeu a linguagem de corpo dos dois homens. Eles se inclinaram sobre os remos, dobraram as hastes de carvalho com seus esforços e lentamente a embarcação parou de deslizar para trás. O navio começou a se agarrar à onda, subindo cada vez mais lentamente até Will ter certeza de que eles teriam que começar uma terrí-

vel descida em sentido contrário.

Então a crista da onda quebrou e desabou com um ruído de trovão em cima deles.

Toneladas de água caíram com estrondo no navio, impelindo-o para baixo, empurrando-o para a direita até se ter a impressão de que ele nunca iria voltar à posição original. Wil soltou um grito selvagem de terror, mas foi interrompido pela água gelada e salgada que o atingiu e o obrigou a soltar o mastro, encheu sua boca e seus pulmões e o arrastou pelo convés até que a corda frágil o fez parar. Coberto e cercado pela água, Will foi virado de um lado para outro. Quando o navio se endireitou, ele ficou se debatendo como um peixe fora da água. Evanlyn estava ao lado dele e, juntos, arrastaram-se com dificuldade de volta ao mastro, segurando-se nele com novo desespero.

Nesse momento, a proa se lançou para a frente, e eles foram arrastados aos

trambolhões em meio à água, deixando seus estômagos para trás e gritando aterrorizados mais uma vez.

A proa cortou a onda imensa, dividindo o mar e jogando-o bem para o alto. Mais uma vez, a água caiu sobre o convés, como uma cascata, mas não quebrou com a for-

ça da onda anterior, e os dois jovens conseguiram se segurar ao mastro. A água, na altura da cintura, passou por eles com violência, mas logo o navio esguio pareceu conseguir se livrar do peso imenso.

Nos bancos dos remadores, a tripulação substituta já estava trabalhando a todo vapor, jogando água por cima da amurada com baldes. Erak e Svengal, na parte mais exposta do navio, também estavam presos com cordas nos lados do remo de direção, um instrumento resistente da metade do tamanho dos remos normais. Ele era usado como remo de direção, menos em situações como essa.

O leme longo dava ao timoneiro um ponto de apoio maior para que pudesse ajudar os remadores a dar a volta no navio. Naquele dia, foi necessária a força de dois homens para dirigi-lo.

Na calha que se formava entre as ondas, tinha-se a impressão de que o vento perdia a força. Will limpou o sal dos olhos, tossiu e vomitou água do mar no convés. Ele viu o olhar aterrorizado de Evanlyn. Teve a leve sensação de que devia tentar tranquiliza-la, mas não havia nada que pudesse dizer ou fazer, pois não acreditava que o navio poderia suportar outra onda como aquela.

No entanto, já havia outra a caminho. Ainda maior do que a primeira, ela avançava na direção do barco, per-correndo várias centenas de metros, empinando-se e concentrando-se bem acima deles, mais alta do que os muros do castelo Redmont. Wil enterrou o rosto no mastro e sentiu Evanlyn fazendo o mesmo quando o navio come-

çou novamente uma terrível e lenta subida.

O navio subiu cada vez mais, acompanhando as paredes da onda. Os homens se esforçavam até sentir os co-rações quase estourarem ao tentar levar o Wolfwind onda acima, enfrentando a força combinada do vento e do mar.

Desta vez, antes de a onda quebrar, Wil teve a impressão de que o navio ia

perder a luta no último momento. Ele abriu os olhos aterrorizado quando a embarcação come-

çou a voltar para o desastre certo. Então, a crista se enrolou por cima do barco e caiu com toda a força em cima deles e novamente o rapaz, girando e rolando foi jogado pelo convés. Will foi contido pela corda que o prendia, sentiu algo bater dolorosamente em sua boca e percebeu que era o cotovelo de Evanlyn. A água caiu estrondosamente sobre ele, e a proa se virou para baixo outra vez. O

navio começou outro mergulho escorregadio e louco para o outro lado, rolando, jogando água do mar para todos os lados. Fraco demais para gritar, Will gemeu levemente e rastejou de volta para o mastro. Ele olhou para Evanlyn e balançou a cabeça. “Não há como sobreviver a isso”, ele pensou, vendo o mesmo temor no olhar da companheira.

Na popa, Erak e Svengal se abraçaram enquanto o Wolfwind batia com força na calha formada pelas ondas, jogando jatos de água nos dois lados da proa, fazendo to-do o corpo do navio vibrar com o impacto. A embarcação girou, sacudiu e se endireitou novamente.

— Ela está aguentando bem — Svengal gritou.

Erak concordou preocupado. Por mais assustador que pudesse parecer para Will e Evanlyn, o navio tinha sido, construído para aguentar águas violentas como aquelas. Mas mesmo um navio tem suas limitações. E, se aquilo continuasse por muito tempo, Erak sabia que todos morreriam.

— A última quase nos derrubou — respondeu.

Um movimento de último minuto feito pelos remadores tinha conseguido arrastar o navio por cima da crista da onda quando ele estava prestes a deslizar para trás, de volta para a calha.

— Vamos ter que virar o barco e correr antes da tempestade. Svengal concordou olhando o horizonte com os olhos apertados para se proteger do vento e do sal.

— Depois daquela.

A onda seguinte era um pouco menor do que a que quase tinha acabado com eles, mas “menor” não era uma palavra muito tranquilizadora. Os dois

escandinavos aper-taram com mais força o leme de direção.

— Remem, droga! Remem!

Erak rugia para os remadores quando a montanha de água se ergueu acima deles, e o Wolfwind começou outra subida lenta e precária.

— Ah, não, por favor, permita que isso acabe logo!

— Wil gemeu quando sentiu a proa se inclinar para cima outra vez.

O terror era fisicamente exaustivo. Ele só queria que aquilo acabasse. “Mesmo que o navio tenha que afun-dar”, pensou. Ele queria que tudo se acabasse. Que chegasse ao fim. Que aquele terror que paralisava a mente terminasse. Ele ouvia Evanlyn ao lado dele soluçando de medo. Ele a abraçou, mas não conseguiu fazer mais nada para consolá-la.

Eles subiram cada vez mais. E então ouviram o conhecido rugido das ondas quebrando e o trovão de água despencando cm cima deles. Em seguida, a proa atravessou a crista, bateu na parte posterior da onda e despencou para baixo. Wil tentou gritar, mas estava sem energias e com a garganta dolorida, e conseguiu emitir apenas um leve soluço.

O Wolfwind cortou o mar na base da onda outra vez. Erak gritava instruções aos remadores. Eles teriam pouco tempo na sombra do vento da próxima onda que se aproximava e, nesse tempo, teriam que virar o barco.

Os remadores apoiaram os pés nas tábuas de madeira. Os que estavam na popa, ou do lado direito, do navio viraram os cabos dos remos para o seu lado. Os remadores do lado esquerdo empurraram os seus para a frente.

Quando o navio se endireitou, Erak gritou suas ordens.

— Agora!

As lâminas dos remos mergulharam fundo no mar e, enquanto um dos lados empurrava e o outro puxava, Erak e Svengal jogaram o peso do corpo no leme. O navio longo e estreito girou obediente, quase no mesmo lugar, levando a proa para o lado do vento e do mar.

— Agora, empurrem juntos! — Erak rugiu, e os remadores obedeceram com vontade.

Ele tinha que manter o navio se movimentando um pouco mais depressa do que o mar ou este iria vencê-los.

Ele olhou uma vez para os dois prisioneiros de Araluen, agachados infelizes junto do mastro, mas se esqueceu deles quando voltou a analisar o avanço do navio, mantendo a proa virada para o mar. Qualquer erro seu e o barco deslizaria para o lado. Seria o fim. O capitão sabia que estavam navegando mais facilmente, mas não era o momento para se distrair.

Para Will e Evanlyn, o navio ainda estava mergu-lhando e balançando de modo assustador, subindo até 15

metros de altura, mas agora o movimento estava mais controlado. O barco estava acompanhando o mar, não lutando contra ele. Will sentiu o movimento se acalmar.

Borrifos de água ainda os atingiam a intervalos regulares, mas o balanço violento para trás pertencia ao passado. À

medida que o navio conseguia enfrentar cada montanha sucessiva de água que passava por baixo e ao redor dele, Will começou a acreditar que eles poderiam ter uma leve chance de sobrevivência.

Mas era uma chance muito pequena. Ele ainda sentia o mesmo pavor tomando conta de todo o seu corpo sempre que uma onda caía sobre eles. A cada vez, tinha a impressão de que aquela poderia ser a última. Ele envolveu Evanlyn com os dois braços, sentiu os braços dela envolverem seu pescoço e o rosto gelado se colando ao



dele. E assim os dois jovens procuraram e encontraram conforto e coragem UM no outro. Evanlyn choramingava de medo. E com alguma surpresa Will percebeu que ele também, pois murmura palavras sem sentido repetidas vezes, chamando o nome de Halt, de Puxão, de qualquer pessoa que pudesse ouvir e ajudar. Mas, à

medida que as ondas se seguiam, uma atrás da outra, e o Wolfwind so-brevivia, o terror cego diminuiu e foi substituído por uma exaustão nervosa e, por fim, ele adormeceu.

Durante mais sete dias, o navio foi levado para o sul, para longe do Mar Estreito e perto das margens do Oceano Sem Fim. Wil e Evanlyn passaram o tempo todo encolhidos junto do mastro, encharcados, exaustos, congelados. O medo paralisante do desastre estava sempre presente em suas mentes, mas aos poucos eles começaram a acreditar que poderiam sobreviver.

No oitavo dia, o sol atravessou as nuvens. Ele estava fraco e sem brilho, é verdade, mas era o sol. Os violentos mergulhos no mar tinham parado e mais uma vez o navio deslizou suavemente na superfície da água.

Erak, com a barba e os cabelos cobertos de sal, empurrou cansado o leme, obrigando o navio a fazer uma curva suave e virar para o norte outra vez.

— Vamos para o Cabo Shelter — ele disse para a tripulação.





Halt estava encostado imóvel no grosso tronco de um carvalho, enquanto os bandidos corriam para fora da floresta e cercavam a carruagem.

Ele não estava escondido, mas ninguém o via. Em parte, isso se devia ao fato de os ladrões estarem totalmente concentrados em suas presas, um mercador rico e sua mulher. Eles, por sinal, também estavam igualmente distraídos, olhando horrorizados para os homens armados que cercavam a carruagem na clareira.

Mas, principalmente, isso se devia à capa que usava e que o camuflava, ao capuz puxado sobre a cabeça que deixava o rosto na sombra e por estar totalmente imóvel.

Como todos os arqueiros, Halt sabia o segredo de se con-fundir com a paisagem e ficar sem se mover, mesmo quando as pessoas pareciam estar olhando diretamente para ele.

Acredite que você não é visto, dizia o ditado dos arqueiros, *e isso vai acontecer.*

Uma figura corpulenta toda vestida de preto surgiu de entre as árvores e se aproximou da carruagem. Os o-



lhos de Halt se estreitaram por um segundo e então ele suspirou em silêncio. “Outra caçada inútil”, pensou.

A figura se parecia ligeiramente com Foldar, o homem que Halt vinha procurando desde o fim da guerra com Morgarath. Foldar fora primeiro-tenente de Morgarath e tinha conseguido escapar quando seu líder morreu e seu exército de subumanos Wargals se desfez.

Mas Foldar não era uma besta irracional. Ele era um ser humano capaz de pensar e planejar, totalmente corrompido e perverso. Filho de um nobre de Araluen, ele matou os próprios pais depois de uma discussão por causa de um cavalo. Na época, não era mais que um adolescente e escapou se escondendo nas Montanhas da Chuva e da Noite, onde Morgarath reconheceu um espírito semelhante ao seu e o recrutou. Agora era o único sobrevivente do bando de Morgarath, e o rei Duncan havia tornado sua captura e aprisionamento prioridade número 1 para as forças armadas do reino.

Entretanto, imitadores de Foldar estavam surgindo em todos os lugares, geralmente na forma de bandidos comuns, como aquele, e isso era um problema. Eles usavam o nome e a assustadora reputação do homem para amedrontar as vítimas, facilitando o trabalho de roubá-las.

E, sempre que um deles aparecia, Halt e seus companheiros tinham que perder tempo seguindo-os. Ele sentiu a raiva queimar devagar por causa do tempo que estava desperdiçando com esse aborrecimento sem importância.

Halt tinhas outras questões a resolver. Ele tinha uma promessa a cumprir e estava sendo impedido por idiotas como aquele.

O falso Foldar tinha parado perto da carruagem. O

casaco preto com colarinho alto lembrava um pouco o que Foldar usava. Mas Foldar era um janota, e seu casaco era feito de veludo e cetim preto imaculado, enquanto aquele era de lã comum, mal tingido e remendado em vá-

rios lugares, com um colarinho de couro preto desbotado.

O gorro era feito de um tecido áspero e também estava amassado, e a pena negra de cisne que o enfeitava estava dobrada ao meio, provavelmente porque alguém havia sentado descuidadamente sobre ele. Agora o homem estava falando e sua tentativa de imitar o tom sarcástico e balbuciante de Foldar foi prejudicada pelos erros de gramática e pelo sotaque grosseiro do interior.

— *Vamo* descer da carruagem, senhor e madame

— ele disse fazendo uma curvatura desajeitada. — E *num* tenha medo, madame, que o nobre Foldar não machuca ninguém tão *bunita.*

Ele tentou dar um sorriso sardônico e malvado que mais pareceu um cacarejo esganiçado.

A “madame” podia ser qualquer coisa, menos bonita. Ela era de meia idade, gorda e bastante comum. “Mas isso não é motivo para ser sujeitada a esse tipo de terror”, Halt pensou aborrecido. Ela recuou choramingando as-sustada ao ver o vulto negro diante dela. “Foldar” deu um passo à frente num tom de voz mais duro e ameaçador.

— Desça, dona! — ele gritou. — Ou vai receber as orelhas de seu marido de presente!

Sua mão direita foi até o cabo da longa adaga presa no cinto. A mulher gritou e se encolheu ainda mais na carruagem. O marido, igualmente apavorado e preferindo que as orelhas ficassem onde estavam, tentava empurrá-la na direção da porta.

“Já chega”, Halt pensou. Satisfeito por ninguém estar olhando para ele, apanhou uma flecha, ajeitou-a na corda, mirou e atirou.

“Foldar”, cujo verdadeiro nome era Rupert Gubblestone, teve a leve impressão de que algo passou como um raio bem na frente de seu nariz. Então ele sentiu um forte puxão na gola do casaco e se viu pregado contra a carruagem por uma flecha trêmula que entrou na madeira com um baque surdo. Soltou um pequeno grito assustado, perdeu o equilíbrio e tropeçou, salvo de cair pelo casaco, que agora começava a estrangulá-lo onde estava fechado ao redor do pescoço.

Quando os outros bandidos se viraram para ver de onde a flecha tinha vindo, Halt se afastou da árvore. No entanto, para os ladrões confusos, parecia que ele tinha saído de *dentro* do forte carvalho.

— Arqueiro do rei! — Halt chamou. — Larguem as armas. Eram dez homens, todos armados, e nenhum deles pensou em desobedecer à ordem. Facas, espadas e porretes caíram com ruído no chão. Eles tinham acabado de ver um exemplo real da magia obscura de um arqueiro: a figura sombria tinha saído direto do tronco vivo de um carvalho. Mesmo naquele momento, a estranha capa que ele usava parecia tremular incertamente contra o fundo, tornando difícil a tarefa de enxergá-lo. E, se feitiçaria não fosse suficiente para obrigá-los a obedecer, eles podiam ver uma razão mais prática: o enorme arco com outra flecha de ponta negra já pronta na corda.

— De bruço no chão! Todos vocês!

As palavras chegaram até eles como um chicote e eles caíram no chão. Halt apontou para um deles, um jovem de cara suja que não devia ter mais que 15 anos.

— Você não! — ele disse, e o menino hesitou, apoiado nas mãos e NOS joelhos. — Pegue os cintos e amarre as mãos deles nas costas.

O garoto apavorado fez que sim com a cabeça vá-

rias vezes, aproximou-se do primeiro dos colegas deitados e parou quando Halt lhe deu mais um aviso.

— E aperte bem! — o arqueiro mandou. — Se eu descobrir que um dos nós está solto, eu vou. .

Ele hesitou um segundo, enquanto pensava numa ameaça apropriada, e então continuou:

— Vou prender vocês dentro daquele carvalho ali.

“Isso deve servir”, ele pensou. Ele sabia do efeito que sua aparição inexplicável na frente da árvore tinha exercido naqueles interioranos ignorantes. Aquele era um estratagema que já tinha usado várias vezes. Ele viu o rosto do garoto empalidecer de medo debaixo da sujeira e soube que a ameaça tinha sido eficiente. Então voltou a



atenção para Gubblestone, que puxava debilmente a tira de couro que prendia a capa que continuava a asfixiá-lo. O

rosto do homem já estava vermelho e com os olhos saltados.

E eles ficaram ainda mais arregalados quando Halt desembainhou a pesada faca de caça.

— Ah, relaxe — Halt disse irritado.

Ele cortou a corda rapidamente e Gubblestone, livre de repente, caiu desajeitado no chão, aparentemente satisfeito por ficar ali, fora do alcance da faca cintilante.

Halt olhou para os ocupantes da carruagem. O alívio em seus rostos era evidente.

— Acho que podem seguir viagem, se quiserem —

disse satisfeito. — Esses idiotas não vão mais aborrecer vocês.

O mercador, lembrando-se com remorso de como tinha tentado empurrar a mulher para fora da carruagem, tentou disfarçar o constrangimento esbravejando.

— Eles merecem ser enforcados, arqueiro! Enforcados, eu digo! Eles aterrorizaram minha pobre mulher e me ameaçaram!

Halt olhou impassível para o homem, até que a explosão tivesse terminado.

— Pior do que isso — ele disse com calma —, eles desperdiçaram o meu tempo.

— A resposta é não, Halt — Crowley afirmou. —

Do mesmo jeito que foi da última vez que perguntou.

Ele viu a raiva tomar conta de todo o corpo do velho arqueiro amigo parado à sua frente. Crowley detestava o que tinha de fazer, mas ordens eram ordens e, como comandante dos arqueiros, era sua função fazer que fossem cumpridas. E Halt, como todos os arqueiros, tinha que obedecê-las.

— Vocês não precisam de mim! — Halt explodiu.

— Estou perdendo tempo caçando esses imitadores do Foldar em todo o reino, quando deveria estar procurando Will!

— O rei tornou Foldar sua prioridade número 1 —

Crowley lembrou. — Cedo ou tarde, vamos encontrar o verdadeiro.

— E você tem 49 outros arqueiros para fazer esse serviço! — Halt protestou com um gesto de desespero. —

Pelo amor de Deus, acho que isso é suficiente.

— O rei Duncan quer os outros 49. E ele quer vo-cê. Ele confia em você e tonta com você. Você é o melhor que temos.

— Já fiz a minha parte — Halt respondeu devagar, e Crowley sabia o quanto o amigo ficava magoado ao dizer essas palavras.

Ele também sabia que sua melhor resposta seria o silêncio. Um silêncio que

Crowley sabia que iria obrigar Halt a raciocinar um pouco mais e de um jeito que detestava.

— O reino deve para esse menino — Halt disse com um pouco mais de firmeza na voz.

— O garoto é um arqueiro — Crowley retrucou com frieza.

— Um aprendiz — Halt corrigiu, fazendo que Crowley se levantasse, derrubando a cadeira por causa da violência do movimento.

— Um aprendiz aceita os mesmos deveres de um arqueiro. Sempre foi assim, Halt. A regra é igual para todos os arqueiros: o reino em primeiro lugar. Esse é nosso juramento. Todos o fizemos, você, eu, Wil .

Houve um silêncio zangado entre os dois homens, que ficou ainda pior por causa dos anos que tinham vivido como amigos e camaradas. Crowley se deu conta de que Halt provavelmente era o seu melhor amigo. Agora, ali estavam eles, trocando palavras amargas e discutindo irritados. Ele estendeu a mão, endireitou a cadeira caída e fez um gesto de paz para Halt.

— Olhe — ele começou num tom mais suave —, só me ajude a resolver essa questão do Foldar. Dois meses, talvez três, e você pode ir procurar Wil com minha bênção.

Halt já estava balançando a cabeça grisalha antes que seu chefe tivesse terminado.

— Ele pode estar morto em dois meses. Ou ser vendido como escravo e se perder para sempre. Preciso ir enquanto a pista ainda está fresca. Prometi a ele — acres-





centou depois de uma pausa com a voz embargada pelo sofrimento.

— Não — Crowley repetiu com determinação. Ao ouvir a resposta, Halt endireitou os ombros.

— Então vou falar com o rei — ele anunciou.

Crowley olhou para a escrivaninha.

— O rei não vai recebê-lo — ele disse simplesmente.

Ele olhou para Halt e viu surpresa e decepção no olhar do arqueiro.

— Ele não vai me receber? Ele se recusa a me ver?

Por mais de 20 anos, Halt tinha sido um dos maiores confidentes do rei, com acesso constante e inquestionável aos aposentos do monarca.

— Ele sabe o que você vai pedir, Halt. Ele não quer recusar seu pedido, então vai se recusar a ver você.

A surpresa e a decepção deixaram o olhar de Halt.

Em seu lugar, ficou uma raiva amarga.

— Então vou ter que fazer ele mudar de ideia —

Halt disse com calma.



Quando o navio deu a volta no cabo e atingiu a proteção da baía, as ondas fortes diminuíram de intensidade. Dentro do pequeno porto natural, o alto promontório rochoso quebrava a força do vento e das ondas e as águas eram calmas, e sua superfície era perturbada somente pelo rastro espumante deixado pelo navio.

— Estamos na Escandinávia? — Evanlyn perguntou.

Will deu de ombros sem saber a resposta. O lugar certamente não se parecia com o que ele esperava. Na praia, havia apenas algumas cabanas pequenas em ruínas, mas nenhum sinal de cidade ou de pessoas.

— Não parece muito grande, não é? — ele retrucou.

Svengal, enrolando um pedaço de corda com cuidado, riu da ignorância do rapaz.

— Isso não é a Escandinávia. Não estamos nem no meio do caminho. Aqui é Skorghijl.

Vendo o espanto no olhar dos garotos, ele continuou a explicação.

— Não podemos ir para a Escandinávia agora. Aquela tempestade no Mar Estreito nos atrasou tanto que os ventos de verão chegaram. Vamos nos abrigar aqui até que eles passem. É para isso que servem aquelas cabanas.

Will olhou com ar de dúvida para as cabanas de madeira estragadas pelo tempo. Elas pareciam frias e desconfortáveis.

Quanto tempo isso vai levar? ele perguntou, e Svengal deu de ombros.

— Seis semanas, dois meses. Quem sabe?

Ele se afastou com o rolo de corda no ombro e deixou os dois jovens explorarem a vizinhança.

Skorghijl era um lugar deserto e desagradável, com pedras nuas, penhascos íngremes de granito e uma pequena praia plana onde o sol e as cabanas esbranquiçadas pelo sal se amontoavam. Não havia árvores ou folhas verdes em nenhum lugar visível. As bordas dos penhascos estavam cobertas pelo branco da neve e do gelo. O resto eram pedras e argila, granito negro e cinza desbotado. Era como se os deuses adorados pelos escandinavos tivessem remo-vido todos os vestígios de cor daquele pequeno mundo pedregoso.

Inconscientemente, não precisando mais lutar contra o constante ataque das ondas, os remadores diminuí-

ram o ritmo. O navio deslizou pela baía até a praia. Erak, no leme, manteve a

embarcação no canal que corria direto para o mar até que a quilha finalmente raspou na areia e eles ficaram imóveis pela primeira vez em dias.

Will e Evanlyn se levantaram com as pernas vacilantes depois de dias de movimento constante.

Ouviu-se o barulho de madeira batendo em madeira quando os remos foram puxados e guardados dentro do navio. Erak enrolou uma tira de couro no leme para evitar que batesse com o movimento da maré e olhou rapidamente para os dois prisioneiros.

— Vão para a praia, se quiserem — ele sugeriu.

Não havia necessidade de amarrá-los ou vigiá-los de alguma maneira. Skorghijl era uma ilha com cerca de dois quilômetros de largura em seu ponto mais largo. Era esse porto natural perfeito que a tornava um refúgio para os escandinavos durante os ventos de verão: a costa da ilha era uma linha ininterrupta de penhascos íngremes que caí-

am no mar.

Will e Evanlyn foram até a proa do navio passaram pelos escandinavos que estavam descarregando barris de água e cerveja e sacos de comida desidratada dos espaços cobertos debaixo do convés central. Wil passou por cima da amurada, ficou pendurado por alguns segundos e então pulou para a areia embaixo. Ali, com a proa inclinada para cima como se tivesse deslizado praia acima, havia uma altura considerável até as pedras. Ele se virou para ajudar Evanlyn, mas ela já estava saltando depois dele.

Os dois ficaram de pé hesitantes.

— Meu Deus — Evanlyn murmurou, sentindo-se balançar quando a terra firme debaixo dela pareceu girar e oscilar.

Ela tropeçou e caiu apoiada num dos joelhos.

Will não estava em melhor condição. Agora que o movimento constante tinha parado, a terra seca debaixo deles parecia ondular e virar e ele se apoiou nas tábuas do barco para não cair.

— O que foi isso? — perguntou para Evanlyn.

Ele olhou para o chão debaixo dos pés, esperando ver a areia se movendo e formando montes e colinas, mas ela estava lisa e imóvel. Sentiu os primeiros sinais de náusea se juntando na boca do estômago.

— Tomem cuidado! — avisou uma voz acima deles, e um saco de carne seca caiu com estrondo nas pedri-nhas do lado de Wil .

Ele olhou para cima, balançando sem firmeza, e viu os olhares sorridentes de um membro da tripulação.

— Estranhando o balanço? — o marinheiro perguntou de um jeito simpático. — Em algumas horas vocês vão estar acostumados.

A cabeça de Will girava. Evanlyn tinha conseguido recuperar o equilíbrio. Ela ainda balançava, mas pelo menos não estava enjoada como Wil .

— Venha — ela disse, segurando o braço dele. —

Estou vendo uns bancos perto daquelas cabanas. A gente vai se sentir melhor quando sentar.

E, cambaleando, eles tropeçaram pela areia molhada até as mesas e os bancos rústicos de madeira colocados do lado de fora das cabanas.

Agradecido, Wil se deixou cair num deles, segurou a cabeça nas mãos e apoiou os cotovelos nos joelhos.

Gemeu aflito quando outra onda de náusea tomou conta dele. Evanlyn estava se sentindo um pouco melhor.

— O que está causando isso? — ela perguntou preocupada, dando-lhe tapinhas no ombro.

— Isso acontece quando se esteve a bordo de um navio por alguns dias.

Jarl Erak tinha se aproximado deles por trás. Ele tinha um saco de provisões pendurado no ombro e o colocou no chão do lado de fora de uma das cabanas, gru-nhindo de leve com o esforço.

— Por algum motivo, as pernas parecem pensar que você ainda está no convés do navio. Ninguém sabe por quê. Isso dura só algumas horas e então você vai se sentir muito bem.

— Acho que nunca mais vou me sentir bem —

Will gemeu com voz rouca.

— Vai, sim — Erak garantiu. — Acendam uma fogueira — ele disse bruscamente, mostrando com o polegar uma pilha de pedras escurecidas a poucos metros da cabana mais próxima. — Você vai se sentir melhor com uma comida quente.

Will gemeu quando ouviu falar de comida. Mesmo assim, levantou-se vacilante do banco e pegou a pedra de fogo que Erak lhe oferecia. Ele e Evanlyn foram até o local em que deveriam acender a fogueira. Do lado, havia uma pilha de madeira seca pelo sol e pelo sal. Algumas das tábuas estavam quebradiças o bastante para serem partidas com as mãos, e Wil começou a formar uma pirâmide com os pedaços em meio ao círculo de pedras.

Evanlyn, por sua vez, reuniu pedaços de musgo se-co para ajudar a fazer o fogo pegar. Em 5 minutos, eles tinham acendido uma pequena fogueira cujas chamas lambiam avidamente os pedaços maiores de madeira que agora juntavam ao fogo.

— Como nos velhos tempos — Evanlyn murmurou com um pequeno sorriso.

Will se virou rapidamente para ela, devolvendo o sorriso. Ele viu claramente a ponte de Morgarath surgir acima deles outra vez, e as chamas que eles tinham produ-zido se alimentando vorazmente das cordas cobertas de piche e tábuas de pinho cheias de resina. Suspirou profundamente. Se pudesse, faria tudo de novo, mas preferia que Evanlyn não estivesse envolvida, que ela não tivesse sido capturada com ele.

Então, mesmo enquanto desejava isso, percebeu que ela era a única fonte de luz em sua vida de amargura naquele momento e que, ao desejar que ela estivesse longe, desejava afastar a única centelha de alegria e normali-dade em seus dias.

Ele se sentiu confuso. Num momento de extrema surpresa, ele se deu conta de que, caso Evanlyn não estivesse ali, quase não valeria a pena viver. Ele se virou

e tocou a mão dela levemente. Evanlyn olhou para ele outra vez e, dessa vez, Will foi o primeiro a sorrir.

— Você faria isso de novo? — ele perguntou. —

Sabe, a ponte e todo o resto?

Ela não devolveu o sorriso, apenas ficou muito pensativa por vários minutos.

— Faria, sim, e você?

Will fez que sim com a cabeça e suspirou outra vez pensando em tudo o que tinha deixado para trás.

Sem que os jovens percebessem, Erak tinha ouvido o diálogo e fez um leve gesto de cabeça. Era bom que os dois tivessem a amizade um do outro. A vida ia ser difícil para eles quando chegassem a Hallasholm e à corte de Ragnak. Eles seriam vendidos como escravos e levariam uma vida de trabalho braçal pesado, sem descanso e sem liberdade. Seria um dia difícil depois do outro, mês após mês, ano após ano. Uma pessoa que vivesse desse jeito precisaria de um amigo.

Seria demais dizer que Erak gostava dos dois jovens, mas eles tinham conquistado o respeito dele. Os escandinavos eram uma raça guerreira que valorizava a coragem e a dedicação à batalha acima de tudo, e tanto Wil quanto Evanlyn tinham provado sua coragem quando destruíram a ponte de Morgarath. O garoto era um lutador.

Ele tinha derrubado os Wargals como pinos de boliche com seu pequeno arco. Erak raramente tinha visto um atirador mais rápido e certeiro e adivinhou que isso era resultado do treinamento como arqueiro.

E a menina também tinha mostrado muita coragem, primeiro ao garantir que o fogo estivesse bem aceso





na ponte e depois, quando Will foi finalmente derrubado por uma pedra jogada por um dos escandinavos, ao tentar ela mesma pegar o arco e continuar atirando.

Era difícil não sentir compaixão por eles. Os dois eram muito jovens e tinham muita coisa para viver no futuro. Ele tentaria facilitar as coisas para eles o máximo possível quando chegassem a Hal asholm. Mas não havia muito o que pudesse fazer. Ele balançou a cabeça zangado, afastando o humor sombrio que tinha tomado conta dele.

— Estou ficando muito sensível! — resmungou pa-ra si mesmo. Erak percebeu que um dos remadores estava tentando tirar um pedaço de carne de porco do saco às escondidas. Em silêncio, aproximou-se do homem por trás e lhe deu um

violento chute no traseiro, fazendo que se esparramasse no chão.

— Mantenha suas mãos leves longe disso! — voci-ferou.

Então, abaixando a cabeça para passar pela porta, entrou na cabana escura que cheirava a fumaça para pegar a melhor cama para ele.



A taverna era um local pequeno, sujo e desagradável, de teto baixo e enfumaçado, mas ficava perto do rio onde os grandes navios atracavam para descarregar mercadorias que seriam comercializadas na capital e, portanto, os ne-gócios costumavam ir bem.

Naquele exato momento, porém, os negócios estavam um tanto parados e o motivo estava sentado numa das mesas simples e manchadas perto da lareira. Ele olhou para o dono da taverna com olhos que faiscaram debaixo das sobrancelhas grossas e bateu a caneca vazia nas tábuas de pinho ásperas da mesa. — Está vazia outra vez — disse zangado.

A voz apenas levemente arrastada lembrava ao do-no do lugar que aquela era a oitava ou nona vez que ele ia encher a caneca com o conhaque barato e forte vendido nos bares em portos como aquele. “Uma venda é uma venda”, ele disse para si mesmo, indiferente, mas aquele cliente parecia ser dado a encrencas, e o

taberneiro desejou que o homem fosse embora e criasse problemas em outro lugar.

Seus clientes habituais, com seu instinto excepcional para prever problemas, tinham desaparecido quando o pequeno homem chegou e começou a beber daquele jeito descontrolado. Apenas meia dúzia ficou. Um deles, um estivador imenso, tinha examinado o homem menor e decidido que seria fácil lidar com ele. O homem podia ser pequeno e estar bêbado, mas sua capa cinza-esverdeado e a bainha para duas facas que levava no quadril esquerdo mostravam que se tratava de um arqueiro. E arqueiros, como qualquer pessoa sensata podia lhe dizer, não eram gente com que se devesse brincar.

O estivador aprendeu isso do jeito mais difícil. A luta mal durou alguns segundos e o deixou estendido no chão, inconsciente. Seus companheiros saíram apressados para um ambiente mais seguro e amistoso. O arqueiro os viu sair e fez sinal para que lhe servissem mais bebida. O

dono da taverna, nervoso, passou por cima do estivador, encheu a caneca do arqueiro e voltou para a relativa segurança do balcão do bar.

E então a verdadeira confusão começou.

— Fiquei sabendo — o arqueiro anunciou, pro-nunciando as palavras com a precisão cautelosa de um homem que sabia que tinha bebido demais — que nosso bom rei Duncan, senhor deste reino, não passa de um covarde.

Se o ambiente no bar antes disso já prenunciava problemas, agora fervia de tensão. Os olhos dos poucos clientes restantes ficaram presos à pequena figura sentada à mesa. Ele olhou ao redor com um leve sorriso sombrio brincando nos lábios, quase invisível entre a barba e o bigode grisalhos.

— Um covarde. Um poltrão. E um idiota — ele disse claramente. Ninguém se mexeu. Aquela conversa era perigosa. Atacar ou insultar o rei em público daquela maneira era considerado um crime grave para o cidadão comum. Para um arqueiro, um membro que prestou juramento às forças especiais do rei, era quase traição. Olhares nervosos foram trocados. Os poucos clientes restantes desejaram poder sair sem chamar atenção, mas algo no olhar calmo do arqueiro lhes disse que isso não era mais possível. Eles perceberam que naquele momento o arco que tinha estado encostado na parede atrás dele já estava preparado. E a aljava ao seu lado estava cheia de flechas.

Todos sabiam que a primeira pessoa que tentasse atravessar a porta da frente seria rapidamente seguida por uma delas. E todos sabiam que os arqueiros, mesmo bêbados, raramente erravam um alvo.

No entanto, ficar ali enquanto o arqueiro censurava e insultava o rei era igualmente perigoso. Se alguém descobrisse o que estava acontecendo, seu silêncio poderia muito bem ser tomado como aprovação.

— Fiquei sabendo de fonte certa — o arqueiro continuou quase com prazer — que o bom rei Duncan não é o ocupante legal do trono. Ouvi dizer que ele é, na verdade, o filho de um limpador de banheiros bêbado.

Outro boato diz que ele foi o resultado da fascinação do pai por uma dançarina ambulante. Escolham o que prefe-rirem. Seja como for, está longe de ser uma linhagem adequada para um rei, certo?

Um leve suspiro de preocupação passou nos lábios de alguém. Aquilo estava ficando cada vez mais perigoso.

Nervoso, o dono da taverna se mexeu atrás do balcão, quando viu um movimento no fundo do aposento e se virou para enxergar melhor a porta. Sua mulher, saindo da cozinha com uma travessa de tortas para o bar, tinha parado quando ouviu a última declaração do arqueiro. Páli-da, ela parou e se virou para o marido com uma pergunta silenciosa no olhar.

Ele olhou rapidamente para o arqueiro, mas a aten-

ção do outro homem estava voltada para um carroceiro que tentava não ser notado na extremidade do bar.

— O senhor não concorda. . você de jaqueta amarela manchada com quase todo o café da manhã de ontem.. que uma pessoa dessas não merece ser rei desta terra maravilhosa? — ele perguntou.

O carroceiro resmungou e se mexeu na cadeira sem querer fazer contato visual.

O dono da taverna fez um sinal quase imperceptí-

vel na direção da entrada dos fundos da casa. A mulher olhou na mesma direção e depois para o marido com as sobrancelhas erguidas numa pergunta. “A

guarda”, ele disse movendo os lábios em silêncio e viu que ela tinha entendido. Andando sem fazer ruído e ainda fora da linha de visão do arqueiro, ela atravessou o aposento do fundo e saiu pela porta, fechando-a atrás de si o mais silenciosa-mente possível.

Mesmo tomando todo o cuidado, a tranca fez um pequeno clique quando se fechou. O olhar do arqueiro, desconfiado e interrogativo, saltou para o dono da taverna.

— O que foi isso? — ele perguntou, e o dono da taverna deu de ombros, esfregando nervosamente as mãos úmidas no avental manchado.

Ele não tentou falar, pois sabia que a garganta estava seca demais para formar palavras.

Por um rápido momento, ele pensou ter visto um lampejo de satisfação na expressão do outro homem, mas afastou o pensamento, achando-o ridículo.

À medida que os minutos se arrastavam, os insultos e ofensas ao rei Duncan ficavam mais animados e atrevi-dos. O dono da taverna engoliu em seco ansioso. Sua mulher tinha saído havia dez minutos. Certamente, ela já tinha encontrado um destacamento da guarda que deveria chegar a qualquer momento para levar aquele homem perigoso dali e fazer que parasse com aquela conversa desleal.

No mesmo instante em que esses pensamentos passavam por sua cabeça, a porta da frente se abriu fazendo ranger as dobradiças, e um grupo de cinco homens, liderados por um cabo, entrou no aposento mal iluminado. Cada um estava armado com uma espada comprida e levava um cassetete curto e pesado pendurado no cinto, e todos usavam um escudo redondo amarrado às costas.

O cabo avaliou o aposento enquanto seus homens se espalhavam atrás dele. Seus olhos se estreitaram quando viu a figura curvada sobre a mesa.

— O que está acontecendo aqui? — ele perguntou, e o arqueiro sorriu.

O dono da taverna percebeu que era um sorriso que não chegava aos seus olhos.

— Estávamos falando de política — ele contou com palavras cheias de sarcasmo.

— Não foi o que ouvi — o cabo retrucou irritado.

— Ouvi dizer que você estava falando de traição.

O arqueiro fez uma careta de incredulidade e ergueu uma sobrancelha com uma expressão surpresa e zombeteira.

— Traição? — ele repetiu e então olhou ao redor curioso. — Alguém aqui andou contando mentiras, então?

Será que alguém aqui é um dedo-duro cuja língua deveria ser. . cortada?

Tudo aconteceu tão depressa que o dono da taverna quase não teve tempo de se jogar no chão atrás do bar.

Enquanto cuspia as últimas palavras, o arqueiro tinha arrumado uma forma de pegar o arco atrás dele, preparado e atirado uma flecha. Ela atingiu a parede atrás do lugar em que o dono da taverna tinha estado em pé um segundo antes e se enterrou no fundo do painel de madeira, tremendo com o impacto.

— Já chega. . — o cabo começou.

Ele deu um passo à frente, mas incrivelmente o arqueiro já tinha outra flecha pronta no arco. A ponta cintilante mirava a testa do cabo, e o arco estava esticado e tenso. O cabo parou, olhando a morte de frente.

Solte a arma — ele disse.

Mas faltava autoridade em sua voz, e ele sabia disso. Uma coisa era manter bêbados das docas e arruaceiros na linha, outra totalmente diferente era enfrentar um arqueiro, um lutador habilitado e assassino treinado. Mesmo um cavaleiro iria pensar duas vezes sobre um confronto dessa natureza. Aquilo estava muito além da capacidade de um simples cabo da guarda.

No entanto, o cabo não era covarde e sabia que tinha uma tarefa a cumprir. Ele engoliu a saliva várias vezes e então, muito devagar, levantou a mão para o arqueiro.

Coloque. . a arma. . no chão — ele ordenou, mas não obteve resposta.

A flecha continuou a mirar sua testa, na altura dos olhos. Hesitantemente, ele deu um passo à frente.

— Não faça isso.

A ordem foi simples e clara. O cabo teve certeza de que podia ouvir o próprio coração batendo forte como um tambor e se perguntou se os outros no aposento também podiam ouvir. Ele respirou fundo. Tinha jurado lealdade ao rei. Não era nenhum nobre ou cavaleiro, apenas um homem comum. Mas sua palavra significava tanto pa-ra ele quanto para um oficial bem-nascido. Ele tinha fica-





do satisfeito em exercer sua autoridade durante anos lidando com bêbados e criminosos sem importância. Agora tinha chegado o momento de receber o

pagamento por aqueles anos de autoridade e respeito. Ele deu mais um passo.

O zunido provocado pelo arco quando soltou a flecha foi quase ensurdecedor no aposento tomado pela tensão. Instintivamente e com violência, o cabo se encolheu e cambaleou para trás alguns centímetros, esperando a ardente agonia da flecha e depois a escuridão da morte certa.

E percebeu o que tinha acontecido. A corda tinha arrebentado.

O arqueiro olhou para a arma inútil em suas mãos sem acreditar. As pessoas ficaram imóveis por alguns segundos e então o cabo e seus homens saltaram para a frente agitando os cassetetes pesados que carregavam, a-glomerando-se em volta da pequena figura vestida de verde e cinza.

Quando o arqueiro foi derrubado pela chuva de socos, ninguém percebeu que ele deixou cair a pequena faca que usou para cortar a corda. Mas o dono da taverna se perguntou como um homem que tinha se movimentado tão depressa para derrotar um estivador duas vezes maior que ele de repente parecia tão lento e vulnerável.





Wil estava correndo em Skorghijl pela ilha deserta varri-da pelo vento.

Depois de dar cinco voltas na praia coberta de sei-xos, ele se virou na direção dos penhascos íngremes que se levantavam atrás do pequeno porto. Suas pernas quei-mavam pelo esforço de escalar, seus músculos das coxas e canelas reclamavam. As semanas de inatividade no navio haviam prejudicado seu preparo físico e agora ele estava determinado , 1 ficar em forma novamente, a enrijecer os músculos e fazer seu corpo voltar à perfeição que Halt exigia dele.

Talvez ele não pudesse praticar arco e flecha ou atirar suas facas, mas podia ao menos garantir que seu corpo estivesse pronto se surgisse uma oportunidade para escapar.

Will tinha certeza de que essa oportunidade iria aparecer.

Ele se obrigou a subir uma rampa íngreme, fazendo pequenas pedras e argila deslizarem e cederem debaixo de seus pés. Quanto mais ele subia, mais o vento puxava suas roupas e, finalmente, quando atingiu o alto do penhasco, foi atingido por toda a força do vento norte os ventos do verão, como os escandinavos os chamavam. No lado noite da ilha, o vento fazia as ondas baterem contra as rochas negras e imponentes, fazendo a água espirrar bem alto no ar. No porto atrás dele, a água estava relativamente calma, protegida do vento pela parede maciça de penhascos que o cercava.

Como fazia normalmente quando chegava a esse ponto, ele observou o oceano em busca do sinal de algum navio. Mas, como sempre, não havia nada para ver além das ondas violentas e implacáveis.

Ele olhou para o porto. As duas cabanas grandes pareciam ridiculamente pequenas de onde estava. Uma era o dormitório onde a tripulação de escandinavos dormia. A outra era a sala de refeições onde passavam a maior parte do tempo, discutindo, jogando e bebendo. Ao lado do dormitório, construída ao longo das compridas paredes, estava a varanda que Erak tinha destinado para Will e Evanlyn. O espaço era pequeno, mas pelo menos não tinham que dividi-lo com os escandinavos. Will tinha estendido um cobertor de um lado a outro para que Evanlyn tivesse um pouco de privacidade.

Ela estava sentada do lado de fora da varanda.

Mesmo daquela distância, Will conseguia ver seus ombros curvados e desanimados e ficou preocupado. Alguns dias antes, tinha sugerido que ela o acompanhasse em sua tentativa de manter o corpo em boa forma. Evanlyn

rejeitou a ideia de imediato e parecia simplesmente ter aceitado seu destino. Ela tinha desistido e, nos últimos dias, suas conversas tinham se tornado cada vez mais difíceis, à medida que tentava levantar o ânimo dela e falava sobre a possibilidade de fuga, pois ele já tinha uma ideia do que poderia fazer.

Ele ficou confuso e magoado com a atitude dela.

Aquela não era a Evanlyn de quem se lembrava da ponte; a parceira corajosa e decidida que tinha corrido pelas vigas estreitas para ajudá-lo sem pensar em sua segurança pessoal e que depois tentou lutar contra os escandinavos quando eles os encurralaram.

Essa nova Evanlyn estava estranhamente desani-mada. Sua atitude negativa o surpreendia. Ele nunca imaginou que ela seria o tipo de pessoa que iria desistir quando os problemas ficassem muito difíceis.

“Talvez meninas sejam assim”, ele disse a si mesmo. Mas não acreditava nisso. Ele sentia que havia alguma outra coisa que ela não tinha contado. Afastando os pensamentos com um gesto dos ombros, começou a descer o penhasco.

Era mais fácil correr para baixo do que para cima, mas nem tanto. A superfície escorregadia e traiçoeira debaixo dos pés fazia que ele tivesse que correr cada vez mais depressa para manter o equilíbrio, provocando pequenos deslizamentos de terra à medida que descia. Onde a corrida para cima tinha feito os músculos das coxas queimar, agora o fazia sentir dor na barriga das pernas e tornozelos. Ele chegou ao fundo da rampa respirando forte e se deixou cair na praia para fazer uma série de flexões rápidas.

Os ombros ficaram doloridos depois de alguns minutos, mas ele se obrigou a continuar e a ultrapassar o ponto da dor, cego pelo suor que escorria em seus olhos até que, por fim, não pôde mais insistir. Exausto, desabou no chão com os braços incapazes de sustentar seu peso e ficou deitado de bruços na areia, lutando para respirar.

Ele não ouviu Evanlyn se aproximar enquanto fazia os exercícios e se assustou com o som da voz dela.

— Will, isso é perda de tempo.

A voz dela não tinha o tom de discussão tão evidente nos últimos dias, e Evanlyn

parecia quase concilia-dora. Com um leve gemido de dor, ele levantou o corpo do chão, virou e se sentou, limpando a areia molhada com as mãos.

Will sorriu para ela, Evanlyn devolveu o sorriso e se sentou ao lado dele na praia.

— O que é perda de tempo? — ele perguntou.

Ela fez um gesto vago que incluiu a praia onde ele tinha acabado de se exercitar e o penhasco que escalou e desceu.

— Todas essas corridas e exercícios, e toda essa conversa sobre fuga.

Ele franziu um pouco a testa. Não queria começar uma discussão, portanto foi cuidadoso em não reagir com muita intensidade às palavras dela. Wil tentou manter um tom neutro e razoável. Nunca é perda de tempo se manter em forma. Talvez não — Evanlyn concordou aceitando o argumento. — Mas fugir? Daqui? Que chance teríamos?

Will sabia que teria que ser cuidadoso naquele momento. Se desse a impressão de que estava lhe passando um sermão, ela poderia voltar para sua concha outra vez.

Mas ele sabia como era importante manter a esperança viva numa situação daquelas e queria provar esse fato para ela.

— Admito que não parece muito promissor. Mas nunca se sabe o que pode acontecer amanhã. O mais importante é manter uma atitude positiva. Não podemos desistir. Halt me ensinou isso. Nunca desista porque, se surgir uma oportunidade, você vai estar pronta para aproveitá-la. Não desista, Evanlyn, por favor.

Ela estava balançando a cabeça novamente, mas estava tranquila.

— Você não está entendendo o que quero dizer.

Eu não desisti. Eu só estou dizendo que é uma perda de tempo porque isso não é necessário. Não precisamos fugir. Há outro jeito de resolver isso.

Will olhou ao redor com um gesto teatral como se pudesse enxergar a solução de

que ela estava falando.

— Existe? Sinto muito, mas não consigo ver.

— Nós podemos ser resgatados — ela afirmou, e ele riu alto, muito divertido com a ingenuidade dela.

— Eu duvido muito. Quem viria resgatar um aprendiz de arqueiro e uma criada? Quer dizer, sei que Halt viria se pudesse, mas ele não tem dinheiro para isso.

Quem iria pagar um bom dinheiro por nós?

Ela hesitou e então pareceu tomar uma decisão.

— O rei — ela disse simplesmente.

Will olhou para ela como se estivesse louca. Na verdade, por um momento, ele se perguntou se ela estava bem. Ela certamente parecia estar fora da realidade.

— O rei? — ele repetiu. — Por que o rei iria se in-teressar por nós?

— Porque sou filha dele.

O sorriso desapareceu do rosto de Wil . Ele olhou fixamente para ela, sem saber se tinha ouvido bem. Então ele se lembrou das palavras de Gilan em Céltica, quando o jovem arqueiro o tinha avisado de que alguma coisa não estava muito certa em relação a Evanlyn.

— Você é a. . — ele começou e parou. Aquilo era difícil demais para compreender.

— Filha dele. Eu sinto tanto, Wil . Eu devia ter lhe contado antes. Eu estava viajando disfarçada em Céltica, quando vocês me encontraram — ela explicou. — Era quase natural não contar meu verdadeiro nome às pessoas.

Então, quando Gilan nos deixou, eu ia lhe contar. Mas percebi que, se o fizesse, você iria insistir em me levar de volta ao meu pai imediatamente.

Will balançou a cabeça, tentando assimilar o que estava ouvindo. Ele olhou em volta do pequeno porto cercado por penhascos.

— Isso teria sido tão terrível assim? — ele perguntou com um pouco de amargura.

Ela sorriu para ele com tristeza.

— Pense, Wil . Se você soubesse quem eu era, nunca teríamos seguido os Wargals e nunca teríamos encontrado a ponte.

— Nunca teríamos sido capturados — Will ajuntou, mas ela balançou a cabeça mais uma vez.

— Morgarath teria vencido — ela disse simplesmente. Ele olhou nos olhos dela e percebeu que Evanlyn tinha razão. Houve um longo momento de silêncio entre os dois.

— O seu nome é. . — Will hesitou e ela terminou a frase para ele.

— Cassandra. Princesa Cassandra. Me desculpe se tenho agido um pouco como princesa nos últimos dias —

ela acrescentou com um sorriso triste. — Estava me sentindo mal porque não lhe contei. Não quis descontar em você.

— Não, tudo bem — ele disse distraído e ainda espantado com a novidade. Então um pensamento lhe passou pela cabeça. — Quando você vai contar ao Erak?

— Não sei se devo — ela respondeu. — Esse tipo de coisa é melhor tratar no alto escalão. Afinal, Erak e seus homens são pouco mais que piratas. Não sei como eles vão reagir. Acho que é melhor eu continuar sendo Evanlyn até chegarmos à Escandinávia. Daí vou encontrar uma forma de me aproximar do governante.. qual é mesmo o nome dele?

— Ragnak — Wil disse com a mente a toda velocidade. — Oberjarl Ragnak.

“Claro que ela tem razão”, ele pensou. Como princesa Cassandra de Araluen, ela valeria uma pequena fortuna para o Oberjarl. E, visto que os escandinavos eram ba-sicamente mercenários, não havia dúvidas de que ela seria resgatada por um bom dinheiro.

Ele, por outro lado, era uma questão diferente. E

então Wil percebeu que ela estava falando novamente.

— Assim que eu disser quem sou, vou arranjar para que nós dois sejamos resgatados. Tenho certeza de que meu pai vai concordar.

E Will sabia que esse era o problema. Talvez ela conseguisse convencer o pai se pudesse falar com ele pessoalmente. Mas a questão estaria nas mãos dos escandinavos. Ele diriam para o rei Duncan que tinham a filha dele em mãos e estabeleceriam um preço para o resgate. Nobres e princesas podiam ser resgatados. Na verdade, isso acontecia muitas vezes em tempos de guerra. Mas pessoas como guerreiros e arqueiros eram uma questão diferente.

Os escandinavos poderiam muito bem ficar relutantes em libertar um arqueiro, mesmo UM aprendiz, que poderia causar problemas para eles no futuro.

Havia também outra questão a ser considerada. A mensagem levaria meses, talvez grande parte de um ano, para chegar a Araluen. A resposta de Duncan poderia levar um tempo igualmente longo para fazer a viagem de volta. Só então as negociações começariam. Durante todo esse tempo, Evanlyn seria mantida confortavelmente em segurança, pois afinal era uma propriedade valiosa. Mas quem poderia dizer o que aconteceria a Wil ? Ele poderia estar morto quando o resgate fosse pago.

Era óbvio que Evanlyn não tinha previsto isso.

— Então você vê, Will — ela continuou a raciocinar —, não há motivo para todas essas corridas, escaladas e tentativas de fuga. Você não precisa fazer isso. Além disso, Erak está ficando desconfiado. Ele não é bobo e já o vi observando você. Por isso, relaxe e deixe tudo comigo. Vou conseguir que a gente volte para casa.

Will abriu a boca, pronto para explicar o que estava pensando. Então, mudou de ideia. De repente, ele sabia que Evanlyn não aceitaria seu ponto de vista. Ela era tei-mosa e determinada e estava acostumada a fazer as coisas do seu jeito. Ela estava convencida de que poderia organizar a volta deles, e nada do que ele dissesse mudaria a opinião dela. Wil sorriu para ela e mostrou que concordava com um gesto. Mas era apenas uma sombra do seu sorriso habitual.

No fundo do coração, ele sabia que teria que encontrar o seu jeito de voltar para casa.





O castelo de Araluen, sede do governo do rei Duncan, era uma construção de majestosa beleza.

As torres altas encimadas por pilares que subiam aos céus tinham uma graça quase viva que destoava da força e da solidez do castelo. Construído com imensos blocos de pedra cor de mel, ele era magnífico, mas também

inexpugnável.

As muitas torres elevadas davam ao castelo um toque de luz, ar e elegância. Mas elas também forneciam aos moradores várias posições das quais atirar flechas, pedras e óleo fervente em quaisquer atacantes que pudessem ser tolos o suficiente para atacar seus muros.

A sala do trono era o coração do palácio, situada entre uma série de paredes, grades e pontes levadiças que, no caso de um cerco prolongado, ofereciam aos defensores uma sucessão de posições de retirada. Como tudo o mais no castelo, a sala do trono era ampla, tinha um teto abobadado muito alto e um piso ladrilhado com quadra-dos de mármore preto e cor-de-rosa claro.



As janelas altas eram feitas de vitrais que cintilavam sob a luz baixa do sol de inverno. As colunas agrupadas que davam enorme força às paredes eram acaneladas, para aumentar a ilusão de leveza e espaço do aposento. O trono de Duncan, um objeto simples escavado em carvalho encimado por uma folha de carvalho esculpida, dominava a parede norte. Do lado oposto, havia bancos e mesas de madeira para os membros do gabinete do rei. O centro do aposento era vazio e havia espaço suficiente para centenas de súditos ficarem em pé. Em dias de cerimonial, eles lo-tavam a área, enquanto suas roupas e brasões de armas de cores vivas recebiam a luz vermelha, azul, dourada e laran-ja que se derramava pelos vitrais e fazia as armaduras e os capacetes lustrosos cintilarem.

Naquele dia, por ordem de Duncan, havia apenas cerca de dez pessoas presentes — o mínimo exigido por lei para que se fizesse justiça. O rei enfrentava a tarefa que tinha diante de si com pouco prazer e queria que o menor número possível de testemunhas visse o que teria que fazer.

Ele estava sentado no trono com a testa franzida, olhando para a frente, os olhos

presos nas enormes portas duplas do outro lado da sala. Sua grande espada, em cujo punho estava esculpida a cabeça de um leopardo que era a insígnia pessoal de Duncan, descansava na bainha e estava apoiada no braço direito do trono.

Lorde Anthony, de Spa, tesoureiro do rei nos últimos cinco anos, estava de um lado do trono e vários passos abaixo dele. Ele olhava de um jeito expressivo para Duncan e pigarreou com um ar de desculpas para atrair a atenção do monarca.

O rei olhou para ele e ergueu as sobrancelhas numa pergunta silenciosa, e o tesoureiro fez um sinal com a ca-beça.

— Chegou a hora, Majestade — ele disse em voz baixa.

Baixo e gordo, lorde Anthony não era um guerreiro. Ele não tinha nenhuma habilidade com armas e, como consequência, seus músculos eram flácidos e destreinados.

Mas era um excelente administrador e, em grande parte por sua ajuda, o reino de Araluen vinha sendo próspero e forte havia muito tempo.

Duncan era um rei popular e justo. Isso não queria dizer que não fosse um governante forte, determinado e comprometido em fazer cumprir as leis do reino — leis que tinham sido criadas e mantidas por seus antecessores por 600 anos.

E esse era o motivo da preocupação de Duncan e o seu coração confrangido. Porque naquele dia ele teria que fazer um homem que tinha sido seu amigo e servo leal cumprir uma dessas leis. Na verdade, um homem a quem Duncan devia tudo — um homem que por duas vezes, nas duas últimas décadas, tinha sido essencial para salvar Araluen da sombria ameaça da derrota e escravidão nas mãos de um louco.

Lorde Anthony se mexeu inquieto. Duncan viu o movimento e acenou com uma das mãos num gesto de derrota.

— Muito bem — ele disse. — Vamos acabar com esse negócio.

Anthony se virou para observar a sala do trono. O

movimento fez com que as poucas pessoas reunidas ali se mexessem e olhassem para as portas esperançosamente. O

símbolo do cargo do tesoureiro era um longo bastão de ébano revestido de aço. Ele o levantou e bateu duas vezes no chão de ladrilhos. O estalido do aço sobre a pedra ecoou no aposento e foi levado com clareza para os homens que esperavam atrás das portas fechadas.

Houve uma pequena pausa e então as portas se a-briram quase sem ruído nas dobradiças bem lubrificadas e perfeitamente equilibradas. Quando pararam, um pequeno grupo de homens entrou, avançando no ritmo lento da marcha cerimonial até a base dos degraus largos que levavam ao trono.

Eram quatro homens ao todo. Três deles usavam mantos, malhas e capacetes da guarda do rei. O quarto era uma figura pequena, vestida com roupas de um cinza e verde indefinidos. Ele estava com a cabeça descoberta e seus cabelos eram de um cinza sal e pimenta, despenteados e mal cortados. Ele marchava entre os dois homens que iam à frente, e o terceiro ia diretamente atrás dele.

Duncan viu que o rosto do pequeno homem estava manchado de sangue seco e havia um hematoma feio no alto da face esquerda que quase deixava o olho fechado.

— Halt? — ele disse antes que pudesse parar. —

Você está bem? O olhar dos dois homens se encontrou.

Por um breve momento, Duncan imaginou ter visto uma imensa e profunda tristeza ali. E então o momento se foi e não restou mais nada naqueles olhos, além de uma forte determinação e um toque de zombaria.

— Estou tão bem quanto se pode esperar, Majestade — ele disse secamente.

Lorde Anthony reagiu como se tivesse sido picado por um inseto.

— Dobre a língua, prisioneiro! — ele disparou.

Ao ouvir essas palavras, o cabo ao lado de Halt ergueu uma das mãos para bater no prisioneiro. Mas, antes que o golpe pudesse ser dado, Duncan fez menção de se erguer do trono.

— Já chega!

Sua voz soou forte no aposento quase vazio. O ca-bo baixou a mão um pouco envergonhado. Ocorreu a Duncan que ninguém presente na sala estava apreciando a cena. Halt era uma figura muito conhecida e respeitada no reino. Ele hesitou, sabendo o que deveria fazer em seguida, mas detestando cada momento.

— Devo ler as acusações, Majestade? — lorde Anthony perguntou.

Na verdade, cabia a Duncan lhe dar essa ordem.

Em vez disso, o rei acenou com uma das mãos numa concordância relutante.

— Sim, sim. Vá em frente, se precisar — murmurou e logo se arrependeu, pois Anthony olhou para ele com uma expressão sofrida no rosto.

“Afinal”, Duncan pensou, “Anthony também não quer fazer isso”, e deu de ombros num gesto de desculpas.

— Sinto muito, lorde Anthony. Por favor, leia as acusações. Anthony pigarreou, pouco à vontade com a tarefa que tinha a realizar. Já era ruim o suficiente que o rei tivesse abandonado os procedimentos formais, mas infinitamente mais constrangedor para o tesoureiro era o fato de o monarca achar natural se desculpar com ele.

— O prisioneiro Halt, arqueiro das forças de Sua Majestade, prestador de serviços para o reino e portador da Folha de Carvalho de Prata, foi ouvido ridicularizando a imagem do rei, seus direitos de nascença e linhagem.

Um suspiro quase inaudível vindo do pequeno grupo de testemunhas chegou claramente até os dois homens na plataforma do trono. Duncan olhou para cima para descobrir de onde o som tinha vindo. Poderia ter sido o barão Arald, senhor do Castelo Redmont e governador do feudo ao qual Halt servia. Ou possivelmente Crowley, comandante do Corpo de Arqueiros. Os dois homens eram os mais velhos amigos de Halt.

— Majestade — Anthony continuou devagar —, preciso lembrá-lo, como oficial servidor do rei, que esses comentários são uma contravenção que vão diretamente contra o juramento de lealdade feito pelo prisioneiro. Por esse motivo, ele é acusado de traição.

Duncan olhou para o tesoureiro com uma expressão de sofrimento. A lei era muito clara quando se tratava de traição. Havia apenas duas punições possíveis.

— Ah, certamente, lorde Anthony — ele disse. —

Algumas palavras zangadas?

O olhar de Anthony ficou preocupado. Ele esperava que o rei não tentasse influenciá-lo nessa questão.

— Majestade, essa é uma violação do juramento. A questão não são as palavras em si, mas o fato de que o prisioneiro quebrou o juramento ao dizê-las em público. A lei é clara nesse assunto.

Ele olhou para Halt e estendeu as mãos num gesto indefeso.

— E você estaria quebrando o seu, lorde Anthony, se não informasse o rei disso — Halt disse com um leve sorriso no rosto cansado.

Dessa vez, Anthony não ordenou que ele se calasse.

Com uma expressão infeliz, mostrou que concordava com um gesto de cabeça.

Halt tinha razão. Ele tinha criado uma situação intolerável para todos com seu comportamento ridículo depois de beber demais.

Duncan fez menção de falar, hesitou e recomeçou.

— Halt, tenho certeza de que deve haver um mal-entendido nessa situação — ele sugeriu, esperando que o arqueiro pudesse, de alguma forma, encontrar uma saída para as acusações, mas Halt deu de ombros.

— Não posso negar as acusações, Majestade — ele disse com calma. Escutaram quando disse algumas... coisas desagradáveis sobre o senhor.

E ali estava outro dilema terrível: Halt tinha feito os comentários chocantes em público, na frente de pelo menos seis pessoas. Como homem e amigo, Duncan podia e certamente estaria disposto a perdoá-lo. Mas, como rei, devia preservar a dignidade de seu posto.

— Mas... por que, Halt? Por que causar essa situa-

ção para todos nós?

Aquela era a vez de Halt dar de ombros. Os olhos dele se desviaram dos do rei. Ele murmurou algo em voz baixa que Duncan não conseguiu entender bem.

— O que você disse? — ele perguntou, desejando encontrar uma saída da situação difícil em que estava.

O olhar de Halt encontrou o dele outra vez.

— Muito conhaque, Vossa Majestade — ele disse em voz mais alta. — Nunca fui muito forte para bebida.

Talvez o senhor pudesse me acusar também de embria-guez, lorde Anthony — Halt acrescentou, obrigando-se a mostrar um sorriso sem humor.

Dessa vez, a calma e o senso de protocolo de lorde Anthony foram abalados.

— Por favor, Halt.. — ele começou, prestes a pedir ao arqueiro que parasse de brincar com os procedimentos, mas então se recuperou e se virou para o rei.

— Essas são as acusações, Vossa Majestade. Admi-tidas pelo prisioneiro.

Duncan ficou sentado por muito tempo sem falar.

Ele olhou para a pequena figura à sua frente e tentou enxergar além da expressão de desafio que havia naqueles olhos e descobrir o motivo que tinha levado Halt a agir daquela maneira. Ele sabia que o arqueiro estava zangado porque não tinha recebido permissão para tentar resgatar seu aprendiz. Mas Duncan realmente acreditava que a presença de Halt era essencial em Araluen até que o problema com Foldar estivesse resolvido. A cada dia que passava, o antigo tenente de Morgarath estava se tornando um perigo maior, e Duncan queria que seus melhores conselheiros lidassem com o problema.

E Halt realmente estava entre os melhores.

Frustrado, Duncan tamborilou os dedos no braço de madeira do trono. Era estranho Halt não conseguir ver tudo o que estava acontecendo. Em todos os

anos que eles se conheciam, Halt nunca tinha colocado seus interesses à frente dos do reino. Agora, aparentemente por causa de rancor e raiva, tinha permitido que a bebida atrapalhas-se seu raciocínio e provocasse esse julgamento. Ele tinha insultado o rei publicamente na frente de testemunhas, um ato que não poderia ser ignorado nem encarado como algumas palavras zangadas entre amigos. Duncan olhou pa-ra seu velho amigo e conselheiro. Halt olhava para o chão.

Talvez se ele pedisse misericórdia, implorasse clemência pelos serviços prestados à coroa no passado. . qualquer coisa.

— Halt? — Duncan começou antes de mesmo perceber.

O arqueiro ergueu os olhos e encarou o rei, e este fez um pequeno gesto interrogativo e impotente com as mãos. Mas o olhar de Halt se endureceu ainda mais ao encontrar o de Duncan, e o monarca soube que ele não iria suplicar misericórdia. O arqueiro sacudiu levemente a cabeça grisalha num gesto de recusa, e o coração de Duncan ficou ainda mais pesado no peito. Ele tentou mais uma vez diminuir a distância que tinha crescido entre ele e Halt, obrigando-se a mostrar um pequeno sorriso concili-ador.

— Afinal, Halt — ele acrescentou num tom de voz moderado —, não é que eu não entenda exatamente como você se sente. A minha filha está com seu aprendiz. Você acha que eu não gostaria simplesmente de deixar o reino à própria sorte para resgatá-la?

— Há uma diferença bastante importante, Majestade. A filha de um rei pode esperar ser tratada um pouco melhor do que um simples aprendiz de arqueiro. Afinal, ela é uma refém valiosa.

Duncan se recostou na cadeira. A amargura na voz de Halt foi como um tapa na cara. E, o que era pior, o rei se deu conta de que Halt estava certo. Assim que os escandinavos descobrissem a identidade de Cassandra, ela seria bem tratada enquanto esperava ser resgatada. Infelizmente, percebeu que sua tentativa de reconciliação apenas tinha aumentado o abismo entre os dois.

Anthony quebrou o crescente silêncio que havia no aposento.

— A menos que o prisioneiro tenha alguma coisa a dizer em sua defesa, ele é considerado culpado — ele avisou Halt.

Os olhos do arqueiro continuaram presos em Duncan, embora, mais uma vez, ele tenha feito o mesmo leve movimento negativo com a cabeça. Anthony hesitou, olhou em volta para os nobres e oficiais mais velhos ali reunidos, esperando que alguém, qualquer um, encontrasse alguma coisa a dizer em defesa de Halt. Mas, naturalmente, não havia nada a ser dito. O tesoureiro viu os ombros largos do barão Arald se curvarem em desespero, viu a dor no rosto de Crowley quando o comandante dos arqueiros desviou o olhar da cena que acontecia ali.

— O prisioneiro é culpado, Majestade — Anthony confirmou. — Cabe ao senhor apresentar a sentença.

E essa, Duncan sabia, era a parte de ser rei para a qual nunca tinha sido preparado. Havia a lealdade, a adulação, o poder e a cerimônia. Havia o luxo, as comidas e bebidas finas, as melhores roupas e os melhores cavalos e armas.

E então chegava o momento em que se pagava por todas essas coisas. Momentos como aquele em que a lei devia ser cumprida, e as tradições deviam ser preservadas.

Quando a dignidade e o poder do cargo deviam ser protegidos mesmo que, ao fazê-lo, fosse preciso destruir um de seus mais estimados amigos.

A lei apresenta apenas duas punições possíveis para traição, Majestade Anthony afirmou, sabendo que Duncan estava detestando cada minuto daquilo.

— Sim. Sim, eu sei — o rei murmurou zangado, mas não rápido o bastante para impedir Anthony de proferir a próxima frase.

Morte ou expulsão. Nada menos — o tesoureiro informou

E, quando ele disse essas palavras, Duncan sentiu um pequeno estremecimento de esperança no peito.

— Essas são as opções, lorde Anthony? — ele perguntou com suavidade, querendo ter certeza.

Anthony assentiu com seriedade.

— Não há outras. Apenas morte ou expulsão, Majestade. Duncan se levantou devagar e pegou a espada com a mão direita.

Ele a segurou diante dele, agarrando o estojo abaixo da cruzeta intrincadamente gravada e esculpida. Sentiu uma onda quente de satisfação. Ele tinha perguntado duas vezes a Anthony para ter certeza de que as exatas palavras do tesoureiro fossem ouvidas pelas testemunhas presentes na sala do trono.

— Halt — ele falou com firmeza, sentindo todos os olhares presos nele. — Ex-arqueiro do rei do feudo de Redmont, eu, neste momento, na qualidade de senhor deste reino de Araluen, declaro que você seja banido de todas as minhas terras e propriedades.

Novamente, ouviram-se leves suspiros em toda a sala quando os ouvintes sentiram o alívio de saber que a sentença não seria a morte. Não que qualquer um dos presentes esperasse que fosse. Mas agora vinha a parte que eles não esperavam.

— Você está proibido, sob pena de morte, de colocar os pés no reino novamente.. — ele hesitou, vendo agora a tristeza nos olhos de Halt, a dor que o grisalho arqueiro não conseguia mais esconder.

— . . pelo período de um ano a partir deste dia —

ele completou sua declaração.

No mesmo instante, houve um tumulto na sala do trono. Lorde Anthony olhou para a frente, o choque visí-

vel em seu rosto.

— Majestade! Devo protestar! O senhor não pode fazer isso!

Duncan manteve a expressão solene. Outros na sala não estavam tão controlados. Ele viu que o rosto do barão Arald estava franzido num sorriso largo, enquanto Crowley estava fazendo o melhor que podia para esconder o riso no capuz cinzento de sua capa de arqueiro. Duncan notou com uma sombria sensação de satisfação que, pela primeira vez naquela manhã, Halt estava um tanto surpreso com o rumo dos acontecimentos. Mas não tanto quanto lorde Anthony, que protestava em voz alta. O rei olhou para o tesoureiro com um olhar de interrogação.

— Não posso, lorde Anthony? — ele indagou com grande dignidade.

Anthony se apressou a corrigir a frase, percebendo que não era sua função dar ordens ao rei.

— Eu quero dizer, Majestade. . expulsão é. . bem, é expulsão — ele concluiu sem jeito.

Duncan assentiu com seriedade.

— Realmente — ele respondeu. — E, como você mesmo me disse, é uma das duas únicas escolhas que posso fazer.

— Mas, Majestade, expulsão é. . é um ato absoluto!

É por toda a vida! — Anthony protestou.

Sua face estava vermelha de constrangimento. Ele não desgostava de Halt. Na verdade, até o dia em que o arqueiro tinha sido preso por atacar a reputação do rei, Anthony sentira uma forte admiração por ele. Mas, afinal, era seu trabalho aconselhar o rei sobre questões de lei e propriedade.

— A lei determina isso especificamente? — Duncan perguntou. Anthony balançou a cabeça e fez um gesto impotente com as mãos, quase deixando cair o bastão de comando.

— Bem, não especificamente. Não é necessário.

Expulsões sempre têm sido para a vida toda. Faz parte da tradição! — ele acrescentou, encontrando as palavras que vinha procurando.

— Exatamente — Duncan respondeu. — E tradi-

ção não é lei.

Anthony começou e então se viu perguntando a si mesmo por que estava protestando tanto. Afinal, Duncan tinha encontrado uma forma de punir Halt e, ao mesmo tempo, aplicar essa punição com misericórdia.

O rei percebeu a hesitação e tomou a iniciativa. —

A questão está resolvida. O prisioneiro está banido por 12

meses. Você tem 48 horas para deixar os limites de Araluen.

O olhar de Duncan encontrou o de Halt pela última vez. O arqueiro inclinou a cabeça levemente num gesto de respeito e gratidão para

— Mas...

Duncan suspirou. Ele não tinha ideia de por que Halt tinha imposto essa situação a todos. Talvez ele descobrisse algum dia depois que esse ano tivesse passado.

De repente, sentiu crescer dentro dele uma aversão por tudo o que estava acontecendo e empurrou o estojo da espada pelo cinto.

— Essa questão está resolvida — ele disse aos que estavam ali reunidos. — O julgamento está encerrado.

Ele se virou e deixou a sala do trono, saindo por uma pequena antessala à esquerda. Anthony olhou para o grupo reunido na sala e deu de ombros.

— O rei falou — ele disse num tom que dava a entender o quanto ele estava arrasado por tudo o que tinha acontecido. — O prisioneiro está expulso por 12 meses.

Guarda, leve-o.



E, com essas palavras, ele seguiu o rei para fora da sala do trono.



Evanlyn olhava, com irritação cada vez maior, Wil completar outra volta na praia, jogar-se no chão e fazer dez rápidas flexões.

Ela não conseguia entender por que ele insistia nesse ridículo programa de exercícios. Se fosse uma simples questão de manter a forma, ela poderia aceitá-lo — afinal, não havia quase nada para fazer em Skorghijl, e aquela era uma maneira de se manter ocupado. Mas ela sentia que o motivo era mais sério. Apesar da conversa que tinham tido dias antes, tinha certeza de que Will ainda

planejava fugir.

— Teimoso, cabeça-dura — ela resmungou.

“Isso é coisa de menino”, ela pensou. Ele parecia não poder aceitar que ela, uma garota, podia cuidar de tu-do e arranjar a volta deles para Araluen. Evanlyn ficou séria. Will não tinha se comportado dessa maneira em Céltica. Quando estavam planejando a destruição da enorme ponte de Morgarath, ele pareceu aceitar as sugestões e ideias dela, que se perguntou por que isso teria mudado.



Enquanto observava, Wil andou na areia até a beira da água onde Svengal estava remando o bote de volta à praia. O segundo escandinavo no comando era um exímio pescador. Ele levava o bote para o mar quase todas as manhãs em que o tempo permitia, e os bacalhaus frescos e as percas do mar que pescava nas águas frias e profundas do porto de Skorghijl proporcionavam uma mudança bem-vinda na alimentação composta de carne e peixe sal-gados e legumes fibrosos.

Com uma pequena ponta de ciúme, Evanlyn observou Wil conversar com o escandinavo. Ela não tinha a mesma facilidade para lidar com as pessoas. Ele tinha um comportamento aberto e simpático e, sem dificuldade, iniciava uma conversa com todos os que conhecia. As pessoas pareciam gostar dele instintivamente. Ela, por outro lado, muitas vezes se sentia estranha e pouco à vontade com desconhecidos, e eles pareciam perceber isso. Não ocorria a ela que aquilo pudesse ser resultado de sua cria-

ção de princesa. E, como estava com disposição para ficar ressentida com Wil naquela manhã, vê-lo ajudar Svengal a puxar o pequeno bote para a praia simplesmente aumentou seu aborrecimento.

Zangada, ela chutou uma pedra na praia, praguejou quando descobriu que era

maior e mais firmemente presa na areia do que tinha imaginado e foi mancando até a varanda, de onde Wil e seu novo amigo ficariam fora de sua visão.

— A pesca foi boa? — Wil perguntou, como todos faziam com um pescador.

Svengal mostrou a pilha de peixes no fundo do bo-te com a cabeça.

— Peguei uma beleza ali.

Havia um bacalhau grande entre oito ou nove menores, mas ainda de tamanho respeitável. Wil concordou impressionado.

— É mesmo uma beleza. Precisa de ajuda para limpar os peixes? Certamente, ele receberia ordens para limpá-los de qualquer maneira. Ele e Evanlyn recebiam todas as tarefas domésticas, como cozinhar, limpar e arrumar.

Mas ele queria conversar com Svengal e, dessa forma, talvez o escandinavo ficasse e conversasse com ele enquanto trabalhava. Wil tinha notado que os escandinavos eram grandes tagarelas, principalmente quando alguém estava ocupado.

— Fique à vontade — o grande escandinavo disse tranquilo, jogando uma pequena faca sobre a pilha de peixes.

Ele se sentou no banco do bote enquanto Will tirava os peixes e começava o desagradável trabalho de limpar as escamas e as entranhas. Wil sabia que Svengal ficaria e que iria querer levar ele mesmo o enorme bacalhau até a cabana. Pescadores adoravam elogios.

— Svengal — Wil começou, concentrado em tirar as escamas de uma perca e fazendo o possível para que a sua voz parecesse casual — por que você não vai pescar na mesma hora todos os dias?

— A maré, garoto — Svengal respondeu. — Gosto de pescar quando a maré está subindo. Ela traz os peixes para o porto, entendeu?

— A maré? O que é isso?

Svengal balançou a cabeça diante da ignorância do garoto de Araluen sobre as coisas da natureza.

— Você não percebeu como a água no porto fica mais alta e depois abaixa durante o dia? — ele indagou. —

Isso é a maré. Ela vem e vai, mas a cada dia acontece mais tarde que no dia anterior — ele continuou quando Will assentiu.

— Mas para onde ela vai? — Wil perguntou franzindo a testa. — E de onde ela vem, para começar?

Svengal coçou a barba pensativo. Aquela era uma questão com que nunca tinha se preocupado. A maré era um fato simples de sua vida de marinheiro e ele deixava os motivos e consequências para outras pessoas.

Dizem que é por causa da Grande Baleia Azul —

ele afirmou se lembrando da fábula que tinha ouvido quando criança. — Acho que você não sabe o que é uma baleia, certo? — continuou quando viu a expressão inter-rogativa de Will.

Ele suspirou diante do olhar vazio do menino.

— Uma baleia é um peixe gigantesco.

— Tão grande quanto o bacalhau? — Wil indagou, indicando o orgulho da pesca de Svengal.

— Bem maior que isso, garoto. Muito maior —

Svengal retrucou rindo verdadeiramente divertido.

— Tão grande quanto uma morsa? — Wil continuou.

Havia um grupo dos enormes animais nas pedras na parte sul do ancoradouro e ele tinha ouvido o nome de um dos tripulantes.

— Maior ainda — Svengal contou com um sorriso ainda maior. Baleias normais são tão grandes quanto casas.

Elas são mesmo enormes. Mas a Grande Baleia Azul é totalmente diferente. Ela é tão grande quanto um de seus castelos. Ela respira na água e então a cospe por

um buraco que tem no alto da cabeça.

— Entendo — Wil disse com cuidado, sentindo que deveria fazer algum comentário.

— Assim, quando ela inspira o ar, a maré desce —

Svengal continuou com paciência. — E quando ela o expira. .

— Por um buraco no alto da cabeça? — Wil repetiu.

Ele começou a limpar o bacalhau. Aquilo tudo parecia fantástico demais: peixes com buracos na cabeça que respiravam água para dentro e para fora. Svengal fez cara feia por causa da interrupção e o tom de dúvida que sentiu na voz de Wil .

— Sim. Por um buraco no alto da cabeça. Quando ela faz isso, a maré sobe outra vez. Ela faz isso duas vezes por dia.

— Então, por que ela não faz isso na mesma hora?

— Wil quis saber, e Svengal se mostrou ainda mais aborrecido.

Para falar a verdade, ele não tinha a menor ideia. A lenda não falava disso.

— Por que ela é uma baleia, menino! E baleias não sabem ver as horas, sabem?

Irritado, ele apanhou os peixes limpos, certificando-se de não esquecer a faca, e saiu pela praia, deixando Will a lavar o sangue e as escamas das mãos.

Erak estava sentado num banco do lado de fora da cabana reservada para refeições quando Svengal se aproximou pela areia.

— Belo bacalhau — ele disse, e Svengal fez um le-ve gesto de cabeça. — O que foi tudo aquilo? — ele perguntou, fazendo um gesto mm o polegar na direção de Will.

— O quê? Ah, o garoto? Só estávamos falando sobre a Grande Baleia Azul.

Pensativo, Erak esfregou o queixo.

— É mesmo? Como vocês chegaram nesse assunto?

Svengal parou, relembrando a conversa.

— Ele só queria saber sobre a maré, foi isso — o marinheiro contou finalmente.

Ele esperou para ver se Erak tinha mais alguma coisa para dizer, então deu de ombros e entrou.





— Pois agora ele sabe — Erak disse para si mesmo, concluindo que o menino ia precisar ser vigiado.

Nas próximas 4 horas, ele ficou fora da cabana, aparentemente tirando uma soneca ao sol. Mas seus olhos seguiam o aprendiz de arqueiro para todos os

lugares.

Muitas horas mais tarde, ele viu o garoto jogando pedaços de madeira na água e observando-os sendo levados para o mar pela maré.

— Interessante — o comandante do navio resmungou para si mesmo.

Então ele percebeu que Wil estava de pé, espiando a entrada do porto enquanto protegia os olhos com a mão. Erak seguiu a direção do olhar dele e se levantou surpreso.

Fortemente inclinado para um lado, o casco quase todo dentro da água e avançando com um número desi-gual de remos, um navio entrava com dificuldade na baía.



Um cavaleiro vestido de cinza estava encolhido tristemente dentro de sua capa, enquanto cavalgava lentamente pela chuva fina que cobria os campos. Os cascos de seus dois cavalos — um de montaria CO outro de carga —

batiam ruidosamente na terra cheia de poças de água que tinham se formado nas ondulações da estrada.

Quando chegou ao alto de uma colina, as torres e espiras do Castelo Araluen se levantavam para o céu cinzento atrás dele. Mas Halt não se voltou para ver a vista magnífica. Seu olhar estava voltado para a frente.

Ele ouviu os dois cavaleiros seguindo-o muito antes de o alcançarem. As orelhas de Abelard se agitaram ao ouvir os cascos lia lendo com força no chão, e Halt soube que seu pequeno cavalo havia reconhecido os outros dois como cavalos de arqueiros. Mesmo assim, não olhou para trás, pois sabia quem eram os dois cavaleiros e também por que estavam vindo. Ele sentiu uma leve pontada de desapontamento. Ele tinha esperado que, na confusão e tristeza causadas por sua expulsão, Crowley tivesse esquecido o pequeno detalhe ao qual Halt agora teria que se submeter.

Suspirando e aceitando o inevitável, ele tocou as rédeas de Abelard de leve. O altamente treinado cavalo de arqueiro reagiu de imediato e parou. Atrás dele, o cavalo de carga fez o mesmo. As batidas dos cascos se aproximaram, e ele permaneceu sentado, olhando para a frente sem interesse, quando Crowley e Gilan pararam ao seu lado.

Os quatro cavalos se cumprimentaram cutucando-se com delicadeza, enquanto os três homens foram um pouco mais discretos. Um silêncio desagradável se fez entre eles, finalmente quebrado por Crowley.

— Bem, Halt, você foi embora cedo. Tivemos que cavalgar com vontade para alcançar você — ele disse, lutando para mostrar um entusiasmo falso que disfarçasse sua tristeza diante do rumo que os acontecimentos tinham tomado.

Halt olhou com indiferença para os dois outros cavalos. O ar frio e úmido fazia a respiração deles se transformar lentamente em vapor.

— Deu pra ver — ele respondeu com calma, tentando ignorar a angústia no rosto jovem de Gilan.

Ele sabia que seu antigo aprendiz estava sofrendo profundamente por causa de suas atitudes inexplicáveis e endureceu o coração para não ver a tristeza do jovem arqueiro.

Então Crowley também deixou de mostrar entusiasmo e seu rosto ficou sério e preocupado.

— Halt, há uma coisa que talvez você tenha esquecido. Desculpe por insistir, mas... — ele hesitou.

Halt tentou pôr um fim naquela conversa com uma expressão de surpresa no rosto.

— Tenho 48 horas para deixar o reino — ele retrucou. — A contagem de tempo começou nesta manhã.

Vou passar a fronteira antes disso. Não há necessidade de vocês me acompanharem.

Crowley balançou a cabeça. Com o canto dos olhos, Halt viu Gilan desviar a atenção para a estrada. Aquela situação estava causando sofrimento a todos. Ele sabia por que Crowley tinha vindo. Procurou a corrente de prata pendurada em seu pescoço, escondida pela capa.

— Eu esperava que você esquecesse — ele disse tentando aparentar indiferença, mas um nó em sua garganta o impediu.

Crowley sacudiu a cabeça com tristeza.

Você sabe que não pode ficar com a Folha de Carvalho, Halt. Como uma pessoa banida, você também está automaticamente expulso do Corpo de Arqueiros.

Halt assentiu. Ele sentiu as lágrimas queimarem em seus olhos quando abriu a corrente e entregou o pequeno amuleto de prata para o comandante dos arqueiros. O metal ainda estava morno do contato com seu corpo. Sua vista ficou embaçada quando a viu enrolada na palma da mão de Crowley. “Um pedaço de metal tão pequeno”, pensou, “e mesmo assim com um significado tão importante para mim.” Durante a maior parte de sua vida, tinha usado a Folha de Carvalho com o enorme orgulho que todos os arqueiros sentiam. E, agora, ela não pertencia mais a ele.

— Sinto muito, Halt — Crowley murmurou com tristeza. Halt sacudiu o ombro.

— Essa é uma questão de pouca importância —

replicou. Outro silêncio caiu entre eles. O olhar de Crowley encontrou o dele e tentou atravessar o véu atrás do qual Halt tentava se esconder. Um véu de

aceitação da situação, indiferente e insensível. Aquilo não passava de fingimento, mas era muito bem disfarçado. Finalmente, o comandante se inclinou na sela e apertou o braço de Halt com força.

— Por que, Halt? Por que fez isso? — ele perguntou com veemência e recebeu apenas um furioso sacudir de ombros como resposta.

— Como eu disse — Halt ajuntou —, foi conhaque demais. Você sabe que nunca aguentei muita bebida, Crowley.

Halt até conseguiu esboçar um sorriso. Ele sentiu a face empalidecer como se a morte estivesse sorrindo para ele. Crowley soltou seu braço, endireitou o corpo na sela e balançou a cabeça desapontado.

— Felicidades, Halt — ele disse finalmente numa voz trêmula de emoção.

Então, com um movimento brusco incomum, puxou as rédeas, virou a cabeça do cavalo e partiu a galope pela estrada para Araluen.

Halt observou-o se afastar e viu a capa manchada de arqueiro se perder na chuva fina rapidamente. Em seguida, ele se virou para seu antigo aprendiz, sorriu com tristeza, mas dessa vez o sorriso e a tristeza eram verdadeiros.

— Até logo, Gilan. Que bom que você veio se despedir de mim.

Mas o jovem arqueiro balançou a cabeça desafia-dor.

— Não estou aqui para lhe desejar boa viagem —

ele disse com aspereza. — Eu vou com você.

Surpreso, Halt ergueu uma sobrancelha. Essa expressão era tão conhecida de Gilan que o rapaz sentiu o coração se partir quando a viu.

— E ser expulso? — Halt perguntou ao jovem, e Gilan balançou a cabeça novamente.

— Sei o que pretende fazer — ele retrucou e mostrou com um movimento da cabeça o cavalo de carga que estava parado pacientemente atrás de Abelard. — Você está levando Puxão. Você vai atrás de Will, não é mesmo?

Por um momento, Halt se viu tentado a negar. Mas os dias de fingimento já estavam sendo insuportáveis. Ele sabia que seria um alívio, pelo menos uma vez, admitir suas razões.

— Tenho que ir, Gilan — ele disse devagar. — Eu prometi a ele. E essa foi a única forma de ser liberado dos meus serviços.

— Sendo expulso?

A voz de Gilan soou incrivelmente alta.

— Não lhe passou pela cabeça que Duncan poderia ter mandado executá-lo?

Halt deu de ombros. Mas não foi um gesto de zombaria. Foi apenas um gesto de resignação.

— Não achei que ele fosse fazer isso. Eu tinha que arriscar.

— Bem, expulso ou não, eu vou com você — Gilan afirmou balançando a cabeça com tristeza.

Halt desviou o olhar, respirou fundo e soltou o ar dos pulmões. Tinha que admitir que estava tentado a aceitar. Ele iria enfrentar uma jornada longa, dura e perigosa em que a companhia de Gilan seria bem-vinda, e sua espada poderia ser muito útil. Mas Gilan tinha uma obriga-

ção a cumprir e Halt, já sobrecarregado por ter traído o próprio dever, não podia permitir que o jovem rapaz fizesse o mesmo.

— Gilan, você não pode — ele disse simplesmente.

Gilan inspirou antes de responder e Halt levantou a mão para impedi-lo.

— Olhe, pedi para ser liberado para ir procurar Will

— ele disse e eles me disseram que eu era necessário aqui.

Ele parou e Gilan fez que sim, mostrando que compreendia.

— Bem, acho que não era tão necessário assim.

Mas essa é minha opinião e posso estar errado. Essa situa-

ção com Foldar é mesmo muito perigosa e é um mal que precisa ser cortado pela raiz. Ele precisa ser perseguido, encontrado e pego numa cilada. E, francamente, não consigo pensar num arqueiro melhor do que você para realizar esse trabalho.

— Depois de você — Gilan ajuntou e Halt reconheceu o fato com uma leve inclinação da cabeça.

Ele não estava sendo orgulhoso, era uma avaliação honesta da verdade.

— Pode ser. Mas isso reforça minha opinião. Se nós dois desaparecermos, Crowley vai ter que encontrar outra pessoa para lazer o serviço.

— Não me importo — Gilan retrucou teimoso, torcendo as rédeas nas mãos, formando um pequeno nó e depois as soltando outra vez.

Halt sorriu gentilmente para ele.

— Eu me importo, Gilan. Eu sei como é quebrar a confiança desse jeito. É uma dor profunda e amarga, acre-dite em mim. E não vou permitir que você passe por isso.

— Mas, Halt — Gilan disse com tristeza, e o homem grisalho e mais baixo pôde sentir que as lágrimas não estavam longe de escorrer de seus olhos. — Fui o responsável por deixar Will. Eu abandonei ele em Céltica! Se tivesse ficado com Wil , ele nunca teria sido capturado pelos escandinavos!

— Você não pode se culpar por isso — Halt replicou. — Você fez a coisa certa na época. Culpe a mim por recrutar um garoto com a honra e a coragem para agir como ele fez. E por tê-lo treinado de um jeito que nunca deixaria dúvidas de que ele agiria dessa forma.



Ele fez uma pausa para ver se suas palavras estavam tendo algum eleito. Ele sabia que Gilan estava hesitante.

Halt acrescentou o toque final.

— Gilan, você não percebe que é por saber que es-tá aqui que posso desertar de meu posto desse jeito? Porque sei que vai me substituir. Mas, se você se recusar a fazer isso, eu também não vou poder ir.

E, quando ouviu isso, Gilan encolheu os ombros submisso e abaixou os olhos.

— Tudo bem, Halt. Mas encontre-o. Encontre-o e traga-o de volta, expulso ou não — ele disse com voz rouca.

Halt sorriu para ele e se inclinou para segurar o ombro de Gilan.

— É só um ano — ele disse. — Vamos estar de volta antes que você perceba. Até logo, Gilan.

— Felicidades, Halt — o arqueiro disse com a voz trêmula.

Sua vista foi obscurecida pelas lágrimas e ele ouviu o bater seco dos cascos dos cavalos na estrada molhada quando Abelard e Puxão se afastaram na direção da costa.

O vento atingia o rosto de Halt, enquanto ele cavalgava pelo caminho, e fazia a chuva leve bater em seu corpo. Ela formava pequenas gotas no seu rosto castigado pelo tempo, gotas que rolavam por sua lace.

Estranhamente, algumas delas tinham gosto de sal.



O navio estava em péssimas condições. Ele navegava desajeitadamente de lado, na direção da praia coberta de pedregulhos, onde a tripulação do navio de Erak saía das cabanas para olhar a chegada. Estava fortemente inclinado e muito mais dentro da água do que devia. A balaustrada estava a apenas dez centímetros da água.

— É o navio de Slagor! — um dos escandinavos gritou da praia, reconhecendo a

cabeça de lobo na ponta da proa.

— O que ele está fazendo aqui? — outro marinheiro perguntou. — Ele estava em segurança na Escandiná-

via, quando saímos de Araluen.

Will veio correndo das pedras onde estava jogando pedaços de madeira na água. Ele viu Evanlyn saindo da varanda e se juntou a ela. O aborrecimento de antes desapareceu com esses novos acontecimentos.

— De onde veio esse navio? — ela perguntou, e Will deu de ombros.

— Não tenho ideia. Eu estava nas pedras, olhei pa-ra o mar e lá estava ele.

O navio já estava bem perto. Wil notou que a tripulação parecia abatida e exausta. Naquele momento, ele podia ver falhas em várias tábuas que formavam o casco, e o toco onde o mastro tinha se quebrado e caído no mar.

Os escandinavos que estavam parados ao redor deles viram esses fatos e comentavam sobre eles.

— Slagor! — Erak chamou por cima da água tranquila. De que raio de lugar você surgiu?

O homem corpulento que estava na popa controlando o leme cumprimentou-o com um aceno de mão. Ele estava visivelmente exausto e satisfeito por poder ancorar.

Um dos tripulantes estava parado na proa do navio e jogou uma corda pesada para os homens de Erak que esperavam na praia. Em alguns segundos, uma dúzia deles apanhou a corda e começou a puxar a embarcação pelos últimos metros. Agradecidos, os remadores, sem energia para guardar os remos, se recostaram nos bancos. Os pesados remos esculpidos em carvalho pendiam na água e batiam nas laterais do navio com um som surdo quando giravam nos seus orifícios.

A quilha raspou nos pedregulhos, e o navio parou.

Como estava mais baixo na água do que o Wolfwind, não era possível fazê-lo

subir a mesma distância na praia, pois a proa logo ficou presa na areia.

Os homens a bordo começaram a desembarcar, saltando sobre a amurada e caindo na praia. Cambaleando, os remadores foram para a terra seca e se estenderam no chão com gemidos de cansaço, largando o corpo na areia e nas pedras ásperas, ficando ali deitados como mortos.

Um dos últimos a ir para a terra firme foi Slagor, o capitão.

Ele se deixou cair na praia. Sua barba e seu cabelo estavam manchados e salpicados de branco do sal. Seus olhos estavam vermelhos e tinham uma expressão assus-tada. Ele e Erak se encararam. Estranhamente, eles não se cumprimentaram com o gesto normal de braços entrela-

çados. Wil supôs que os dois homens não se gostassem muito.

— O que você está fazendo aqui nesta época do ano? — Erak perguntou ao outro marinheiro.

Desgostoso, Slagor balançou a cabeça.

— Temos muita sorte de estar aqui. Dois dias depois de sairmos de Hallasholm, a tempestade nos atingiu.

As ondas eram grandes como castelos, e o vento vinha direto do polo. O mastro se quebrou na primeira hora e não conseguimos soltá-lo. Perdemos dois homens tentando arrancá-lo. Então a ponta ficou batendo na linha de água e, antes que nós percebêssemos, ela tinha feito um buraco nas tábuas.

Um dos compartimentos ficou inundado antes que soubéssemos o que estava acontecendo e tivemos vaza-mentos em outros três.

Os navios, embora se parecessem com botes abertos, na verdade eram muito resistentes para viagens no mar. Em grande parte, isso se devia ao fato de que o projeto dividia os cascos em quatro compartimentos separados à prova de água debaixo do convés principal e entre as duas galerias inferiores onde se sentavam os remadores.

Era o poder de flutuação desses compartimentos que mantinha os navios à tona mesmo quando eram atingidos pelas ondas enormes que se agitavam no violento

mar Stormwhite.

Will olhou para Erak. Ele viu que o robusto jarl estava ouvindo as palavras de Slagor de cenho franzido.

— O que você estava fazendo no mar, para come-

çar? — Erak perguntou. — Agora não é o momento de tentar cruzar o Stormwhite.

Slagor aceitou um copo de madeira com conhaque oferecido por um dos homens de Erak. Em volta do pequeno porto, a tripulação do navio de Erak trazia bebidas para os conterrâneos exaustos e, em alguns casos, cuidava de ferimentos evidentemente surgidos quando navio tinha sido sacudido e agitado pela tempestade. Slagor não fez nenhum gesto de agradecimento, e Erak fez cara feia. Novamente Will sentiu a animosidade existente entre os dois capitães. A atitude de Slagor foi agressiva até mesmo quando descreveu seu infortúnio, como se, de alguma forma, a situação o deixasse na defensiva. Ele tomou o conhaque num só gole e enxugou a boca com as costas da mão antes de responder.

— O tempo estava claro em Hal asholm — ele contou resumidamente. — Achei que teríamos uma pausa longa o suficiente para cruzar a área de tempestades.

Erak arregalou os olhos sem acreditar no que ouvia.

— Nesta época do ano? Você ficou louco?

— Pensei que íamos conseguir — Slagor repeliu teimoso, e Wil notou a expressão zangada de Erak.

O jarl robusto baixou a voz para que os membros da tripulação não ouvissem. Somente Wil e Evanlyn o escutaram.

— Maldito seja, Slagor — ele disse amargo. — Vo-cê estava tentando tomar a dianteira na estação de saques?

— E se estivesse? — Slagor retrucou, olhando o outro capitão com raiva. — Como capitão, eu, e mais ninguém, tenho o direito de tomar essa decisão, Erak.

— E sua decisão custou a vida de dois homens —

Erak ressaltou. — Dois homens que juraram obedecê-las, por mais tolas que fossem. Qualquer homem com mais de cinco minutos de experiência saberia que é cedo demais para fazer essa travessia!

— Houve uma calmaria! — o outro homem disparou, e Erak grunhiu aborrecido.

— Uma calmaria! Sempre há uma calmaria! Elas duram um ou dois dias. Mas isso não é suficiente para fazer a travessia, e você sabe disso. Maldito seja por sua ga-nância, Slagor!

— Você não tem o direito de me julgar, Erak —

Slagor respondeu, levantando-se. — Você sabe que o capitão é dono do seu navio. Como você, sou livre para escolher quando e para onde vou.

Ele falava mais alto do que Erak, e Wil percebeu que ele estava perdendo a paciência.

— E estou lembrando que você decidiu não se juntar a nós na guerra que acabamos de lutar — Erak replicou num tom de zombaria. — Você se satisfez em ficar sentado em casa e então sair sorrateiramente e auferir lucros fáceis antes que outros capitães estivessem prontos para partir.

— A opção foi minha — Slagor repetiu — e muito sábia, como ficou provado.

A voz dele se transformou num sorriso cheio de desprezo.

— Percebo que você não teve exatamente um tremendo sucesso em sua invasão, teve, jarl Erak?

Com os olhos brilhantes de raiva, Erak se aproximou do outro homem.

— Veja como fala, seu ladrão trapaceiro. Perdi bons amigos ali.

— E mais do que amigos, ouvi falar — Slagor respondeu encorajado. — Você vai receber muitos agradecimentos de Ragnak por deixar o filho dele para trás também.

— Gronel foi capturado na batalha? — Erak indagou surpreso, dando um passo para trás.

— Capturado, não. Ouvi dizer que ele foi morto na batalha de Thorntree. Alguns dos navios conseguiram voltar para a Escandinávia antes que a tempestade começasse

— Slagor contou, balançando a cabeça e sorrindo ao ver o oponente perder a calma.

Will olhou para cima depressa. Wolfwind, o navio de Erak, tinha sido o último a deixar a costa de Araluen. A tripulação ainda estava esperando a volta de Erak, quando os sobreviventes da expedição fracassada de Horth conseguiram retornar aos navios levando notícias sobre a derrota e partindo. Mais tarde, Wil ouviria a tripulação do Wolfwind falar sobre a batalha de Thorntree. Dois arqueiros, um baixo e grisalho, e outro jovem e alto, tinham conduzido as forças do rei que dizimaram o exército escandinavo quando marchou para se aproximar da força principal de Duncan pela retaguarda. De algum modo, Will sabia, no fundo do coração, que estavam falando de Halt e Gilan.

— Gronel era um bom homem — Erak balançou a cabeça com tristeza. — Sentiremos muito a falta dele.

— O pai dele também. Ele jurou aplicar um val asvow contra Duncan.

— Isso não pode ser verdade — Erak disse sem acreditar. — Um vallasvow só é aplicado em caso de trai-

ção ou assassinato.

— Ele é o oberjarl — Slagor disse dando de ombros. Ele pode lazer o que bem entender. Agora, por piedade, você tem comida nessa ilha abandonada por Deus?

Nossas provisões foram estragadas pela água do mar.

Erak, ainda distraído pelas notícias que tinha acabado de ouvir, se deu conta da presença de Wil e Evanlyn. Ele fez um sinal com a cabeça na direção das cabanas.





— Acendam o fogo — ordenou a eles. — Esses homens precisam de comida quente.

Estava zangado por Slagor ter lhe lembrado de seu dever. Ele podia não gostar do outro homem, mas sua tripulação merecia ajuda e atenção depois de tudo o que tinha passado. Ele empurrou Wil com grosseria na dire-

ção da cabana. O garoto cambaleou e começou a correr acompanhado de perto por Evanlyn.

Will estava com uma sensação desagradável na boca do estômago. Ele não tinha ideia do que um val asvow poderia ser, mas sabia de uma coisa: de repente, manter a identidade de Evanlyn em segredo tinha se tornado uma questão de

vida ou morte.





A estrada estava chegando perto do oceano, e os bosques dos dois lados se aproximavam cada vez mais, à medida que campos férteis e cultivados davam lugar ao terreno coberto por florestas mais densas.

Era o tipo de lugar em que viajantes tranquilos podiam temer bandidos, já que as árvores cerradas perto da estrada davam ampla cobertura para uma emboscada.

Halt, contudo, não tinha esses receios. Na verdade, seu estado de ânimo estava tão sombrio que ele teria recebido bem uma tentativa de bandidos de lhe roubarem os poucos pertences.

Sua pesada faca de caça e a faca de atirar estavam à mão debaixo da capa, e ele levava o arco preparado, apoiado na parte mais alta da sela, à moda dos arqueiros. Uma ponta de sua capa, especialmente feita para atender a esse objetivo, formava uma dobra no ombro, deixando as extremidades adornadas de pena das duas dúzias de flechas na aljava prontas para serem apanhadas rapidamente. Dizia-se que todos os arqueiros levavam as vidas de 24 homens na aljava, tão boa e mortal era sua habilidade com o arco.

Além dessas armas visíveis e do próprio instinto muito apurado para pressentir o

perigo, Halt tinha duas outras vantagens, não tão óbvias, em relação a quaisquer possíveis atacantes. Os dois cavalos de arqueiros, Puxão e Abelard, eram treinados para avisar discretamente a presença de estranhos. E naquele momento, enquanto Halt cavalgava, as orelhas de Abelard estremeceram várias vezes e ele e Puxão viraram a cabeça e resfolegaram.

Halt estendeu a mão e acariciou o pescoço do cavalo com delicadeza.

— Bons garotos — ele disse com suavidade para os dois pequenos animais atarracados.

Eles balançaram as orelhas, reconhecendo as palavras. Para qualquer observador, o cavaleiro oculto debaixo da capa estava apenas acalmando sua montaria, uma atitude perfeitamente normal. Na verdade, seus sentidos tinham sido aguçados e sua mente trabalhava a toda velocidade. Ele falou novamente, apenas uma palavra.

— Onde?

Abelard inclinou a cabeça levemente para a esquerda, apontando para um arvoredo mais próximo da estrada do que os demais, a uns 50 metros de distância. Halt olhou rapidamente sobre o ombro e percebeu que Puxão, que trotava calmamente atrás dele, estava olhando na mesma direção. Os dois cavalos tinham percebido a presença de um ou mais estranhos nas árvores. E então Halt falou novamente.

— À vontade.

E os dois cavalos, sabendo que o aviso tinha sido recebido e o lugar notado, viraram as cabeças para a estrada. Era esse tipo de habilidade especial que dava aos arqueiros uma tremenda capacidade de sobreviver e prever problemas.

Ainda fingindo ignorar totalmente a presença de qualquer pessoa nas árvores, Halt continuou cavalgando no mesmo ritmo tranquilo. Ele sorriu tristemente para si mesmo ao pensar no fato de que os cavalos só podiam lhe dizer que havia alguém ali. Eles não podiam prever suas intenções ou se era ou não um inimigo.

Ele pensou que fazer isso seria, realmente, um poder sobrenatural.

Ele já estava a 40 metros das árvores. Havia umas seis delas, frondosas e

cercadas por vários arbustos. Elas ofereciam uma cobertura perfeita para uma emboscada.

Ou, ele raciocinou, para alguém que quisesse simplesmente se proteger da chuva fina que vinha caindo pelas últimas 10 horas. Debaixo do capuz, escondidos e invisíveis para qualquer observador, os olhos de Halt disparavam e examinavam o esconderijo denso. Abelard, mais perto do perigo em potencial, soltou um grunhido rouco. O som quase não podia ser ouvido e foi encarado por seu cavaleiro mais como uma vibração no peito largo do animal do que qualquer outra coisa. Halt lhe deu um cutucão com o joelho.

— Eu sei — ele murmurou, sabendo que a sombra do capuz esconderia qualquer movimento de seus lábios.

Halt decidiu que aquela distância era suficiente. O

arco lhe dava vantagem contanto que ficasse a distância.

Ele puxou as rédeas de leve e Abelard parou, enquanto Puxão deu mais um passo antes de parar também.

Com um movimento tranquilo e desembaraçado, Halt pegou uma flecha da aljava e a ajeitou na corda do arco. Ele não tentou atirar. Anos de prática constante o tornaram capaz de pegar o arco, mirar, atirar e atingir o alvo um piscar de olhos.

— Eu gostaria de ver você abertamente — ele disse em voz alta. Houve um momento de hesitação e então um vulto robusto, montado num cavalo, saiu do meio das árvores e parou na beira da estrada.

Halt constatou que se tratava de um guerreiro, ao notar o brilho opaco da malha de ferro nos braços e em volta do pescoço. Ele também usava uma capa para se proteger da chuva. Um capacete de aço cônico e simples estava pendurado na sela e um escudo redondo e sem brasão pendia de suas costas. Halt não viu sinal de espada ou outra arma, mas sabia que elas normalmente eram carregadas do lado esquerdo, o lado que não via bem. Era seguro supor que o cavaleiro estaria carregando algum tipo de arma. Afinal, não havia sentido em usar meia armadura e não estar armado.

O vulto, porém lhe lembrava alguém. Um momento mais e Halt reconheceu o

cavaleiro. Ele relaxou, reco-locando a flecha na aljava com o mesmo movimento suave e experiente.

Ele fez que Abelard fosse para a frente e se aproximou para cumprimentar o outro cavaleiro.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, já com uma boa ideia de qual poderia ser a resposta.

— Vou com você — Horace comunicou, confirmando a desconfiança de Halt. — Você vai procurar Will e quero acompanhar você.

— Entendo — Halt disse, puxando as rédeas enquanto emparelhava o cavalo com o do rapaz.

Horace era um garoto grande, e seu cavalo de batalha era muitos palmos mais alto do que Abelard. O arqueiro teve que olhar para cima para falar com o jovem e notou a expressão determinada do rapaz.

— E o que você acha que seu mestre vai dizer sobre isso quando descobrir?

— Sir Rodney? — Horace disse dando de ombros.

— Ele já sabe. Eu disse que estava indo embora.

Halt inclinou a cabeça um tanto surpreso. Ele tinha imaginado que Horace fosse simplesmente fugir em sua tentativa de se juntar a ele. Mas o guerreiro aprendiz era um tipo franco e não estava acostumado a enganar ou usar subterfúgios. Ele se deu conta de que o caráter de Horace não lhe permitia simplesmente fugir.

— E como ele recebeu essa importante notícia?

Horace franziu a testa sem compreender.

— Como? — ele perguntou indeciso, e Halt suspirou baixinho.

— O que ele disse quando você contou pra ele?

Suponho que tenha dado um safanão na sua orelha. .

Rodney não era conhecido por sua tolerância com aprendizes desobedientes. Ele

tinha um temperamento irritadiço e os garotos da escola de Guerra muitas vezes sentiam sua força na própria pele.

— Não — Horace respondeu imperturbável. —

Ele disse para lhe entregar uma mensagem.

— E qual é essa mensagem? — Halt tornou, balan-

çando a cabeça intrigado, notando que Horace se mexeu na sela pouco à vontade antes de responder.

— Ele disse “boa sorte” — o garoto declarou finalmente. — E ele disse para lhe falar que vim com a aprovação dele. . extraoficialmente, é claro.

— É claro — Halt respondeu conseguindo esconder a surpresa que sentia diante desse inesperado gesto de apoio vindo do comandante da Escola de Guerra. — Ele dificilmente poderia lhe dar aprovação oficial para fugir com um criminoso banido, poderia?

— Acho que não — Horace respondeu depois de pensar no assunto. — Então, vai deixar que eu vá com você?

— Claro que não — ele disse rispidamente, balan-

çando a cabeça. — Não tenho tempo para cuidar de você em todos os lugares.

O rosto do garoto ficou vermelho de raiva diante do tom de rejeição de Halt.

— Sir Rodney também disse para lhe informar que uma espada poderia ser útil para proteger você em suas viagens — ele ajuntou.

Halt olhou para o garoto alto com cuidado enquanto falava.

— Foi isso exatamente o que ele falou? — ele perguntou, e Horace negou com a cabeça.

— Não exatamente.

— Então me conte exatamente o que ele disse —

Halt pediu.

— Suas exatas palavras foram: “Uma boa espada poderia ser útil para protegê-lo”.

— A quem ele se referia? — Halt devolveu, escondendo um sorriso.

Horace se ajeitou no cavalo, corando furiosamente, e não respondeu. Aquela era a melhor resposta que ele poderia ter dado. Halt o examinava com cuidado. Ele não estava desconsiderando a recomendação de Rodney e sabia que o garoto tinha coragem de sobra. Ele tinha provado isso ao desafiar Morgarath para um combate direto nas Planícies de Uthal.

Mas havia a possibilidade de ele ter se tornado orgulhoso e superconfiante. De que adulação e elogios demais tivessem lhe subido à cabeça. Entretanto, se esse fosse o caso, ele teria respondido a pergunta sarcástica de Hal de imediato. O fato de não ter respondido, mas simplesmente ter permanecido parado na sua frente com a expressão determinada dizia muito sobre seu caráter. “É

estranho como eles se transformam”, Halt pensou. Ele se lembrava de Horace como um menino um tanto valentão quando mais jovem. Era evidente que a disciplina da Escola de Guerra e alguns anos de maturidade tinham provocado certas mudanças interessantes.

Ele analisou o garoto mais uma vez. Para falar a verdade, seria bom ter um companheiro. Ele tinha recusado Gilan porque sabia que o outro arqueiro era necessário em Araluen. Mas com Horace a questão era diferente. Seu mestre de ofício tinha lhe dado permissão, extraoficialmente, e Horace era um espadachim bastante competente, leal e confiável também.

E, além disso, Halt tinha que admitir que, como Will tinha sido capturado, ele sentia falta de alguém mais novo ao seu lado. Ele sentia falta do entusiasmo e da ansiedade que acompanhava os jovens. E, por incrível que parecesse, ele até sentia falta das intermináveis perguntas que vinham com eles também.

Ele notou que Horace o olhava ansiosamente. O

garoto estava esperando uma decisão e, até aquele momento, não tinha recebido nada mais do que uma pergunta irônica de Halt sobre a “boa espada” sugerida por sir Rodney. Ele soltou um suspiro profundo e deixou uma carranca zangada

cobrir seu rosto.

— Você vai me bombardear com perguntas dia e noite?

Horace deixou os ombros caírem com esse tom de voz e então, de repente, compreendeu o significado dessas palavras. Seu rosto ficou radiante e ele levantou os ombros novamente.

— Você quer dizer que vai aceitar minha companhia? — ele indagou num tom de voz que o entusiasmo deixou muito mais agudo do que pretendia.

Halt olhou para baixo e ajeitou uma alça da sacola pendurada na sela que não precisava de ajuste nenhum.

De nada serviria se o garoto visse o leve sorriso que en-crespava seu rosto cansado.

— Parece que não tenho escolha — ele disse com relutância. — Dificilmente você pode voltar para sir Rodney agora que fugiu, não é mesmo?

— Não, não posso! Quer dizer. . isso é maravilho!

Obrigado, Halt! Você não vai se arrepender, juro! É que eu prometi para mim mesmo que eu encontraria Will e que ajudaria a resgatá-lo.

O menino estava praticamente gaguejando por causa do prazer de ser aceito. Halt cutucou Abelard com o joelho e começou a cavalgar, seguido tranquilamente por Puxão. Horace deu impulso para seu cavalo de batalha acompanhar Halt e continuou a derramar palavras de agradecimento.

— Eu sabia que você iria atrás dele, Halt. Eu sabia que foi por isso que fingiu estar zangado com o rei Duncan! Ninguém em Redmont acreditou quando ouviu o que





tinha acontecido, mas eu sabia que assim você poderia ir e resgatar Wil dos escandinavos...

— Chega! — Halt disse finalmente, levantando a mão para impedir o fluxo de palavras, o que fez Horace parar no meio da sentença e curvar a cabeça num gesto de desculpas.

— Sim, claro. Desculpe. Nem mais uma palavra —

ele disse.

— Assim é melhor — Halt assentiu agradecido.

Corrigido, Horace cavalgou em silêncio ao lado do novo mestre, enquanto se dirigiam para a costa leste. Eles tinham percorrido outros 100 metros quando ele finalmente não aguentou mais.

— Onde vamos encontrar um navio? — ele quis saber. — Vamos navegar diretamente para a Escandinávia atrás dos piratas. Podemos atravessar o mar nesta época do ano?

Halt se virou na sela e jogou um olhar furioso para o jovem rapaz.

— Estou vendo que já começou — ele disse irritado.

Mas, dentro do peito, seu coração estava leve como há semanas não sentia.



A chegada inesperada da embarcação de Slagor, Wolf Fang, tornou a vida em Skorghijl ainda mais desagradável.

Por causa do espaço limitado, as condições de vida estavam agora piores do que antes, com duas tripulações amontoadas no local destinado para só uma. E com o excesso de pessoas vieram as brigas. Os escandinavos não estavam acostumados a longas horas de inatividade, então enchiam o tempo bebendo e jogando: uma receita quase certa para problemas. Quando só os membros de uma tripulação

estavam envolvidos, os desentendimentos que surgiam geralmente eram resolvidos e esquecidos rapidamente. Mas a lealdade dos dois grupos incendiava a situa-

ção de modo que as discussões se inflamavam, a paciência se perdia e, às vezes, armas eram empunhadas antes que Erak pudesse intervir.

“Percebe-se”, Will pensou, “que Slagor nunca levanta a voz para parar as brigas”. Quanto mais observava o capitão do Wolf Fang, mais ele compreendia que o homem tinha pouca autoridade real e impunha muito pouco respeito aos outros escandinavos. A própria tripulação trabalhava por dinheiro, e não por um sentimento de lealdade.

Naturalmente, havia duas vezes mais trabalho para Will e Evanlyn. As tarefas de cozinhar, servir e limpar tinham dobrado e havia o dobro de escandinavos que exigiam que eles fizessem todos os serviços que achassem necessários. Mas, pelo menos, eles tinham conservado seu espaço. A varanda era pequena demais para que qualquer um dos imensos escandinavos sequer pensasse em solici-tá-la para uso próprio. Wil pensou que essa era uma das compensações por terem sido capturados por gigantes.

Mas não eram somente as brigas e o trabalho extra que tinham tornado a vida de Wil e Evanlyn insuportável.

As informações sobre o misterioso val asvow feito por Ragnak tinham sido devastadoras para a princesa. A vida dela agora corria risco e o menor erro, a menor palavra descuidada de qualquer um deles poderia significar a morte dela. Ela pediu a Will para ser cuidadoso, para continuar a tratá-la como uma igual, como sempre tinha feito antes de conhecer sua verdadeira identidade. O menor sinal de deferência da parte dele, o menor gesto de respeito poderia muito bem levantar suspeitas e representar o fim para ela.

Naturalmente, Will garantiu a ela que guardaria seu segredo. Ele treinou para nunca pensar nela como Cassandra e sempre usar o nome de Evanlyn, mesmo em pensamento. Mas, quanto mais ele tentava evitar o nome, mais ele parecia querer saltar para sua língua, sem convite.

Ele vivia constantemente apavorado de que pudesse traí-la inadvertidamente.

O clima desagradável entre eles, provocado pelo tédio e pela frustração, além de

outras coisas, tinha desaparecido diante desse novo perigo muito real. Eles eram amigos e aliados outra vez e sua determinação em se ajudar e apoiar mutuamente recuperou a força e a convicção que tinham experimentado no curto tempo que passaram juntos em Céltica.

É verdade que o plano de Evanlyn de ser resgatada tinha ido totalmente por água abaixo. Ela nunca poderia se revelar para um homem que tinha jurado matar todos os membros de sua família Compreender esse fato, além da obrigação de realizar tarefas domésticas e desagradá-

veis, tinha tornado a sua vida em Skorghijl horrível. O ú-

nico ponto luminoso em seus dias era Wil , sempre alegre, sempre otimista, sempre encorajador. Ela percebeu como ele assumia discretamente os trabalhos piores e mais sujos, sempre que possível, e se sentia agradecida por isso. Ela se sentia envergonhada ao relembrar como o tinha tratado alguns dias antes. Mas quando tentou se desculpar, e ela era franca o bastante para admitir que tinha errado, ele apenas riu.

— Todos nós estamos um pouco amalucados —

ele disse. — Quanto antes fugirmos, melhor.

Ele ainda planejava escapar, e ela compreendeu que tinha que acompanhá-lo. Ela sabia que Wil tinha algo em mente, mas ele estava trabalhando em seu plano e, por enquanto não tinha lhe contado os detalhes.

Naquele momento, o jantar tinha terminado e havia uma pilha enorme de pratos, colheres e canecas de madeira para lavar na água do mar e no cascalho fino na beira da praia. Suspirando, Evanlyn se inclinou para pegá-las. Ela estava exausta e quase não aguentava lembrar que teria que se agachar na altura dos tornozelos na água fria para esfregar a gordura.

— Eu lavo isso — Wil ofereceu em voz baixa.

Ele olhou à sua volta para se certificar que nenhum dos escandinavos estava olhando e então pegou o saco pesado das mãos dela.

— Não — ela protestou. — Não é justo. .

Mas ele levantou a mão para interrompê-la.

— De qualquer jeito, tem uma coisa que preciso verificar. E isso vai ser um bom disfarce — ele disse. —

Além disso, você teve uns dias difíceis. Vá e descanse um pouco — ele sugeriu sorrindo. — Se isso a fizer se sentir melhor, amanhã vai ter muita louça para lavar. E no dia seguinte. E você pode cuidar dela enquanto eu vou para lá sem que ninguém perceba.

Evanlyn lhe deu um sorriso cansado e tocou sua mão num gesto de gratidão. Pensar em se estender na ca-ma dura, sem fazer nada, era quase bom demais para ser verdade.

— Obrigada — ela disse simplesmente.

O sorriso de Wil se alargou e ela soube que ele tinha ficado verdadeiramente satisfeito de o relacionamento entre os dois ter voltado ao normal.

— Pelo menos, os nossos anfitriões comem com entusiasmo — ele comentou contente. — Eles não deixam muita coisa no prato.

Ele pendurou o saco e seu conteúdo barulhento no ombro e foi até a praia. Sorrindo para si mesma, Evanlyn se inclinou e entrou na varanda.

Jarl Erak saiu da confusão barulhenta e cheia de fumaça que havia na cabana e deixou que o ar frio do mar entrasse em seus pulmões. A vida na ilha estava deixando-o deprimido, principalmente pelo fato de Slagor não tentar manter a disciplina. “O homem é um bêbado inútil”, Erak pensou zangado. E ele não era um guerreiro: todos sabiam que escolhia apenas alvos mal vigiados para suas invasões e nunca participava da luta. Erak tinha sido obrigado a intervir na briga entre um de seus homens e um membro da tripulação de criminosos do Wolf Fang. O

homem de Slagor estava usando dados viciados e, quando foi questionado, tentou atacar o oponente com a faca de caça.

Erak interveio e derrubou o marinheiro do Wolf Fang com um soco poderoso. Então, para mostrar que estava sendo imparcial, foi obrigado a derrubar seu pró-

prio tripulante.

“Imparcial, ao estilo dos escandinavos”, ele pensou cansado. Um gancho de esquerda e uma cruzada de direita.

Ele ouviu o ranger de passos no cascalho da praia e viu um vulto escuro se dirigindo para a beira da água. Ele franziu a testa pensativo. Era o garoto de Araluen.

Furtivamente, começou a seguir o menino. Ele ouviu o bater de pratos e canecas sendo derrubadas na ária e então o barulho da escova. “Talvez ele esteja apenas la-vando a louça”, pensou. “Talvez não.” Andando com cuidado, chegou mais perto.

A ideia de se aproximar sorrateiramente não se comparava exatamente aos padrões dos arqueiros. Will estava esfregando os pratos quando ouviu a aproximação do escandinavo grandalhão. Ou era isso, ou um leão-marinho estava se arrastando nos pedregulhos.

Virando-se para olhar, reconheceu o vulto robusto de Erak, que parecia ainda maior na escuridão por causa do casaco de pele de urso que usava para se proteger do vento frio e cortante. Hesitante, Will começou a se levantar, mas o jarl acenou para que ficasse onde estava.

— Continue seu trabalho — ele disse irritado.

Will continuou a esfregar, espiando o líder dos escandinavos com o canto do olho ao mesmo tempo em que olhava o ancoradouro e sentia o cheiro de tempestade no ar.

— Lá dentro cheira mal — Erak resmungou finalmente.

— Pessoas demais num espaço muito pequeno —

Will arriscou, de olhos baixos e esfregando um prato.

Erak o interessava. Ele era um homem duro e um lutador implacável, mas não era realmente cruel. Às vezes, de um jeito áspero, conseguia parecer quase simpático.

Erak, por sua vez, analisava Wil . O que ele pretendia? Provavelmente estava tentando descobrir uma forma de escapar. Era isso o que faria no lugar do garoto. O aprendiz de arqueiro era esperto e habilidoso e também determinado. Erak tinha reparado em como ele insistia em manter seu programa de exercícios estafante correndo pe-la praia, fizesse sol ou chuva.

Novamente, ele sentiu uma onda de respeito pelo aprendiz de arqueiro. E pela garota. Ela também tinha mostrado muita coragem.

Pensar na menina o fez franzir a testa. Cedo ou tarde, haveria problemas em relação a ela. Principalmente com Slagor e seus homens. A tripulação do Wolf Fang era uma turma deplorável: na maioria, prisioneiros, criminosos de menor importância. Bons tripulantes não se dispu-nham a trabalhar com Slagor.

“Bem”, ele pensou filosoficamente, “se isso acontecer, vou ter que bater algumas cabeças umas nas outras”.

Ele não iria permitir que sua autoridade fosse desafiada por uma turba como os homens de Slagor. Os dois escravos lhe pertenciam. Eles seriam seu único lucro nessa viagem desastrosa para Araluen e, se alguém tentasse machucar qualquer um deles, teria que se ver com ele. Enquanto pensava nisso, tentou dizer a si mesmo que estava apenas protegendo seu investimento. Mas ele não tinha certeza de que isso era totalmente verdadeiro.

— Jarl Erak? — o garoto chamou na escuridão com incerteza na voz, já que não sabia se deveria fazer perguntas ao líder escandinavo.

Erak grunhiu. O som foi neutro, mas Will o entendeu como uma permissão para continuar.

— O que é o vallasvow de que jarl Slagor falou? —

ele quis saber tentando parecer casual.

Erak franziu a testa quando ouviu o título.

— Slagor não é um “jarl” — ele corrigiu. — Ele é apenas um skirl, o capitão de um navio.

— Desculpe — Wil retrucou com humildade.

Deixar Erak zangado era a última coisa que queria.

Era óbvio que, ao se referir a Slagor como seu igual, Will tinha se arriscado a isso. Ele hesitou, mas o aborrecimento de Erak parecia ter diminuído, então ele tornou a perguntar.

— E o val asvow? — ele insistiu.

Erak arrotou baixinho e se inclinou para o lado pa-ra poder coçar as costas. Ele tinha certeza de que a tripulação de Slagor tinha trazido pulgas para a cabana. Aquele era um desconforto que não tinham tido que suportar até aquele momento. Frio, umidade, fumaça e mau cheiro. E

agora todos podiam acrescentar pulgas. Ele desejou, não pela primeira vez, que o navio de Slagor tivesse naufraga-do no mar de Stormwhite.

— É um juramento — ele começou de má vontade

— feito por Ragnak. Não que ele tivesse algum motivo —

acrescentou. — Você não irrita os Val as por bobagens.

Não se você tem bom senso.

— Os Val as? — Wil perguntou. — Quem são eles?

Erak olhou para o vulto agachado abaixo dele e balançou a cabeça espantado. Como o povo de Araluen era ignorante!

— Nunca ouviu falar dos Val as? O que eles ensi-nam à vocês naquela pequena ilha úmida onde vocês mo-ram? — ele indagou.

Will, sabiamente, não respondeu. Houve alguns momentos de silêncio e então Erak continuou.

— Os Val as, garoto, são os três deuses da vingan-

ça. Eles tomam a forma de um tubarão, um urso e um urubu.

Ele fez uma pausa para ver se Wil tinha entendido.

O menino achou que agora deveria fazer algum comentá-

rio.

— Entendo — ele disse devagar. Erak grunhiu num gesto de zombaria.

— Tenho certeza de que não entendeu. Ninguém que tenha algum bom senso vai querer ver os Vallas. Ninguém que não esteja louco pensa em fazer um juramento para eles.

— Então um val asvow é um juramento de vingan-

ça? — Wil perguntou depois de pensar um pouco, e Erak assentiu.

— Vingança total — ele respondeu. — É quando se odeia tanto alguém que se promete vingança, não apenas para a pessoa que fez mal para você, mas para todos os membros de sua família também.

— Todos os membros? — Wil se espantou.

Por um momento, Erak se perguntou se havia algum motivo para esse tipo de pergunta. Mas ele não conseguia entender como aquelas informações poderiam ajudar numa tentativa de fuga e então continuou.

— Até o último — ele contou. — É um juramento de morte, é claro, e não pode ser quebrado. Se a pessoa que fez o juramento mudar de ideia, os Val as tomarão a ela e sua família em vez das vítimas originais. Eles não são do tipo de deuses com quem você gostaria de lidar, acredi-te em mim.

Novamente, um breve silêncio. Wil se perguntou se ele tinha feito perguntas suficientes e decidiu que poderia continuar mais um pouco.

— Então, se eles são tão terríveis, por que Ragnak. .? — ele começou, mas Erak o interrompeu.

— Porque ele é louco! — ele disparou. — Eu lhe disse, somente um louco faria um juramento para os Vallas! Ragnak nunca foi muito bom da cabeça. . e agora é evidente que a perda do filho o fez perder a razão de vez.



Erak fez um gesto de desagrado. Ele parecia estar cansado de falar sobre Ragnak e os assustadores Vallas.

— Apenas fique agradecido por não pertencer à família de Duncan, garoto. Ou de Ragnak.

Ele se virou para ver a luz do fogo que aparecia entre as várias frestas e aberturas nas paredes da cabana, jogando desenhos estranhos e alongados de luz no cascalho molhado.

— Agora, volte ao trabalho — ele mandou zangado e voltou para o calor e o mau cheiro da cabana.

Enquanto mergulhava lentamente o último prato na água fria do mar, Wil observou Erak.

— Nós precisamos muito sair daqui — ele disse baixinho para si mesmo.





Havia tanta coisa para ver e ouvir que Horace não sabia para que lado devia virar a cabeça em primeiro lugar.

Em toda a sua volta, a cidade portuária de La Rivage fervilhava de vida. As docas estavam lotadas de embarcações; simples barcos pesqueiros e navios de dois mastros estavam ancorados lado a lado e criavam uma floresta de mastros e adriças que pareciam se estender até onde a vista alcançava. Os ouvidos do garoto zumbiam com os gritos agudos das gaivotas que brigavam umas com as

outras pelos restos jogados no porto pelos marinheiros que limpavam os peixes apanhados. Os navios, grandes e pequenos, subiam e desciam e balançavam com as leves ondas dentro do porto, que nunca ficava imóvel um instante sequer. Atrás das vozes agudas das gaivotas, havia os constantes chiados e grunhidos de centenas de cercas de vime que protegiam os cascos.

As narinas de Horace se encheram com o cheiro de fumaça e o aroma de comida, mas era um cheiro diferente das refeições simples que se preparavam no Castelo Red-



mont. Ali o aroma tinha um toque especial, algo exótico, estimulante e estranho.

Ele pensou que isso seria de esperar, já que estava pondo os pés num país estrangeiro pela primeira vez na sua jovem vida. Ele tinha viajado para Céltica, é verdade, mas isso não contava. Céltica era apenas um prolonga-mento de Araluen. Aquele lugar era totalmente diferente.

Ao seu redor, as vozes se levantavam, zangadas ou diver-tidas, rindo, chamando e insultando uns aos outros. E ele não conseguia entender uma só palavra daquele idioma estranho.

Ele estava parado no cais onde tinham aportado, segurando as rédeas dos três cavalos enquanto Halt pagava o dono do pequeno e pesado cargueiro que os tinha transportado pelo Mar Estreito — com uma carga mal-cheirosa de peles destinadas aos curtumes de Gálica. Depois de quatro dias muito próximo das pilhas enrijecidas de peles de animais, Horace se viu imaginando se conseguiria voltar a usar qualquer coisa feita de couro.

Uma mão puxou seu cinto, e ele se virou espantado.

Uma velha curvada e enrugada estava sorrindo para ele, mostrando as gengivas sem dentes e estendendo a mão.

As roupas estavam em farrapos, e a cabeça envolvida numa bandana que talvez tivesse sido colorida, mas naquele momento estava tão suja que não se podia ter certeza. Ela disse algo na língua local, e tudo o que ele pôde fazer foi dar de ombros. Ele não tinha mesmo dinheiro e estava claro que a mulher era uma mendiga.

O sorriso obsequioso se transformou numa careta feia e ela disparou algumas palavras irritadas para eles.

Mesmo sem conhecer o idioma, ele soube que não era um cumprimento. Em seguida, ela se virou e saiu mancando, fazendo um estranho gesto em cruz no ar entre eles. Horace balançou a cabeça sem saber o que fazer.

Uma gargalhada o distraiu, ele se virou e viu três garotas jovens, talvez uns poucos anos mais novas do que ele, que tinham testemunhado a conversa entre ele e a velha mulher. Sem se conter, ele as admirou de boca aberta.

As meninas, todas muito atraentes, estavam vestidas com trajes que só poderiam ser descritos como excessivamente pequenos. Uma delas usava uma saia tão curta que terminava bem acima dos joelhos.

As meninas gesticularam para ele novamente, imitando a sua expressão de espanto. Rapidamente, ele fechou a boca e elas riram ainda mais alto. Uma delas disse algo para ele, chamando-o. Ele não entendeu uma palavra do que ela disse e, sentindo-se ignorante e estranho, percebeu que suas faces estavam muito vermelhas.

E tudo isso fez as garotas rirem com mais vontade.

Elas levantaram as mãos até os próprios rostos, imitando o seu rubor e tagarelando umas com as outras em sua língua estranha.

— Parece que você já está fazendo amigos — Halt disse atrás dele, e ele se virou com ar de culpa.

O arqueiro, Horace nunca conseguia pensar nele de modo diferente, estava olhando para ele e as três garotas com um quê divertido no olhar.

— Você fala essa língua, Halt? — ele perguntou.

Era estranho, mas ele não estava surpreso com esse fato. Ele sempre tinha imaginado que os arqueiros eram dotados de uma ampla variedade de habilidades misteriosas e, até ali, os acontecimentos tinham provado que isso era verdade. Seu companheiro assentiu.

— O bastante para me virar — ele respondeu com calma. Horace fez um gesto o mais discreto possível na direção das meninas.

— O que elas estão dizendo? — ele quis saber.

O arqueiro assumiu a expressão vazia que Horace estava aprendendo a conhecer tão bem.

— Talvez seja melhor você não saber — Halt respondeu por fim. Horace concordou, sem realmente compreender, mas não querendo parecer mais bobo do que se sentia.

— Talvez — ele concordou.

Halt estava saltando com facilidade para a sela de Abelard e Horace o imitou, montando Kicker, seu cavalo de batalha. O movimento provocou um coro de exclama-

ções admiradas das meninas. Ele sentiu o rosto ficar vermelho de novo. Halt olhou para ele de um jeito que parecia pena misturada com divertimento. Balançando a cabe-

ça, ele fez o cavalo se afastar do cais pela rua lotada e estreita nas margens da água.

Montado, Horace sentiu a onda habitual de confiança que sentia ao montar no lombo de um cavalo. E com ela veio a sensação de igualdade em relação àqueles estrangeiros apressados e tagarelas. Agora, parecia que ninguém estava correndo para se divertir às custas dele, pedir-lhe esmolas ou disparar insultos em seu rosto. Havia um respeito natural das pessoas que andavam a pé em re-lação a homens montados e armados. Sempre tinha sido dessa maneira em Araluen, mas parecia que em Gálica a vantagem era ainda maior. As pessoas ali se moviam com mais entusiasmo para abrir caminho para os dois cavaleiros e o pequeno

cavalo robusto de carga que os seguia.

Ocorreu a Horace que talvez as leis não fossem tão imparciais em Gálica como em sua terra natal. Em Araluen, os pedestres davam lugar a homens montados por uma questão de bom senso. Ali eles pareciam apreensivos e até temerosos. Ele ia perguntar a Halt sobre a diferença e tinha até respirado fundo para começar a falar quando se interrompeu. Halt o censurava constantemente por causa de suas perguntas e, decidido a controlar a curiosidade, resolveu falar no assunto quando parassem para a refeição do meio-dia.

Satisfeito com a decisão, acenou com a cabeça para si mesmo. Então outro pensamento lhe ocorreu e, antes que pudesse impedir, tinha começado a fazer outra pergunta.

— Halt? — ele chamou tímido.

Ele ouviu um suspiro profundo vindo do homem baixo e magro que cavalgava a seu lado. Mentalmente, deu um chute em si mesmo.

— Pensei que você estava doente — Halt disse sé-

rio. — Não se passaram mais de 2 ou 3 minutos desde que você me fez uma pergunta.

Decidido, Horace continuou.

— Uma daquelas meninas... — ele começou e imediatamente sentiu os olhos do arqueiro sobre ele. — . .

estava usando uma saia muito curta.

Houve uma pausa muito breve.

— Sim? — Halt replicou sem ter certeza do rumo que a conversa ia tomar.

Horace deu de ombros, pouco à vontade. A lembrança da menina e de suas pernas bem feitas fez suas faces corarem de constrangimento novamente.

— Bem — ele continuou hesitante. — Eu só me perguntei se isso é normal, isso é tudo.

Halt analisou o jovem rosto sério ao seu lado. Ele pigarreou várias vezes.

— Acho que às vezes as meninas de Gálica aceitam emprego como mensageiras — ele contou.

— Mensageiras? — Horace repetiu com a testa franzida. Mensageiras. Elas levam mensagens de uma pessoa para outra.

Ou de uma oficina para outra nas cidades e vilas —

Halt verificou se Horace dava a impressão de estar acredi-tando nele. Parecia não haver motivos para pensar de outra forma. — Mensagens urgentes — ele acrescentou.

Mensagens urgentes — Horace repetiu, ainda sem entender a ligação.

Mas ele parecia inclinado a acreditar no que Halt lhe dizia, de modo que o homem mais velho continuou.

— E eu acho que, quando a mensagem é realmente muito urgente, é preciso correr.

Então ele viu um brilho de compreensão nos olhos do garoto. Horace assentiu várias vezes quando finalmente ligou os fatos.

Então, as saias curtas... servem para ajudar as meninas a correrem com mais facilidade? — ele indagou, e Halt assentiu.

— Certamente é um traje mais adequado do que saias compridas, se você precisa correr muito.

Ele lançou um olhar rápido para Horace para ver se a brincadeira não iria se voltar contra ele: na verdade, para verificar se o garoto tinha percebido que Halt estava falando bobagens e simplesmente pregando uma peça nele.

Contudo, a expressão de Horace se mostrava aberta e cré-

dula.

Acho que sim — Horace respondeu finalmente. —

E elas também ficam muito mais bonitas desse jeito — ele acrescentou em voz baixa.

Halt olhou para ele de novo, mas Horace parecia estar contente com a resposta. Por um momento, Halt se arrependeu de sua artimanha e sentiu uma ponta de culpa.

Afinal, Horace era uma pessoa que confiava totalmente nele, por isso era fácil brincar com ele dessa forma. Então o arqueiro olhou para aqueles límpidos olhos azuis e para o rosto honesto e satisfeito do aprendiz de guerreiro e afastou qualquer sentimento de arrependimento. Horace tinha muito tempo para aprender sobre o lado mais desagradável da vida. Ele podia conservar a inocência por um pouco mais de tempo.

Eles deixaram La Rivage pelo portão norte e se di-rigiram para as fazendas que a cercavam. A curiosidade de Horace continuou forte como sempre, e ele olhava de um lado para outro, enquanto a estrada os levava pelos campos, plantações e casas. O interior era diferente em Araluen. Ali havia diferentes variedades de árvores e, como resultado, havia diversos tons de verde. Algumas das planta-

ções também eram desconhecidas: folhas grandes e largas sobre hastes da altura de um homem eram deixadas para secar e, aparentemente, para murchar na haste antes de serem colhidas. Em vários lugares, Horace viu as mesmas folhas penduradas em grandes galpões sem paredes, se-cando ainda mais. Ele se perguntou que tipo de planta seria aquela. Mas, como antes, decidiu guardar as perguntas para depois.

Havia outra diferença, apesar de mais sutil. Durante algum tempo, Horace nem mesmo a percebeu. Os campos e plantações pareciam um tanto abandonados. Elas recebiam cuidados, é verdade, e alguns dos campos tinham sido arados, mas parecia lhes faltar o cuidado cari-nhoso e meticuloso que se via nos campos e plantações em casa. Era possível perceber a falta de atenção dos fazendeiros e, em alguns lugares, as ervas daninhas eram claramente visíveis.

— É a terra que sofre quando os homens lutam —

Halt murmurou com um suspiro.

Horace olhou para ele. Não era comum o próprio arqueiro quebrar o silêncio.

— Quem está lutando? — ele perguntou com súbi-to interesse.

— O povo de Gálica — Halt respondeu coçando a barba. — Não há uma lei central forte aqui. Há dúzias de nobres e barões de menor importância. Opressores, se você preferir. Eles estão constantemente atacando uns aos outros e lutando entre si. É por esse motivo que os campos estão tratados com tanto desleixo. Metade dos fazendeiros foi recrutada por algum exército.

Horace olhou para os campos que margeavam os dois lados da estrada. Não havia sinais de batalha ali. Apenas negligência. Um pensamento lhe veio à cabeça.

— É por isso que as pessoas pareciam um pouco. .

nervosas com a nossa presença? — ele perguntou, e Halt assentiu com ar de aprovação.

— Você percebeu isso, não foi? Bom garoto. Então ainda existe esperança para você. Sim — ele continuou, respondendo a pergunta de Horace —, homens armados e montados neste país são vistos como possível ameaça, não como defensores da paz.



Em Araluen, os fazendeiros procuravam os soldados para protegê-los, assim como a seus campos, da ameaça de possíveis invasores. Ali, Horace percebeu que os próprios soldados eram a ameaça.

— O país está vivendo numa grande agitação —

Halt continuou. — O rei Henri é fraco e não tem verdadeiro poder. Assim, os barões lutam, discutem e matam uns aos outros. Se bem que isso não é uma grande perda.

Mas é muito injusto quando matam os pobres fazendeiros também, simplesmente porque eles atrapalham. Isso pode ser um problema para nós, mas nós só temos que. . ah, droga.

As duas últimas palavras foram ditas em voz baixa, mas não com menos

intensidade. Horace, seguindo o olhar de Halt, observou a estrada.

Eles estavam descendo uma pequena colina em que o caminho era cercado dos dois lados por um arvoredo espesso. No pé da colina, atravessado por uma ponte de pedra, um pequeno riacho corria entre os campos e as árvores. Era uma cena tranquila e bastante normal e, de seu jeito, muito bonita.

Mas não foram as árvores, nem a ponte, nem o riacho que tinham provocado o comentário de Halt. Era o guerreiro montado e armado que estava com o cavalo no meio da estrada bloqueando a passagem.





Evanlyn sentiu o leve toque de Will no ombro. A surpresa a fez estremecer. Apesar de estar acordada, não tinha ouvido sua aproximação.

— Está tudo bem — ela disse baixinho. — Estou acordada.

— A Lua está escondida — Wil respondeu com a voz igualmente baixa. — É hora de ir.

Evanlyn jogou os cobertores para longe e se sentou. Estava totalmente vestida, com exceção das botas.

Ela as pegou e começou a calçá-las. Will l estendeu um amontoado de trapos que tinha cortado dos cobertores.

— Amarre isso nos seus pés — ele disse. — Eles vão abafar o barulho no cascalho.

Ela viu que ele tinha envolvido os pés em grandes quantidades de tecido e se apressou em fazer o mesmo.

Através da parede fina entre a varanda e o dormitó-

rio, ela ouviu o ronco e os resmungos dos homens que dormiam. Um dos escandinavos teve um acesso de tosse, que deixou Will e Evanlyn paralisados, esperando para ver se alguém tinha acordado. Depois de alguns minutos, o



dormitório ficou em silêncio novamente. Evanlyn terminou de envolver os pés com as tiras de pano, levantou-se e seguiu Wil até a porta.

Ele tinha lubrificado as dobradiças da porta da varanda com gordura da cozinha. Prendendo a respiração, Will abriu a porta devagar; soltando um suspiro de alívio quando ela não rangeu. Sem Lua, a praia era uma faixa escura, e a água um lençol negro que refletia levemente a luz das estrelas. O tempo tinha estado bom nos últimos dias. A noite estava clara e o vento tinha diminuído consideravelmente, mas eles ainda podiam ouvir o seco ribom-bar das ondas batendo contra a face externa da ilha.

Evanlyn mal enxergava o contorno imenso dos dois navios puxados para a praia. De um lado, havia uma forma menor: um bote, deixado ali por Svengal depois de sua última pescaria. Era para lá que eles estavam indo.

Pacientemente, Will mostrou a rota que tinha escolhido. Eles a tinham examinado antes, naquela noite, mas ele queria ter certeza de que ela se lembrava. Mover-se sem ser visto era quase uma segunda natureza para Will, mas ele sabia que Evanlyn ficaria nervosa quando estivesse do lado de fora e iria querer chegar aos navios depressa.

E velocidade significava barulho e uma chance maior de serem vistos ou ouvidos. Ele colocou a boca bem junto do ouvido dela e sussurrou o mais baixo que pôde.

— Fique calma. Os bancos primeiro. Depois as pedras. Depois os navios. Espere por mim ali.

Ela assentiu. Will viu quando ela engoliu em seco nervosa e percebeu que a respiração dela tinha se acelerado. Ele apertou o braço dela com delicadeza.

— Se acalme. E lembre: se alguém sair, fique imó-

vel. Onde você estiver.

Aquele era o segredo de um bom resultado num local pouco iluminado como aquele. Um vigia poderia não ver uma pessoa que estivesse totalmente imóvel, mas o menor movimento chamaria a atenção imediatamente.

Ela assentiu novamente, e ele lhe deu um tapinha no ombro.

— Agora vá — ele disse.

Evanlyn respirou fundo outra vez e saiu para o ar livre. Ela se sentiu terrivelmente exposta ao andar na dire-

ção do abrigo dos bancos e da mesa a dez metros de distância das cabanas. As fracas luzes das estrelas agora pareciam tão brilhantes quanto a do dia e Evanlyn se obrigou a caminhar devagar, pisando com cuidado, lutando contra a tentação de correr para o esconderijo.

Os panos que cobriam os pés resolveram o problema de abafar o som de seus passos, mas mesmo assim o rangido do cascalho parecia ensurdecedor para ela. Quatro passos a mais... três... dois... um.

Com o coração aos pulos e o pulso acelerado, ela mergulhou agradecida na sombra da mesa e dos bancos rústicos. Seu próximo alvo era um pequeno amontoado de pedra a meio caminho da praia. Ela hesitou, querendo ficar na confortável sombra oferecida pela mesa, mas sabia que se não fosse logo talvez nunca tivesse coragem de se mover. Saiu dali decidida, um pé depois do outro, encolhendo-se por causa dos rangidos abafados das pedras debaixo dos pés. Essa parte do trajeto a levou diretamente para a frente da porta do dormitório. Se algum dos escandinavos saísse, ela seria vista.

Ela chegou ao abrigo das pedras e sentiu a proteção das sombras envolvê-la mais uma vez. A parte mais difícil da travessia tinha terminado. Ela esperou alguns segundos até que sua pulsação se normalizasse e então se dirigiu pa-ra os navios. Agora que estava quase lá, queria desesperadamente correr. Mas lutou contra a tentação e andou devagar e com cuidado na escuridão ao lado do Wolf Fang.

Extremamente cansada, deixou-se cair nas pedras úmidas, recostou-se nas tábuas

do navio e esperou que Will a seguisse.

Nuvens espalhadas atravessavam o céu e estendiam várias sombras mais escuras sobre a praia. Will fez seus movimentos acompanharem o ritmo do vento e das nuvens e andou com passos firmes pela trilha que Evanlyn tinha acabado de seguir. Surpresa, ela prendeu a respiração quando teve a impressão de que ele desapareceu depois dos primeiros metros, confundindo-se no movimento da luz e da sombra e se tornando parte da paisagem. Ela o viu de novo, rapidamente, nos bancos e depois nas pedras.

Depois ele pareceu surgir do chão a alguns metros dela.

Evanlyn balançou a cabeça espantada. “Não é à toa que as pessoas imaginam que os arqueiros são mágicos”, ela pensou. Sem perceber a reação dela, Wil sorriu rapidamente e se aproximou para que pudessem falar.

— Tudo bem? — ele perguntou em voz baixa. —

Tem certeza de que quer fazer isso? — acrescentou quando ela assentiu.

— Tenho, sim — Evanlyn respondeu sem hesita-

ção.

Ele lhe deu um aperto no ombro num gesto de encorajamento.

— Que bom.

Will olhou ao redor. Agora eles estavam longe das cabanas e havia poucas possibilidades de suas vozes serem ouvidas. O vento, embora não tão forte quanto antes, também ajudava a disfarçá-las. Ele sentiu que algum estí-

mulo seria bom para Evanlyn e então apontou o bote.

— Lembre-se de que essa coisa é pequena. Não é como os navios. Ele vai navegar sobre ondas grandes, não vai atravessar elas. Vamos ficar tão seguros como se estivéssemos numa casa.

Will não tinha muita certeza sobre as duas últimas afirmações, mas elas lhe pareceram lógicas. Ele tinha observado as gaivotas e os pinguins ao redor da ilha

flutuando nas ondas imensas e pareceu que, quanto menor era o objeto, mais seguro se estava.

Ele estava carregando um odre de vinho roubado da despensa. Tinha jogado fora a bebida e enchido o reci-piente com água. Ela não tinha um gosto muito bom, mas os manteria vivos. “Além disso”, pensou filosoficamente,

“quanto pior for o gosto, mais tempo ela vai durar.” Ele o colocou com cuidado no fundo do bote e levou alguns minutos para verificar se os remos, o leme e o pequeno mastro e as velas estavam guardados em segurança. A ma-ré estava subindo e fazia a água bater quase na borda do barco. Wil sabia que ela não iria subir mais e que em alguns minutos eles teriam que partir. E ele e Evanlyn estariam a caminho. Vagamente, sabia que a costa da Teutônia ficava em algum ponto ao sul de onde estavam. Ou talvez eles encontrassem algum navio, já que parecia que as tempestades de verão estavam desaparecendo. Ele não pensava muito no futuro, só sabia que não podia continuar vivendo como prisioneiro. Se fosse o caso, preferia morrer tentando ser livre.

— Não podemos ficar sentados aqui a noite toda

— ele disse. — Vá para o outro lado e vamos pôr esse bote na água. Levante e depois empurre.

Segurando nas laterais do barco, eles levantaram e empurraram juntos. Primeiro, o bote ficou firmemente preso no cascalho, mas depois de alguns minutos de esforço, ele começou a deslizar com mais facilidade.

Logo ele flutuou e os dois subiram a bordo. Will deu um último empurrão com o pé e o bote se afastou da praia. O garoto sentiu uma onda de triunfo e então percebeu que não tinha tempo para comemorar. Evanlyn, páli-da e nervosa, estava se segurando nas amuradas de ambos os lados enquanto o barco era balançado pelas pequenas ondas.

— Até agora, tudo certo — ela disse.

Mas a voz dela traía o nervosismo que sentia. Desajeitado, Wil ajeitou os remos nas forquetas. Ele tinha observado Svengal fazê-lo dezenas de vezes, mas constatou que ver e fazer eram duas coisas diferentes e, pela primeira vez, sentiu uma pontada de dúvida. Talvez ele estivesse assumindo uma tarefa maior do que pudesse realizar. Sem habilidade, tentou movimentar os remos, batendo na água

e puxando. Ele errou do lado esquerdo, fazendo o bote virar e quase caiu no chão.

— Devagar — Evanlyn aconselhou e ele tentou novamente com mais cuidado.

Desta vez, ele sentiu um forte e bem-vindo impulso para a frente. Wil se lembrou de ter visto Svengal girando os remos ao fim de cada movimento para evitar que as lâminas batessem na água. Quando ele fez a mesma coisa, sua tarefa ficou mais fácil. Mais confiante, continuou a remar e o barco se moveu com mais suavidade. A maré estava bem alta e, quando Evanlyn olhou para a praia, sentiu uma onda de medo ao ver o quanto estavam longe.

Will percebeu a reação dela.

— O barco vai andar mais depressa assim que estivermos em alto-mar — ele garantiu entre uma remada e outra. — Nós estamos bem onde as ondas quebram.

— Wil ! — ela gritou alarmada. — Tem água no bote!

Os panos que envolviam os pés de Evanlyn tinham evitado que ela sentisse a água até aquele momento, mas, quando ficaram encharcados, conseguiu vê-la subindo e descendo por entre as tábuas.

— É só um pouco de espuma — ele disse despreocupado. — Vamos tirar tudo quando estivermos mais longe do porto.

— Não é espuma! — ela replicou com voz aguda.

— O bote está fazendo água! Olhe!

Ele olhou para baixo e o coração começou a bater acelerado. Evanlyn tinha razão. A água estava a vários centímetros acima das tábuas do fundo e parecia estar subindo mais.

— Oh, meu Deus! — ele exclamou. — Comece a tirar a água, depressa!

Havia um pequeno balde na popa. Evanlyn o pegou e começou a jogar água sobre a beirada freneticamente.

Mas o nível estava subindo lentamente e Wil pôde sentir o bote responder mais

pesadamente à medida que mais água entrava.

— Volte! Volte! — Evanlyn gritou.

Qualquer preocupação com a discrição tinha sido abandonada. Wil assentiu com um gesto de cabeça, ocupado demais para falar, e empurrou um dos remos desesperado, fazendo o bote virar em direção da praia. Agora ele tinha que lutar contra a maré, e o pânico o deixava desajeitado. Ele errou um movimento, perdeu o equilíbrio e quase soltou um dos remos. Com a boca seca de medo, agarrou o remo, impedindo-o de cair na água no último instante. Evanlyn, tirando a água do barco desesperada, percebeu que estava pondo tanta água para dentro quanto estava pondo para fora. Ela lutou contra a sensação de pânico que tomava conta dela e se obrigou a baldear a á-

gua com mais calma. “Assim é melhor”, pensou. Mas a água ainda estava vencendo.

Felizmente, Will teve o bom senso de mover o bote para onde a correnteza não era tão forte, fazendo que co-meçasse a ganhar impulso. Mas ele ainda estava afundan-do e, quanto mais afundava, mais depressa a água entrava.

E mais difícil era remar.

— Continue remando! Reme com todas as suas forças! — Evanlyn estimulava.

Ele grunhia, empurrando os remos desesperadamente, arrastando o bote lento de volta à praia. Eles quase tinham conseguido. Estavam a três metros da praia quando o pequeno barco finalmente afundou. O mar subiu pelas beiradas e, enquanto os dois se debatiam exaustos com água pela cintura, Wil se deu conta de que, livre do peso, o bole estava flutuando novamente logo abaixo da superfície. Ele o pegou e guiou de volta para a beirada, seguido por Evanlyn.

— Tentando se matar? — uma voz ríspida perguntou.

Eles olharam e viram Erak parado na beira da água.

Vários de seus tripulantes estavam parados atrás dele com um largo sorriso no rosto.

— Jarl Erak. . — Wil começou, mas parou em seguida.

Não havia nada a dizer. Erak estava virando um pequeno objeto nas mãos e o entregou a Wil .

— Talvez você tenha esquecido isso — ele disse com a voz ameaçadora.

Will analisou o objeto. Era um pequeno cilindro de madeira de aproximadamente seis centímetros de comprimento e dois de diâmetro. Ele o examinou sem entender.

— É o que nós, simples marinheiros, chamamos de tampão — Erak explicou irônico. — Ele impede a água de entrar no bote. Geralmente é uma boa ideia verificar se está no lugar.

O desânimo tomou conta de Wil . Ele estava encharcado, exausto e trêmulo por causa do imenso medo sentido nos últimos 10 minutos. E, principalmente, muito desanimado por causa do fracasso. Um pedaço de cortiça!

Seus planos tinham sido arruinados por causa de um mal-dito tampão de cortiça! Então uma mão forte agarrou a frente de sua camisa e ele foi erguido do chão, ficando com o rosto a poucos centímetros da expressão furiosa de Erak.

— Nunca pense que sou um idiota, garoto! — o escandinavo rosnou para ele. — Se você tentar qualquer coisa parecida com isso de novo, vou arrancar sua pele!

Ele se virou para incluir Evanlyn na ameaça.

— Estou falando de vocês dois!

Erak esperou até ter certeza de que o recado tinha atingido o destino e então soltou Wil . Totalmente derro-





tado, o aprendiz, de arqueiro caiu estendido nas pedras duras da praia.

— Agora voltem para, a cabana! — Erak ordenou.





— Estava fácil demais... — Halt murmurou num tom aborrecido.

Um pouco mais adiante, a ponte em arco cobria o pequeno riacho. Sentado em um cavalo entre os dois viajantes e a ponte, estava um cavaleiro usando uma armadura completa.

Halt colocou a mão sobre o ombro e pegou uma flecha da aljava. Posicionou-a no arco sem mesmo ver o que estava fazendo.

— O que foi, Halt? — Horace indagou.

— É o tipo de bobagem que esses gauleses fazem quando estou com pressa de seguir viagem — ele resmungou, balançando a cabeça irritado. — Esse idiota vai nos cobrar algum pedágio para permitir que a gente atravesse sua preciosa ponte.

No exato momento em que falava, o homem de armadura levantou a viseira com as costas da mão direita.

Foi um movimento desajeitado, agravado pelo fato de estar segurando uma lança pesada de 3 metros nessa mão.

Ele quase a deixou cair e conseguiu batê-la contra a lateral do capacete, uma ação que provocou um tinido que chegou até os dois viajantes.

— Arretez là mês seigneurs, avant de passer de pont-ci! —

ele disse num tom de voz um tanto agudo.

Horace não compreendeu nada, mas o tom era in-confundivelmente arrogante.

— O que ele disse? — Horace quis saber, mas Halt só fez um gesto de cabeça para o cavaleiro.

— Que ele fale a nossa língua, se quiser conversar com a gente — ele retrucou zangado. — Araluenses! —

ele disse para o homem em voz alta.

Mesmo daquela distância, Horace percebeu o dar de ombros desdenhoso do outro homem quando Halt mencionou sua nacionalidade. Então, o cavaleiro tornou a falar, e seu sotaque forte deixava as palavras tão difíceis de serem reconhecidas como quando tinha falado galês.

— Vocês, meus senhores, não podem cruzar a minha ponte sem pagar um tributo — ele avisou.

Horace franziu a testa.

— O quê? — ele perguntou a Halt, e o arqueiro se virou para ele.

— É terrível, não é? Os “senhores”, isto é, nós, é claro, não podemos cruzar a ponte dele sem pagar um tributo.

— Um tributo? — Horace repetiu.

— É uma forma de assalto de estrada — Halt explicou. — Se houvesse leis de verdade neste país idiota, pessoas como o nosso amigo ali nunca se safariam de uma coisa dessas. Desse jeito, eles podem fazer o que bem en-tendem. Cavaleiros se instalam em pontes ou encruzilhadas e exigem que as pessoas paguem um tributo para passar. Se não puderem pagar, elas podem lutar com ele.

Como a maioria dos viajantes não está equipada para lutar com um cavaleiro vestido com uma armadura completa, eles pagam.

Horace se acomodou na sela e estudou o homem montado. Ele estava trotando com o cavalo de um lado para outro numa clara demonstração de força que tinha a intenção de desencorajar os viajantes. Seu escudo em formato triangular exibia o brasão com a cabeça de um veado. Ele usava uma armadura completa coberta por um casaco azul que também mostrava o símbolo da cabeça de veado. Usava luvas de metal, grevas sobre as canelas e um capacete arredondado com um visor deslizante, aberto naquele momento. O rosto debaixo do visor era magro e tinha um nariz proeminente e pontudo. Um bigode largo saía de ambos os lados da abertura do visor.

Horace imaginou que o cavaleiro enfiava suas pontas para dentro quando o abaixava.

— Então, o que vamos fazer? — ele perguntou.

— Bom, acho que vou ter que atirar nesse idiota.

— Halt replicou num tom de voz um tanto resignado. —

Até parece que vou pagar tributo para todos os bandidos que surgem na minha frente e pensam que o mundo deve uma vida fácil para eles. Mas isso pode ser um grande aborrecimento.

— Por quê? — Horace retrucou. — Se ele anda por aí procurando briga, quem vai se importar se ele morrer? Ele merece.

Halt apoiou o arco com a flecha já posicionada e pronta na sela.

— Tem a ver com o que esses idiotas chamam de honra entre cavaleiros — ele explicou. — Se ele for morto ou ferido por outro cavaleiro num combate, isso pode ser perdoado. É lamentável, mas perdoável. Por outro lado, se eu colocar uma flecha naquela cabeça vazia, isso seria considerado uma trapaça. Ele certamente tem amigos ou parentes na região. Esses tontos geralmente viajam em bando, li, se eu matar ele, eles vão vir atrás de nós. Como eu disse, é um tremendo aborrecimento.

Suspirando, ele começou a levantar o arco.

Horace olhou mais uma vez para a figura imperiosa à frente deles. O homem parecia totalmente indiferente ao fato de estar a segundos de um final bastante complicado.

Naturalmente, ele não conhecia muito sobre arqueiros e estava confiante por usar uma armadura. Ele parecia não ter ideia de que Halt podia atirar uma flecha no visor fechado do capacete, se quisesse. O visor aberto parecia um alvo quase fácil demais para alguém com a habilidade de Halt.

— Você quer que eu cuide disso? — Horace finalmente se ofereceu, embora um pouco hesitante.

Halt, com o arco quase pronto para atirar, reagiu com surpresa.

— Você? — ele perguntou.

— Você sabe que ainda não sou um cavaleiro completo, mas acho que posso dar conta dele. E, enquanto os amigos dele acreditarem que ele foi derrotado por outro cavaleiro, ninguém vai vir atrás de nós, certo?

— Senhores! — o homem gritou impaciente. —

Obedeçam à minha ordem!

Horace olhou para Halt de um jeito interrogativo.

— Precisamos responder. Tem certeza de que não está assumindo uma tarefa grande demais para você? — o arqueiro perguntou. — Afinal, ele é um cavaleiro totalmente qualificado.

— Bem. . sim — Horace disse sem jeito.

Ele não queria que Halt pensasse que estava se gabando.

— Mas ele não é mesmo muito bom, é?

— Não é? — Halt retrucou irônico e, para sua surpresa, o garoto negou com um gesto de cabeça.

— Não, não muito. Veja como ele se senta no cavalo. O equilíbrio dele é péssimo. E ele já está segurando a lança com muita força, entendeu? E tem também o escudo. Ele está baixo demais para se proteger de um repentino juliette, você não concorda?

— E o que é um juliette? — Halt perguntou curioso.

— É quando se muda o alvo da lança de repente —

Horace explicou sério sem perceber a nota de sarcasmo na voz do arqueiro. — Você começa visando ao escudo na altura do peito e então, no último momento, levanta a ponta na direção do capacete.

Ele fez uma pausa e então acrescentou com um le-ve tom de desculpas:

— Eu não sei por que se chama juliette. Só sei que é assim.

Houve um longo silêncio entre eles. Halt podia ver que o menino não estava se gabando. Ele realmente parecia saber do que falava. Pensativo, o arqueiro coçou o rosto. Talvez fosse útil verificar se Horace era mesmo bom.

Se as coisas ficassem difíceis para o lado dele, Halt sempre poderia voltar para o Plano A e simplesmente atirar no tagarela vigia da ponte. Contudo, havia um pequeno problema.

— Mas você não vai poder realizar nenhum “juliette”. Parece que você não tem uma lança.

— É verdade — Horace assentiu. — Vou ter que usar o primeiro movimento para derrubar a lança dele.

Isso não deve ser um grande problema.

— Senhores! — o cavaleiro gritou. — A sua resposta!

— Ah, cale a boca — Halt resmungou para o homem. — Então isso não deve ser um problema, certo?

Horace apertou os lábios e balançou a cabeça num gesto determinado.

— Bom, olhe para ele, Halt. Ele quase deixou a lança cair três vezes enquanto estamos aqui. Uma criança poderia tirar ela dele.

Halt teve de sorrir quando ouviu aquilo. Ali estava Horace, pouco mais que um garoto, declarando que uma criança poderia tirar a lança do cavaleiro que bloqueava a passagem deles. Então Halt se lembrou do que ele fazia quando tinha a idade de Horace e da batalha do garoto contra Morgarath, um oponente muito mais perigoso do que a figura ridícula na ponte. Ele avaliou o menino mais uma vez e viu nada além de determinação e uma confiança tranquila ali.

— Você sabe mesmo do que está falando, não é?

— ele indagou. E, apesar de ter feito uma pergunta, suas palavras eram mais uma constatação. Horace assentiu mais uma vez.

— Não sei como, Halt. Só tenho um pressentimento para coisas desse tipo. Sir Rodney disse que tenho uma habilidade inata.

Gilan tinha dito a mesma coisa para Halt depois do combate nas Planícies de Uthal. De repente, Halt tomou uma decisão.

Tudo bem — ele concordou. — Vamos tentar do seu jeito. Ele se virou para o cavaleiro impaciente e falou com ele em voz alta.

— Sir, meu companheiro prefere enfrentar o senhor numa batalha de cavaleiros! — ele avisou.

O homem ficou rígido e ajeitou o corpo na sela.

Halt percebeu que ele quase perdeu o equilíbrio diante daquele comunicado inesperado.

— De cavaleiros? — ele repetiu. — O seu companheiro não é um cavaleiro!

Halt assentiu com exagero, certificando-se de que o homem veria o gesto.

— Ah, sim, ele é! — Halt contou. — Ele é sir Horace, da Ordem da *Feuil e du Chêne*.

Ele fez uma pausa e murmurou para si mesmo.

— Ou eu deveria ter dito *Crepe du Chêne?* Não importa.

— O que você disse a ele? — Horace perguntou, tirando o escudo das costas e ajeitando-o no braço esquerdo.

— Eu disse que você é sir Horace da Ordem da Folha do Carvalho — Halt contou. — Pelo menos, acho que foi isso o que eu disse — ele acrescentou indeciso. —

Talvez eu tenha dito que você pertence à Ordem da Pan-queca.

Horace olhou para ele com uma leve ponta de desapontamento no olhar. Ele levava as regras da ética da cavalaria muito a sério e sabia que ainda não tinha o direito de usar o título de “sir Horace”.

— Isso foi mesmo necessário? — ele perguntou, e o arqueiro assentiu.

— Ah, sim. Você sabe que ele não vai lutar com qualquer um. Precisa ser um cavaleiro. Não acho que ele tenha percebido que você está sem armadura — ele acrescentou, quando Horace ajeitou com firmeza o capacete cônico na cabeça.

Ele já tinha arrumado a malha de ferro que levava jogada sobre os ombros, debaixo da capa. Ele a desamarrou e procurou um lugar para deixá-la, mas Halt estendeu a mão para pegá-la.

— Deixe que eu seguro — ele se ofereceu, pegando a vestimenta e dobrando-a sobre a sela.

Horace percebeu que, quando fez isso, Halt tomou cuidado para não cobrir o arco. O aprendiz fez um gesto na direção da arma.

— Você não vai precisar disso — ele garantiu.

— Já ouvi isso antes — Halt respondeu e então olhou novamente para a ponte quando o vigia chamou outra vez.

— O seu amigo não tem lança — ele disse, gesticu-lando com a arma de 3 metros de comprimento coroada por uma ponta de ferro.

— Sir Horace propõe que vocês lutem com a espada — Halt respondeu, e o cavaleiro balançou a cabeça violentamente.

— Não! Não! Eu vou usar a minha lança!

Halt ergueu uma sobrancelha na direção de Horace.

— Parece que ele não se importa se você é cavaleiro ou não, mas esqueça tudo, se isso representar esquecer uma vantagem de 3 metros ele disse em voz baixa.

— Isso não é problema — Horace disse com calma, dando de ombros.

Então, um pensamento lhe veio à cabeça.





— Halt, tenho mesmo que matar ele? Quer dizer, posso lidar com ele sem ter que ir tão longe.

Halt pensou na pergunta.

— Bom, não é obrigatório — ele disse ao aprendiz.

— Mas não se arrisque. Afinal, ele merece ser morto. Talvez ele não ficasse tão ansioso em cobrar tributos dos pas-santes depois disso.

Foi a vez de Horace olhar para Halt intrigado. O

arqueiro deu de ombros.

— Bem, você sabe o que eu quis dizer — ele replicou. — Apenas se certifique de que você esteja bem antes de deixar ele ir embora.

— *Seigneur!* — o cavaleiro gritou, colocando a lança debaixo do braço e batendo as esporas nos flancos do cavalo. — *En garde!* Vou acabar com você!

Houve um rápido raspar de aço sobre couro, quando Horace puxou a longa espada da bainha e virou Kicker para ficar de frente para o oponente, pronto para atacá-lo.

— Não vou demorar nem um minuto — ele disse a Halt, e então Kicker se afastou, atingindo alta velocidade no espaço de alguns metros.



Depois da tentativa frustrada de fuga, Will e Evanlyn foram proibidos de se afastar mais de cinquenta metros das cabanas. Não houve mais corridas nem exercícios. Erak encontrou uma nova série de tarefas para os dois prisioneiros realizarem, desde consertar os colchões de corda no dormitório a vedar as tábuas do casco do Wolfwind com piche e pedaços de corda rasgados. Era um trabalho pesado e desagradável, mas Evanlyn e Will o aceitaram sabiamente.

Confinados dessa maneira, eles não podiam evitar perceber a crescente tensão entre os dois grupos de escandinavos. Slagor e seus homens, aborrecidos e procurando distração, tinham sugerido em voz alta que os dois araluenses fossem chicoteados. Slagor, lambendo os lá-

bios, tinha até se oferecido para ele mesmo realizar a tarefa.

Com aspereza, Erak mandou Slagor cuidar da pró-

pria vida. Ele estava ficando cada vez mais cansado dos modos zombeteiros e exibicionistas do capitão e da maneira dissimulada como seus homens roubavam a tripula-

ção do Wolfwind e escarneciam dela. Slagor era um covarde e um encrenqueiro e, quando Erak o comparava aos dois prisioneiros, se surpreendia ao descobrir que tinha mais em comum com Will e Evanlyn do que com seu conterrâneo. Ele não guardava rancor contra os dois, por tentarem escapar. Se estivesse no lugar deles, teria tentado fazer a mesma coisa. E ter Slagor perseguindo-os para um divertimento perverso fazia que ele, de certa forma, se aproximasse dos garotos.

Quanto aos homens de Slagor, Erak tinha a forte opinião que eles eram o lixo coletivo que empesteava o ar fresco de Skorghijl.

A situação explodiu numa noite durante o jantar.

Will estava colocando pratos e várias facas para carne nu-ma das mesas e Evanlyn estava servindo sopa onde Erak e Slagor estavam sentados com os chefes de suas tripula-

ções. Quando ela se inclinou entre Slagor e seu primeiro colega, o capitão se virou na cadeira, abrindo os braços largamente, enquanto ria do comentário de um dos seus homens. Sua mão bateu com força contra o prato cheio, derramando sopa quente no braço nu.

Slagor gritou de dor e agarrou Evanlyn pelo pulso, arrastou-a para a frente e torceu o braço dela cruelmente, fazendo que ela se dobrasse desajeitadamente sobre a me-sa. A panela de sopa e o prato caíram no chão com estrondo.

— Garota maldita! Você me escaldou! Olhe para is-so, sua porca preguiçosa de Araluen!

Ele sacudiu o braço molhado perto do rosto dela, enquanto a segurava com a outra mão. Evanlyn ouvia a respiração ofegante nas narinas dele e sentiu o desagradá-

vel cheiro de seu corpo sujo.

— Sinto muito — ela disse depressa, encolhendo-se por causa da dor no braço que ele torcia com força ca-da vez maior. — Mas você bateu na concha.

— Então a culpa foi minha? Vou ensinar você a não responder para um capitão!

O rosto dele mostrava fúria quando estendeu a mão para pegar o chicote curto de três tiras de couro que levava no cinto. Ele o chamava de “encorajador” e alegava que o usava em remadores preguiçosos: uma afirmação negada pelos que o conheciam. Todos sabiam que ele não teria coragem de atacar um remador corpulento.

Mas uma jovem garota era diferente. Principalmente naquele momento em que estava bêbado e zangado.

O aposento ficou em silêncio. Do lado de fora, o sempre presente vento gemia contra as tábuas da cabana.

Do lado de dentro, a cena parecia ler ficado congelada por um momento na luz enfumaçada e incerta do fogo e das lamparinas a óleo em volta do aposento.

Erak, sentado do lado oposto de Slagor, praguejou baixinho. Do outro lado da sala, Will colocou a pilha de pratos na mesa devagar. Seu olhar, como o de todos os outros, estava em Slagor: na cor avermelhada e doentia do rosto e dos olhos, provocada pelo álcool, e na forma co-mo sua língua continuava a disparar para fora, entre os dentes manchados e quebrados, para molhar os lábios grossos. Sem ser notado, o aprendiz de arqueiro ficou com uma das facas, uma faca pesada de dois gumes usada para cortar carne de porco salgada na mesa. Com cerca de 20 centímetros de comprimento, era parecida com uma pequena faca de caça, aquela que ele conhecia muito bem depois de horas de treinamento com Halt.

Finalmente, Erak falou. Sua voz saiu baixa e o tom era moderado. Só isso foi suficiente para que sua tripula-

ção se levantasse e ficasse atenta. Quando Erak esbraveja-va e gritava,

normalmente estava brincando. Quando ficava quieto e intenso, eles sabiam que ele estava mostrando seu lado mais perigoso.

— Solte a menina, Slagor — ele ordenou.

Slagor fez cara feia, furioso com a ordem e o tom confiante de comando atrás dele.

— Ela me queimou! — ele berrou. — Ela fez de propósito e vai ser castigada!

Erak pegou seu copo e tomou um longo gole de cerveja. Quando falou de novo, mostrou todo o cansaço e aborrecimento que sentia em relação ao capitão.

— Vou dizer só mais uma vez. Solte a garota. Ela é minha escrava.

— Escravos precisam de disciplina — Slagor retrucou lançando um olhar rápido ao redor da sala. — Todos vimos que você não está disposto a fazer o que é preciso, portanto chegou o momento de alguém tomar uma atitude!

Percebendo que o capitão estava distraído, Evanlyn tentou se libertar, mas ele sentiu seu movimento e a segurou com facilidade.

Vários membros da tripulação do Wolf Fang, aqueles que mais tinham bebido, concordaram com aquelas palavras.

Erak hesitou. Ele podia simplesmente se inclinar e nocautear Slagor. Ele podia fazer isso até mesmo sem sair da cadeira. Mas isso não seria suficiente. Todos no aposento sabiam que ele poderia vencer Slagor numa luta e fazer isso não provaria nada. Ele estava cansado do homem e queria humilhá-lo e envergonhá-lo. Slagor não merecia menos e Erak sabia como atingir seu objetivo.

Ele suspirou, como se estivesse cansado de toda aquela situação, inclinou-se sobre a mesa e falou devagar, como se estivesse se dirigindo para um ser de inteligência inferior. O que, ele refletiu, resumia muito bem as capacidades mentais de Slagor.

— Slagor, enfrentei uma campanha dura, e esses dois são meu único lucro. Não vou permitir que você seja responsável pela morte de um deles.

— Você ficou muito mole com eles, Erak — Slagor sorriu com crueldade. —

Estou lhe fazendo um favor.

Além disso, umas boas chicotadas não vão matar a garota, só vão deixar ela mais obediente no futuro.

— Eu não estava falando sobre a garota — Erak retrucou com calma. — Eu me referi ao menino ali.

Ele fez um gesto com a cabeça até onde Wil estava em pé nas sombras tremeluzentes. Slagor seguiu seu olhar, assim como os outros.

— O menino? — ele franziu a testa sem compreender. — Não tenho intenção de machucar ele.

— Sei disso — Erak concordou. — Mas, se você tocar na garota com esse chicote, é quase certo que ele vai matar você. E então, para castigar o menino, vou ter que matar ele. E não estou preparado para perder todo esse lucro. Portanto, solte a menina.

Slagor franziu ainda mais a testa e sua expressão se encheu de raiva. Ele detestava ser motivo de piada para Erak e pensou, e quase todos os outros também, que o jarl apenas o estava subestimando ao insinuar que o pequeno garoto araluense podia vencê-lo numa briga.

— Você perdeu a cabeça, Erak — ele rosnou. — O

garoto é tão perigoso quanto um rato do campo. Posso quebrar ele ao meio com uma das mãos.

Ele fez um gesto com a mão livre, a que não estava segurando o braço de Evanlyn.

Erak sorriu para ele, mas não havia sinal de humor nesse sorriso.

— Ele pode matar você antes que dê um passo na direção dele. O tom extremamente calmo mostrou que ele não estava brincando.

Todos na sala perceberam isso e ficaram muito quietos. Slagor também percebeu. Ele franziu o cenho, tentando descobrir um meio de se livrar daquela situação. O

álcool tinha confundido seu raciocínio. Havia uma coisa que ele não estava entendendo. Ele começou a falar, mas Erak levantou a mão para impedi-lo.

— Acho que não podemos permitir que ele mate você para provar que estou certo — Erak afirmou parecendo relutante.

Ele procurou algo pela sala e seus olhos se ilumina-ram ao ver um pequeno barril de conhaque pela metade na extremidade da mesa.

— Empurre esse barril para cá — ele ordenou a Svengal.

Seu segundo no comando pôs uma das mãos no pequeno barril e o fez deslizar sobre a mesa rústica até chegar ao capitão. Erak o examinou com atenção.

— Esse barril tem o tamanho da sua cabeça gorda, Slagor — ele afirmou com um leve sorriso.

Então ele pegou a sua faca, que estava na mesa, e rapidamente fez duas marcas claras na madeira escura do casco.

— Vamos fazer de conta que estes são seus olhos.

Ele puxou o barril por cima da mesa e o colocou ao lado de Slagor, quase tocando o cotovelo dele. Murmúrios de expectativa atravessaram o aposento, enquanto os homens observam tudo se perguntando o que aconteceria em seguida. Apenas Svengal e Horak, que tinham estado com Erak na ponte, tinham uma vaga ideia do que seu jarl estava prestes a fazer. Eles sabiam que o garoto era aprendiz de arqueiro e tinham visto, em primeira mão, que ele era um adversário de respeito. Mas o garoto estava sem o arco, e os homens não sabiam o que Erak tinha visto: a faca que Wil segurava escondida debaixo do braço direito.

— Bem, garoto — Erak continuou —, esses olhos são um pouco próximos um do outro, mas os de Slagor também.

Houve um sussurro divertido entre os escandinavos e Erak agora falou diretamente com eles.

— O que vocês acham de todos olharmos com atenção e ver se alguma coisa aparece entre eles?

E, ao dizer isso, ele fingiu olhar bem para o barril sobre a mesa. Era quase inevitável que todos na sala seguissem seu exemplo. Wil hesitou um segundo, mas sentiu que poderia confiar em Erak. A mensagem que o líder dos escandinavos mandava era muito clara. Rapidamente, ele deu um impulso com o braço, e a faca atravessou girando o aposento.

Houve um leve clarão quando o instrumento em movimento passou pela luz avermelhada das lamparinas a óleo e do fogo. Então, com um forte “plac” a lâmina afiada entrou na madeira, quase no centro do espaço entre as duas marcas. O barril chegou a deslizar para trás uns dez centímetros por causa do impacto.

Slagor soltou um grito espantado e saltou para trás.

Inadvertidamente, soltou o braço de Evanlyn. A garota se afastou dele depressa e então, quando Erak fez um gesto de cabeça na direção da porta, ela saiu correndo do aposento despercebida na confusão.

Houve gritos sobressaltados por alguns momentos, e os homens de Erak começaram a rir e a aplaudir o feito notável. Até os homens de Slagor acabaram por participar, enquanto o skirl permanecia sentado observando-os carrancudo. Ele não era uma pessoa popular. Seus homens apenas o seguiam porque ele era rico o bastante para ter um navio para as suas pilhagens. Agora, muitos deles imi-tavam o grito rouco que ele tinha emitido quando a faca entrou no barril com um ruído forte.

Erak se levantou do banco e deu a volta na mesa, enquanto falava.

— Como você vê, Slagor, se o garoto tivesse mira-do a cabeça de madeira errada, você certamente estaria morto agora e eu teria que castigar ele com a morte.

Ele parou perto de Wil , sorrindo para Slagor, enquanto o skirl se curvava no banco, esperando o que viria em seguida.

— Desse jeito — Erak continuou —, eu simplesmente vou repreender ele por assustar alguém tão importante quanto você.

E, antes que Will percebesse, Erak lhe deu um mur-ro, com o punho fechado no lado da cabeça, que o jogou sem sentidos no chão. Ele olhou para Svengal e fez

um gesto na direção do vulto desacordado no chão de madeira áspera da cabana.



— Jogue esse sujeito desrespeitoso no quarto dele

— Erak ordenou.

Então, dando as costas para todos, saiu para a noite.

Do lado de fora, no ar frio e límpido, ele olhou pa-ra cima. O céu estava claro. O vento ainda soprava, mas estava calmo e se dirigia para o leste. Os ventos de verão tinham terminado.

— Chegou a hora de sair daqui — ele disse para as estrelas.





A batalha, se pudesse ser chamada assim, não durou mais que alguns segundos.

Os dois guerreiros montados dispararam na direção um do outro, fazendo os cascos de seus cavalos de batalha retumbarem na superfície não pavimentada da estrada, os torrões de terra girarem no ar atrás deles e a poeira se levantar numa nuvem que marcava a passagem dos dois.

O cavaleiro galês estava com a lança estendida. Halt podia ver agora a falha que Horace tinha percebido na técnica do seu oponente. Segura com muita firmeza no começo, a ponta da lança oscilava e se agitava com o movimento do cavalo. Se ele a segurasse com mais leveza e flexibilidade, a arma poderia ter mantido a ponta centrada no alvo. Daquela forma, a lança mergulhava, levantava e tremia a cada passo do animal.

Horace, por outro lado, cavalgava tranquilamente com a espada pousada num dos ombros, satisfeito em conservar a força até que chegasse o momento de agir.

Eles se aproximaram um do outro, escudo diante de escudo, como era normal. Halt tinha esperado de certa forma ver Horace repetir a manobra usada contra Morgarath e virar o cavalo para o outro lado no último momento. Entretanto, o

aprendiz continuou, mantendo a linha de ataque. Quando estava a cerca de 10 metros de distância, ele tirou a espada da posição de descanso e a fez descrever círculos no ar. Quando a ponta da lança se aproximou do escudo de Horace, a espada, ainda formando um círculo, a atingiu em cheio e a jogou para o alto, por cima da cabeça do garoto.

O movimento pareceu enganosamente fácil, mas Halt percebeu, enquanto observava, que o menino dominava a arte do manejo das armas com naturalidade. O cavaleiro galês, preparado para o impacto de sua lança no escudo de Horace, de repente se viu jogando o corpo contra o vazio. Ele vacilou, sentindo-se cair. Numa tentativa desesperada de autopreservação, agarrou-se à alça da sela.

Ele teve a má sorte de escolher se segurar com a mão direita, que também tentava manter o controle da lança pesada. Virada para cima pela ponta da espada, ela estava agora descrevendo um arco gigante por conta pró-

pria. O cavaleiro galês não conseguiu manter o equilíbrio e segurar a lança ao mesmo tempo, e uma praga abafada saiu de dentro de seu capacete quando ele se viu obrigado a deixar a lança cair.

Enraivecido, procurou o punho da espada às cegas, tentando tirá-la da bainha para o segundo golpe.

Infelizmente para ele, haveria somente um primeiro golpe. Halt balançou a cabeça numa admiração silenciosa quando Horace, já com a lança fora da jogada, instantane-amente fez Kicker parar e se virar e usou os joelhos e a mão que segurava o escudo nas rédeas para fazer o cavalo se empinar nas patas traseiras, antes de o cavaleiro galês passar por ele.

A espada, ainda descrevendo aqueles círculos fáceis que mantinham o punho se movimentando com leveza e naturalidade, fez outro movimento em arco e atingiu as costas do capacete do outro homem com um tinido alto e forte.

Halt se encolheu, imaginando qual teria sido o som dentro do pote de aço. Seria esperar demais que apenas um golpe atravessasse o metal rígido. Seriam necessários vários golpes fortes para conseguir isso. Mas Horace deixou uma marca profunda no capacete, e o choque da pan-cada atravessou diretamente o aço e foi até o crânio do cavaleiro.

Invisíveis aos dois araluenses, os olhos dele ficaram embaçados, ligeiramente tortos e depois se normalizaram.

Então, muito devagar, ele caiu para o lado da sela, despencou na terra da estrada e lá ficou deitado e imóvel.

Seu cavalo continuou a galopar por mais alguns metros.

Mas, percebendo que ninguém o estava dirigindo, desace-lerou, baixou a cabeça e começou a comer o capim comprido ao longo da estrada.

Horace fez o cavalo trotar lentamente de volta, parando no ponto em que o cavaleiro galês estava estendido no chão.

— Eu disse que ele não era muito bom — ele rea-firmou um tanto sério para Halt.

O arqueiro, que se orgulhava de suas maneiras normalmente taciturnas, não conseguiu evitar que um largo sorriso se espalhasse em seu rosto.

— Bem, talvez ele não seja — ele disse para o jovem diante dele.

— Mas você certamente pareceu bastante eficiente.

— Fui treinado para isso — ele respondeu com simplicidade, dando de ombros.

Halt se deu conta de que o garoto simplesmente não gostava de se gabar. A Escola de Guerra certamente tinha exercido um bom eleito nele. Ele fez um gesto para o cavaleiro que estava começando a recuperar a consciência. Os braços e as pernas do homem faziam pequenos movimentos leves e descoordenados, dando-lhe a aparência de um caranguejo semimorto.

— Ele também deveria estar treinado para isso —

Halt respondeu.

— Muito benfeito, jovem Horace — ele acrescentou.

O garoto corou de prazer com o elogio de Halt. Ele sabia que o arqueiro não costumava cumprimentar as pessoas em vão.

— Então, o que vamos fazer com ele agora? — ele perguntou, indicando o adversário caído com a ponta da espada.

Halt deslizou rapidamente da sela e se aproximou do homem.

— Deixe que eu cuido disso — ele disse. — Vai ser um prazer. Ele agarrou o homem por um braço e o arrastou até que se sentasse. O cavaleiro atordoado resmungou dentro do capacete e, agora que tinha tempo para notar esses detalhes, Horace viu que as pontas do bigode se projetavam para fora dos lados do visor fechado.

— Obrigado, senhor — o cavaleiro murmurou de modo incoerente quando Halt o sentou.

Seus pés patinaram na estrada quando ele tentou se levantar, mas Halt o impediu com um empurrão sem gentileza.

— Nada de obrigado — o arqueiro replicou.

Ele colocou a mão sob o queixo do homem, e Horace se deu conta de que ele segurava a menor de suas facas. Por um momento, o garoto horrorizado ficou convencido de que Halt pretendia cortar a garganta do estranho. Então, com um golpe habilidoso, o arqueiro cortou a tira de couro que prendia o capacete na cabeça do homem. Depois de cortá-la, Halt tirou o capacete e o jogou nos arbustos à beira da estrada. O cavaleiro soltou um le-ve gemido de dor quando as pontas de seu bigode foram puxadas pelo visor ainda fechado.

Horace embainhou a espada, finalmente seguro de que o cavaleiro não representava mais ameaça. Este, por sua vez, muito sério, espiava Halt e a figura sobre o cavalo. Ele ainda não enxergava muito bem.

— Vamos continuar a luta no chão — ele declarou trêmulo. Halt lhe deu um tapa forte nas costas, fazendo os olhos do homem girarem mais uma vez.

— Vai coisa nenhuma. Você foi derrotado, meu amigo. Caiu de quatro no chão. Sir Horace, cavaleiro da Ordem *du Feuil e du Chêne,* concordou em poupar sua vida.

— Oh. . obrigado — disse o homem abalado, fazendo um gesto vago de saudação na direção de Horace.

— Entretanto — Halt continuou, permitindo que um tom sombrio de divertimento tomasse conta de sua voz — de acordo com as regras dos cavaleiros, as suas armas, a armadura, o cavalo e outros pertences passarão para sir Horace.

— É mesmo? — Horace perguntou sem acreditar.

Halt assentiu.

O cavaleiro tentou se levantar outra vez, mas, como antes, Halt o segurou no chão.

— Mas, senhor. . — ele protestou fracamente. —

As armas e a armadura? Claro que não. .

— Claro que sim — Halt replicou.

O rosto do homem, já abatido e pálido, ficou ainda mais atordoado quando se deu conta da importância do que o estranho vestido com a capa cinza lhe dizia.

— Halt — Horace interrompeu —, ele não vai ficar meio indefeso sem as armas... e o cavalo?

— Sim, com certeza — foi a resposta satisfeita. —

O que vai dificultar muito para ele a tarefa de roubar viajantes inocentes que querem atravessar essa ponte.



— Ah — Horace respondeu pensativo finalmente entendendo.

— Exatamente — Halt reforçou, olhando para ele com um ar significativo. — Você teve um bom dia de trabalho aqui, Horace. Pense bem, você mal levou 2 minutos para acabar com ele — Halt acrescentou. — Mas você vai manter esse predador longe da atividade e deixar a estrada um pouco mais segura para os habitantes da região. E, é claro, nós vamos ter um belo conjunto de malha de ferro, uma espada, um escudo e um belo cavalo para vender na próxima vila.

— Você tem certeza de que as regras são essas? —

Horace perguntou, e Halt lhe deu um sorriso largo.

— Ah, sim. É totalmente justo e aprovado. Ele sabia disso. Ele simplesmente deveria ter olhado com mais atenção quando nos desafiou. Agora, minha beleza — ele disse para o abatido cavaleiro sentado aos seus pés —, vamos tirar essa sua malha de ferro.

O cavaleiro atordoado começou a obedecer de má vontade. Halt olhou radiante para o companheiro.

— Estou começando a gostar um pouco mais de Gálica do que esperava — ele comentou.





Dois dias depois, o Wolfwind deixou o porto de Skorghijl e se dirigiu para a Escandinávia, a nordeste. Slagor e seus homens ficaram para trás, com a tarefa de fazer reparos temporários no navio antes de tentarem voltar para o porto de origem. O navio estava muito danificado para continuar a navegar para o Ocidente e participar da temporada de pirataria. A decisão de Slagor de deixar o porto cedo mostrou ser custosa.

O vento, que durante semanas tinha soprado para o norte, agora soprava para o oeste, permitindo aos escandinavos içar a grande vela principal. O Wolfwind navegava com tranquilidade no mar cinzento e formava uma trilha de espuma atrás de si. O movimento era estimulante e li-bertador, à medida que os quilômetros passavam sob o casco e, quanto mais se aproximavam da terra natal, mais o ânimo da tripulação melhorava.

Apenas Will e Evanlyn não sentiam o espírito mais leve. Skorghijl tinha sido um lugar terrível, deserto e ina-mistoso, mas pelo menos os meses ali passados haviam adiado o momento de sua separação. Eles sabiam que se-



riam vendidos como escravos em Hal asholm e que havia grandes possibilidades de irem para lugares diferentes.

Certa vez, Wil tinha tentado alegrar Evanlyn sobre sua possível separação.

— Eles dizem que Hallasholm não é uma cidade grande — ele falou —, então mesmo que a gente vá para lugares diferentes talvez ainda possa se ver. Afinal, eles não podem esperar que a gente trabalhe 24 horas por dias, 7 dias por semana.

Evanlyn não tinha respondido. Sua experiência com os escandinavos até ali lhe dizia que era isso exatamente o que deveriam esperar.

Erak notou o silêncio e a disposição melancólica que tinham tomado conta deles e sentiu uma ponta de solidariedade. Ele se perguntou se não haveria um modo de fazer que continuassem juntos.

É claro que sempre poderia mantê-los como seus escravos, mas ele não precisava de escravos pessoais. Co-mo um líder guerreiro dos escandinavos, ele vivia nas tendas dos oficiais onde suas necessidades eram atendidas por ordenanças. Se ficasse com os dois araluenses, teria que pagar para alimentá-los e vesti-los. Ele afastou a ideia com um gesto irritado de cabeça.

Para o inferno com eles — murmurou aborrecido, afastando-os de sua mente e se concentrando em manter o navio no curso certo, observando a bússola flutuando nas argolas suspensas junto ao leme.

No décimo segundo dia da travessia, eles conseguiram ver a costa escandinava. Exatamente onde Erak tinha previsto que iriam chegar. Por causa dos olhares de admiração dos homens para o jarl, Wil soube que aquele tinha sido um grande feito.

Durante os dias seguintes, eles navegaram mais perto da praia até que Wil e Evanlyn conseguiram enxergar mais detalhes. Penhascos altos e montanhas cobertas de neve pareciam ser as características dominantes da Escandinávia.

— Ele tomou a corrente de Loka com perfeição —

Svengal disse a eles enquanto se preparava para subir ao ponto de observação no alto do mastro.

O alegre segundo no comando tinha desenvolvido um certo afeto por Wil e Evanlyn. Ele sabia que suas vidas como escravos seriam duras e impiedosas e tentava compensá-los com algumas palavras simpáticas, sempre que possível. Infelizmente, seu próximo comentário, feito com boas intenções, serviu pouco

para tranquilizar os dois.

— Ah, bom — ele disse segurando uma adriça para escalar até o topo do mastro —, acho que vamos chegar em casa dentro de 2 ou 3 horas.

Contudo, ele estava enganado. O navio, finalmente dirigido por remos, passou pela névoa espessa que envolvia o porto de Hal asholm cerca de 1 hora e 15 minutos depois. Will e Evanlyn ficaram parados em silêncio, no meio do navio, enquanto a cidade aparecia ao longe.

Não era um lugar grande. Aninhada ao pé de montanhas altas cobertas de pinheiros, Hal asholm não tinha mais que 50 casas, todas de um andar e, aparentemente, feitas de troncos de pinheiros e cobertas por telhados de folhas e turfa.

As casas estavam agrupadas ao redor das margens do porto, onde mais ou menos uma dúzia de navios estava atracada ao cais, alguns estavam em terra firme, tombados de lado, enquanto homens trabalhavam nos cascos, enfrentando uma batalha interminável contra os ataques de parasitas marinhos, que constantemente roíam as tábuas de madeira. Anéis de fumaça subiam de quase todas as chaminés, e o ar frio estava perfumado com um cheiro forte do pinho que queimava.

O prédio principal, a Grande Mansão de Ragnak, era construído com os mesmos troncos de pinho que o resto das casas da cidade, mas era maior, mais comprido e largo e tinha um telhado inclinado que se erguia acima dos demais. Ele ficava no centro da cidade, dominando a paisagem, cercado por um fosso seco e uma paliçada que, conforme Wil notou, também era feita de troncos de pinheiro. Estava claro que esses troncos eram o material de construção mais comum na Escandinávia. Uma estrada longa e larga que saía do cais principal levava para o portão na paliçada.

Ao observar a cidade por cima da água lisa como vidro do porto, Wil pensou que, numa outra época e em outras condições, provavelmente acharia as casas bem or-



denadas, e as imensas montanhas cobertas de neve atrás delas muito bonitas.

Naquele momento, contudo, ele não via nada que lhe agradasse em seu novo lar. Enquanto os dois jovens observavam, uma neve fina começou a esvoaçar o redor deles.

— Acho que aqui é bem frio — Wil comentou em voz baixa.

Ele sentiu a mão gelada de Evanlyn se enroscar na dele. Will a apertou com delicadeza, esperando dar a ela um pouco de coragem. Uma coragem que ele mesmo estava longe de sentir naquele momento.





— Eu disse que esse símbolo no seu escudo facilitaria a viagem — Halt comentou com Horace.

Eles estavam tranquilamente acomodados em suas selas, Halt com uma das pernas apoiada na alça, enquanto observavam o cavaleiro galês que tinha barrado a passagem deles bater as esporas no cavalo e sair a galope até a segurança de uma cidade próxima. Horace olhou para a folha de carvalho verde que Halt tinha pintado em seu escudo antes sem adornos.

— Você sabe — ele disse com um leve tom de de-saprovação na voz —, não tenho direito a um brasão de armas até ser formalmente nomeado cavaleiro.

O treinamento com sir Rodney tinha sido muito rí-

gido e às vezes ele sentia que Halt não dava bastante aten-

ção ao protocolo da cavalaria. O arqueiro barbado olhou para ele de lado e deu de ombros.

Aliás, você também não tem o direito de lutar com nenhum desses cavaleiros antes de ser nomeado — ele lembrou. — Mas não vi isso impedir você.

Desde o primeiro encontro na ponte, os dois viajantes foram parados em meia dúzia de ocasiões por cavaleiros piratas que guardavam encruzilhadas, pontes e vales estreitos. Todos eles tinham sido despachados com facilidade quase desdenhosa pelo jovem e musculoso aprendiz.

Halt estava muito impressionado com a técnica e habilidade natural do jovem rapaz. Um depois do outro, Horace tinha feito os vigias de beira de estrada caírem das selas, primeiro com alguns golpes destramente aplicados com a espada e, mais recentemente — ele havia conseguido uma lança resistente, com o equilíbrio e o peso que lhe agrada-vam —, em um ataque retumbante que tinha arrancado o oponente da sela e feito que caísse vários metros atrás do cavalo a galope. Naquele momento, os dois viajantes tinham reunido um bom estoque de armaduras e armas que carregavam amarradas às selas dos cavalos que tinham capturado. Halt pretendia vender os animais, as armas e armaduras na próxima cidade grande que encontrassem.

Apesar da admiração pela habilidade de Horace e do fato de sentir uma estranha satisfação por ver os abu-tres encrenqueiros serem postos fora de ação, Halt se ressentia dos contínuos atrasos que isso causava à sua viagem. Mesmo sem eles, ele e Horace dificilmente atingiri-am a distante fronteira da Escandinávia antes que as primeiras nevascas de inverno as tornassem intransponíveis.

Assim, cinco noites antes, quando acamparam num celeiro semidestruído de uma fazenda deserta, ele tinha remexido em pilhas de velhas ferramentas enferrujadas e sacos rasgados até encontrar uma pequena lata de tinta verde e um velho pincel seco. Com eles, tinha pintado uma folha de carvalho verde no escudo de Horace. O resultado foi o esperado. A reputação de sir Horace da Ordem da Folha de Carvalho os tinha ultrapassado. Agora, com muita fre-quência, quando cavaleiros salteadores viam sua aproximação, viravam e fugiam ao enxergar o desenho no escudo de Horace.

— Não posso dizer que estou sentido por ver ele ir embora — Horace observou delicadamente, fazendo que Kicker andasse até a encruzilhada agora deserta. — O

meu ombro ainda não sarou totalmente.

Seu oponente anterior tinha sido consideravelmente mais hábil do que os habituais guerreiros de estrada. Sem medo do emblema da folha de carvalho no

escudo e obviamente não perturbado pela reputação de Horace, ele tinha participado do combate com animação. A luta tinha durado vários minutos e, durante o seu desenrolar, um golpe de clava arrancou o alto da borda do escudo de Horace e atingiu a parte superior de seu braço.

Felizmente, o escudo tinha recebido a maior parte do impacto ou muito provavelmente o braço de Horace estaria quebrado. Como resultado, ele estava bastante ferido e ainda não conseguia movimentar o braço como gostaria.

Praticamente meio segundo após a clava tê-lo machucado, a espada de Horace bateu com força na frente do capacete do outro homem, deixando uma marca profunda e fazendo o cavaleiro cair estendido inconsciente, com uma grave concussão, no chão da floresta.

Agora, Horace estava aliviado por não ter precisado lutar desde então.

— Vamos passar a noite na cidade — Halt avisou.

— Talvez a gente consiga algumas ervas para eu colocar um cataplasma nesse braço — ele acrescentou, ao notar que o garoto estava protegendo o braço.

Apesar de não ter se queixado, era evidente que o ferimento causava muita dor.

— Isso seria bom — Horace concordou. — Uma noite numa cama de verdade seria uma mudança agradável depois de dormir no chão por tanto tempo.

— É evidente que a Escola de Guerra não é mais o que costumava ser — Halt replicou. — É muito bom quando um velho como eu pode dormir ao ar livre, enquanto um garoto fica todo dolorido e reumático por causa disso.

— Isso não importa — Horace deu de ombros. —

Ainda vou ficar satisfeito por dormir numa cama hoje à noite.

Na verdade, Halt sentia a mesma coisa, mas não diria isso a Horace.

— Talvez a gente deva se apressar — ele disse —

para colocar você numa boa cama confortável antes que suas juntas fiquem todas entrevadas.

E ele fez Abelard trotar levemente. Atrás dele, Pu-xão aumentou 0 ritmo no mesmo instante para acompanhá-lo. Horace, pego de surpresa e impedido pelos cavalos capturados que conduzia, demorou um pouco para segui-los.

A fila de cavalos de batalha, carregados com a armadura e as armas, despertou bastante interesse na cidade quando eles cavalgaram pelas ruas. Horace percebeu mais uma vez como as pessoas corriam para abrir caminho para seu cavalo. Ele notou olhares furtivos lançados para o seu lado e mais de uma vez ouviu a expressão “Chevalier du chêne” sussurrada enquanto passava. Ele olhou curioso para Halt.

— O que eles estão dizendo?

Halt mostrou o símbolo da folha de carvalho no escudo que estava pendurado no alto da sela do garoto.

— Eles estão comentando sobre a “chêne”, que quer dizer carvalho. Eles estão falando sobre você, o cavaleiro do carvalho. Aparentemente, a sua fama se espalhou.

Horace franziu a testa. Ele não tinha certeza de estar satisfeito com isso.

— Vamos esperar que isso não cause nenhum problema — ele disse indeciso, e Halt simplesmente deu de ombros.

— Numa cidade pequena como esta? Acho muito improvável. Espero que aconteça o contrário.

Pois, na verdade, era uma cidade pequena, quase pouco mais que um vilarejo. A rua principal era estreita e quase não tinha espaço para os dois cavalos andarem lado a lado. Os pedestres tinham que sair do caminho, ir para ruas laterais, para que os cavaleiros pudessem passar, e ficar ali, enquanto a pequena fila de cavalos de batalha cavalgava calmamente atrás deles.

A rua não pavimentada era uma mera trilha poei-renta que se transformava num lamaçal grudento, quando chovia. As casas eram pequenas, geralmente térreas, aparentemente construídas numa escala menor do que a normal.

— Fique de olhos abertos para encontrar uma pousada — Hal disse devagar.

Viajar com um companheiro famoso era uma experiência nova para Halt. Em Araluen, ele estava acostumado com a desconfiança e, às vezes, o medo com que os membros do corpo de arqueiros eram recebidos. As capas manchadas e os capuzes grandes eram uma imagem conhecida para o povo do reino. Ali, em Gálica, ele ficou bastante satisfeito em perceber que o uniforme dos arqueiros, além do arco e das flechas e das facas duplas, seu armamento característico, parecia despertar pouco ou nenhum interesse.

Com Horace as coisas eram diferentes. Era óbvio que a reputação do rapaz tinha se adiantado a eles, e as pessoas o olhavam com o mesmo jeito desconfiado e cheio de dúvida com que Halt tinha se acostumado ao longo dos anos. A situação agradava muito a Halt. No ca-so de qualquer problema, ela daria aos dois uma vantagem definitiva, caso as pessoas já tivessem decidido que o principal perigo vinha do jovem rapaz que usava a armadura.

A verdade era que o homem mais velho e grisalho na capa de cores um tanto indefinidas era um possível inimigo muito menos perigoso.

— Logo ali — Horace avisou, despertando Halt de seus pensamentos. Ele seguiu a direção do dedo do garoto e viu um prédio maior que os outros com um segundo andar precariamente inclinado sobre a rua, sustentado sem muita firmeza por vigas de carvalho que se projetavam para fora na altura do primeiro andar. Uma placa um pouco gasta pelo tempo balançava delicadamente na brisa e tinha o desenho rústico de um copo de vinho e um prato de comida feitos com tinta que já escamava.

— Não fique muito esperançoso de encontrar uma boa cama macia para passar a noite — Halt avisou o aprendiz. — É capaz de a gente dormir melhor na floresta.

Ele não acrescentou que provavelmente também dormiriam num lugar mais limpo.

Mas, na verdade, constataram que ele tinha sido injusto com a pousada. Ela era pequena, e as paredes não eram muito retas. O teto era baixo e irregular, e as escadas pareciam se inclinar para um lado quando subiram para examinar o quarto que lhes tinha sido oferecido.

Mas, pelo menos, o lugar era limpo, e o quarto tinha uma janela grande envidraçada que estava bem aberta para deixar entrar a fresca brisa da tarde. O cheiro dos campos recém-arados chegou até eles, quando olharam para fora e

viram a confusão de telhados inclinados da cidade.

O dono da pousada e sua esposa eram idosos e pareciam hospitaleiros e amistosos com seus dois hóspedes principalmente depois de terem visto as armas e a armadura empilhadas nos cavalos sem cavaleiro alinhados na rua. Para eles, estava claro que o jovem cavaleiro era uma pessoa de posses. E também uma pessoa de considerável importância, a julgar pela maneira como ele deixava todas as negociações para o seu empregado, o sujeito um tanto mal-humorado que usava uma capa cinza-esverdeado. Sa-tisfazia ao esnobismo do senhorio pensar que pessoas nascidas em berço nobre não se dignavam a mostrar interesse por assuntos comerciais, como o preço de um quarto para dormir.

Tendo verificado que não havia mercado na cidade onde poderiam converter o produto de seus combates em dinheiro, Halt deixou que o cavalariço da pousada aco-modasse os cavalos para a noite. Todos, exceto Abelard e Puxão, é claro. Ele cuidou deles pessoalmente e ficou satisfeito em ver que Horace fez o mesmo com Kicker.

Quando os cavalos estavam acomodados, os dois companheiros voltaram para o quarto. A mulher do estalajadeiro tinha dito que o jantar ficaria pronto somente dali a 1 ou 2 horas.

— Vamos usar esse tempo para cuidar desse braço

— Halt disse a Horace.

O jovem rapaz se deixou cair na cama agradecido e suspirou satisfeito. Ao contrário da expectativa de Halt, as camas eram macias e confortáveis e eram cobertas por lençóis brancos perfumados e cobertores grossos e limpos. A um gesto do arqueiro, o aprendiz se levantou e tirou a malha de ferro e a túnica, gemendo levemente por causa da dor quando levantou o braço na altura do ombro.

O hematoma tinha se espalhado por todo o braço, deixando uma mancha de carne descorada de um azul e-negrecido com feias bordas amarelas. Halt tocou o ferimento com olhar crítico, apalpando para ter certeza de que não havia ossos quebrados.

— Aai! — Horace gritou quando os dedos do arqueiro apalparam o hematoma à procura de alguma coisa.

— Doeu? — Halt perguntou, e Horace olhou para ele desesperado.

— Claro que sim — respondeu depressa. — Foi por isso que gritei.

— Hummm — Halt resmungou pensativo.

Levantando o braço, ele o virou de um lado para outro, enquanto o rapaz rangia os dentes para não gritar de dor. Finalmente, incapaz de conter seu aborrecimento por mais tempo, ele se afastou de Halt.

— Você acha mesmo que vai encontrar alguma coisa aqui? — ele perguntou num tom irritado. — Ou você só está se divertindo em me causar dor?

— Estou tentando ajudar — Halt disse com suavidade. Ele tentou pegar o braço outra vez, mas Horace recuou.

— Deixe as mãos longe de mim — ele disse. —

Você só está me cutucando e me apalpando. Não sei co-mo isso pode ajudar.

— Só estou tentando me certificar de que não tem nada quebrado — Halt explicou.

Mas Horace balançou a cabeça para o arqueiro.

— Não quebrou nada. Estou machucado, só isso.

Halt fez um gesto impotente e resignado. Ele abriu a boca para falar, planejando tranquilizar Horace e garantir que estava mesmo tentando ajudar.

Houve uma leve batida na porta e, antes que o som tivesse morrido, ela se abriu de repente e a mulher do estalajadeiro entrou com os braços cheios de travesseiros novos para a cama. Ela sorriu para os dois e então seu olhar caiu sobre o braço do garoto. O sorriso desapareceu e foi substituído imediatamente por um ar de preocupação maternal.

Ela soltou uma torrente de palavras em galês, que nenhum dos dois compreendeu, e se aproximou rapidamente de Horace, largando os travesseiros na cama. Ele a observou com desconfiança quando ela estendeu a mão para tocar seu braço ferido. Ela parou, apertou os lábios e o encarou de um jeito

tranquilizador. Satisfeito, ele deixou que a mulher examinasse o ferimento.

A mulher trabalhou com gestos delicados, leves e quase imperceptíveis. Horace, submetendo-se ao seu exa-me, olhou para Halt de um jeito significativo. O arqueiro ficou carrancudo e se sentou na cama para observar. Finalmente, a mulher recuou e, pegando o braço do rapaz, fez que se sentasse na beira da cama e se virou para falar com os dois homens, apontando o braço descorado.

— Ele não quebrou nenhum osso — ela disse hesitante, e Halt concordou.

— Pensei a mesma coisa — ele retrucou, e Horace fungou com desdém.

A mulher as sentiu uma ou duas vezes e então continuou, escolhendo as palavras com cuidado. Seu domínio do idioma araluense era inexato, para dizer o mínimo.

— Hematomas — ela disse. — Hematomas feios.

Precisam. . — ela hesitou procurando a palavra e então a encontrou. — Ervas... — ela esfregou as duas mãos, imitando o ato de esfregar ervas umas nas outras para formar um cataplasma. — Esmagar ervas... pôr aqui.

Ela tocou o braço ferido mais uma vez, e Halt concordou com um gesto.

— Bom — ele disse a ela. — Por favor, faça isso depressa.

Ele olhou para Horace.

— Estamos com sorte — ele afirmou. — Ela parece saber o que está fazendo.

— Você quer dizer que eu estou com sorte — Horace disse preocupado. — Se ficasse nas suas mãos delicadas, provavelmente estaria sem o braço agora.

A mulher, ouvindo o tom de voz, mas sem compreender as palavras, apressou-se a tranquilizá-lo, emitindo sons monótonos e tocando o ferimento com leveza.





— Dois dias... três... sem ferimento, sem dor — ela garantiu, e Horace sorriu para ela.

— Obrigado, senhora — ele agradeceu no tom educado que imaginou que um jovem cavaleiro galante deveria usar. — Vou ficar lhe devendo a vida toda.

Ela sorriu para ele e, com gestos outra vez, indicou que ia pegar suas ervas e remédios. Horace se levantou e fez uma curvatura desajeitada quando ela saiu do quarto, rindo sozinha.

— Ah! Pooor favor — Halt gemeu, revirando os olhos para o alto.





O calor na sala de jantar de Ragnak era intenso. O grande número de pessoas e o fogo imenso e aberto que se estendia por quase toda a largura numa extremidade do aposento combinavam-se para manter a temperatura descon-fortavelmente quente, apesar da neve alta que cobria o chão do lado de fora.

A sala era imensa, comprida e de teto baixo, com duas mesas que iam de uma ponta à outra e uma terceira, a mesa de Ragnak, colocada transversalmente às outras na ponta oposta ao fogo. As paredes eram de troncos de pinho lisos, rusticamente cortados, e vedadas, onde seu formato irregular tinha deixado aberturas, com uma mistura de argila e lama dura como pedra.

Mais troncos de pinho inclinavam-se para o alto formando ângulos que sustentavam o telhado, feito de uma camada firmemente entrelaçada de junco e folhas que, em certos lugares, atingia quase um metro de espes-sura. Aparte interna não era revestida. Ripas menores de madeira áspera tinham sido presas nas vigas do teto para sustentai o telhado.

O barulho, causado por quase 150 escandinavos bêbados comendo, rindo e gritando era ensurdecedor. Erak olhou ao redor e sorriu. Era bom estar em casa outra vez.

Ele aceitou outra caneca de cerveja de Borsa, hilfmann de Ragnak. Enquanto Ragnak era o oberjarl, ou principal jarl de todos os escandinavos, o hilfmann era o administrador que cuidava das tarefas diárias de toda a nação. Ele se certificava de que a terra fosse cultivada, que os impostos fossem pagos e enviados na época certa e de que uma parte de todos os saques — um quarto de tudo o que tinha sido roubado — fosse pago de imediato e considerado justo pelos comandantes dos navios.

— Maus negócios em todo lugar, Erak — ele disse.

Eles estavam discutindo a expedição malsucedida até Araluen.

— Nunca deveríamos ter nos envolvido numa guerra de tão longa duração. Não é nosso jogo. Nós fo-mos feitos para invasões rápidas. Entrar, agarrar o prêmio e partir novamente com a maré. É assim que agimos.

Sempre foi.

Erak assentiu. Ele tinha pensado a mesma coisa quando Ragnak o indicou para a expedição. Mas o oberjarl não estava disposto a ouvir seu conselho.

— Mesmo assim, Morgarath nos pagou adiantado

— o hilfmann continuou.

Erak ergueu as sobrancelhas.

— Ele pagou?

Era a primeira vez que ouvia essa informação. Acreditava que ele e seus homens estavam lutando apenas por qualquer prêmio que encontrassem e que a expedição tinha sido um fracasso total nesse aspecto. Mas seu companheiro balançou a cabeça enfaticamente.

— Ah, sim, é verdade. Ragnak não é bobo quando se trata de dinheiro. Ele cobrou Morgarath por seus servi-

ços e pelo dos seus homens. Vocês todos vão receber uma parte.

Erak pensou que, pelo menos, ele e seus homens teriam algo para compensar os últimos meses. Mas Borsa ainda balançava a cabeça por causa da campanha de Araluen.

— Sabe qual é nosso maior problema? — ele perguntou. — Não temos generais ou estrategistas — ele respondeu antes que Erak pudesse Calar. — Os escandinavos lutam como indivíduos. E, nesse aspecto, somos os melhores do mundo. Mas, quando somos contratados como mercenários, não temos estrategistas nossos para nos liderar. Assim, somos obrigados a confiar em idiotas como Morgarath.

— Quando estivemos em Araluen, eu disse que os planos dele eram complicados demais, que ele estava confiante demais.

Borsa apontou o dedo grosso para ele e Erak se espantou com a veemência do homem.

— E você está certo! Nós podíamos usar algumas pessoas como aqueles arqueiros de Araluen — ele acrescentou.

— Você está falando sério? — Erak perguntou. —

Por que precisamos deles?

— Não deles, literalmente. Eu me refiro a pessoas como eles. Pessoas treinadas em planejamento e táticas, com habilidade de ver os fatos como um todo e usar o melhor das nossas tropas.

Erak teve que concordar que o outro homem tinha razão. Mas a menção aos arqueiros o fez lembrar a questão de Wil e Evanlyn. Agora ele viu uma forma de

resolver o problema de lidar com eles.

— Você teria utilidade para dois novos escravos na Grande Mansão? — ele perguntou como quem não quer nada.

Borsa as sentiu imediatamente.

— Sempre podemos usar alguém a mais — ele disse. — Você tem alguém em mente?

— Um garoto e uma menina — Erak contou.

Ele achou melhor não mencionar que Will era aprendiz de arqueiro.

— Os dois são fortes, saudáveis e inteligentes. Nós capturamos eles na fronteira celta. Eu ia vender os dois para poder pagar minha tripulação por toda essa confusão.

Mas agora, se você diz que vou receber mesmo assim, vou ficar satisfeito em dar eles pra você.





— Certamente vou poder usar eles — Borsa concordou agradecido. — Mande os dois para mim amanhã.

— Fechado! — Erak retrucou alegre.

Ele sentiu que um grande peso tinha sido tirado de sua cabeça. — Agora, onde está a cerveja?

Enquanto Erak estava decidindo o destino de Will e Evanlyn, eles tinham sido mantidos trancados numa cabana perto do porto, perto do lugar onde o Wolfwind estava atracado. Na manhã seguinte, eles foram acordados por um escandinavo da equipe de Borsa que os levou à Grande Mansão. Ali, o hilfmann os examinou

e analisou com olho crítico. Ele pensou que a menina era atraente, mas não parecia ter feito muito trabalho pesado na vida.

O garoto, por sua vez, era musculoso e preparado, embora um pouco pequeno.

— A garota pode ir para o salão de refeições e para a cozinha — ele disse ao assistente. — Ponha o garoto no pátio.





Uma hora depois do pôr do sol, Halt e Horace deixaram o quarto e desceram

para a taberna da pousada para o jantar.

A mulher do estalajadeiro tinha preparado um sa-boroso cozido que fervia numa panela enorme pendurada sobre o grande fogão a lenha que dominava um lado do aposento. Uma criada lhes trouxe grandes tigelas de madeira com a comida fumegante e longos pães estranhos e compridos, assados num formato que Horace nunca tinha visto antes. Eles eram compridos e estreitos e se pareciam mais com bengalas grossas do que com pães. Mas eram crocantes do lado de fora e deliciosamente leves do lado de dentro. E, o aprendiz logo descobriu, eram a ferramenta ideal para recolher o delicioso molho do cozido.

Halt tinha aceitado um grande copo de vinho tinto para acompanhar a refeição, e Horace tinha escolhido á-

gua. Agora, depois de apreciar uma porção generosa de uma saborosa torta de framboesas, eles terminaram com canecas de um excelente café.



Horace colocou uma boa porção de mel em sua caneca, observado com cara feia pelo arqueiro.

— Destruindo o sabor de um bom café — Halt resmungou para ele, mas Horace apenas sorriu.

Ele já estava se acostumando à severidade zombeteira do companheiro.

— Esse é um hábito que aprendi com seu aprendiz.

Por um momento, os dois ficaram em silencio pensando em Will, perguntando-se o que teria acontecido com ele e Evanlyn e desejando que os dois estivessem bem e em segurança.

Halt finalmente os arrancou de seus pensamentos ao fazer um gesto de cabeça na direção do pequeno grupo de habitantes locais sentados perto do fogo. Ele e Horace tinham escolhido uma mesa no fundo da sala. Halt sempre fazia isso, sentava-se de onde podia observar o resto do lugar mantinha as costas voltadas para uma parede sólida e, ao mesmo tempo, não chamava muita atenção.

— Parece que o entretenimento vai começar — ele disse a Horace.

E, enquanto falavam, as outras pessoas no aposento começaram a puxar as cadeiras para mais perto do fogo e pedir mais cerveja para o estalajadeiros e seus ajudantes.

O tocador de gaita-de-fole começou a tocar e o instrumento de corda rapidamente o acompanhou com toques rápidos e vibrantes para formar um fundo alto e agudo para a melodia arrebatadora e sublime. As gaitas enchiam o aposento com um som selvagem e melancólico, uma voz que atingia o fundo da alma e trazia para a mente dos ouvintes lembranças de amigos que há muito tinham partido e de tempos passados.

Enquanto as notas ecoavam no aposento aquecido, Halt se viu lembrando os longos dias de verão na floresta que cercava o Castelo Redmont e uma pequena figura agitada que fazia perguntas intermináveis e trazia um novo sentimento de energia e interesse à vida. No fundo de sua mente, ele via o rosto de Wil : os cabelos desmanchados pelo capuz, os olhos castanhos vivos e cheios de uma ir-reprimível sensação de alegria. Ele se lembrava dele cui-dando de Puxão, do orgulho que o garoto tinha mostrado diante da perspectiva de ter um cavalo só seu e do elo especial que tinha se formado entre os dois.

Talvez fosse porque Halt sentia os anos pesando em suas costas à medida que os cabelos grisalhos na barba tornavam-se mais a norma do que a exceção. Mas Will tinha trazido uma sensação de juventude, alegria e vitali-dade para a sua vida, uma sensação que era um contraste bem-vindo aos caminhos escuros e perigosos que um arqueiro muitas vezes tinha que percorrer.

Também se lembrava do orgulho que tinha sentido quando Horace lhe contou da determinação de Wil em seguir o exército dos Wargals em Céltica e de como o garoto tinha enfrentado sozinho os Wargals e os escandinavos enquanto Evanlyn trabalhava para garantir que o fogo queimasse a ponte. Wil tinha mais do que um espírito in-domável. Ele tinha coragem, engenhosidade e lealdade.

Halt pensou que o menino poderia ter se transformado num grande arqueiro e então abruptamente se deu conta de que tinha pensado no garoto como se essa possibilidade não existisse mais. Lágrimas umedeceram seus olhos e ele, desconfortável, se mexeu no banco. Fazia muito tempo desde que Halt tinha mostrado qualquer sinal exterior de emoção. Então, ele deu de ombros. “Will vale pelo menos algumas lágrimas de um velho acabado de cabelos brancos como eu”, Halt pensou e não fez nenhum gesto para enxugá-las. Ele olhou para Horace com o canto do olho para ver se o garoto tinha percebido alguma coisa, mas Horace estava entretido pela música e, no banco que dividiam, se inclinava para a frente com os lábios levemente separados, um dedo batendo inconscientemente no tampo da mesa rústica. “É melhor assim”, Halt pensou sorrindo para si mesmo com tristeza. Não seria bom que o garoto o visse se desmanchando em lágrimas ao primeiro acorde de uma música triste. Arqueiros, especialmente ex-arqueiros traidores que tinham insultado o rei, deviam mostrar uma expressão mais séria.

Finalmente a música terminou e foi aplaudida com entusiasmo pelas pessoas no aposento. Halt e Horace as acompanharam com animação, e Halt usou o momento para disfarçadamente passar a mão nos olhos e secar os traços de lágrimas que havia lá.

Ele percebeu que o público jogava moedas para os músicos num chapéu que tinha sido habilmente colocado no chão ao lado deles. Ele empurrou duas moedas na di-reção de Horace e fez um sinal para os artistas.

— Dê isso para eles — ele disse. — Eles merece-ram.

Horace assentiu animado e se levantou para atravessar o aposento, abaixando a cabeça debaixo das vigas pesadas que sustentavam o teto. Ele jogou as moedas no chapéu e foi o último na sala a fazer isso. O tocador de gaita olhou para ele, viu o rosto desconhecido e agradeceu com um gesto. Então, começou a apertar os foles da gaita com o cotovelo outra vez e, novamente, a voz persistente do instrumento tomou corpo e começou a encher o aposento.

Horace hesitou, sem querer se mexer agora que outra canção tinha começado. Ele olhou para onde Halt estava sentado nas sombras, deu de ombros e se ajeitou no tampo de uma mesa junto da pequena multidão que cercava os artistas.

Essa música tinha um tom diferente. Na melodia, havia uma nota sutil de triunfo

que era aumentada pelos acordes ousados e fortes proporcionados pelo instrumento de corda que se destacava mais nessa canção. De fato, não demorou muito para que as notas frágeis e ondulantes do instrumento de forma arredondada arrebatassem o comando das gaitas-de-fole e fizessem todos na sala as acompanharem batendo palmas e pés. Um sorriso deliciado apareceu no rosto de Horace e, quando a porta da rua se abriu e uma rajada de vento varreu o aposento, ele mal notou o recém-chegado que entrou.

Outras pessoas porém, notaram e Halt, com os sentidos afiados ao extremo por ter vivido situações perigosas durante anos, sentiu lima mudança na atmosfera do lugar.

Uma sensação de apreensão e quase desconfiança pareceu tomar conta das pessoas agrupadas em volta dos músicos.

Houve até mesmo uma leve hesitação na música quando o gaiteiro olhou para cima e viu o homem que tinha entrado. Era apenas uma interrupção quase imperceptível no ritmo, mas forte o suficiente para que Halt notasse.

Ele observou o recém-chegado. Um homem alto e forte, talvez dez anos mais jovem do que ele. A barba preta, as sobrancelhas grossas e os cabelos também pretos lhe davam uma aparência ameaçadora. Era evidente que ele não era um dos simples moradores da vila. Quando tirou o casaco, revelou uma malha de ferro coberta por um manto negro que exibia a insígnia de um corvo branco.

Na cintura, podia se ver o cabo da espada trabalhado com fios de ouro. O botão do punho, também de ou-ro, emitia um brilho fraco. Botas altas de couro macio in-dicavam que era um guerreiro montado — um cavaleiro, a julgar pela insígnia no manto. Halt não tinha dúvidas de que, amarrado do lado de fora da taverna, ele encontraria um cavalo de batalha; mais provavelmente um totalmente negro, a julgar pelas cores usadas pelo estranho.

Era óbvio que o recém-chegado estava procurando alguém. Seus olhos percorreram o aposento rapidamente, passaram por Halt sem notar a figura sombria no fundo da sala e finalmente pararam em Horace. Ele franziu um pouco as sobrancelhas e assentiu, quase imperceptivelmente, para si mesmo. O garoto, enfeitiçado pela música, mal tinha notado a chegada do cavaleiro e naquele momento não prestava atenção à análise profunda a que era submetido.

Havia pessoas no aposento que viam o que acontecia. Halt notou o aumento do

interesse do estalajadeiro e de sua mulher enquanto observavam e esperavam o rumo dos acontecimentos. E vários moradores locais mostravam sinais de ansiedade, de que preferiam estar em outro lugar.

A mão de Halt procurou a aljava debaixo da mesa.

Como sempre, suas armas estavam facilmente ao alcance, mesmo quando comia, e o arco encostado à parede atrás dele já estava encordoado. Agora, ele tirou uma flecha da aljava e a colocou na mesa diante dele enquanto a música chegava ao fim.

Desta vez, não houve um coro de aplausos das pessoas na sala. Apenas Horace bateu palmas com entusiasmo, e quando percebeu que era o único que fazia isso, parou confuso e ficou vermelho de vergonha.

Então ele também notou o homem armado na taberna, parado a uma dúzia de passos de distância dele, que o olhava com uma intensidade que beirava a agressão.

O garoto recuperou a compostura e cumprimentou o recém-chegado com um gesto de cabeça. Halt ficou satisfeito ao ver que Horace teve a presença de espírito de não olhar em sua direção. O aprendiz tinha sentido que alguma coisa desagradável podia estar prestes a acontecer e entendeu a vantagem que teriam se Halt não fosse notado.

Finalmente, o homem falou com a voz grave e rouca. Ele era encorpado e tão alto quanto Horace. Halt concluiu que aquele não era um guerreiro de estrada. Aquele homem era perigoso.

— Você é o cavaleiro da folha de carvalho? — ele perguntou num tom meio zombeteiro.

Ele falava bem a língua de Araluen, mas com um forte sotaque galês.

— Acredito que me chamam assim — Horace respondeu depois de uma leve pausa.

O cavaleiro pareceu pensar na resposta, balançou a cabeça e sorriu com desdém.

— Você acredita? — ele repetiu. — Mas será que se pode acreditar em você? Ou

você é um cão araluense que late nas sarjetas?

Horace franziu a testa confuso. Aquela era um tentativa desajeitada de insultá-lo. Por algum motivo, o outro homem estava tentando provocar uma briga. E isso, para Horace, era motivo suficiente para não ser provocado.

— Se você pensa assim — ele respondeu com calma e com uma máscara de indiferença no rosto.

Mas Halt tinha percebido como a mão esquerda do garoto tinha se virado quase imperceptivelmente para o quadril esquerdo onde ele normalmente levava a espada.

Agora, ela estava pendurada atrás da porta do quarto no andar superior. Horace estava armado somente com a fa-ca.

O cavaleiro também notou o movimento involuntário. Ele sorriu, os lábios formando um arco cruel, e deu um passo na direção do jovem e musculoso aprendiz. Ele avaliou o jovem rapaz. Ombros largos, cintura delgada e obviamente musculosa. E ele se movimentava bem, com a graça e o equilíbrio naturais que eram a marca de um guerreiro experiente.

Mas o rosto era jovem e absolutamente sem malí-

cia. Aquele não era um oponente que tinha combatido homens quase até a morte repetidas vezes. Aquele não era um guerreiro que tinha aprendido as habilidades mais per-versas na implacável escola do combate mortal. O garoto mal tinha começado a se barbear. Sem dúvida alguma, ele era um lutador treinado e devia ser respeitado.

Mas não temido.

Depois de fazer sua avaliação, o homem mais velho deu mais um passo na direção de Horace.

— Meu nome é Deparnieux — ele se apresentou.

Obviamente, ele imaginava que o nome tivesse algum significado.

Horace apenas deu de ombros afavelmente.

— Bom para você — ele respondeu, fazendo que as sobrancelhas negras se contraíssem ainda mais.

— Não sou nenhum caipira de beira de estrada que você pode derrotar com truques e comportamento deso-nesto. Você não vai me pegar despreparado com suas táticas covardes como fez com tantos dos meus compatrio-tas.

Ele parou para ver se as palavras insultuosas estavam exercendo o efeito desejado. Horace, contudo, era esperto o bastante para não lazer objeções. Ele apenas deu de ombros novamente.

— Vou me lembrar disso, com toda certeza — ele respondeu com suavidade.

Mais um passo e o cavaleiro de constituição robusta ficou ao alcance do braço. Seu rosto se cobriu de raiva ao ouvir a resposta de Horace e a recusa do garoto em ser insultado.

— Sou o líder militar desta província! — ele gritou.

— Um guerreiro que liquidou mais intrusos estrangeiros e mais covardes araluenses do que qualquer outro cavaleiro nestas terras. Pergunte a eles se não é verdade!

E fez um gesto com o braço mostrando as pessoas nervosas sentadas as mesas ao redor do fogo. Por um momento, não houve resposta, então ele virou o olhar afogueado para elas, desafiando-as a discordar.

Todas baixaram os olhos ao mesmo tempo e concordaram, resmungando de má vontade. Então o olhar do homem se voltou para Horace para desafiá-lo outra vez.

O menino o retribuiu impassível, mas um tom avermelhado estava começando a colorir suas faces.

— Como eu disse — ele respondeu com cuidado

—, vou me lembrar disso.

Os olhos de Deparnieux brilharam.

— E eu afirmo que você é um covarde e um ladrão que matou guerreiros galeses com subterfúgios e trapaças e roubou suas armaduras, seus cavalos e pertences! — ele concluiu com a voz cada vez mais alta.

Houve um longo silêncio no aposento. Finalmente, Horace respondeu.

— Acho que está enganado — ele disse no mesmo tom suave que tinha mantido durante todo o confronto.

Todos na sala respiraram fundo, e Deparnieux recuou furioso.

— Está me chamando de mentiroso? — ele indagou.

— De jeito nenhum — Horace negou balançando a cabeça. — Estou dizendo que você está cometendo um erro. Pelo jeito, alguém lhe deu uma informação errada.

Deparnieux estendeu as mãos e se dirigiu as presentes.

— Vocês ouviram o que ele disse! Ele me chamou de mentiroso! Isso é intolerável.

E, como tinha planejado, no mesmo movimento no qual estendeu as mãos, puxou uma das luvas de baixo do cinto e agora, antes que alguém pudesse reagir, deu impul-



so para atingir o rosto de Horace com ela num desafio que não podia ser ignorado.

Com uma sensação de triunfo, Deparnieux come-

çou o movimento da mão para que a luva batesse no rosto do garoto. Apenas para tê-la arrancada da mão por dedos invisíveis e jogada para o outro lado do aposento, onde parou pendurada numa das vigas de carvalho que sustentavam o teto.





“Então, vamos ser separados afinal”, Wil pensou.

Evanlyn foi levada para longe, tropeçando ao se virar para olhar para ele com uma expressão preocupada no rosto. Ele forçou um sorriso de encorajamento e acenou para ela, produzindo um gesto casual e alegre, como se eles fossem se ver em breve.

Sua tentativa de deixá-la animada foi interrompida por um forte tapa na cabeça. Ele cambaleou por alguns metros com os ouvidos assobiando.

— Mexa-se, escravo! — rosnou Tirak, o supervisor escandinavo do pátio. — Vamos ver se você tem mesmo motivos para sorrir.

Will logo descobriu que os motivos quase não exis-tiam.

De todos os prisioneiros dos escandinavos, os escravos do pátio tinham as tarefas mais duras e desagradá-

veis. Os escravos domésticos, os que trabalhavam nas cozinhas e nas salas de refeições, tinham pelo menos o conforto de trabalhar e dormir num local aquecido. Eles po-



diam cair exaustos em suas cobertas no fim do dia, mas as cobertas eram quentes.

Por outro lado, os escravos do pátio faziam todas as tarefas exteriores, árduas e desagradáveis, que precisavam ser realizadas: cortar lenha, limpar neve dos caminhos, esvaziar as latrinas e se livrar de seu conteúdo, ali-mentar e dar água para os animais e limpar os estábulos.

Todos esses trabalhos tinham que ser feitos no frio cortante. E, quando o esforço provocava suor, os escravos eram deixados com as roupas úmidas que congelavam neles depois que as tarefas eram concluídas, sugando o calor de seus corpos.

Eles dormiam num velho celeiro em ruínas que tinha poucas condições de manter o frio do lado de fora, por causa das correntes de ar. Cada escravo recebia um cobertor fino, uma proteção totalmente inadequada quando as temperaturas caíam abaixo de zero. Eles completa-vam as cobertas com qualquer trapo ou saco que conseguiam encontrar. Eles os roubavam, mendigavam por eles.

E, muitas vezes, lutavam por eles. Nos seus primeiros di-as, Will viu dois escravos machucados, quase mortos, por causa de brigas por pedaços de sacos.

Will percebeu que ser um escravo do pátio era mais do que desagradável. Era totalmente perigoso.

O sistema sob o qual trabalhavam aumentava o perigo. Tirak era o chefe do pátio, mas ele delegava essa autoridade para uma pequena gangue corrupta conhecida como o Comitê. Ela era formada por meia dúzia de escravos antigos que caçavam juntos e tinham poder de vida e morte sobre os companheiros. Em troca de autoridade e alguns confortos adicionais, como comida e cobertores, eles mantinham uma disciplina brutal no pátio, organiza-vam a lista de serviços e distribuíam tarefas para os outros escravos. Os que se submetiam a eles e obedeciam recebiam as tarefas mais fáceis. Os que resistiam se viam realizando os trabalhos mais desagradáveis, frios e perigosos.

Tirak ignorava os excessos. Ele simplesmente não se importava com os escravos sob seu comando. Eles eram dispensáveis para ele e a vida dele era muito mais simples quando usava o Comitê para manter a ordem. Se o grupo matasse ou aleijasse um ou outro rebelde, o preço a pagar era baixo.

Era inevitável que Wil , sendo a pessoa que era, entrasse em choque com o Comitê. Isso aconteceu no seu terceiro dia no pátio. Ele estava voltando da floresta onde tinha ido apanhar lenha e arrastava um trenó cheio pela neve fina. Suas roupas estavam úmidas de suor e da neve que derretia, e ele sabia que assim que parasse de se movimentar ficaria tremendo de frio. As pequenas rações que recebiam para comer pouco ajudavam a restaurar o calor do corpo e, a cada dia, ele sentia sua força e resistência diminuindo um pouco mais.

Quase dobrado em dois, ele arrastou o trenó para o pátio e o fez parar ao lado da cozinha, onde os escravos da casa iriam descarregá-lo e levar a lenha para o calor das grandes cozinhas. Sua cabeça girou um pouco quando endireitou o corpo e então, de trás de um dos anexos da cozinha, ele ouviu uma voz praguejando enquanto outra choramingou de dor.

Curioso, ele largou o trenó e foi ver qual era a causa da agitação. Um garoto magro e esfarrapado estava encolhido no chão enquanto um jovem mais velho e forte batia nele com um pedaço de corda cheio de nós.

— Sinto muito, Egon! — a vítima choramingou. —

Eu não sabia que era seu!

Will percebeu que os dois eram escravos, mas o rapaz grande parecia bem alimentado e usava roupas quentes, apesar de estarem rasgadas e manchadas. Wil calculou que ele tinha cerca de 20 anos. Wil tinha notado que não havia escravos mais velhos no pátio e teve a desagradável desconfiança de que isso acontecia porque os escravos não viviam muito tempo.

— Você é um ladrão, Ulrich! — acusou o rapaz mais forte. — Eu vou ensinar você a não pegar as minhas coisas!

Ele estava mirando a cabeça de sua vítima com a corda nodosa e a batia no ar com fúria. Wil viu que o rosto do garoto estava muito ferido e, enquanto observava, um corte se abriu exatamente debaixo do olho do menino e o sangue cobriu seu rosto. Ulrich gritava e tentava cobrir o rosto com os braços descobertos. Seu atormentador da-va golpes cada vez mais violentos. Will não conseguiu mais ficar parado, olhando. Ele se aproximou, pegou a ponta da corda quando Egon ia atacar novamente e deu um puxão para trás.

Egon perdeu o equilíbrio. Cambaleou e soltou a corda, virando-se para olhar quem tinha ousado interrompê-lo. Ele esperava ver Tirak ou outro escandinavo parado ali. Nenhuma outra pessoa teria coragem de se meter com um membro do Comitê. Para sua surpresa, ele se viu olhando para um garoto baixo e magro que parecia ter uns 16 anos de idade.

— Acho que já foi o bastante — Wil disse jogando a corda na neve suja do pátio da cozinha.

Furioso, Egon deu um passo à frente. Ele era maior e mais forte do que Wil e estava pronto para castigar aquele estranho idiota. Então algo no olhar desse estranho e sua atitude determinada o impediram. Ele não viu medo ali. E ele parecia preparado e disposto a lutar. Egon percebeu que o rapaz era novo no pátio e ainda em condições relativamente boas. Wil não era um alvo fácil, como o infeliz Ulrich.

— Desculpe, Egon — o garoto maltrapilho gemeu.

Ele rastejou até o membro do Comitê e encostou a cabeça nas suas botas gastas.

— Não vou fazer isso de novo.

Egon já tinha perdido interesse em sua vítima inicial. Empurrou o garoto com o pé.

Ulrich olhou para cima e ao sentir que não estavam prestando atenção nele aproveitou para fugir.



Egon mal notou a fuga do garoto. Ele olhava para Will e o avaliava. Aquela não seria uma vítima fácil, mas havia outras formas de lidar com encrenqueiros.

— Como você se chama? — ele perguntou com os olhos semicerrados e a voz baixa de raiva.

— Meu nome é Wil — disse o aprendiz de arqueiro, e Egon balançou a cabeça devagar várias vezes.

— Vou me lembrar disso — ele garantiu.

No dia seguinte, Will foi escolhido para trabalhar com as pás.

O trabalho nas pás era o mais temido entre os escravos do palio. O suprimento de água potável de Hal asholm vinha de uma grande nascente no centro da praça em frente à Grande Mansão de Ragnak. Com a chegada do inverno, se não se tomasse cuidado, a água da nascente iria congelar. Assim, os escandinavos tinham instalado enormes pás de madeira que agitavam a água constantemente e partiam o gelo antes que tudo se solidificasse.

Empurrar as manivelas que faziam as lâminas de madeira, difíceis de lidar, girar na água era um trabalho constante e cansativo. Da mesma forma que limpar a neve era um trabalho úmido, frio e muito debilitante. Ninguém durava muito tempo nas pás.

Will tinha trabalhado metade da manhã, mas já se sentia exausto, todos os músculos dos braços, costas e pernas doíam por causa do esforço.

Ele empurrava a manivela, lisa por causa dos anos de manejo de uma sucessão de mãos praticamente mortas.

Fazia apenas alguns minutos que tinha agitado a superfície da água da nascente,

mas uma fina camada de gelo já se formava na superfície. Ela se partiu quando a lâmina de madeira bateu nela e se moveu rapidamente de um lado a outro. Do outro lado da nascente, um colega se retorcia e virava sua pá, mantendo a água em movimento, impedindo-a de se congelar. Logo que chegou, Wil tinha cumpri-mentado o outro escravo com um aceno de cabeça, mas foi ignorado. Desde então, com exceção dos gemidos constantes provocados pelo esforço, eles tinham trabalhado em silêncio.

Uma pesada tira de couro, brandida pelo supervisor, estalava em volta de seus ombros. Ele ouvia o barulho, sentia o impacto. Mas não havia a sensação ardida do golpe que era amortecida pelo frio.

— Mergulhe as pás mais fundo! — o supervisor rosnou. — A água embaixo vai congelar se você só passar as pás na superfície.

Gemendo baixinho, Wil obedeceu e se levantou nas pontas dos pés para mergulhar a pá de madeira na á-

gua gelada, respingando água por todos os lados. Ele sentiu o toque gelado da água no corpo já totalmente molhado. Era quase impossível ficar seco. Ele sabia que, quando parasse para um dos breves momentos de descanso a que tinham direito, as roupas congeladas iriam retirar o calor do corpo e ele iria recomeçar a tremer.

Eram os tremores incontroláveis que mais o assus-tavam. À medida que ele esfriasse, seu corpo começaria a sacudir. Ele tentou parar a tremedeira e sentiu que não conseguiria. Desanimado, Will se deu conta de que tinha perdido o controle sobre o próprio corpo. Seus dentes batiam, suas mãos balançavam, e ele não podia fazer nada.

A única maneira de se aquecer outra vez era recomeçando a trabalhar.

Finalmente, acabou. Até os escandinavos reconheciam que ninguém podia trabalhar mais do que 4 horas nas pás. Trêmulo e exausto, totalmente esgotado, Will cambaleou para trás onde estava o celeiro com as camas.

Ele tropeçou e caiu ao se aproximar do lugar que lhe tinha sido destinado para dormir, sem se esforçar para levantar de novo. Ansioso para sentir o fraco calor oferecido pelo cobertor fino, ele rastejou de quatro.

Então ele soltou um grito rouco de desespero. O

cobertor tinha sumido!

Chorando, Will se encolheu no chão frio. Seus joelhos estavam dobrados e ele os envolveu com os braços numa tentativa de conservar o calor do corpo. Wil lembrou o casaco de arqueiro, tão quente, perdido ao ser capturado por Erak e seus homens. Os tremores começaram e ele sentiu o corpo todo ser dominado. O frio se enterra-va no fundo de sua carne, atingia seus ossos e sua alma.

Não havia nada além do frio. Seu mundo estava cercado pelo frio. Ele era o frio. Inevitável, insuportável.

Não havia a menor faísca de calor em seu mundo.

Não havia nada além do frio.

Will sentiu algo áspero no rosto. Ele abriu os olhos e viu alguém inclinado sobre ele estendendo um pedaço de saco grosseiro sobre seu corpo trêmulo. Então uma voz baixa falou ao seu ouvido.

— Fique calmo, amigo. Seja forte.

A pessoa que falava era um escravo alto, barbado e despenteado, mas foram os olhos dele que Will notou.

Eles estavam cheios de compreensão e solidariedade. Pa-teticamente, Wil puxou o tecido áspero para perto do queixo.

— Ouvi falar do que você tentou fazer por Ulrich

— seu salvador contou. — Temos que ficar unidos se quisermos sobreviver neste lugar. A propósito, meu nome é Handel.

Will tentou responder, mas seus dentes estavam batendo incontrolavelmente e sua voz tremia ao tentar formar palavras. Era inútil.

— Aqui, experimente isto — Handel ofereceu, olhando em volta para se certificar de que não estavam sendo observados. — Abra a boca.

Will se esforçou para separar os dentes e Handel escorregou alguma coisa em sua boca que parecia um punhado de ervas secas.



— Ponha isso debaixo da língua — Handel sussurrou. — Espere derreter. Você vai ficar bem.

E, depois de alguns momentos, à medida que a saliva umedecia a substância debaixo da língua, Wil sentiu a melhor e mais fantástica onda de calor tomar conta de seu corpo. O calor maravilhoso espantou o frio, espalhou-se até a ponta dos dedos das mãos e dos pés em várias ondas pulsantes. Ele nunca tinha sentido nada tão maravilhoso em toda a vida.

O tremor diminuiu à medida que sucessivas ondas de calor se espalhavam por sua pele. Seus músculos rígidos relaxaram e foram dominados por uma deliciosa sensação de paz e bem-estar. Ele olhou e viu Handel sorrindo e balançando a cabeça para ele. Aqueles maravilhosos olhos calorosos sorriam para tranquilizá-lo e ele sabia que tudo ficaria bem.

— O que é isso? — ele perguntou, falando de um jeito esquisito por causa do chumaço ensopado que havia em sua boca. .

— É a erva do calor — Handel informou com delicadeza. — Ela nos mantém vivos.

Das sombras de um canto afastado, Egon observava os dois vultos e sorriu. Handel tinha feito um bom trabalho.





O cavaleiro vestido de negro praguejou violentamente quando a flecha arrancou a luva de sua mão e bateu com estrondo, levando o apetrecho com ela, numa grossa viga de carvalho.

O impacto firme da flecha na viga atraiu seu olhar por um segundo e então ele se virou desconfiado para verificar de onde tinha vindo o projétil. Pela primeira vez, constatou a presença de um vulto escuro e indistinto nas sombras no fundo do aposento. Então, quando Halt saiu de trás da mesa e ficou visível na luz, ele

também enxergou o arco em que uma segunda flecha estava pronta na corda. O arqueiro não tinha se incomodado em levantar o arco, mas Deparnieux tinha acabado de ver um exemplo de sua habilidade. Ele sabia que estava em frente a um mestre arqueiro, capaz de preparar o arco e atirar numa questão de segundos. Ele ficou muito quieto, controlando a raiva com dificuldade, pois sabia que sua vida bem poderia depender de sua capacidade de fazer isso.

— Infelizmente para as normas dos cavaleiros —

Halt disse sir Horace, o cavaleiro da Ordem do Carvalho,



está indisposto devido a um ferimento na mão esquerda.

Assim, ele não vai poder responder ao gentil convite que o senhor estava prestes a fazer.

Halt tinha entrado ainda mais na luz e Deparnieux podia enxergar seu rosto com mais clareza. Com a barba por fazer e carrancudo, aquele era o rosto de um veterano experiente. Os olhos eram frios e não apresentavam nenhum sinal de indecisão. O cavaleiro soube de imediato que aquele era um homem com quem se devia tomar cuidado.

Ouviu-se um risinho baixo vindo de um dos moradores da vila que estavam no aposento e, interiormente, o cavaleiro galês ferveu de raiva. Seu olhar saltou para a fonte do barulho e viu um carpinteiro baixando o rosto para esconder o sorriso. Deparnieux tomou nota do sujeito mentalmente. Seu dia de prestar contas iria chegar. Exte-riormente, porém, ele se obrigou a sorrir.

— Uma pena — ele respondeu ao arqueiro. — Eu tinha esperanças de realizar um amistoso teste de armas com o jovem cavaleiro. Sempre obedecendo ao

espírito da boa cavalaria, é claro.

— É claro — Halt respondeu simplesmente e Deparnieux soube que não tinha conseguido enganá-lo por um momento sequer. — Mas, como eu disse, talvez tenhamos que desapontá-lo, já que estamos realizando uma viagem numa busca urgente.

— É mesmo? — Deparnieux indagou levantando as sobrancelhas intrigado. — E para onde você e o seu jovem mestre estão indo?

Ele acrescentou “jovem mestre” para verificar o efeito que as palavras iriam exercer no homem barbado parado à sua frente. Era óbvio quem era o patrão ali, e não era o jovem cavaleiro. Ele tinha esperado ferir o orgulho do outro homem e possivelmente levá-lo a cometer um erro.

A esperança, porém, não durou muito. Ele percebeu um leve brilho divertido no olhar do arqueiro quando ele reconheceu a manobra.

— Ah, para vários lugares — Halt respondeu vagamente. — Não é uma tarefa de interesse suficiente para um comandante como o senhor.

O tom de voz deixou claro para o cavaleiro que Halt não iria responder perguntas casuais sobre seu destino final ou o local para onde estavam viajando.

— Sir Horace — ele acrescentou, ciente de que o garoto ainda estava ao alcance do braço do cavaleiro negro —, por que não se senta ali e descansa o braço machucado?

Horace olhou para ele e, quando compreendeu, afastou-se e se sentou perto do logo. O silêncio na sala era absoluto. Os moradores da vila olhavam para os dois homens que se confrontavam, perguntando-se como aquela situação iria terminar. Apenas duas pessoas no aposento, Halt e Deparnieux, sabiam que o cavaleiro estava tentando avaliar suas chances de puxar a espada e atingir o arqueiro antes que ele pudesse atirar. Ao hesitar, Deparnieux encontrou o olhar decidido do arqueiro.

— Eu não faria isso — Halt disse com suavidade.

O cavaleiro negro leu a mensagem nos olhos dele e soube que, por mais rápido que fosse, a reação do outro homem seria ainda mais rápida. Ele inclinou a

cabeça levemente reconhecendo o fato. Aquele não era o momento.

Ele se obrigou a sorrir e se inclinou de modo zombeteiro na direção de Horace.

— Talvez algum outro dia, sir Horace — ele disse com indiferença. — Vou esperar ansiosamente para lutar com o senhor quando se recuperar.

Desta vez ele notou que o garoto olhou rapidamente para o companheiro mais velho antes de responder.

— Talvez algum outro dia — Horace concordou.

O cavaleiro olhou ao redor do aposento com um sorriso frio, virou-se nos calcanhares e andou até a porta.

Ele parou ali um momento e procurou Halt com o olhar mais uma vez. O sorriso desapareceu e a mensagem que enviou era clara: *Na próxima vez, meu amigo. Na próxima vez.*

A porta se fechou atrás dele e um suspiro coletivo de alívio tomou conta do aposento. No mesmo instante, todos os presentes começaram a conversar. Os músicos, percebendo que seu momento tinha acabado por aquela noite, guardaram os instrumentos e, agradecidos, aceitaram bebidas da empregada.

Horace foi até a viga onde a flecha de Halt tinha pregado a luva do cavaleiro. Ele soltou a flecha, jogou a luva numa mesa e devolveu a flecha para Halt.

— O que foi tudo isso? — ele perguntou um pouco sem fôlego.

Halt voltou para a mesa nas sombras e recostou o arco na parede novamente.

— Isso — ele disse ao garoto — é o que acontece quando você começa a ganhar reputação. Obviamente, nosso amigo Deparnieux é a pessoa que controla esta área e viu você como um possível desafio a esse controle. Assim, ele veio até aqui para matar você.

— Mas... por quê? — Horace perguntou balançan-do a cabeça espantado. — Não tenho nenhuma desavença com o homem. Eu o ofendi de alguma maneira? É claro que não tive a intenção — ele afirmou.

Halt as sentiu sério.

— Não se trata disso — ele explicou ao jovem aprendiz. — Ele não liga a mínima para você. Você simplesmente foi uma oportunidade para ele.

— Uma oportunidade? — Horace perguntou. —

Para quê?

— Para reafirmar seu poder sobre as pessoas da re-gião — Halt explicou. — Gente como ele governa pelo medo na maior parte do tempo. Assim, quando um jovem cavaleiro vem para a cidade com a reputação de campeão, alguém como Deparnieux encara o fato como uma oportunidade. Ele provoca uma briga, mata você e a reputação



dele fica mais forte. As pessoas o temem mais e têm menos probabilidade de desafiar o controle que ele exerce sobre elas. Entendeu?

— Não devia ser assim — o rapaz murmurou com um tom de desapontamento na voz. — Não é assim que os cavaleiros deveriam agir.

— Nesta parte do mundo é assim — Halt retrucou.



Jarl Erak, capitão e membro do conselho central dos jarls mais antigos, estivera fora de Hal asholm por várias semanas.

Ele estava assobiando, enquanto atravessava os portões abertos da residência, com uma sensação de satisfação por um serviço benfeito. Borsa o tinha mandado navegar costa abaixo até um dos povoados do sul para investigar uma aparente queda nos impostos pagos pelo jarl local. Borsa tinha percebido o declínio nos últimos quatro ou cinco anos. Nada repentino demais para despertar suspeitas,

mas um pouco menos a cada ano.

Tinha sido preciso uma mente esperta como a de Borsa para notar a lenta discrepância e para perceber que a redução gradativa na renda informada tinha coincidido com a eleição de um novo jarl na vila. Pressentindo uma fraude, o hilfmann tinha escolhido Erak para investigar —

e para convencer o jarl local de que a honestidade, no caso de impostos devidos a Ragnak, era definitivamente a melhor política.



Deve-se admitir que a ideia que Erak fez de investigar consistiu em agarrar o infeliz jarl pela barba enquanto ele dormia na escuridão antes do amanhecer. Erak então ameaçou arrancar-lhe o cérebro com uma enxada se ele não fizesse um ajuste rápido para melhor a quantia de impostos que estava pagando para Hal asholm. As táticas eram rudes e rápidas, mas eficazes. O jarl ficara extremamente ansioso para pagar os impostos que faltavam.

Foi por puro acaso que Erak atravessou os portões no exato momento em que Wil tropeçou com a pá para limpar a neve alta que tinha caído dos caminhos na noite anterior.

Durante um momento, Erak não reconheceu a figura magra e trôpega. Mas havia algo conhecido no ema-ranhado cabelo castanho, mesmo manchado e sujo. Erak parou para ver melhor.

— Deus da escuridão, garoto! — ele murmurou. —

É você mesmo?

O garoto se virou para olhar com uma expressão vazia e indiferente. Ele estava

reagindo apenas ao som de uma voz. Não havia sinal de ter reconhecido o capitão.

Seus olhos estavam vermelhos e sem brilho quando ele examinou o forte escandinavo. Erak sentiu um grande tristeza tomar conta dele.

Ele conhecia os sinais provocados pelo uso da erva do calor e, claro, sabia que era usada para controlar os escravos do pátio. E ele já tinha visto muitos deles morre-rem por causa dos efeitos combinados do frio, da desnu-trição e da falta de vontade de viver que resultava do vício na droga. Os dependentes da erva do calor não esperavam nem planejavam mais nada. Consequentemente, não tinham esperanças para levantar o ânimo. Era isso, além dos outros fatores, que os matava ao longo do tempo.

Erak sofria ao ver que o garoto tinha descido tanto, de ver aqueles olhos antes tão cheios de coragem e determinação e que agora não refletiam nada além do vazio sem brilho da falta de esperança ou expectativa de um viciado.

Will esperou alguns segundos, imaginando que receberia uma ordem. No fundo de si mesmo, uma leve lembrança se agitou por 1 ou 2 segundos. A lembrança do rosto à sua frente e da voz que tinha ouvido. Então, o esforço de lembrar se tornou muito grande, a névoa do vício muito espessa e, com um leve dar de ombros, ele se virou e caminhou arrastando os pés até o portão para começar a tirar a neve. Em alguns minutos, ele estaria encharcado do suor provocado pelo trabalho pesado. Então, a umidade iria congelar em seu corpo e o frio iria comer as suas entranhas outra vez. Agora ele conhecia o frio. Ele era o seu companheiro constante. E com a lembrança do frio vinha o desejo pelo próximo suprimento da erva. Os seus poucos momentos de conforto.

Erak observou Wil se curvar lenta e desajeitadamente para realizar sua tarefa. Ele praguejou baixinho para si mesmo e se virou Outros escravos do pátio já estavam trabalhando nas pás na fonte de água fresca, esmagando o gelo espesso que tinha se formado durante a noite gelada.

Erak passou por eles depressa, quase sem vê-los. E

não estava mais assobiando.

Dois dias depois, tarde da noite, Evanlyn foi chamada para os aposentos de jarl Erak.

Ela tinha conseguido um lugar para dormir perto o bastante dos grandes fornos para se manter aquecida durante a noite, mas não perto demais para se queimar. Agora, no fim de um longo dia, tinha estendido o cobertor nas tábuas duras, deitado agradecida e se envolvido nele. O

travesseiro era um pequeno pedaço de madeira da pilha de lenha enrolado com uma camisa velha. Ela estava recosta-da nele, escutando os barulhos à sua volta: uma tosse ocasional rouca que era resultado inevitável de se viver na neve e no gelo da Escandinávia, nessa época do ano, e as conversas murmuradas em voz baixa. Essa era uma das poucas ocasiões em que os escravos tinham permissão de conversar. Geralmente, Evanlyn estava cansada demais para aproveitar a ocasião.

Ela ouviu que alguém chamando seu nome e se sentou com um pequeno gemido. Uma escrava dos quartos estava passando entre as fileiras de corpos deitados, ocasionalmente se inclinando para sacudir um ombro e perguntar se alguém sabia onde poderia encontrar a escrava de Araluen chamada Evanlyn. Na maioria das vezes, ela recebia olhares indiferentes e gestos desinteressados. A vida entre os escravos não era favorável à formação de novos amigos.

— Aqui! — Evanlyn chamou, a escrava dos quartos olhou para ver de onde tinha vindo a voz e então caminhou com cuidado entre os corpos para chegar até ela.

— Você tem que vir comigo — ela disse com um tom de voz pomposo.

Os escravos dos quartos, que cuidavam de quem vivia na residência, se consideravam seres superiores comparados aos simples escravos da cozinha: uma raça de pessoas que vivia num mundo de gordura, vinho derra-mado e comida.

— Para onde? — Evanlyn quis saber, e a garota fungou com desdém para ela.

— Para onde mandarem — ela respondeu.

Então, como Evanlyn não fez menção de se levantar, ela se viu obrigada a acrescentar:

— Ordens de jarl Erak.

Afinal, ela não tinha autoridade pessoal sobre os escravos da cozinha, mesmo que se considerasse superior.

Os escandinavos não reconheciam essa diferença. Um escravo era um escravo e, exceto os chefes da gangue no pátio, eles eram todos iguais.

Houve um pequeno movimento de interesse dos outros que estavam sentados e deitados perto dela. Não era novidade que os oficiais superiores recrutassem escravas pessoais entre as jovens garotas mais atraentes.

Perguntando-se qual seria o significado de tudo aquilo, Evanlyn se levantou e dobrou o cobertor com cuidado, deixando-o para marcar seu lugar. Depois, fez um gesto para a outra garota mostrar o caminho e a seguiu para fora da cozinha.

A Grande Mansão de Ragnak era, na realidade, um verdadeiro labirinto de passagens e quartos que saíam do Grande Salão central, com pé-direito muito alto, onde se serviam as refeições e se conduziam os negócios oficiais.

A garota levou Evanlyn por uma série de passagens baixas e mal iluminadas até chegarem ao que parecia ser um beco sem saída. Havia uma porta no fim da parede e a escrava de quarto a indicou para Evanlyn.

— Ali dentro — a escrava disse simplesmente. —

É melhor bater primeiro — ela então acrescentou.

Então se virou e correu de volta pelo corredor escuro. Evanlyn hesitou um momento, sem saber do que se tratava, e bateu na porta dura de carvalho com o nó dos dedos.

— Entre.

Ela reconheceu, a voz que respondeu à batida. As cordas vocais de Erak eram treinadas para conduzir seus homens sobre as ondas do Mar Stormwhite. Parecia que ele nunca baixava o volume. Havia um trinco do lado de fora. Ela o levantou e entrou.

Os aposentos de Erak eram simples. Inevitavel-mente construídos de troncos de pinho, abrangiam uma sala de estar e, fechado por uma cortina tecida em lã, um quarto de dormir num dos lados. A sala de estar tinha uma pequena fogueira

queimando numa extremidade, que enchia o lugar de um calor agradável, e várias cadeiras de carvalho esculpidas. Uma tapeçaria muito cara, e, segundo o que Evanlyn reconheceu, estrangeira, cobria o chão de madeira. Ela adivinhou que era o resultado de uma das pilhagens de Erak em Gálica. Em seus anos no Castelo de Araluen, ela tinha visto muitas peças semelhantes. Tecidas pelos artistas de Tierre Val ey durante longos períodos que muitas vezes chegavam a dez ou vinte anos, os tapetes geralmente trocavam de mãos por uma pequena fortuna.

Por alguma razão, Evanlyn não acreditava que Erak tivesse pago em dinheiro por ele.

Recostado em uma das cadeiras esculpidas e de aspecto confortável, o jarl estava sentado perto do fogo. Ele fez sinal para ela e indicou uma garrafa e copos numa me-sa baixa no centro do aposento.

— Entre, menina. Sirva um pouco de vinho para nós e sente-se. Temos um assunto para conversar.

Hesitante, ela atravessou o quarto e derramou o vinho tinto em dois cálices. Depois entregou um deles para o escandinavo e se sentou na outra poltrona. Ao contrário de Erak, contudo, ela não se recostou confortavelmente.

Ela ficou ereta na beirada como se estivesse preparada para fugir. O jarl a observou com o que pareceu ser um pouco de tristeza e então acenou para ela.

— Relaxe, menina! Ninguém vai machucar você; muito menos eu. Beba o vinho.

Lentamente, ela deu um gole e o achou surpreendentemente bom. Erak a observava e viu a expressão in-voluntária de surpresa em seu rosto.

— Então você conhece um bom vinho? — ele perguntou. — Eu peguei um barril desse de um navio floren-tino na última estação de pirataria. Nada mal, não é?

Ela concordou com um gesto. Ela estava começan-do a relaxar um pouco e o vinho a deixou um tanto corada. Evanlyn se deu conta de que não tinha tocado em nenhum tipo de bebida alcoólica por muitos meses. E lhe ocorreu que seria melhor que vigiasse seus passos. E sua língua.

Ela esperou que o capitão escandinavo falasse. Ele parecia hesitante, como se não tivesse certeza de que devia continuar. O silêncio cresceu entre eles até que, por fim, ela não suportou mais. Evanlyn tomou outro gole de vinho e perguntou:

— Por que mandou me chamar?

Jarl Erak estava olhando para as chamas do pequeno fogo. Surpreso, ele olhou para cima quando a garota falou. Ele devia estar desacostumado a conversar com escravos. Então, Evanlyn deu de ombros. Eles podiam ficar sentados ali, em silêncio, a noite toda se ninguém tomasse a iniciativa. Ela estava intrigada por ver um leve sorriso surgir no rosto barbado. Ocorreu a ela que em outro lugar, em condições diferentes, ela até poderia gostar do pirata escandinavo.

— Provavelmente não pelo motivo no qual você está pensando — ele respondeu e, antes que a moça pudesse responder, ele continuou, quase para si mesmo. —

Mas alguém tem que fazer alguma coisa e acho que você é a pessoa ideal para o trabalho.

— Fazer alguma coisa? — Evanlyn repetiu. — Fazer alguma coisa sobre o quê?

Nesse momento, Erak pareceu tomar uma decisão.

Ele soltou um suspiro profundo, tomou a última gota de vinho do copo e se inclinou para a frente, os cotovelos pousados nos joelhos, o rosto barbado e áspero voltado na direção dela.

— Você tem visto o seu amigo ultimamente? — ele perguntou. — O jovem Will?

Evanlyn desviou o olhar. Sim, ela o tinha visto. Ou melhor, ela tinha visto a figura trôpega e indiferente na qual ele tinha se transformado. Alguns dias antes, ele tinha trabalhado do lado de fora da cozinha e ela lhe levara alguma comida. Will arrancou o pão das mãos dela e o de-vorou como um animal. Mas, quando falou com ele, Will apenas a encarou.

Em duas curtas semanas, ele já tinha se esquecido de Evanlyn, de Halt e da pequena cabana na beira da floresta perto do Castelo Redmont. Ele tinha esquecido até os importantes acontecimentos que haviam ocorrido nas Planícies de Uthal, quando o exército do rei Duncan havia enfrentado e derrotado os

implacáveis regimentos de Wargals de Morgarath.

No que dizia respeito a ele, esses acontecimentos e todos os outros de sua jovem vida poderiam muito bem ter ocorrido do lado oculto da lua. Atualmente, sua vida e todo o seu ser se concentravam apenas em um pensamento.

Seu próximo suprimento de *erva do calor.*

Um dos outros escravos, uma mulher mais velha, tinha testemunhado o encontro e falou com suavidade com Evanlyn quando ela voltou à cozinha.

— Esqueça seu amigo. A droga tomou conta dele.

Ele já está morto.

— Eu o vi — ela disse a Erak em voz baixa.

— Eu não tive nada a ver com isso — ele retrucou zangado surpreendendo Evanlyn com a intensidade da resposta. — Nada. Acredite em mim, menina, detesto a maldita droga. Já vi o que ela faz para as pessoas. Ninguém merece esse tipo de vida obscura.

Evanlyn o encarou outra vez. Era evidente que Erak estava sendo sincero e que, igualmente evidente, queria que ela reconhecesse isso. Evanlyn assentiu.

— Acredito em você — ela afirmou.

Erak se levantou da poltrona inquieto e andou pelo aposento pequeno e aquecido como se qualquer forma de ação física pudesse aliviar a fúria que estava se formando dentro dele desde que tinha encontrado Wil .

— Um garoto como ele, um verdadeiro guerreiro.

Ele pode ter a altura de um anão, mas tem o coração de um verdadeiro escandinavo.

— Ele é um arqueiro — Evanlyn contou em voz baixa e ele assentiu.

— É verdade. E ele merece mais do que isso. Essa maldita droga! Não sei por que Ragnak a tolera!

Ele parou por um longo momento, tentando recuperar a calma, e então se virou para ela e continuou.

— Quero que saiba que tentei manter vocês dois juntos. Não tinha ideia de que Borsa iria mandá-lo para o pátio. O homem não tem ideia de como tratar um inimigo honrado. Mas o que se pode esperar? Borsa não é um guerreiro. Ele conta sacos de cereais para viver.

— Entendo — Evanlyn comentou com cuidado.

Ela não tinha certeza disso, mas sentia que o capitão esperava alguma resposta dela. Erak olhou para a garota com atenção, avaliando-a. Ele parecia estar tentando tomar alguma decisão.

— Ninguém sobrevive no pátio — ele acrescentou com delicadeza, quase para si mesmo.

Ao ouvir essas palavras, Evanlyn sentiu uma mão fria envolver seu coração.

— Assim, depende de nós fazer alguma coisa a respeito — ele concluiu.

Evanlyn olhou para ele, a esperança crescendo em seu peito quando Erak disse essas últimas palavras.

— Exatamente em que tipo de coisa você está pensando? — ela perguntou devagar, desejando, apesar de todas as probabilidades em contrário, que estivesse entendendo a conversa corretamente.



Erak fez uma pausa de 1 ou 2 segundos e então tomou a firme decisão de se comprometer.

— Você vai escapar — ele disse finalmente. — Vai levá-lo junto com você e eu vou ajudá-los.



24

Os dois viajantes passaram uma noite agitada, fazendo turnos para montar guarda. Nenhum deles tinha certeza de que o comandante local não voltaria se esgueirando na escuridão. Contudo, eles constataram que seus temores eram infundados. Não houve mais nenhum sinal de Deparnieux naquela noite.

Na manhã seguinte, enquanto selavam os cavalos no celeiro no fundo do edifício, o dono da pousada se aproximou nervoso de Halt.

— Senhor, não posso dizer que esteja triste por vê-

lo deixar minha pousada — ele falou em tom de desculpas.

Halt deu-lhe uns tapinhas no ombro para mostrar que não estava ofendido.

— Posso entender sua posição, meu amigo. Receio que o seu chefão não tenha gostado de nós.

O dono da pousada olhou em volta inquieto antes de concordar com Halt, como se tivesse medo de que al-guém pudesse estar observando-os e fosse contar sobre sua deslealdade para Deparnieux. Halt imaginou que pro-



vavelmente isso tivesse acontecido várias vezes antes naquela cidade e sentiu pena do homem que tinha rido no bar na noite anterior e tinha sido surpreendido pelo cavaleiro negro.

— Ele é um homem muito, muito mau, senhor —

o dono da pousada admitiu em voz baixa. — Mas o que gente como nós pode fazer contra ele? Ele tem um pequeno exército à disposição, e nós somos apenas comerci-antes, não guerreiros.

— Gostaria de poder ajudar vocês — Halt disse, mas temos que partir.

Halt hesitou apenas um segundo e perguntou com disfarçada indiferença:

— A balsa em Les Sourges funciona todos os dias?

Les Sourges era um rio que passava na cidade e ia para o oeste, a uns 20

quilômetros dali. Halt e Horace estavam viajando para o norte, mas o arqueiro tinha certeza de que Deparnieux iria voltar e tentar saber para onde tinham ido. Ele não esperava que o estalajadeiro guardasse segredo sobre sua pergunta, tampouco iria censurá-lo por abrir a boca. O homem agora fazia que sim com a cabeça, confirmando o que Halt tinha perguntado.

— Sim, senhor, a balsa ainda está funcionando nesta época do ano. No mês que vem, quando a água congelar, ela vai parar e os viajantes vão ter que usar a ponte em Colpennieres.

Halt pulou para a sela. Horace já estava montado e segurava a rédea principal que puxava o grupo de cavalos capturados. Depois dos acontecimentos da noite anterior, eles tinham decidido que seria sensato deixar a cidade o mais depressa possível.

— Então vamos para a balsa — Halt avisou em voz alta. — Acho que há uma bifurcação na estrada alguns quilômetros ao norte, certo?

— Isso mesmo, senhor — o dono da pousada confirmou. — É o principal cruzamento que vai encontrar.

Pegue a estrada da direita e vai estar no caminho da balsa.

Halt levantou a mão para agradecer e se despedir e, cutucando Abelard com o joelho, saiu do pátio do estábu-lo.

Eles viajaram longamente naquele dia. Ao chegar ao cruzamento, ignoraram a estrada da direita e continuaram em frente na direção do norte. Não havia nenhum sinal na estrada de que estivessem sendo perseguidos, mas as colinas e os bosques que os cercavam poderiam esconder um exército, se necessário. Halt não estava totalmente convencido de que Deparnieux, que conhecia o campo, não estava viajando paralelo a eles em algum lugar, talvez usando atalhos para preparar uma emboscada em algum ponto adiante na estrada.

Foi quase um anticlímax quando, no meio da tarde, eles chegaram a uma pequena ponte onde havia um cavaleiro a espera barrando a passagem e lhes oferecendo a escolha de pagar o pedágio ou lutar com ele.

O cavaleiro, montado num cavalo castanho ossudo que deveria ter sido aposentado dois ou três anos antes, estava a quilômetros de distância do

comandante que tinham confrontado na noite anterior. Seu casaco estava enlameado e rasgado. Talvez tivesse sido amarelo um dia, mas tinha desbotado para um branco sujo. Sua armadura tinha sido remendada em vários lugares e era evidente que sua lança era feita com o tronco cortado de uma árvore nova. O escudo tinha a inscrição da cabeça de um javali e parecia apropriado para um homem desbotado, rasgado e todo desgrenhado como ele.

Eles pararam observando a cena. Halt suspirou desanimado.

— Estou ficando muito cansado disso tudo — ele murmurou para Horace e começou a desamarrar o arco que estava pendurado em seu ombro.

— Um momento, Halt — Horace pediu, enquanto tirava o escudo redondo das costas e o ajeitava no braço esquerdo. — Por que não deixamos que ele veja a insígnia da folha de carvalho e esperamos para ver se ele muda de ideia sobre a proposta?

Halt fez cara feia para a figura maltrapilha diante deles, hesitando em estender a mão e pegar uma flecha.

— Bem, está certo — ele disse relutante. — Mas vamos lhe dar somente uma chance. Depois, vou atravessar ele com uma flecha. Estou profundamente cansado dessas pessoas.

Ele afundou na sela outra vez quando Horace cavalgou para encontrar o cavaleiro desmazelado. Halt notou que, até aquele momento a figura no meio da estrada não tinha emitido nenhum som e isso era incomum. Co-mo regra geral, os guerreiros de estrada não conseguiam esperar para apresentar desafios, geralmente apimentando sua fala com expressões como “ô lacaio!”, “Senhor cavaleiro, queira tomar posição” e outras bobagens antiquadas desse tipo.

E, no exato momento em que o pensamento lhe ocorreu, sinos de advertência soaram em sua mente e ele chamou o jovem aprendiz que já estava a uns 20 metros de distância, trotando sobre Kicker para encontrar seu desafiante.

— Horace! Volte! É uma. .

Mas, antes que pudesse pronunciar a última palavra, um vulto sem forma caiu dos galhos de um carvalho que pendia sobre a estrada e envolveu a cabeça e os ombros do garoto. Por um momento, Horace lutou inutilmente nas dobras da

rede que o prendia. Então, uma mão invisí-

vel puxou uma corda e a rede se apertou em volta dele, arrancando-o da sela e fazendo-o cair no chão.

Assustado, Kicker se afastou de costas do cavaleiro caído, trotou alguns metros e, percebendo que não estava em perigo, parou e observou com as orelhas em pé, cauteloso.

— ...armadilha — Halt terminou devagar e, zangado com a falta de atenção. Distraído pela aparência ridícu-la do cavaleiro mal-arrumado, tinha permitido que seus sentidos relaxassem, levando-os àquela situação difícil.

Ele tinha uma flecha pronta no arco, mas não havia um alvo visível, exceto pelo cavaleiro no velho cavalo de batalha que ainda estava sentado em silêncio no meio da estrada. Ele não tinha mostrado nenhum sinal de surpresa quando a rede caiu sobre Horace.

— Bem, amigo, você pode pagar a sua parte nessa trapaça. Halt murmurou e levantou o arco devagar, puxou a corda até que a ponta da pena tivesse encostado em seu rosto, bem acima da curva da boca.

— Eu não faria isso — disse uma voz grave e familiar.

O cavaleiro enferrujado e esfarrapado levantou o visor, revelando os traços carrancudos de Deparnieux.

Halt praguejou baixinho. Ele hesitou, o arco ainda totalmente puxado, e ouviu uma série de pequenos barulhos vindos dos arbustos de ambos os lados da estrada.

Lentamente, diminuiu a tensão da corda ao se dar conta de que pelo menos uma dúzia de vultos tinha se levantado das plantas, todos carregando pequenas bestas mortais. E

todas estavam apontadas para ele.

Halt recolocou a flecha na aljava pendurada às costas e baixou o arco até encostá-lo na coxa. Sem saber o que fazer, olhou para onde Horace ainda lutava contra a malha fina trançada que o envolvia. Agora, mais homens estavam

saindo das árvores e arbustos e se aproximaram do aprendiz. Enquanto quatro deles o cobriram com bestas, outros trabalhavam para afrouxar as dobras da rede e fazê-lo se levantar com o rosto muito vermelho.





Deparnieux, com um sorriso largo de satisfação no rosto, fez o cavalo ossudo descer a estrada na direção deles. Ele parou numa distância em que sua voz podia ser ouvida e fez uma curvatura apressada até a cintura.

— Agora, cavaleiros — ele disse em tom zombeteiro —, vou ter o privilégio de ter vocês como convidados no Château Montsombre.

— Como poderíamos recusar? — Halt replicou erguendo uma sobrancelha

surpreso.





Cinco dias se passaram desde que Evanlyn tinha sido convocada aos aposentos de Erak.

Enquanto esperava outro contato dele, continuou com a outra parte do plano que ele tinha apresentado, queixando-se fortemente da possibilidade de ser destinada a ser uma de suas escravas pessoais. Segundo a história que tinham combinado, ela terminaria a semana na cozinha e então assumiria as novas funções. Ela declarava seu desagrado em relação a ele em geral, aos seus padrões de higiene em particular e falava sempre que possível da crueldade que ele tinha demonstrado na viagem a Hal asholm.

Ouvir Erak ser descrito por Evanlyn naqueles poucos dias dava a impressão de que ele era o pior dos demô-

nios do inferno e tinha um mau hálito insuportável.

Depois de vários dias dessa encenação, Jana, uma das escravas da cozinha mais antigas, não se conteve.

— Poderiam acontecer coisas piores para você, minha menina. Trate de se

acostumar.

Ela se afastou, cansada das constantes queixas de Evanlyn, pois, na verdade, a vida de um escravo pessoal tinha algumas vantagens: roupas e comida melhores, e quartos mais confortáveis para todos.

— Prefiro me matar primeiro — Evanlyn gritou para ela satisfeita de ter a chance de tornar sua aversão pelo jarl mais pública.

Um ajudante da cozinha, um homem livre, não um escravo, deu-lhe um forte cutucão na parte de trás da ca-beça, fazendo seus ouvidos assobiarem.

— Se você não voltar a trabalhar agora, eu mesmo faço isto por você — ele ameaçou.

Ela balançou a cabeça, olhando-o com raiva pelas costas e se apressou para servir cerveja a Ragnak e seus companheiros de jantar.

Como sempre, ela sentiu uma inquietante onda de ansiedade quando entrou na sala de refeições e foi obser-vada por Ragnak. Embora a razão lhe dissesse que era improvável que ele a distinguisse entre as outras dezenas de escravas ocupadas que serviam comida e bebida apressa-damente, ela ainda vivia sob o constante medo de que, de alguma forma, fosse reconhecida como a filha de Duncan.

Era aquela ansiedade, assim como o trabalho ininterrupto, que a deixava esgotada e exausta no final de cada noite.

Depois que terminavam o trabalho da noite, os escravos iam agradecidos para seus espaços de dormir. Evanlyn notou preocupada que Jana, obviamente aborrecida com as constantes reclamações da garota sobre Erak, tinha mudado seu cobertor para o outro lado do quarto.

Ela estendeu o próprio cobertor e tornou a envolver com pano o tronco que lhe servia de travesseiro. Enquanto fazia isso, um pequeno pedaço de papel caiu das dobras da velha camisa que usava para cobrir a madeira.

Com o coração aos pulos, Evanlyn cobriu rapidamente o bilhete com o pé e olhou à sua volta para verificar se alguma de suas vizinhas tinha percebido alguma coisa. Aparentemente, ninguém tinha notado. Todas continuavam com os

preparativos para dormir. O mais casu-almente que conseguiu, Evanlyn se deitou e, ao mesmo tempo, apanhou o pequeno pedaço de papel e puxou o cobertor até o queixo, aproveitando a oportunidade para dar uma olhada na única mensagem escrita ali:

“Hoje à noite.”

Um ajudante da cozinha entrou alguns minutos depois e apagou as lanternas, deixando apenas as chamas bruxuleantes do fogo. Exausta como estava, Evanlyn ficou deitada de Costas de olhos muito abertos, o coração acelerado, esperando o tempo passar.

Aos poucos, as vozes no aposento ficaram em si-lêncio e foram substituídas pela respiração profunda e regular dos escravos adormecidos. Aqui e ali se ouviam roncos suaves ou uma tosse ocasional e, uma ou duas vezes, uma voz atrapalhada e indistinta se manifestou quando uma escrava teuta resmungou no sono.

O fogo diminuiu e adquiriu uma cor vermelha sem brilho e Evanlyn ouviu o relógio do porto batendo a meia-noite. Aquele seria o último toque até o amanhecer, por volta das 7 horas. Ela se recostou para esperar. Erak tinha dito que aguardasse até uma hora depois do toque do re-lógio à meia-noite. “Isso vai dar tempo a eles para se dei-tarem e dormirem profundamente”, ele tinha dito quando apresentou seu plano. “Se deixar para mais tarde, os que têm sono leve e os escravos mais velhos vão começar a acordar para ir ao banheiro.”

Apesar da tensão que sentia, suas pálpebras come-

çaram a se fechar e, com um sobressalto de pânico, ela percebeu que quase tinha caído no sono. “Seria perfeito”, ela pensou com amargura, “fazer o jarl esperar por mim do lado de fora da Grande Mansão enquanto eu roncasse alto debaixo da coberta”. Ela se mexeu no chão duro e escolheu uma posição menos confortável. Enterrou as unhas nas palmas das mãos para que a dor a mantivesse alerta. Ela começou a contar para medir a passagem do tempo e então percebeu, quase tarde demais, que o efeito soporífero da contagem quase a tinha posto para dormir outra vez.

Finalmente, deu de ombros aborrecida e chegou à conclusão que uma hora já devia ter passado. Parecia não haver ninguém acordado na cozinha quando Evanlyn puxou a coberta e se levantou. Ela pensou que, se alguém se mexesse

sempre poderia alegar que estava indo ao banheiro. Ela tinha ido para a cama totalmente vestida, com ex-ceção das botas. Agora, Evanlyn as levava enroladas no cobertor. Como o fogo tinha diminuído, o quarto tinha ficado muito frio e ela tremeu ao ser atingida pelo ar gelado.

Ela teve a impressão de que a porta do pátio fez barulho suficiente para acordar os mortos quando tentou abri-la. A estrutura girou nas pesadas dobradiças com o que pareceu ser um guincho ensurdecedor, encolhendo-se, a garota a fechou com o máximo de cuidado, espantada com o fato de que aparentemente ninguém tinha sido perturbado pelo ruído.

A Lua não brilhava. A noite estava tomada por grossas nuvens, mas a neve que cobria o chão ainda refletia a pouca luz que havia, facilitando ver os detalhes. A massa negra que era o alojamento dos escravos do pátio, um celeiro frio e sem conforto, estava facilmente visível, a 30 ou 40 metros de distância.

Pulando ora num pé, ora noutro, ela calçou as botas. Em seguida, colada à parede do prédio principal, ela virou à esquerda e se dirigiu até a esquina como Erak tinha instruído. Ao chegar ao fim da parede, soltou um grito abafado de susto. Um vulto corpulento a esperava, encolhido sob a sombra do edifício.

Por um momento, sentiu uma onda de medo percorrer seu corpo, mas logo percebeu que era jarl Erak.

— Você está atrasada — ele sussurrou zangado.

Ela percebeu que possivelmente ele estava tão tenso quanto ela. Jarl ou não, ele estava arriscando a vida para ajudar um escravo a escapar e tinha plena consciência desse fato.

— Alguns deles ainda não tinham dormido — ela mentiu. Parecia não haver sentido em dizer a ele que não tinha como medir o tempo. Ele grunhiu em resposta e ela entendeu que a desculpa tinha sido aceita.

— Tome — Erak disse, enquanto empurrava um pequeno saco na mão dela. — Aqui tem algumas moedas de prata. Você provavelmente vai ter que subornar um dos membros do Comitê para tirar o garoto de lá. Isso deve ser suficiente. Se eu lhe der mais, eles vão suspeitar e perguntar de onde veio o dinheiro.

Evanlyn concordou. Eles tinham discutido tudo is-so nos aposentos de Erak

cinco noites antes. A fuga teria que ser realizada sem que desconfiassem dele. Esse era o motivo pelo qual ele tinha mandado que ela passasse os últimos dias se queixando da possibilidade de se tornar sua escrava. Aquilo iria dar um pretexto para sua tentativa de fuga.

— Pegue isso também — ele continuou, e lhe entregou uma pequena adaga num estojo de couro. — Talvez você precise dela para que o rapaz cumpra a promessa depois de ser subornado.

Evanlyn pegou a arma e a guardou no cinto largo.

Ela usava calças e uma camisa e tinha enrolado o cobertor nos ombros como uma capa.

— O que faço depois que tirar Wil de lá? — ele perguntou em voz baixa.

Erak apontou para o caminho que levava para o porto e para a vila de Hal asholm propriamente dita.

— Siga esse caminho. Perto do portão, você vai ver uma bifurcação para a esquerda subindo a colina. Vá por ela. No caminho, amarrei um pônei com comida e roupas quentes. Você vai precisar do cavalo para manter Will em movimento — Erak hesitou e então acrescentou: — Você também vai encontrar um pequeno suprimento de erva do calor na sacola pendurada na sela.

Evanlyn olhou para ele surpresa. Na outra noite, ele não tinha escondido sua aversão ao narcótico.

— Você vai precisar dela para Wil — ele explicou simplesmente. — Quando uma pessoa fica viciada nessa coisa, você pode matá-la se parar o fornecimento de uma vez. Você vai ter que tirá-la aos poucos, diminuindo a quantidade a cada semana até que a mente dele se recupe-re e ele possa ficar sem a droga.

— Vou fazer o melhor que puder — ela garantiu e ele apertou o pulso dela num gesto de encorajamento.

Erak olhou para as nuvens baixas acima deles e cheirou o ar.

— Vai nevar antes do amanhecer — ele avisou. —

A neve vai cobrir suas pegadas. Além disso, vou criar pistas falsas. Simplesmente continue andando para as montanhas. Siga o caminho até chegar a uma bifurcação na trilha perto de três pedras grandes, sendo que a do meio é a maior. Então vire à esquerda e você vai chegar à cabana em mais ou menos dois dias.

Havia uma pequena cabana nas montanhas usada como abrigo dos caçadores durante o verão. Ela estaria desocupada e forneceria um refúgio relativamente seguro para eles durante o inverno.

— Lembre-se, quando o gelo começar a derreter na primavera, continue a viagem — Erak aconselhou. — O

garoto já deverá estar recuperado até lá. Mas você não po-de ser encontrada lá em cima por caçadores. Saia assim que a neve desaparecer e continue andando para o sul.

Ele hesitou e então deu de ombros num tom de desculpas.

— Sinto não poder fazer mais por vocês — ele disse. — Isso foi o melhor que pude arranjar em tão pouco tempo e, se não fizermos alguma coisa agora, Wil não vai viver muito tempo mais.

Evanlyn se ergueu na ponta dos pés e beijou a face barbada de Erak.

— Você está fazendo muito — ela garantiu. —

Nunca vou me esquecer de você por isso, jarl Erak. Não sei como lhe agradecer pelo que está fazendo.

Desajeitado, ele dispensou o agradecimento. Erak olhou para o céu mais uma vez e mostrou o alojamento dos escravos com o polegar.

— É melhor você ir andando — ele falou. — Boa sorte — acrescentou.

Evanlyn sorriu para ele brevemente e atravessou o terreno deserto até as tendas. Ela se sentiu extremamente exposta ao cruzar o pátio coberto de neve e quase esperou ouvir um chamado às suas costas. Mas conseguiu chegar ao prédio sem incidentes e, agradecida, mergulhou nas sombras junto da parede.

Evanlyn parou por alguns segundos para recuperar o fôlego e esperar que o coração retomasse o ritmo normal. Em seguida, caminhou ao longo da parede até a porta. Naturalmente, ela estava trancada, mas apenas do lado de fora e só com um trinco simples. Ela o puxou para trás e prendeu a respiração quando o metal raspou em outro metal. Então empurrou a porta fraca e entrou.

Estava escuro no alojamento e não havia fogo para iluminar o ambiente. Ela esperou enquanto deixava os olhos se acostumarem à escuridão. Aos poucos, Evanlyn conseguiu discernir as formas dos escravos adormecidos, espalhados no chão de terra e embrulhados em trapos e tiras de cobertores. A luz, vinda dos espaços das paredes rústicas de pinho do edifício, caía sobre eles formando listras.

Erak tinha lhe dito que os membros do Comitê ficavam num quarto separado no fim do alojamento, onde mantinham um fogo aceso para aquecê-los. Mas havia sempre a chance de que um deles estivesse de guarda no alojamento principal. Foi por esse motivo que tinha lhe dado a prata.

E a adaga.

Evanlyn encostou a mão no cabo frio da arma para se acalmar. Ela tinha feito um reconhecimento dos alojamentos vários dias antes e tinha uma vaga noção de onde Will dormia. Começou a ir até o local, escolhendo o caminho com cuidado entre os corpos estendidos. Os olhos de Evanlyn se mexiam de um lado para outro, procurando por ele, e ela sentiu uma crescente sensação de desespero enquanto procurava. Então enxergou um tufo de cabelos inconfundível acima de um cobertor esfarrapado e, com um suspiro de alívio, aproximou-se dele.

Pelo menos, não haveria problemas em fazer Will se mover. Escravos de pátio, com os sentidos amortecidos e as mentes vagarosas por causa da droga, obedeciam qualquer comando que recebessem.

Ela se agachou ao lado de Wil e sacudiu o ombro dele para acordá-lo: primeiro com delicadeza e depois, percebendo que por estar afetado pela droga ele iria dormir como um morto, com força cada vez maior.

— Will! — ela sussurrou inclinando-se perto do ouvido dele. — Levante-se! Acorde!

O garoto murmurou uma vez, mas seus olhos per-maneceram firmemente

fechados e a respiração pesada.

Ela o sacudiu de novo com uma crescente sensação de pânico.

— Por favor, Wil — ela implorou. — Acorde! —

ela repetiu batendo no rosto dele com a palma da mão.

Isso resolveu a questão. Ele abriu os olhos e a encarou como se não a enxergasse bem. Não houve sinal de reconhecimento, mas pelo menos ele estava acordado.

— Levante — ela ordenou puxando-o pelo ombro

— e me siga.

O coração de Evanlyn deu um salto de alegria quando ele obedeceu. Ele se moveu devagar, mas se moveu, levantou-se cambaleante e ficou de pé vacilante ao lado dela, esperando mais instruções.

Ela apontou a porta e a abriu, deixando uma faixa de luz branca entrar no alojamento.

— Vá. Para a porta — ela mandou.

Ele começou a se arrastar naquela direção, sem se importar com onde punha os pés, chutando os outros escravos adormecidos e tropeçando neles. Surpreendentemente, quase não reagiram, apenas resmungavam ou se mexiam em seu sono. Ela se virou para segui-lo, mas uma voz fria vinda do outro lado do aposento a fez parar.

— Só um momento, senhorita. Onde pensa que vai?

Era um membro do Comitê. Até pior, era Egon.

Jarl Erak estava certo. Eles faziam turnos para vigiar os outros escravos. Ela se virou para encará-lo enquanto o rapaz atravessava o quarto lotado. Como Will, ele não prestou atenção aos vultos adormecidos no chão, trope-

çando neles ao se aproximar.

Evanlyn endireitou o corpo, respirou fundo e procurou falar com a foz mais

firme que conseguiu.

— Jarl Erak me mandou buscar esse escravo. Ele precisa de lenha em seus aposentos.

O chefe da gangue hesitou. Não era impossível que ela estivesse falando a verdade. Se um dos jarls mais antigos ficasse sem lenha no meio da noite, ele não pensaria duas vezes em mandar um escravo levar um novo suprimento de madeira. Contudo, ele ficou desconfiado e pensou ter reconhecido a garota.

— Ele pediu esse escravo em especial? — ele perguntou.

— Isso mesmo — Evanlyn respondeu, enquanto tentava parecer despreocupada. Essa era a parte da histó-

ria que não tinha muita lógica.

Não havia motivos para que Erak, ou qualquer outro escandinavo, especificasse que um determinado escravo do pátio realizasse uma tarefa tão simples.

— Por que este escravo? — ele insistiu, e ela soube que o blefe não iria funcionar.

Ela tentou outra estratégia.

— Bem, ele não disse realmente este aqui. Ele apenas disse um escravo. Mas Will é meu amigo e ele vai poder trabalhar do lado de dentro, onde está quente, por algumas horas e talvez receba uma refeição decente. Por isso pensei. . — ela deixou a sentença no ar, dando de ombros, esperando que ele ficasse satisfeito.

Egon, porém, simplesmente continuou a olhar para ela. Então, finalmente, os olhos dele se estreitaram quando a reconheceu.

— É isso mesmo — ele disse. — Você esteve aqui dentro no outro dia. Eu vi você dando uma olhada por aí, não foi?

Evanlyn o amaldiçoou em pensamento. Ela sentiu que tinha que encontrar uma saída depressa. Ela procurou o pequeno saco de moedas e o balançou.

— Olhe, só estou tentado fazer o bem para um amigo — ela afirmou. — Vai

valer a pena.

Ele olhou rapidamente por cima do ombro para se certificar de que nenhum outro membro do Comitê estivesse testemunhando a cena. Então estendeu a mão rapidamente e tirou o saco dela.

— Assim está melhor — ele disse. — Você faz uma coisa por mim, e eu faço outra por você.

Ele empurrou as moedas para dentro da camisa e se aproximou dela, ficando a somente alguns centímetros de distância. Olhando sobre o ombro, Evanlyn viu que Will esperava perto da porta como um espectador indiferente.

De repente, Egon a agarrou pelos ombros e a puxou para perto.

— Talvez você possa encontrar mais algumas moedas escondidas em algum lugar — ele sugeriu.

Então ele fez uma careta quando sentiu uma dor aguda no estômago e algo quente escorrendo pela pele, saindo de onde a dor começava. Evanlyn sorriu sem sim-patia.

— Talvez eu possa estripar você como um peixe, se não me soltar ela disse enfiando a adaga afiada na pele dele mais uma vez.





Ela não sabia com certeza se peixes eram estripa-dos, mas ele também não sabia disso. O rapaz se afastou rapidamente, acenando para a porta e praguejando.

— Tudo bem — ele disse. — Saia daqui, mas vou fazer seu amigo pagar por isso quando ele voltar.

Com um grande suspiro de alívio, Evanlyn correu até a porta, agarrou o braço de Wil e o arrastou para fora.

Uma vez lá, ela se virou e tornou a fechar o trinco.

— Venha, Will. Vamos sair daqui — ela disse andando até o caminho que levava

ao porto.

Das sombras, jarl Erak observou os dois vultos partirem e também soltou um suspiro de alívio.

Dez minutos depois, ele os seguiu. Ele ainda tinha trabalho a fazer naquela noite.



O pequeno cortejo seguiu a estrada para o norte. Halt e Horace cavalgavam no centro com Deparnieux, que tinha vestido os habituais casaco e armadura negros. O velho pangaré avermelhado que ele tinha montado estava agora no fim da fila e, como Halt tinha imaginado, o cavaleiro estava na sela de um cavalo de batalha negro, grande e agressivo.

Eles estavam cercados por pelo menos uma dúzia de homens armados que marchavam em silêncio à frente e atrás deles. Além disso, havia dez guerreiros montados, divididos em dois grupos de cinco e posicionados em cada extremidade da coluna.

Halt notou que os homens mais perto deles mantinham as bestas carregadas e prontas para o uso. Ele não tinha dúvida de que, ao primeiro indício de que quisessem escapar, ele e Horace seriam cravados com flechas antes de ter dado dez passos.

O seu arco estava pendurado no ombro, enquanto Horace tinha conservado a espada e a lança. Deparnieux tinha feito um gesto de indiferença para eles quando os prendeu, mostrando o grupo de homens armados que os cercava.

— Vocês podem ver que não tem sentido resistir

— ele afirmou — portanto vou deixar que fiquem com suas armas.

Então ele olhou de um jeito significativo para o ar-co apoiado na sela de Halt.

— Entretanto — ele acrescentou — acho que eu me sentiria mais tranquilo se você tirasse a corda desse arco e o pendurasse no ombro.

Halt deu de ombros e obedeceu. Seu olhar disse a Horace que havia um tempo para lutar e um tempo para aceitar o inevitável. Horace tinha assentido e eles se posi-cionaram ao lado do comandante galês, vendo-se imediatamente cercados por seus captores. Halt notou aborrecido que a generosidade de Deparnieux não se estendia para o grupo de cavalos que tinham capturado e a armadura.

De mau humor, ele ordenou que o cavalo-guia fosse entregue a um dos ajudantes montados, que agora cavalgavam na parte posterior da coluna. Seu captor notou com interesse que o pequeno e desgrenhado cavalo de carga não tinha uma corda-guia e ficava calmamente ao lado do cavalo de Halt. Deparnieux mostrou uma expressão curio-sa, mas não fez nenhum comentário.

Para surpresa de Halt, o cavaleiro vestido de negro virou a cabeça de seu cavalo para o norte e eles começaram a marchar.

— Posso perguntar para onde está nos levando? —

ele disse. Deparnieux se curvou na sela com uma cortesia fingida.

— Estamos indo para meu castelo em Montsombre

— ele contou —, onde vocês vão ser meus convidados por um breve período.

Halt assentiu digerindo as informações.

— E por que vamos fazer isso? — Halt indagou logo depois.

— Por que você me interessa — o cavaleiro negro respondeu sorrindo para ele. — Você viaja com um cavaleiro e carrega armas de fazendeiro. Mas você não é um simples criado, é?

Halt nada disse e simplesmente deu de ombros.

Deparnieux, olhando-o com atenção, assentiu como se confirmasse o próprio pensamento.

— Não, não é. Você é o líder aqui, não o seguidor.

E suas roupas me interessam. Essa sua capa. . — ele se inclinou para o lado da sela e passou o dedo nas dobras da capa manchada de arqueiro de Halt. — Nunca vi nada parecido.

Ele parou pensando que Halt iria fazer algum comentário desta vez. Mas isso não aconteceu, e Deparnieux não pareceu surpreso.

— E você é um arqueiro experiente — ele continuou. — Não, você é mais do que isso. Não conheço nenhum arqueiro que tivesse dado um tiro como o de ontem à noite.

Desta vez, Halt fez um pequeno gesto de modéstia.

— Não foi um tiro tão bom assim — ele retrucou.

— Eu estava mirando sua garganta.

O riso de Deparnieux foi alto e longo.

— Ah, acho que não meu amigo. Acho que a sua flecha atingiu exatamente o ponto que queria.

E ele riu novamente. Halt percebeu que aquela alegria, apesar de espalhafatosa, não tinha atingido os olhos.

— Então, decidi que uma pessoa tão incomum deveria merecer uma análise mais profunda — Deparnieux continuou. — Você pode ser muito útil para mim, meu amigo. Afinal, quem sabe que outras técnicas e habilidades podem estar escondidas debaixo desse seu casaco estranho?

Horace observou os dois homens. O cavaleiro galês parecia ter perdido interesse nele e esse fato não o deixou insatisfeito. Apesar das palavras leves ditas em tom de zombaria, ele podia sentir o significado grave e mortal da conversa. Tudo aquilo estava ultrapassando seu entendimento e ele estava contente em seguir a orientação de Halt e ver aonde aquela mudança nos acontecimentos os levaria.

— Duvido que possa ser útil para você — Halt replicou com calma diante da última declaração do comandante.

Horace se perguntou se Deparnieux tinha compreendido a mensagem oculta ali: que Halt não tinha intenção de usar suas habilidades a serviço de seu captor.

Parecia que sim, pois o cavaleiro negro encarou o homem baixo que cavalgava ao seu lado por um momento, antes de responder.

— Bem, isso nós vamos ver. Por enquanto, permita que eu lhe ofereça minha hospitalidade até que o braço de seu jovem amigo esteja curado.

Ele se virou e sorriu para Horace, incluindo-o na conversa pela primeira vez.

— Afinal, não é seguro percorrer essas estradas quando não se está totalmente em forma.

O grupo acampou de noite numa pequena clareira perto da estrada. Deparnieux colocou sentinelas, mas Halt notou que a quantidade de homens destinada para montar guarda do lado de dentro era maior do que a que recebeu a tarefa de defender o acampamento de ataques. Deparnieux devia se sentir relativamente seguro naquelas terras.

Foi interessante observar que, ao se prepararem para a noite, por precaução seu captor ordenou que suas armas fossem entregues. Sem outra alternativa, os dois araluenses foram obrigados a obedecer.

Pelo menos, o comandante não fingiu mais cordia-lidade, pois preferiu comer e dormir sozinho no pavilhão de lona preta que seus homens haviam erguido especialmente para ele.

Halt se viu diante de um dilema. Se estivesse viajando sozinho, poderia simplesmente desaparecer na noite, recuperando as armas antes de sair.

Contudo, Horace não conhecia a arte dos arqueiros de se mover e fugir sem ser notado, e não havia como Halt pudesse fazê-lo desaparecer. Ele não tinha dúvida de que, se tivesse que fugir sozinho, Horace não sobreviveria por muito tempo. Portanto, Halt se contentou em esperar e ver o que iria acontecer. Pelo menos, eles estavam indo para o norte, que era a direção que pretendiam seguir.

Além disso, ele tinha descoberto na pousada, na noite anterior, que os grandes desfiladeiros entre a Teutô-

nia, as terras vizinhas do norte e a Escandinávia, logo acima, estariam bloqueados pela neve naquela época do ano.

Assim, seria bom se achassem um lugar onde passar os próximos dois meses. Ele concluiu que o Château Montsombre atenderia essa necessidade como qualquer outro local. Halt não tinha dúvida de que Deparnieux tinha alguma noção de sua verdadeira ocupação. Era óbvio que ele esperava incluí-lo em sua batalha contra os líderes vizinhos. Halt refletiu que, por ora, eles estavam bastante seguros e indo na direção certa.

No momento certo, ele teria que lazer algumas mudanças. Mas esse momento ainda não tinha chegado.

Eles chegaram ao castelo no dia seguinte. Depois da demonstração inicial de boa vontade, Deparnieux tinha resolvido não devolver as armas pela manhã e Halt se sentiu estranhamente despido sem o peso conhecido e con-fortante das facas no cinto e da dúzia de flechas penduradas no ombro.

O Château Montsombre se erguia atrás da floresta que os cercava sobre urna planície à qual se chegava por um caminho estreito e sinuoso. À medida que subiam pela trilha, o chão desaparecia de ambos os lados formando um declive íngreme. O caminho mal era largo o bastante para quatro homens viajarem lado a lado. Era uma largura que permitia acesso razoável a forças amigas e evitava que invasores se aproximassem em grande número. Era um lembrete sombrio da situação em Gálica, onde comandantes vizinhos batalhavam constantemente pela supremacia, e a possibilidade de um ataque estava sempre presente.

O castelo em si era baixo e impressionante, tinha paredes grossas e torres grandes em cada um dos quatro cantos. Ele em nada lembrava a elegância sublime de Redmont ou do castelo de Araluen. Ao contrário, era uma estrutura escura, ampla e ameaçadora, construída para a guerra e por nenhuma outra

razão. Halt tinha dito a Horace que a palavra Montsombre significava “montanha escura”. Parecia um nome adequado para o edifício de paredes grossas no fim da trilha tortuosa e sinuosa.

O nome ficou ainda mais expressivo quando subiram mais pelo caminho. Havia postes enfileirados do lado da estrada de onde pendiam estruturas quadradas e estranhas. Quando se aproximaram, Horace conseguiu ver horrorizado que as estruturas eram gaiolas de ferro estreitas que continham os restos do que antes eram homens.



Elas estavam penduradas bem acima da trilha, balançando levemente com o vento que soprava em volta da planície.

Era evidente que alguns estavam ali por muitos meses. As figuras dentro das gaiolas eram restos ressecados, escurecidos e enrugados pela longa exposição ao tempo e enfeitados de trapos de tecido podre. Mas outros eram mais novos, e os homens eram reconhecíveis. As gaiolas quadradas eram construídas com barras de ferro e deixa-vam espaço para urubus e corvos entrarem e rasgarem a carne dos homens. Os olhos de quase todos os corpos tinham sido arrancados pelos pássaros.

Ele olhou enojado para o rosto sombrio de Halt.

Deparnieux viu o movimento e, deliciado com a impressão que os horrores da beira de sua estrada provocavam no garoto, sorriu para ele.

— Somente alguns criminosos — ele disse com tranquilidade. — É claro que todos foram julgados e con-denados. Insisto em seguir normas legais rígidas em Montsombre.

— Quais foram os crimes? — o garoto perguntou.

Sua garganta estava seca e apertada, e as palavras saíram com dificuldade. Deparnieux lhe deu outro sorriso despreocupado e fingiu que estava tentando pensar.

— Digamos que tenham sido “vários” — ele respondeu. — Resumindo, eles me

incomodaram.

Horace observou o olhar divertido do outro homem por alguns segundos e então, balançando a cabeça, virou-se. Ele tentou afastar o olhar das figuras esfarrapadas e tristes penduradas acima dele. Devia haver mais de vinte ao todo. Então, seu horror aumentou quando percebeu que nem todos estavam mortos. Em uma das gaiolas, ele viu a figura presa se movendo. No início, pensou ser uma ilusão provocada pelo movimento das roupas do homem ao vento. Mas uma das mãos atravessou as barras, quando eles se aproximaram, e um som rouco e lamentá-

vel saiu da gaiola.

Era um pedido inconfundível de socorro.

— Ah, meu Deus — Horace murmurou em voz baixa e ouviu Halt respirar fundo ao seu lado.

Deparnieux puxou as rédeas de seu cavalo e apoiou o peso do corpo num dos lados da sela.

— Reconhecem esse homem? — ele perguntou num tom divertido. — Vocês o viram outra noite, na taverna.

Horace franziu a testa confuso. Não conhecia o homem, mas havia pelo menos uma dúzia de pessoas na taverna, na noite em que viram o comandante pela primeira vez. Ele se perguntou por que deveria se lembrar desse homem mais do que de qualquer outro.

— Foi ele quem riu — Halt disse com frieza.





— É isso mesmo — Deparnieux retrucou rindo. —

Ele era um homem com um tipo raro de humor. É estranho como o senso de humor dele parece ter desaparecido agora. Era de se esperar que ele matasse o tempo com seu estranho senso de humor.

E ele sacudiu as rédeas, batendo-as no pescoço do cavalo, e recomeçou a cavalgar. O grupo o acompanhava, parando quando ele parava, movendo-se quando ele se movia, o que obrigava Halt e Horace a manter o mesmo ritmo.

Horace olhou para Halt mais uma vez, procurando uma mensagem de conforto. O arqueiro encontrou seu olhar por alguns segundos e acenou com a cabeça

devagar. Ele entendia como o garoto se sentia enojado pela depravação e crueldade desprezíveis que estava testemunhando. De alguma forma, Horace se sentiu um pouco consolado com o gesto de Halt. Ele tocou a barriga de Kicker com o joelho e o fez andar.

E juntos eles cavalgaram na direção do castelo escuro e desolador que esperava os dois.



O pônei estava no lugar marcado por Erak.

Ele estava amarrado a uma árvore nova com a traseira virada pacientemente na direção do vento gelado que trazia nuvens cheias de neve para cima de Hal asholm.

Evanlyn desamarrou a corda, e 0 pequeno cavalo a acompanhou documente. Acima de suas cabeças, o vento sus-pirava por entre as agulhas dos pinheiros, emitindo um som parecido com uma arrebentação estranha enquanto agitava os galhos carregados de neve.

Will a seguia mudo, cambaleando na trilha coberta de neve que ia até o meio da perna. Andar ali era difícil para Evanlyn, mas era ainda mais penoso para Will, exausto e esgotado depois de semanas de trabalho árduo e comida e calor

insuficientes. Ela sabia que logo iriam parar e encontrar as roupas quentes que Erak tinha dito que estariam dentro da mochila no lombo do pônei. E ela provavelmente teria que deixar Will montar o animal, se quisessem percorrer uma boa distância antes do amanhecer.

Mas, por ora, não queria se atrasar, mesmo que só um pouco. Todos os seus instintos lhe diziam para continuar, aumentar o máximo a distância entre eles e a cidade escandinava, o mais depressa possível.

A trilha sinuosa subia as montanhas, e Evanlyn se inclinava para a frente, enfrentando o vento, levando o pônei com uma das mãos e segurando a mão fria de Will com a outra. Juntos, eles seguiam tropeçando, escorregan-do na neve alta, caindo sobre raízes de árvores e pedras escondidas debaixo da superfície lisa.

Depois de viajar meia hora, Evanlyn sentiu os primeiros flocos de neve hesitantes roçarem seu rosto. Logo depois, eles ficaram grandes, pesados e grossos. Ela parou e olhou para a trilha atrás deles e para suas pegadas já quase invisíveis. Erak sabia que iria nevar muito naquela noite. Ele tinha esperado até que sua intuição de marinheiro o avisasse que todos os sinais de sua passagem seriam cobertos. Pela primeira vez desde que tinha passado pela porta aberta da residência, ela sentiu o coração se aquecer de esperança. Talvez, afinal, as coisas dessem certo para eles.

Atrás dela, Wil tropeçou e, murmurando palavras incoerentes, caiu de joelhos na neve. Ela se virou para ele e constatou que ele tremia e estava roxo de frio, totalmente exausto. Evanlyn andou até a mochila pendurada nas costas do pônei, desamarrou as tiras e remexeu em seu interior.

Entre outras coisas, lá dentro ela encontrou um colete de pele de carneiro e o usou para cobrir os ombros do garoto trêmulo, ajudando-o a passar os braços pelas cavas.

Will olhou para ela com indiferença. Ele parecia um animal silencioso, que aceitava calado tudo o que lhe acontecia. Evanlyn sabia que ele não tentaria evitar ou revidar o golpe se tentasse bater nele. Com tristeza, ela o observou, lembrando-se de como ele era. Erak tinha dito que sua recuperação era possível, embora muito poucos viciados na erva do calor tivessem essa chance. Isolados nas montanhas como ficariam, Wil teria todas as oportunidades de quebrar o

círculo vicioso da droga. Agora ela rezava para que o jarl escandinavo estivesse certo e que fosse possível para um viciado, longe da droga, se recuperar completa-mente.

Ela empurrou o menino submisso na direção do pônei, fazendo que montasse no animal. Por um momento, ele hesitou e então, desajeitado, ele subiu para a sela e lá ficou sentado, balançando sem firmeza, enquanto ela recomeçava a andar, seguindo a trilha da floresta que levava para o alto da montanha.

Em volta deles, os flocos pesados continuavam a cair.

Erak observou as duas figuras se afastarem furti-vamente na floresta e tomarem a bifurcação que ele tinha descrito para Evanlyn. Satisfeito por estarem a caminho, ele os seguiu para fora do cercado, mas continuou além do ponto em que tinham virado e, em vez. disso, foi até o porto.

Não havia sentinelas postadas na Grande Mansão naquela época do ano. Não se tinha medo de ataques, pois as nevascas fortes que cobriam as montanhas ao redor eram mais eficientes do que qualquer sentinela humana.

Mas Erak ficou mais cuidadoso quando se aproximou do início do porto. Ali havia um vigia para garantir que os navios encostassem com segurança nos ancoradouros.

Uma tempestade repentina podia surpreender os navios e arrastar as âncoras e jogá-los na costa. Por esse motivo, alguns homens eram postados para dar o aviso e chamar as tripulações em serviço em caso de perigo.

Mas eles podiam vê-lo com igual facilidade e se perguntar o que estava fazendo àquela hora da noite, de modo que ficou nas sombras sempre que pôde.

Seu navio, o Wolfwind, estava ancorado no porto e ele subiu a bordo em silêncio, sabendo que não havia tripulação de serviço. Ele a tinha dispensado naquela tarde, confiando em sua reputação como conhecedor da previsão do tempo para garantir a eles que soprariam ventos fortes naquela noite. Ele se inclinou sobre o parapeito da popa e ali, flutuando num lugar protegido do navio, estava o pequeno barco que ele tinha ancorado mais cedo naquele dia. Ele observou como os botes no porto balançavam nos ancoradouros e percebeu que a maré ainda estava baixando. Ele tinha programado sua chegada para que coin-cidisse com a maré baixa e desceu rapidamente para a embarcação menor,

procurou na popa a tampa do dreno e a soltou. A água gelada entrou como se fosse uma cascata sobre suas mãos. Quando o bote se encheu até a metade, ele recolocou o tampa e voltou a pular o parapeito para



dentro do navio. Empunhando a adaga, cortou o cabo que prendia a embarcação.

Por um momento, nada aconteceu. Então, o pequeno barco, já mais baixo na água, começou a deslizar para trás, primeiro lentamente e depois com velocidade cada vez maior à medida que era arrastado pela maré. Havia um remo no bote, preso na forqueta. Ele o tinha ajeitado desse jeito para o caso de o bote ser encontrado nos próximos dias. A combinação de um barco vazio aparentemente furado e quase cheio de água com um remo fal-tando apontaria para um acidente.

O bote deslizou porto abaixo e se perdeu de vista entre os barcos maiores que enchiam os ancoradouros.

Satisfeito por ter feito tudo o que podia, Erak voltou à terra firme e retornou para a Grande Mansão. Enquanto andava, percebeu com satisfação que a neve pesada já tinha coberto as pegadas que fizera. Pela manhã, não haveria nenhum sinal de que alguém tivesse passado por ali. O

barco perdido e o cabo cortado seriam as únicas pistas sobre a direção que os escravos teriam tomado.

A caminhada ficava mais difícil à medida que a trilha na floresta se tornava mais íngreme. A respiração de Evanlyn estava ofegante e formava nuvens de vapor no ar gelado. A leve brisa que agitava os pinheiros mais cedo tinha desaparecido quando a neve começou a cair. A garganta e a boca estavam secas e ela sentia um gosto desagradável e metálico. Ela tinha tentado aliviar a sede várias vezes com punhados de neve, mas o conforto tinha sido breve. O frio intenso da neve desfazia qualquer benefício que ela poderia ter tirado da pequena quantidade de água que escorregava pela garganta quando derretia.

Evanlyn olhou para trás. O pônei estava seguindo seus passos com dificuldade e de cabeça baixa, aparentemente indiferente ao frio. Wil era um vulto encolhido no dorso do animal, bem embrulhado nas dobras do colete de pele de carneiro.

Ele gemia baixinho e continuamente.

Ela parou por um momento, respirando com dificuldade, e encheu os pulmões com o ar gelado que lhe arranhava quase dolorosamente a garganta. Os músculos da parte posterior de suas coxas e pernas doíam e tremiam do esforço de caminhar na neve espessa, mas ela sabia que tinha que continuar enquanto pudesse. Ela não tinha ideia da distância que tinha percorrido desde a residência em Hal asholm, mas desconfiava que não estava longe o suficiente. Se a tentativa de Erak de plantar uma pista falsa fosse malsucedida, ela não tinha dúvida de que um grupo de escandinavos fortes poderia atravessar em menos de uma hora a distância que ela e Wil tinham percorrido.

Segundo as instruções de Erak, eles deveriam subir a montanha o máximo que pudessem antes do raiar do dia. Em seguida, deveriam deixar a trilha e procurar abrigo entre as árvores grossas, onde ela e Wil poderiam se esconder durante o dia.

Ela olhou para a abertura estreita entre as árvores acima dela. As nuvens pesadas escondiam qualquer vestí-

gio de luar ou de luz de estrelas. Ela não tinha ideia de que horas eram ou de quando o dia iria nascer.

Angustiada e sob o protesto de todos os músculos das pernas, ela recomeçou a subir, seguida pelo apático pônei. Por um momento, pensou em subir na sela ao lado de Will e cavalgar em dupla, mas logo afastou a ideia. Era só um pequeno pônei e, embora ele pudesse carregar uma pessoa e as mochilas sem reclamar, uma carga dupla nessas condições iria cansá-lo rapidamente. Sabendo o quanto dependiam do pequeno animal desgrenhado, decidiu, com relutância, que seria melhor que ela continuasse a pé. Se o pônei ficasse esgotado, poderia muito bem representar uma sentença de morte para Will. Ela nunca conseguiria fazê-lo andar, exausto e fraco como estava.

Ela continuou se arrastando, levantando e baixando os pés na neve, deslizando levemente quando eles atravessavam a cobertura cada vez mais espessa do chão, com-pactando-a até encontrar terra firme outra vez. Pé esquerdo. Pé direito. Pé esquerdo. Pé direito. A boca cada vez mais seca. A respiração formando vapor no ar e pairando na noite quieta atrás dela, marcando brevemente por onde tinha passado. Sem pensar, começou a contar os passos à medida que andava. Não

havia motivo para isso. Ela não estava inconscientemente tentando medir distâncias. Era uma reação instintiva ao ritmo constante e repetitivo que tinha adotado. Ela chegou a 200 e recomeçou do número





1. Então, depois de várias outras vezes, Evanlyn se deu conta de que não tinha ideia de quantas vezes tinha chegado à marca de 200 e parou de contar. Depois de 20 passos, percebeu que estava contando outra vez. Ela deu de ombros. Desta vez, decidiu contar até 400 antes de recomeçar. “Faço qualquer coisa para variar um pouco”, pensou de mau humor.

Os flocos grossos de neve continuavam a cair, ro-

çando seu rosto e manchando seus cabelos de branco. Seu rosto estava ficando entorpecido e ela o esfregou com vi-gor com as costas da mão. Constatou que a mão também estava dormente e parou para examinar a mochila mais uma vez.

Ela tinha visto luvas dentro dela quando encontrara o colete para Wil . Evanlyn as encontrou novamente, grossas luvas de lã com espaço para o polegar e um espa-

ço único para os outros dedos. Ela as calçou nas mãos geladas, agitou os braços, bateu as mãos contra as costelas e sob as axilas para estimular a circulação. Depois de alguns minutos, sentiu um leve formigamento quando o calor começou a voltar e recomeçou a andar.

O pônei tinha parado quando ela fez a pausa. Agora, pacientemente, tornou a seguir os passos dela.

Evanlyn chegou a 400 e recomeçou a contar.



Halt olhou em volta dos amplos aposentos a que tinham sido levados.

— Bem, não é muita coisa, mas é uma casa — ele comentou.

Na verdade, sua declaração não era muito justa. Eles estavam no alto da torre central do Château Montsombre, a torre que Deparnieux dissera que mantinha ex-clusivamente para uso pessoal — e de seus convidados, ele tinha acrescentado ironicamente. O quarto em que estavam era grande e mobiliado com bastante conforto. Havia uma mesa e cadeiras que serviriam bem para fazer refeições, além de duas poltronas de madeira de aspecto confortável colocadas ao lado da enorme lareira. Dos lados, duas portas conduziam para quartos de dormir menores e havia até um pequeno quarto de banho com uma banheira de estanho e um lavatório. Havia um par de bons cabides nas paredes de pedra e um bom tapete que cobria grande parte do chão. Havia um pequeno terraço e uma janela de onde se podia ver a trilha sinuosa que tinham subido para chegar ao castelo e a floresta abaixo. A janela não tinha vidros, apenas venezianas de madeira no lado de dentro para impedir a entrada do vento e da chuva.

A porta era a única nota dissonante no quadro. Não havia maçaneta do lado de dentro. Os aposentos eram muito confortáveis, mas eles não passavam de prisioneiros, Halt sabia disso.

Horace largou a mochila no chão e, satisfeito, se deixou cair numa das poltronas de madeira. Um vento frio entrava pela janela, apesar de ainda estarem no meio da tarde. Estaria frio e ventaria à noite, mas a maioria dos aposentos nos castelos eram frios. Aquele não era melhor ou pior do que a média.

— Halt — ele chamou — andei me perguntando por que Abelard e Puxão não nos avisaram sobre a emboscada. Eles não são treinados para perceber esse tipo de coisa?

— Pensei a mesma coisa — Halt retrucou balan-

çando a cabeça devagar. — E acho que isso teve algo a ver com sua série de conquistas.

O garoto olhou para ele sem entender.

— Nós tínhamos uma dezena de cavalos de batalha trotando atrás de nós, carregados com peças de armadura que chacoalhavam e batiam como a carroça de um funilei-ro — Halt deduziu. — Na minha opinião, todo o barulho que estavam fazendo encobrira os sons que os homens de Deparnieux poderiam estar produzindo.

O rosto de Horace ficou sério. Ele não tinha pensado nisso.

— Mas eles não poderiam ter sentido o cheiro deles? — ele perguntou.

— Sim, se o vento estivesse soprando na direção certa. Mas estava soprando de nós até eles, se é que se lembra.

Halt observou Horace, que parecia um tanto desapontado com a incapacidade de os cavalos superarem essas dificuldades sem importância.

— Às vezes — Halt continuou — costumamos esperar demais dos cavalos dos arqueiros. Afinal, eles são só humanos.

Um débil sinal de um sorriso tocou a boca do arqueiro quando ele disse isso, mas Horace não notou. Ele mal assentiu e passou para a próxima pergunta.

— Então, o que vamos fazer agora? — ele quis saber.

O arqueiro deu de ombros. Ele tinha aberto a mochila e estava tirando alguns objetos: uma camisa limpa, o aparelho de barbear e artigos de higiene.

— Vamos esperar — ele afirmou. — Não estamos perdendo nenhum tempo. . ainda. As passagens que levam para a Escandinávia vão estar cobertas de neve por pelo menos mais um mês. Assim, podemos muito bem aproveitar o conforto deste lugar por alguns dias até desco-brirmos o que o galante cavaleiro quer de nós.

Horace usou um pé para tirar a bota do outro e agitou os dedos, deliciado, aproveitando a repentina sensação de liberdade.

— Isso é um problema — ele retrucou. — O que você acha que Deparnieux pretende, Halt?

— Não tenho certeza — Halt respondeu depois de hesitar um instante. — Mas acho que vai mostrar suas intenções nos próximos dias. Penso que ele tem uma vaga ideia de que sou um arqueiro — acrescentou pensativo.

— Existem arqueiros aqui? — Horace perguntou surpreso.

Ele sempre tinha acreditado que o Corpo de Arqueiros existia somente em

Araluen. Agora, quando Halt balançou a cabeça, percebeu que estava certo.

— Não, não existem — Halt respondeu. — E

sempre nos esforçamos para não difundir a existência da corporação. A gente nunca sabe quando vai acabar parti-cipando de uma guerra contra alguém — ele acrescentou.

— Mas é claro que é impossível manter uma coisa dessas totalmente em segredo, portanto ele pode ter ouvido alguma coisa.

— E se isso aconteceu? — Horace quis saber. —

Primeiro pensei que ele estivesse interessado em nós porque queria lutar comigo. . sabe, como você tinha dito.

— Acho que foi isso que aconteceu no início —

Halt concordou — mas agora ele descobriu alguma coisa e acho que está tentando pensar em algum jeito de me usar.

— Usar você? — Horace repetiu preocupando-se com a ideia. Halt fez um gesto indiferente.

— Normalmente pessoas como ele pensam desse jeito — ele disse ao rapaz. — Elas estão sempre procurando uma forma de tirar vantagem das situações. E pensam que todos podem ser comprados se pagarem o preço certo. Você acha que pode calçar a bota de novo? — ele acrescentou com delicadeza. — A janela deixa entrar apenas um pouquinho de ar fresco e as suas meias estão com um cheiro um tanto estranho, se é que me entende.

— Ah, desculpe! — Horace retrucou puxando a bota de montaria sobre a meia.

Agora que Halt tinha falado no assunto, ele percebeu o cheiro forte que enchia o quarto.

— Os cavaleiros deste país não fazem um juramento? — ele perguntou, voltando ao assunto de seu captor.

— Cavaleiros fazem votos para ajudar uns aos outros, não é mesmo? Eles não

devem “usar as pessoas”.

— Eles fazem um juramento — Halt garantiu. —

Cumpri-lo é outra questão. E a ideia de cavaleiros ajuda-rem pessoas comuns funciona num lugar como Araluen, onde há um rei forte. Aqui, se você tem poder, faz o que bem entende.

— Bem, isso não está certo — Horace resmungou.

Halt concordou, mas não parecia haver sentido em dizer isso.

— Apenas tenha paciência — ele recomendou ao garoto. — Não há nada que a gente possa fazer para apressar os acontecimentos. Vamos descobrir logo o que Deparnieux quer. Enquanto isso, vamos relaxar e nos acalmar.

— Outra coisa. . — Horace acrescentou ignorando a sugestão do companheiro. — Não gostei daquelas gaiolas na beira da estrada. Nenhum cavaleiro de verdade poderia punir alguém daquela maneira, por mais grave que fosse o crime. Aquilo foi terrível e desumano!

Halt encontrou o olhar franco do garoto. Não havia nada que ele pudesse dizer para consolá-lo.

Desumano era uma descrição apropriada da puni-

ção.

— Sim — ele disse finalmente. — Eu também não gostei daquilo. Acho que, antes de partirmos, o senhor Deparnieux tem que nos dar algumas explicações sobre isso.

Naquela noite, eles jantaram com o cavaleiro galês.

A mesa era imensa com lugar para trinta ou mais convivas, e os três pareceram muito pequenos por causa do es-paço vazio ao redor. Criados e copeiras corriam para realizar suas tarefas trazendo porções adicionais de comida e vinho conforme exigido.

A refeição não estava boa nem ruim, o que surpre-endeu Halt um pouco. A

cozinha galesa era conhecida por ser exótica. A comida simples que lhes foi servida parecia indicar que a reputação era infundada.

Halt notou que os criados serviam os pratos com olhos baixos, evitando contato visual com qualquer um dos convivas. Havia um visível clima de medo no ar, acen-tuado quando qualquer um cios criados tinha que se aproximar do patrão para lhe servir mais comida ou encher seu cálice.

Halt também percebeu que Deparnieux não só sentia a tensão no ambiente, como também a apreciava. Um meio sorriso satisfeito se mostrava nos lábios cruéis sempre que um dos empregados se aproximava, desviava o olhar e prendia a respiração até a tarefa ter sido concluída.

Eles falaram pouco durante o jantar. Deparnieux parecia satisfeito em observá-los como um garoto obser-varia um inseto interessante e desconhecido que tivesse capturado. Naquelas circunstâncias, nem Hall nem Horace estavam dispostos a conversar sobre assuntos banais.

Depois que comeram e a mesa foi tirada, o cavaleiro finalmente falou sobre o que tinha em mente. Ele dispensou Horace com um olhar e com um gesto lânguido mostrou as escadas que levavam para seu quarto.

— Não vou tomar mais o seu tempo, garoto — ele disse. — Tem minha permissão para subir.

Corando levemente diante do tom mal-educado, Horace olhou rapidamente para Halt e viu que o arqueiro assentiu com a cabeça. Ele se levantou tentando conservar a dignidade e não mostrar sua confusão ao cavaleiro galês.

— Boa-noite, Halt — ele disse em voz baixa, e Halt balançou a cabeça outra vez.

— Boa-noite, Horace — ele respondeu.

O aprendiz de guerreiro se levantou, encarou Deparnieux, virou-se de repente e deixou a sala. Dois guardas armados que estavam parados nas sombras instantanea-mente se postaram atrás dele e o acompanharam nas escadas.

“Foi um gesto insignificante e provavelmente infantil”, Horace pensou enquanto subia os degraus até o quarto, mas ignorar o dono do Château Montsombre o fez

se sentir um pouco melhor.

Deparnieux esperou até o som dos passos de Horace nos degraus de pedra desaparecer. Então, empurrando a cadeira para longe da mesa, ele se virou e olhou para o arqueiro de um jeito calculista.

— Bem, mestre Halt — ele disse devagar —, chegou a hora de termos uma pequena conversa.

— Sobre o quê? — Halt perguntou sério. — Receio que não sou muito bom com conversa fiada.

— Tenho certeza de que pode ser um convidado divertido — o cavaleiro respondeu com um sorriso frio.

— Agora me diga quem é você exatamente?

Halt deu de ombros com indiferença. Ele brincou com o cálice que estava quase vazio na mesa diante de si, girando-o em sua direção e observando o jeito como o fogo da lareira refletia no cristal.

— Sou uma pessoa comum — ele afirmou. — Eu me chamo Halt. Sou de Araluen e viajo com sir Horace.

Na verdade, não tenho muito mais a contar.

O sorriso permaneceu no rosto de Deparnieux enquanto ele continuava a observar o homem barbado sentado à sua frente. De fato, ele parecia bastante desinteressante. As roupas eram simples, quase relaxadas na verdade. A barba e os cabelos eram mal cortados. “Parece que ele apara o cabelo e a barba com a faca de caça”, Deparnieux pensou, sem saber que ele era um dos muitos que tinham a mesma opinião sobre Halt.

Além disso, ele era um homem pequeno. A cabeça mal chegava ao ombro do cavaleiro, mas ele era musculoso e, apesar da barba e dos cabelos grisalhos, suas condi-

ções físicas eram excelentes. Mas havia algo em seus olhos

— escuros, seguros e calculistas que desmentia a alegação de simplicidade que o

homem fazia naquele momento.

Deparnieux se orgulhava de conhecer o olhar de um homem acostumado a comandar, e aquele homem o possuía, com certeza.

Além do mais, havia algo sobre seu equipamento.

Era incomum ver um homem com aquele inconfundível ar de domínio que não andasse armado como um cavaleiro. Aos olhos de Deparnieux, o arco era arma de um homem do povo, e o estojo para duas facas era algo que nunca tinha visto antes. Ele tinha tido a oportunidade de examinar as facas. A maior lhe lembrava as grandes facas de caça dos escandinavos. A menor, tão afiada quanto a outra, era uma faca de atirar perfeitamente equilibrada.

Deparnieux concluiu que eram facas realmente incomuns para um chefe.

A capa estranha também o fascinava. Ela era coberta por borrões irregulares verdes e cinza e ele não conseguia entender o motivo para as cores ou para o desenho.

O capuz enorme servia para esconder o rosto do homem quando ele o colocava. Várias vezes durante o trajeto até Montsombre, o cavaleiro galês tinha notado que o capuz parecia cintilar e se misturar à floresta ao fundo, fazendo o pequeno homem quase desaparecer de vista. Então, a ilusão desaparecia.

Deparnieux, como muitos de seus conterrâneos, era bastante supersticioso. Ele desconfiava que as estranhas propriedades da capa podiam ser resultado de algum tipo de feitiçaria.

Fora esse pensamento que o tinha feito tratar o arqueiro de um modo um tanto confuso. Deparnieux sabia que não valia a pena contrariar feiticeiros. Assim, ele decidiu jogar suas cartas com cuidado até saber exatamente o que esperar do pequeno homem misterioso. E, caso ficasse provado que Halt não tinha poderes tenebrosos, haveria sempre a possibilidade de convencê-lo a usar seus outros talentos em favor de Deparnieux.

Se isso não acontecesse, o nobre podia matar os dois viajantes do modo que mais lhe agradasse.

Ele se deu conta de que tinha ficado em silencio por algum tempo depois da

última afirmação de Halt.

Tomou um gole de vinho e balançou a cabeça diante da afirmação do arqueiro.

— Acho que não é nem um pouco comum — ele disse. — Você me interessa, Halt.

— Não posso ver por quê — Halt disse dando de ombros novamente.

Deparnieux girou o cálice de vinho entre os dedos.

Houve uma leve batida na porta e o camareiro-chefe entrou com ar humilde e receoso. Ele tinha aprendido, da pior forma, que seu patrão era um homem perigoso e im-previsível.

— O que foi? — Deparnieux perguntou zangado com a intromissão.

— Perdoe, senhor, mas queria saber se precisa de mais alguma coisa.

Deparnieux estava prestes a dispensá-lo quando uma ideia lhe ocorreu. Seria uma experiência interessante provocar o estranho araluense e ver como reagiria.

— Sim — ele disse. — Chame a cozinheira. O camareiro hesitou confuso.

— A cozinheira, senhor? — repetiu. — O senhor quer mais comida?

— Eu quero a cozinheira, idiota! — Deparnieux disparou e o homem recuou apressado.

— Imediatamente, senhor — ele respondeu e se afastou nervoso na direção da porta.

Depois que ele saiu, o cavaleiro sorriu para Halt.

— É quase impossível encontrar bons empregados hoje em dia — ele afirmou.

Halt olhou para ele com desdém.

— Deve ser um problema sem-fim para você — ele disse com calma.

Deparnieux olhou para ele com atenção, tentando perceber algum sarcasmo nas palavras.

Eles ficaram sentados em silêncio até ouvirem uma batida na porta. O camareiro

entrou seguido de perto pela cozinheira, que esfregava as mãos no avental nervosa. Ela era uma mulher de meia-idade cujo rosto mostrava a tensão que trabalhar na casa de Deparnieux provocava.

— A cozinheira, senhor — o camareiro anunciou.

Deparnieux não disse nada. Ele olhou para a mulher da maneira como cobras olham para um pássaro. Ela retorceu o avental com mais força enquanto o silêncio entre eles aumentava. Finalmente, ela não aguentou mais.

— Há algo errado, senhor? — ela começou. — O

jantar não estava. .

— Você não fala! — Deparnieux gritou e se levantou da cadeira apontando para ela zangado. — Aqui, quem manda sou eu! Você não fala sem eu mandar! Portanto, fique quieta, mulher!

Os olhos de Halt se estreitaram enquanto assistia à cena desagradável. Ele sabia que tudo aquilo estava acontecendo por sua causa. Ele percebeu que Deparnieux queria ver como iria reagir. Por mais frustrante que fosse, não havia nada que pudesse fazer para ajudar a mulher naquele momento. Deparnieux olhou para ele rapidamente e confirmou sua suspeita ao ver que o homem pequeno estava tão calmo quanto sempre. Então ele se sentou outra vez, voltando a atenção para a infeliz cozinheira.

— Os legumes estavam frios — ele acusou finalmente.

A expressão da mulher mostrou medo e confusão ao mesmo tempo.

— Claro que não, senhor. Os legumes estavam. .

— Frios, estou dizendo! — Deparnieux interrompeu. — Eles estavam frios, não é mesmo? — ele indagou virando-se para Halt.

— Os legumes estavam bons — ele respondeu com calma e deu de ombros.

Não importava o que fosse acontecer, ele devia deixar qualquer sinal de raiva ou indignação longe de sua voz. Deparnieux sorriu levemente e voltou a olhar para a mulher.

— Viu o que fez? — ele disse. Não só me envergonhou na frente de um convidado, como o fez mentir por sua causa.

— Meu senhor, verdade, eu não. .

Deparnieux a interrompeu com um violento aceno da mão.

— Você me desapontou e deve ser punida — ele afirmou.

O rosto da mulher ficou pálido de medo. Naquele castelo, as punições eram sempre pesadas.

— Por favor, senhor. Por favor, vou me esforçar mais. Eu prometo — ela balbuciou na esperança de fazê-

lo mudar de ideia quanto ao castigo.

Ela lançou um olhar de súplica para Halt.

— Por favor, senhor, diga a ele que não tive a intenção — ela implorou.

— Deixe ela em paz — o arqueiro disse finalmente.

Deparnieux inclinou a cabeça para o lado esperando.

— Ou? — ele replicou.

Ali estava uma oportunidade de avaliar os poderes do prisioneiro Ou a falta deles. Se ele realmente fosse um feiticeiro, talvez mostrasse do que era capaz naquele momento.

Halt percebeu o que o outro homem estava pensando. Havia um ar de expectativa enquanto ele observava o arqueiro com atenção. Halt se deu conta, com relutância, que ele não estava em condições de reforçar nenhuma ameaça e decidiu tentar outra estratégia.

Pensativo, o galês pôs o dedo no lábio. A aparente falta de preocupação de Halt podia ser real. Ou talvez fosse simplesmente uma forma de mascarar o fato de não ter poderes. A principal razão para a dúvida na mente de Deparnieux era o fato de que não conseguia acreditar que qualquer pessoa de poder ou autoridade

pudesse ter mais do que uma preocupação passageira por um criado. Halt talvez estivesse recuando ou talvez não se preocupasse tanto a ponto criar confusão pelo assunto.

— Mesmo assim — ele continuou, enquanto observava Halt — ela precisa ser punida.

Ele olhou para o camareiro-chefe em seguida. O

homem tinha se encolhido de encontro à parede, tentando ficar tão invisível quanto possível enquanto o fato se desenrolava.

— Você vai punir a mulher — ele determinou. —

Ela é preguiçosa, incompetente e envergonhou seu patrão.

— Sim, meu senhor — o camareiro concordou, curvando-se obsequiosamente.
— A mulher vai ser punida — ele afirmou.

Deparnieux ergueu as sobrancelhas surpreso e zombeteiro.

— Mesmo? — ele perguntou. — E qual vai ser o castigo?

O criado hesitou. Ele não tinha ideia do que o cavaleiro tinha em mente. Então decidiu que, no total, seria melhor errar pelo excesso.

— Chicotadas, senhor? — ele respondeu e, quando viu Deparnieux assentir concordando, continuou com mais determinação:

— Ela vai ser chicoteada.

Mas Deparnieux já estava balançando a cabeça e gotas de suor surgiram na cabeça quase calva do camareiro.

— Não — o patrão replicou numa voz suave. —

Você vai ser chicoteado. Ela vai ser engaiolada.

Sem poder para interferir, Halt assistiu à cena cruel se desenrolar diante de seus olhos. O rosto do criado se encheu de medo quando ouviu que seria açoitado, mas a mulher, ao saber de sua punição, desabou no chão com o rosto

transformado numa máscara de desespero. Halt se lembrou da estrada sinuosa que tinham percorrido para chegar a Montsombre, cercada com os infelizes pendura-





dos nas gaiolas de ferro. Ficou enjoado ao olhar para o tirano vestido de preto à sua frente. Ele se levantou abruptamente, empurrando a cadeira para trás, derrubando-a e fazendo-a cair no chão de pedra.

— Vou para a cama — ele avisou. — Para mim chega.



Evanlyn não tinha ideia de por quanto tempo estavam subindo aos tropeços a trilha coberta de neve. O pônei andava com dificuldade, de cabeça baixa e sem reclamar, carregando no lombo Wil , que gemia baixinho. A própria Evanlyn continuava a caminhar sem pensar, amassando e fazendo ranger a neve seca recém-caída com os pés.

Finalmente, sentiu que não podia continuar. Ela cambaleou, parou e procurou um abrigo para o resto da noite.

Os ventos dominantes do norte dos últimos dias tinham formado uma grossa camada de neve ao lado dos pinheiros, deixando uma profunda depressão atrás dos troncos. Os galhos mais baixos das árvores maiores se espalhavam sobre essas cavidades, criando um abrigo debaixo da superfície da neve. Eles não só poderiam se proteger do mau tempo, já que a neve continuava a cair, co-mo a depressão iria escondê-los do olhar casual de pessoas que porventura passassem pela trilha.

Não era, de modo algum, o esconderijo ideal, mas era o melhor disponível. Evanlyn conduziu o pônei para fora da trilha e se dirigiu para uma das maiores árvores que cresciam a alguns metros do caminho.

Quase imediatamente ela afundou até a cintura na neve, mas se esforçou para

continuar, puxando o animal atrás dela na trilha que abriu. Ela gastou quase todas as últimas reservas de força e finalmente tropeçou para dentro de um grande buraco atrás de uma árvore. O pônei hesitou e depois a seguiu. Wil pelo menos teve a presença de espírito de se inclinar sobre o pescoço do animal para evitar ser arrancado da sela pelos galhos enormes do pinheiro cheios de neve.

O espaço debaixo da árvore era surpreendentemente grande e havia bastante lugar para os três. Com o calor de seus corpos no espaço mais ou menos fechado, estava bem menos frio do que Evanlyn tinha imaginado. O frio ainda era intenso, mas suportável. Ela ajudou Will a descer do lombo do pônei e o fez sentar. Ele ficou escarrapacha-do no chão com as costas apoiadas na casca áspera da árvore, enquanto ela procurava a mochila, onde encontrou dois cobertores grossos dela. Evanlyn envolveu os ombros do amigo com as cobertas e, depois se sentou ao lado dele e se cobriu também. Ela tomou uma das mãos dele entre as suas e esfregou os dedos. Eles pareciam congelados. Ela sorriu para ele encorajando-o.

— Agora vamos ficar bem — ela disse. — Muito bem.

Will olhou para ela e, por um momento, Evanlyn achou que ele tinha compreendido. Mas se deu conta de que ele estava apenas reagindo ao som de sua voz.

Assim que ele pareceu estar mais aquecido e seus tremores diminuíram para um espasmo ocasional, ela se livrou do cobertor e se levantou para tirar a sela do pônei.

O animal grunhiu e relinchou aliviado quando as tiras se afrouxaram ao redor de sua barriga e lentamente se abaixou sobre os joelhos para se deitar no abrigo.

Talvez os cavalos fossem treinados para fazer isso naquela terra coberta de neve. Ela não sabia. Mas o pônei deitado oferecia um local quente para que ela e Wil des-cansassem. Ela puxou o garoto passivo para longe do tronco da árvore e tornou a ajeitá-lo, recostando-o à barriga quente do equino. Então, embrulhando-se nos cobertores outra vez, ela se aninhou perto dele. O calor do corpo do animal era uma bênção. Ela podia senti-lo nas costas e, pela primeira vez em horas, ficou aquecida. Sua cabeça caiu sobre o ombro de Wil e ela adormeceu.

Do lado de fora, os flocos pesados de neve continuavam a desabar das nuvens baixas.

Em 30 minutos, qualquer sinal de sua passagem pe-la neve alta tinha desaparecido.

A notícia de que dois escravos haviam fugido levou algum tempo para chegar aos ouvidos de Erak na manhã seguinte.

Isso não era de surpreender, pois um acontecimento desses não era considerado importante o bastante para perturbar um dos jarls mais antigos. De fato, foi apenas depois que uma das escravas da cozinha se lembrou de que Evanlyn tinha passado os dias anteriores se queixando de ter sido indicada para a casa dele que Borsa, que tinha sido informado do desaparecimento da garota, pensou em mencionar o fato a ele.

Assim, ele apenas contou o acontecimento por acaso, quando viu o capitão barbado deixando a sala de refei-

ções depois de tomar café.

— A sua maldita garota se foi — ele resmungou passando por Erak rapidamente.

Como hilfmann, é claro, Borsa tinha sido informado do desaparecimento da escrava assim que o responsá-

vel pela cozinha o descobriu. Afinal, era tarefa do hilfmann lidar com esses problemas administrativos.

— Minha garota? — Erak indagou fingindo não entender. Borsa acenou com impaciência.

— A menina de Araluen que você trouxe. A que ia ser sua escrava. Parece que ela fugiu.

Erak franziu a testa. Ele achou que seria lógico parecer um pouco aborrecido diante desse tipo de acontecimento.

— Para onde? — ele perguntou, e Borsa respondeu com um gesto irritado.

— Quem sabe? Não há lugar para ir e a neve estava caindo como um cobertor na noite passada. Não há sinais de rastros em nenhum lugar.

Ao ouvir essa notícia, Erak soltou um suspiro de a-lívio interior. Pelo jeito, essa parte de seu plano tinha fun-cionado. Suas próximas palavras, porém, desmentiram a satisfação que ele escondia no fundo de seu ser.

— Ora, então encontrem ela! — ele disparou irritado. — Eu não arrastei ela por todo o mar de Stormwhite para que fosse perdida!

E se virou, e se afastou. Afinal, ele era um jarl sê-

nior e um líder de guerra. Borsa podia muito bem ser o hilfmann e o administrador-chefe de Ragnak, mas, numa sociedade voltada para a guerra como aquela, Erak ocupava uma posição bastante superior.

Borsa olhou enquanto ele se afastava e praguejou em voz baixa. Ele estava ciente não só de suas posições, como também sabia que apenas um homem insensato in-sultaria o jarl frente a frente. Ou pelas costas, como era o caso. Erak era conhecido por reagir com sua acha à menor provocação.

Pensar na viagem de Erak com a garota o fez se lembrar do outro escravo: o garoto que tinha sido aprendiz de arqueiro. Ele tinha ouvido falar que a menina tinha feito perguntas sobre ele nos últimos dias. Agora, envolto no pesado casaco de pele, foi até a porta e se dirigiu ao alojamento dos escravos do pátio.

Franzindo o nariz por causa do mau cheiro dos corpos não banhados, Borsa parou na soleira da porta do alojamento dos escravos do pátio e observou os membros do Comitê parados à sua frente.

— Vocês não o viram sair? — ele perguntou sem acreditar.

O escravo negou com um gesto de cabeça e de olhos baixos. Seus modos mostravam sua culpa. Borsa tinha certeza de que ele tinha ouvido ou visto o outro escravo escapar e não tinha feito nada a respeito. Ele balan-

çou a cabeça zangado e se virou para o guarda ao seu lado.

— Mande açoitá-lo — ele disse rapidamente e se virou para o prédio principal.

Mal tinha passado uma hora quando chegou a notí-

cia do barco perdido. A ponta da corda, cortada com uma faca, contava sua

história. Dois escravos fugidos, um barco desaparecido. A conclusão era óbvia. Aborrecido, Borsa pensou nas chances de sobrevivência em Stormwhite nessa época do ano num barco aberto. Especialmente perto da costa.

Pois, ao contrário do que podia parecer, os fugitivos teriam uma chance melhor de sobrevivência no mar aberto. Por terra, junto da costa e empurrados pelos ventos incansáveis e ondas enormes, seria um milagre se eles não fossem esmagados contra as rochas antes de se afastarem 10 quilômetros.

— Pois já vão tarde — ele resmungou e mandou que as patrulhas enviadas para fazer uma busca nas trilhas das montanhas do norte voltassem.

Mais tarde naquele dia, Erak ouviu dois escravos conversando em voz baixa sobre os dois araluenses que tinham roubado um barco e tentado escapar. Por volta do



meio-dia, os grupos de busca voltaram das montanhas.

Ficou claro que os homens estavam aliviados por estar longe da neve alta e do vento cortante que tinha se instalado logo após o amanhecer.

Seu coração ficou mais leve. Agora os fugitivos estariam seguros até a primavera.

Contanto que conseguissem encontrar a cabana na montanha e não morressem congelados na tentativa.



30

A vida no Château Montsombre tinha caído na rotina.

Seu anfitrião, o líder Deparnieux, via os dois convidados relutantes apenas quando queria, o que acontecia geralmente durante o jantar, uma ou duas vezes por semana.

Isso também coincidia com as ocasiões em que ele tinha pensado numa nova maneira de atrair Halt, de tentar fazer que mostrasse suas habilidades.

Em outros momentos, os dois araluenses ficavam confinados principalmente no quarto da torre, embora todos os dias tivessem permissão de realizar um pouco de exercício no pátio do castelo sob o olhar desconfiado de cerca de 12 homens armados que os vigiavam da torre.

Eles haviam perguntado várias vezes se poderiam se aven-turar para fora dos muros do castelo e, talvez, explorar um pouco o planalto.

Eles não esperavam mais do que a resposta que re-ceberam, que foi um silêncio sepulcral por parte do chefe dos homens designados para vigiá-los, mas ainda assim era muito frustrante.



Naquele momento, Horace andava de um lado para outro do terraço no alto da torre central do Château Montsombre.

Do lado de dentro, Halt estava sentado de pernas cruzadas na cama enquanto dava os toques finais num novo arco que estava fazendo para Wil . Ele vinha trabalhando no projeto desde que tinham chegado a Gálica.

Cuidadosamente, ele selecionou, colou e amarrou com firmeza tiras de madeira de modo que seus diferentes veios e formas naturais ficassem opostos uns aos outros e fizessem que a peça formasse uma curva suave. Depois, ele fixou duas peças parecidas, porém mais curtas, em ca-da ponta, de modo que sua curva corresse paralela ao contorno principal do arco, dando-lhe a forma recurva que desejava.

Quando tinham chegado a Montsombre, Deparnieux tinha visto as peças na mochila de Halt, mas não tinha visto motivo para confiscá-las.

Sem flechas, um arco pela metade não representava ameaça para ele. O vento

circundava os torreões do castelo se espremendo entre as estátuas de gárgulas esculpidas em pedra. Abaixo do terraço, uma família de gralhas esvoaçava e planava ao vento, indo e vindo do ninho construí-

do numa fresta da dura parede de granito.

Horace sempre se sentia um tanto enjoado ao observar pássaros voando abaixo dele. Ele se afastou da balaustrada e ajeitou melhor a capa em volta do corpo. O ar trazia consigo a ameaça de chuva e, no norte, havia um grupo de nuvens pesadas vindo na direção deles. Era o meio da tarde de outro dia gelado em Montsombre. A floresta que se estendia abaixo deles era uma massa escura e sem forma. Daquela altura, parecia um tapete áspero.

— O que vamos fazer, Halt? — Horace perguntou e o companheiro hesitou antes de responder.

Não porque não sabia a resposta, mas porque não sabia como o jovem rapaz ia recebê-la.

— Vamos esperar — ele disse simplesmente e de imediato viu a frustração no olhar de Horace.

Ele sabia que o garoto estava esperando que alguma coisa precipitasse os acontecimentos com Deparnieux.

— Mas Deparnieux está torturando e matando pessoas! E nós só ficamos sentados olhando! — o menino disse zangado.

Ele esperava mais do habilidoso ex-arqueiro do que uma simples ordem de esperar.

A inatividade forçada estava irritando Horace. Ele não estava lidando bem com a monotonia e a frustração do cotidiano em Montsombre. Ele era treinado para agir e era o que queria fazer. Ele sentia a compulsão de fazer alguma coisa — qualquer coisa. Ele queria castigar Deparnieux pela crueldade, queria uma chance de fazer o cavaleiro negro engolir os comentários sarcásticos.

Acima de tudo, queria se livrar de Montsombre, voltar para a estrada e procurar Wil .

Halt esperou até quando achou que Horace tinha se acalmado um pouco.

— Ele também é o senhor deste castelo — ele continuou com suavidade — e tem cerca de cinquenta homens prontos para obedecer às suas ordens. Acho que isso é um pouco mais do que poderíamos enfrentar com tranquilidade.

Horace pegou um pedaço de granito despedaçado de um canto da balaustrada e o jogou para longe no vazio abaixo, viu-o cair e descrever uma curva na direção dos muros do castelo até se perder de vista.

— Eu sei — ele respondeu de mau humor —, mas gostaria que pudéssemos fazer alguma coisa.

Halt levantou os olhos de sua tarefa. Embora es-condesse o fato, sua frustração era ainda mais intensa do que a de Horace. Se estivesse sozinho, poderia fugir do castelo com a maior facilidade. Mas, para tanto, teria que abandonar Horace, e nunca faria isso. Em vez disso, ele se via dividido por lealdades conflitantes: para com Wil e com o jovem rapaz que desinteressadamente resolveu acompanhá-lo na busca de um amigo. Ele sabia que Deparnieux não teria piedade de Horace se Halt escapasse.

Ao mesmo tempo, todas as fibras de seu ser ansiavam por tomar a estrada e sair em busca do aprendiz perdido. Ele voltou a atenção para o arco quase completo outra vez, tomando cuidado para evitar que sua voz mostrasse qualquer sinal de frustração.

— Receio que o próximo movimento está nas mãos de nosso anfitrião — ele disse a Horace. — Ele não tem certeza do que fazer comigo. Ele não sabe bem se posso ser útil. E, enquanto hesita, ele está vigilante. Isso o torna perigoso.

— Então, não poderíamos lutar com ele? — Horace indagou recebendo uma enfática resposta negativa de Halt.

— Prefiro relaxar um pouco — ele retrucou. —

Prefiro que ele pense que não somos tão perigosos ou ú-

teis quanto imaginou. Sinto que ele está tentando chegar a uma conclusão a meu respeito. Aquela história com a cozinheira foi um teste.

As primeiras gotas de chuva bateram na laje do pi-so. Horace olhou para cima e percebeu com alguma surpresa que as nuvens aparentemente tão distantes alguns minutos antes já estavam passando em cima deles.

— Um teste? — ele repetiu.

Halt retorceu o rosto numa careta.

— Ele queria ver o que eu ia fazer. Talvez ele quisesse descobrir o que eu poderia fazer a respeito.

— Então você não fez nada? — Horace perguntou e no mesmo instante se arrependeu das palavras apressadas.

Halt, contudo, não se ofendeu. Ele encarou o garoto com firmeza e não disse nada.

— Desculpe, Halt — Horace resmungou afinal baixando o olhar.

— Não havia muito o que eu pudesse fazer — Halt explicou ao aceitar as desculpas. — Não enquanto Deparnieux estava nervoso e em guarda. Esse não é o momento de agir contra um inimigo. Receio que nas próximas semanas vai haver mais desses testes — ele acrescentou num tom de advertência.

— O que você acha que ele pretende? — Horace perguntou imediatamente.

— Não sei os detalhes, mas você pode apostar que nosso amigo Deparnieux vai realizar mais atos desagradá-

veis apenas para ver o que faremos a respeito.

Novamente, o ex-arqueiro fez uma careta.

— A questão é: quanto mais eu ficar indiferente, mais ele vai relaxar e menos preocupado vai ficar comigo.

— E é isso o que você quer? — Horace questionou começando a entender.

Halt concordou sombrio.

— É isso o que quero.

Ele olhou para as nuvens escuras que cobriam o céu.

— Agora, entre antes de ficar encharcado — ele sugeriu.

A chuva veio e caiu durante uma hora, acompanhando a violência do vento, batendo quase horizontal-mente nos espaços abertos das janelas do château onde os ocupantes tinham deixado de fechar as venezianas de madeira.

Uma hora depois de escurecer, a chuva diminuiu quando o sempre presente vento levou as nuvens mais para o sul, e o sol baixo surgiu no oeste numa espetacular exibição contra as nuvens de tempestade que se separa-vam.

Os dois prisioneiros estavam assistindo ao pôr do sol do terraço atingido pelo vento quando ouviram uma agitação abaixo deles.

Um cavaleiro solitário estava no portão principal batendo no gigantesco sino de bronze pendurado em um poste. Ele falava, ou melhor, gritava, em galês, e Horace não tinha ideia do que ele dizia, embora certamente reconhecesse o nome “Deparnieux”.

— O que ele está dizendo? — ele perguntou a Halt, e o arqueiro levantou a mão pedindo silêncio enquanto escutava as últimas palavras do cavaleiro.

— Ele está desafiando Deparnieux — ele contou com a cabeça inclinada para o lado para compreender as palavras do cavaleiro desconhecido com mais clareza.

Horace fez um gesto impaciente.

— Eu entendi! — ele disse com certa aspereza. —

Mas por quê? Halt fez sinal para que se calasse enquanto o recém-chegado continuava a gritar. O tom era bastante zangado, mas era difícil entender as palavras, pois elas iam e vinham ao sabor do vento.

— Pelo que posso entender — Halt começou devagar —, nosso amigo Deparnieux assassinou a família desse sujeito enquanto ele estava fora numa busca. Eles vivem realizando buscas nessa região.

— Então, o que aconteceu? — Horace quis saber, mas o arqueiro só pôde responder com um dar de ombros.

— Parece que Deparnieux queria as terras da famí-

lia desse homem, então se livrou dos pais do sujeito.

Ele continuou ouvindo.

— Eles já eram idosos e bastante indefesos.

— Pelo que sabemos de Deparnieux, ele é bem capaz disso — Horace grunhiu.

De repente, o desconhecido parou de gritar, virou o cavalo e se afastou trotando do portão para esperar uma reação. Durante alguns minutos, não se viu nenhum sinal de que alguém além de Halt e Horace tivesse ouvido alguma coisa. Então, uma porta falsa se abriu no sólido mu-ro e dela saiu uma figura vestida numa armadura negra e montada num cavalo de batalha negro.

Deparnieux se aproximou lentamente até chegar a uns 100 metros do outro cavaleiro. Os dois se encararam enquanto o jovem repetia o desafio. Nas laterais do castelo, Halt e Horace podiam ver os homens de Deparnieux ansiosamente ocupando posições favoráveis para assistir à batalha que iria se realizar.

— Abutres — Halt murmurou ao vê-los.

O cavaleiro vestido de preto não respondeu ao desconhecido. Ele simplesmente ergueu a ponta do escudo e fechou o visor do capacete. O gesto foi suficiente para o desafiante. Ele fechou o próprio visor com força e espo-reou seu cavalo de batalha. Deparnieux fez o mesmo e os dois dispararam na direção um do outro com as lanças apontadas para a frente.

Mesmo a distância, Halt e Horace podiam ver que o jovem não era muito habilidoso. Ele estava sentado na sela de modo estranho e segurava o escudo e a lança de forma desajeitada. Deparnieux, em comparação, parecia ter movimentos totalmente coordenados e assustadora-mente capazes quando os dois se chocaram.

— Isso não parece bom — Horace murmurou num tom preocupado. Os dois se chocaram com um som retumbante que ecoou pelas paredes do castelo. A lança do jovem cavaleiro, mal posicionada e num ângulo desfa-vorável, partiu-se em pedaços. Em comparação, a lança de Deparnieux atingiu diretamente o escudo do oponente, fazendo-o cambalear na sela quando passaram. Mas, por mais

estranho que parecesse, Deparnieux não conseguiu segurar a lança com firmeza. Ela caiu na grama atrás dele enquanto virava o cavalo para contra atacar. Por um momento, Horace sentiu uma onda de esperança.

— Ele está ferido! — exclamou ansioso. — Que golpe de sorte! Mas Halt observava a cena com a testa franzida e balançando a cabeça.

— Não acredito nisso — ele afirmou. — Há alguma coisa esquisita acontecendo aqui.

Os dois guerreiros de armadura empunharam as espadas e voltaram a atacar. Eles se chocaram um contra o outro. O escudo de Deparnieux foi atingido por um golpe do outro cavaleiro, enquanto sua espada atingiu o capacete do oponente com um tinido e, mais uma vez, o jovem cambaleou na sela.

Os cavalos de batalha relinchavam furiosos enquanto giravam e se empinavam, e os cavaleiros tentavam assumir uma posição vantajosa. Os guerreiros se golpearam novamente quando se aproximaram um do outro, enquanto os homens de Deparnieux davam vivas sempre que o patrão desferia um golpe.

— O que ele está fazendo? — Horace perguntou sem o entusiasmo anterior. — Deparnieux poderia ter acabado com o outro depois daquele primeiro golpe!

Sua voz adotou um tom de repugnância quando percebeu a verdade.

— Ele está brincando com o outro!

Abaixo deles, os guinchos agudos de espada contra espada continuavam e se alternavam com o som metálico mais grave quando atingiam os escudos. Para espectadores experientes como Halt e Horace, que tinham visto muitos torneios no castelo Redmont, era óbvio que Deparnieux estava se contendo. Seus homens, porém, pareciam não notar. Eles eram camponeses que não tinham conhecimento das habilidades envolvidas num duelo como aquele. Eles continuavam a rugir sua aprovação a cada golpe desferido por Deparnieux.

— Ele está jogando para a plateia — Halt disse e indicou os homens armados nas balaustradas abaixo deles.

— Ele está fazendo o outro homem parecer melhor do que realmente é.

Horace balançou a cabeça. Deparnieux estava mostrando mais um lado de sua natureza cruel ao prolongar a batalha daquela forma. Era muito melhor dar ao jovem cavaleiro um fim misericordioso do que brincar com ele.

— Ele é um porco — ele disse em voz baixa.

O comportamento de Deparnieux ia contra todas as normas da cavalaria, que significavam tanto para ele.

Halt assentiu com um gesto de cabeça.

— Isso nós já sabemos. Ele está usando esse rapaz para melhorar a própria reputação.

Horace o olhou com espanto e o arqueiro explicou.

— Ele domina pelo medo. O poder sobre seus homens depende do quanto eles o respeitam e temem. E

ele precisa sempre renovar esse medo. Ele não pode deixá-lo escapar. Ao fazer esse oponente parecer mais capaz do que é, ele realça a própria reputação de grande guerreiro. Esses homens — ele fez um gesto desdenhoso para a balaustrada abaixo — não percebem isso.

Deparnieux pareceu resolver que já tinha prolongado a luta o suficiente. Os dois araluenses detectaram uma sutil mudança na velocidade e na força de seus golpes. O

jovem cavaleiro balançou sob o ataque e tentou permanecer firme. Mas a figura vestida de preto fez seu cavalo de batalha segui-lo implacavelmente, desferindo golpes na espada, no escudo e no capacete, à vontade. Finalmente, ouviu-se um som mais surdo quando a espada de Deparnieux atingiu um ponto vulnerável: a malha de ferro que protegia o pescoço do oponente.



O cavaleiro negro sabia que tinha sido um golpe mortal. Com desdém, virou o cavalo na direção do portão do castelo sem olhar para o jovem, que estava

caindo para o lado da sela. Das balaustradas, vieram gritos e aplausos quando a figura sem energia caiu no chão e lá ficou imó-

vel. O portão se fechou com estrondo atrás do vitorioso.

Halt acariciou a barba pensativo.

— Acho que talvez tenhamos encontrado a chave para resolver nosso problema com lorde Deparnieux —

ele disse.





A manhã já ia pela metade quando Evanlyn acordou, embora ela não tivesse como saber disso.

Não havia sinal do sol. Ele estava escondido atrás das nuvens baixas cheias de neve. A luz era tão fraca e difusa que parecia estar vindo de todas as direções e de nenhuma ao mesmo tempo. Era dia, e isso era tudo o que sabia.

Ela alongou os músculos doloridos e olhou em volta. Ao seu lado, Will estava sentado ereto e bem acordado.

Talvez ele estivesse assim por horas ou talvez tivesse acordado somente alguns minutos antes dela. Não havia como saber. Ele simplesmente ficou sentado de olhos arregalados, balançando levemente para a frente e para trás e olhando diretamente para a frente.

O coração dela ficava partido ao vê-lo dessa maneira. Quando ela se mexeu, o pônei percebeu o movimento e começou a se levantar. Evanlyn se afastou do animal para lhe dar espaço, segurou as mãos de Wil e o puxou para longe também. O pequeno cavalo ficou de pé e bateu os cascos no chão uma ou duas vezes, sacudiu-se e relin-



chou violentamente, soprando uma grande nuvem de vapor no ar gelado.

A neve tinha parado de cair durante a noite, mas não antes de ter apagado os sinais da passagem deles até a depressão debaixo da árvore. Evanlyn se deu conta de que seria difícil voltar para a trilha, mas pelo menos agora estava descansada. Ela pensou brevemente em comer —

havia um pequeno suprimento de comida na mochila —

mas logo descartou a ideia, preferindo continuar e aumentar a distância entre eles e Hal asholm. Ela não tinha como saber que os grupos de busca já tinham sido chamados de volta por Borsa.

Ela concluiu que poderia viver mais algumas horas com a sensação de vazio no estômago, mas não com a forte sede que tinha secado sua boca. Foi até onde a neve estava espessa e nova, pegou um punhado e o colocou na boca, deixando-a derreter. A quantidade de água produzi-da foi surpreendentemente pequena, e ela teve que repetir o gesto várias vezes. Ela pensou em mostrar a Wil como fazer o mesmo, mas de repente ficou impaciente para prosseguir a viagem. “Se ele estiver com sede”, raciocinou,

“saberá resolver o problema sozinho”.

Ela voltou a amarrar a sela no lombo do pônei e apertou as tiras o máximo que pôde. O pônei, esperto como todos os de sua espécie, tentou respirar fundo e expandir a barriga para depois expirar e fazer as tiras afrou-xarem. Mas Evanlyn tinha ficado atenta a esse truque desde os 11 anos de idade. Ela deu uma joelhada forte no animal, obrigando-o a soltar o ar e então, quando o corpo dele se contraiu, puxou as tiras com força. O pônei olhou para ela com ar de censura, mas aceitou seu destino sabiamente.

Quando ela começou a sair debaixo da árvore, novamente abrindo caminho na neve na altura da cintura, Will fez um movimento para montar o pônei. Ela o impediu, levantando a mão.

— Não — ela disse com delicadeza.

Eles precisavam do pônei, e Wil certamente estava descansado depois de uma noite tranquila na vala relativamente aquecida. Mais tarde, talvez ela o deixasse montar o animal outra vez. Ela sabia que as reservas de força do amigo não podiam ser muito grandes. Mas, naquele momento, ele podia andar e eles preservariam a força do pequeno cavalo o máximo possível.

Foram necessários 5 minutos de trabalho duro para voltar até onde a trilha podia ser percorrida com relativa facilidade e, respirando com dificuldade e molhada de su-or, ela recomeçou a subir a colina com obstinação.

O cavalo andava com dificuldade e paciência aliás dela, e Will caminhava a meio passo à direita. Seus lamen-tos em voz baixa e sem parar já a estavam deixando nervosa, mas ela fez o que pôde para ignorá-lo, pois sabia que ele nada podia fazer para parar. Pela centésima vez desde que deixaram Hallasholm, ela se viu desejando o dia em que ele finalmente teria eliminado todos os sinais da droga de seu organismo.

Infelizmente, esse dia seria adiado ainda mais. Depois de algumas horas de caminhada firme e difícil na ne-ve recém-caída, Will foi repentinamente tomado por uma onda de tremores incontroláveis.

Seus dentes bateram, e seu corpo sacudiu, tremeu e se retorceu quando ele caiu no chão, rolando na neve, sem nada poder fazer, com os joelhos encolhidos junto do peito. Uma das mãos esfregava a neve inutilmente, enquanto a outra apertava a boca com firmeza. Ela observou horro-rizada quando os gemidos se transformaram num grito assustador, cheio de agonia, que saía do fundo de sua al-ma.

Evanlyn caiu de joelhos ao lado dele, abraçou-o e tentou acalmá-lo com sua voz. Mas ele se afastou dela com um movimento violento, rolando e se debatendo outra vez, e ela se deu conta de que não havia nada que pudesse fazer além de lhe dar um pouco da erva que Erak colocara na mochila. Ela tinha visto a erva quando preci-sou procurar roupas quentes e cobertores. Havia uma pequena quantidade das folhas secas dentro de uma bolsa impermeável. Jarl Erak tinha avisado que Wil não conseguiria parar de usar a droga imediatamente. A erva do calor criava uma dependência física nos usuários que provocava muita dor no caso de sua falta total.

Ele lhe dissera que teria que livrar o garoto do vício gradativamente, dando-lhe quantidades cada vez menores em intervalos cada vez maiores até que ele pudesse passar sem ela.

Evanlyn tinha esperado que Erak estivesse errado.

Ela sabia que cada dose da droga ampliava ainda mais o tempo de dependência e tinha pensado que seria capaz de cortar o suprimento de Will de imediato e que

poderia ajudá-lo a suportar a dor e o sofrimento.

Mas não havia como ajudá-lo naquele momento, por isso com relutância, ela lhe deu uma pequena quantidade das folhas secas, protegendo a bolsa com o corpo quando a tirou do pacote e novamente quando a guardou.

Will pegou o pequeno punhado da substância cinzenta com uma ansiedade assustadora. Pela primeira vez, ela viu um clarão vivo no olhar normalmente apagado.

Mas sua atenção estava totalmente concentrada na droga e ela compreendeu o quanto a erva dominava a vida e a mente dele naqueles dias. Em silêncio, com os olhos cheios de lágrimas, ela olhou a concha vazia onde antes havia um companheiro vivo e entusiasmado. Ela condenou Borsa e os outros escandinavos que tinham provocado essa situação ao canto mais quente do inferno em que acreditavam.

O aprendiz de arqueiro enfiou o pequeno punhado de erva na boca, empurrou-o para a bochecha e deixou que a saliva o encharcasse e soltasse o suco que levaria o narcótico ao seu organismo. Aos poucos, os espasmos se acalmaram até que ele se ajoelhou na neve ao lado do caminho, curvou-se e balançou lentamente para a frente e para trás de olhos fechados, outra vez gemendo suavemente para si mesmo no mundo solitário, desconhecido e cheio de dor que habitava.

O pônei olhava a esses acontecimentos sem curiosidade e, de tempos em tempos, abria um buraco na neve com o casco e mordiscava os escassos fios de grama que apareciam. Por fim, Evanlyn tomou a mão de Wil e o puxou para cima sem que ele resistisse.

— Venha, Wil — ela chamou num tom desanimado. — Ainda temos um longo caminho pela frente.

Ao dizer isso, ela percebeu que estava se referindo a bem mais do que apenas a distância até a cabana de caça nas montanhas.

Grunhindo baixinho para si mesmo uma música sem melodia, Will seguiu Evanlyn enquanto ela conduzia o pequeno grupo para cima outra vez.

A luz do dia já tinha quase desaparecido quando Evanlyn encontrou a cabana.

Ela tinha passado pelo local duas vezes ao seguir as instruções que Erak a tinha obrigado a memorizar: entrar à esquerda numa bifurcação na trilha 100 passos depois de um pinheiro derrubado por um raio, seguir por uma vala estreita que leva para baixo por uns 100 metros e sobe em curva e depois atravessar uma passagem rasa que atravessa um pequeno riacho.

Mentalmente, ela marcava os pontos de referência, espiando de um lado e outro na luz fraca do fim de tarde que se instalava sobre as árvores. Mas não viu sinal da cabana, apenas o branco sem forma da neve.

Finalmente, ela percebeu que a cabana não estaria facilmente visível. Ela estaria praticamente enterrada na neve. Quando se deu conta desse fato simples, notou um monte grande a menos de 10 metros de onde estava. Soltou a rédea do pônei, andou aos tropeços com a neve na altura dos joelhos e descobriu a extremidade de uma parede, depois a inclinação de um telhado e o ângulo recortado de um canto, mais regular e liso do que qualquer forma que a natureza poderia ter escondido debaixo da neve.

Movendo-se ao redor do grande monte, ela descobriu que o lado voltado na direção do vento estava mais descoberto e era possível ver a porta e uma pequena janela fechada por uma veneziana de madeira. Evanlyn ponde-rou que era uma sorte a porta ter sido construída daquele lado, mas então se deu conta de que isso tinha sido intencional. Apenas um idiota teria posto a porta do lado em que os constantes ventos do norte fariam a neve se empi-lhar a grande altura.

Com um suspiro de alívio, voltou para pegar a ré-

dea do pônei. As magras reservas de força de Will já tinham se acabado horas antes e ele estava caído sobre a sela, balançando e gemendo naquele contínuo murmúrio a meia-voz. Ela fez o pônei parar junto da pequena varanda, em frente da porta, e amarrou a rédea em uma corrente que tinha sido presa no chão. Provavelmente, não havia necessidade disso, pois o pônei não tinha mostrado inten-

ção de ir embora até aquele momento. Entretanto, não fazia mal ser precavida. A última coisa que queria era ter que caçar o pônei e seu cavaleiro no meio da escuridão.

Satisfeita ao ver a rédea amarrada com firmeza, ela empurrou a porta mal encaixada e entrou na cabana para conhecer seu novo refúgio e seu conteúdo.

O local era pequeno, somente uma sala principal com uma mesa rústica e dois bancos, um de cada lado. Na parede dos fundos, havia uma cama de madeira coberta com o que parecia um colchão de palha. O cheiro de mo-fo e bolor a fez franzir o nariz por um instante, mas então ela se deu conta de que assim que acendesse o fogo na lareira de pedra que ocupava quase toda a parede da esquerda, o mau cheiro iria se dissipar.

Empilhado perto da lareira e bem à mão, havia um suprimento de lenha juntamente com uma pedra-de-fogo e um pedaço de ferro.

Evanlyn gastou alguns minutos para acender o fo-go. O estalar das chamas e a luz amarela tremeluzente que lançaram para o interior da cabana a deixaram animada.

Num canto que evidentemente era uma despensa, encontrou farinha, carne seca e feijão. Havia sinais de que pequenos animais tinham remexido os suprimentos, e ela achou que eles provavelmente seriam o suficiente para um ou dois meses. Ela e Wil não fariam banquetes, mas iriam sobreviver.

Principalmente se ele recuperasse qualquer uma de suas antigas habilidades quando se livrasse dos efeitos da droga. Porque naquele momento ela viu que havia um pequeno arco de caça e uma aljava de couro com flechas penduradas atrás da porta. Mesmo no inverno mais rigo-roso, deveria haver alguma caça pequena disponível —

coelhos e lebres, provavelmente. Eles poderiam comple-mentar a comida que estava estocada na cabana.

Caso contrário. . ela deu de ombros ao pensar nisso. Pelo menos estavam livres e ela teria a chance de libertar Wil do vício. Enfrentaria os outros problemas à medida que surgissem.

O interior da cabana estava ficando mais aquecido e ela saiu, para dizer a Will que desmontasse. Quando ele obedeceu, ela franziu a testa ao ver o pônei. Evanlyn se deu conta de que ele não poderia ficar do lado de fora, no entanto, o pensamento de dividir a pequena cabana com ele durante o inverno não a atraía muito. Na noite anterior, embora tivesse ficado agradecida pelo calor do animal, ela tinha ficado bem consciente do forte cheiro que se desprendia dele.

Havia um alpendre junto da cabana. Ele era aberto de um dos lados, mas seria

suficiente para fornecer abrigo para o pônei durante o inverno. Havia alguns arreios e tiras de couro abandonados e pendurados em pregos de ferro junto com outras ferramentas simples. Era evidente que o lugar era usado como estábulo.

Evanlyn viu com satisfação que ele também tinha outra utilidade. Ao longo da parede externa da cabana on-de o alpendre tinha sido construído, havia uma enorme pilha de lenha cortada. Ela ficou aliviada com a descoberta, pois já tinha se perguntado o que iria fazer quando tivesse usado todo o pequeno suprimento que havia dentro da cabana.

Evanlyn levou o pônei para o alpendre e tirou a sela e os arreios. Havia um cocho e um pequeno suprimento de milho, e ela deu um pouco para o animal. Ele mastigou os grãos contente, rangendo os dentes uns contra os outros daquele jeito tranquilo que os cavalos têm.

Evanlyn não conseguiu encontrar água para ele, mas ela o tinha visto lamber a neve durante o dia e imaginou que ele saberia como se satisfazer até que ela encontrasse outra alternativa. O pequeno suprimento de milho no estábulo não iria durar até a primavera e ela se preocu-pou com o fato por um momento. Então, obedecendo a nova filosofia de não se preocupar com problemas que não poderia resolver, afastou o pensamento.

— Vou resolver isso mais tarde — ela disse para si mesma e voltou para a cabana.

Evanlyn constatou que Will tinha tido o bom senso de entrar e estava sentado num dos bancos perto do fogo.

Ela viu isso como um bom sinal e preparou uma refeição simples com os restos das provisões que Erak tinha colocado na mochila.

Havia uma chaleira amassada pendurada num apoio na lareira e ela a encheu de neve, colocou-a suspensa sobre o fogo para que a neve derretesse e a água começasse a ferver. Ela tinha visto uma pequena caixa de algo que lhe





pareceu chá na despensa. Pelo menos teriam uma bebida quente para afugentar os últimos sinais de frio e umidade.

Evanlyn sorriu para Wil quando o viu mastigar impassível a comida que tinha colocado à sua frente. Ela se sentiu estranhamente otimista. Mais uma vez, olhou ao redor da cabana. A luz do lado de fora tinha desaparecido e o lugar era iluminado apenas pelo brilho amarelo incerto, mas alegre, do fogo. Naquela luz, a cabana parecia a-conchegante e tranquilizadora e, como ela tinha esperado, o calor do fogo e o cheiro da fumaça de pinho tinham dominado a umidade e o bolor que enchiam o aposento quando tinha entrado pela primeira vez.

— Bem — ela disse —, não é muito, mas é um lar.

Ela não tinha ideia de que estava repetindo as palavras de Halt, a centenas de quilômetros ao sul.





Halt e Horace não se surpreenderam quando, na noite que se seguiu ao combate injusto, o chefe dos guardas lhes disse que lorde Deparnieux esperava a companhia deles na sala de refeições para o jantar. Era uma ordem, não um convite, e Halt não sentiu necessidade de fingir que fosse outra coisa. Ele não demonstrou ter ouvido a mensagem do soldado e apenas se virou para olhar pela janela. O sar-gento tampouco se incomodou com aquela reação. Ele se virou e retomou o posto no alto da escada em espiral que levava para a sala de jantar. Ele tinha entregado a mensagem. Os estrangeiros a tinham ouvido.

Naquela noite, eles tomaram banho, vestiram-se e caminharam juntos pela escada circular até o andar inferior do castelo provocando um barulho agudo com as botas enquanto andavam. Eles tinham passado o final da tarde discutindo um plano de ação para a noite e Horace estava ansioso para pô-lo em prática. Quando chegaram às portas duplas de 3 metros de altura, Halt pôs uma das mãos em seu braço e fez que parasse. Ele via a impaciência no rosto do jovem rapaz. Eles estavam presos ali por semanas ouvindo as zombarias e os insultos velados de Deparnieux e vendo o tratamento barbaramente cruel dispensado aos empregados. Os incidentes com a cozinheira e o jovem cavaleiro tinham sido apenas dois entre muitos.

Halt sabia que Horace, com a impaciência de todos os jovens, estava ansioso para ver Deparnieux punido. Ele também sabia que o plano que tinham arquitetado depen-deria de paciência e da escolha do momento certo.

Halt tinha percebido que a necessidade de Deparnieux de parecer invencível para seus homens era uma fra-queza que eles poderiam explorar. O cavaleiro tinha criado uma situação em que se via forçado a aceitar qualquer desafio que pudesse ser apresentado, contanto que fosse feito diante de testemunhas. Não poderia haver reclama-

ções ou rodeios da parte do comandante. Se ele aparentasse sentir medo ou relutasse em aceitar um desafio, isso seria o começo de uma longa espiral descendente.

Agora, quando pararam, Halt encontrou o olhar ansioso e esperançoso de Horace e o encarou com seu olhar firme, paciente e calculista.

— Lembre-se — ele disse —, só quando eu der o sinal.

Horace concordou. Suas faces estavam ligeiramente coradas pelo entusiasmo.

— Entendi — ele disse controlando a ansiedade com alguma dificuldade.

Ele sentiu a mão do arqueiro no braço e percebeu que o olhar firme ainda estava preso no dele. Respirou fundo três vezes para acalmar as batidas do coração e fez outro gesto concordando, desta vez com mais firmeza.

— Eu entendo, Halt — ele repetiu, enquanto encarava o arqueiro. — Não vou estragar as coisas — ele garantiu ao amigo. — Esperamos demais por esse momento e estou consciente disso. Não se preocupe.

Halt o analisou por outro longo momento. Então, satisfeito com a mensagem silenciosa que viu nos olhos do garoto, assentiu e soltou o braço dele. Ele empurrou as portas duplas para a frente, fazendo-as bater nas paredes dos dois lados. Juntos, Horace e Halt marcharam para dentro da sala de jantar onde Deparnieux esperava os dois.

A refeição servida foi outro exemplo decepcionante da alardeada cozinha galesa. Para o gosto de Halt, os pratos dispostos à sua frente dependiam excessivamente de uma combinação um tanto enjoativa de muito creme e alho em excesso. Ele

comeu pouco, porém notou que Horace, com o apetite de um jovem, engolia toda a comida que era colocada à sua frente.

Durante toda a refeição, o comandante manteve um constante fluxo de sarcasmo e desdém, referindo-se à falta de jeito e à estupidez, de seus criados e à exibição tola feita pelo cavaleiro desconhecido no dia anterior.

Como era seu hábito, Halt tomou vinho com a refeição, enquanto Horace se contentou com água. Quando tinham terminado de comer a comida pesada e excessivamente forte, criados trouxeram jarras de café para a mesa.

Halt tinha que admitir que isso era algo que os galeses faziam com grande habilidade. O café era delicioso, muito melhor do que qualquer outro que já tinha provado em Araluen. Ele sorveu a bebida quente e perfumada olhando por cima da borda da xícara para Deparnieux, que observava os dois com o sorriso desdenhoso habitual.

Naquele momento, o cavaleiro galês tinha chegado a uma decisão sobre Halt. Ele acreditava que não havia nada a temer do estrangeiro de barba grisalha. Era óbvio que o homem tinha habilidade com o arco, provavelmente com trabalhos em madeira e em se movimentar sem ser percebido. Mas, no que se referia aos seus temores originais de que Halt pudesse ter habilidades misteriosas de feitiçaria, tinha certeza de que havia se enganado.

Agora que se sentia seguro, Deparnieux não conseguia resistir à tentação de atacar Halt com mais zombarias e insultos do que antes. O fato de ter estado cauteloso com o homem barbado por algum tempo apenas serviu para redobrar seus esforços para deixá-lo desconfortável.

O comandante apreciava brincar com as pessoas. Ele adorava deixá-las sem saber o que fazer, vê-las sofrer ou se enfurecer diante dos ataques de sua língua sarcástica.

E, à medida que seu desdém por Halt crescia, o mesmo acontecia com sua total indiferença em relação a Horace. Cada vez que os três jantavam juntos daquela forma, ele esperava ansioso o momento em que pudesse dispensar bruscamente o jovem musculoso e enviá-lo, com o rosto afogueado de raiva e constrangimento, de volta à torre. Ele decidiu que agora era o momento de repetir a dose.

Ele inclinou a pesada cadeira para trás e esvaziou o cálice de prata que segurava

na mão esquerda. Com desdém, acenou na direção do garoto com a outra mão.

— Nos deixe, garoto — ele ordenou, recusando-se até a olhar para Horace.

Ele sentiu uma distinta onda de prazer quando o rapaz, depois de uma breve pausa e um rápido olhar para o companheiro, se levantou devagar e respondeu com uma palavra.

— Não.

A negativa ficou pairando no ar entre eles. Deparnieux exultou com a rebeldia do menino, mas não permitiu que nenhum sinal disso aparecesse em seu rosto. Em vez disso, franziu a testa, fingindo aparente desprazer. Ele se virou lentamente para encarar o rapaz. Ele viu que a respiração de Horace estava mais rápida por causa da a-drenalina que corria em suas veias, agora que esse momento vital finalmente tinha chegado.

— Não? — Deparnieux repetiu como se não pudesse acreditar no que estava ouvindo. — Sou o senhor deste castelo e aqui minha palavra é lei. Minha vontade é uma ordem para todos os outros. Você tem a indelicadeza de me dizer "não" no meu próprio castelo?

— Já se foi o tempo em que a sua palavra devia ser obedecida sem perguntas — Horace respondeu com cuidado, franzindo a testa enquanto se esforçava para se limi-tar às palavras exatas que Halt tinha ensinado. — O senhor perdeu o direito de ser obedecido por causa de suas ações não cavalheirescas.

— Está desafiando meu direito ao comando em meu próprio terreno? — ele indagou ainda fingindo desprazer.

Horace hesitou mais uma vez, certificando-se de pronunciar bem sua resposta. Como Halt tinha lhe dito, cuidado naquele momento era de fundamental importância. Na verdade, como Horace sabia muito bem, era uma questão de vida ou morte.

— Chegou o momento de esse direito ser questionado — ele respondeu depois de uma pausa.

Deparnieux, com um sorriso maldoso em sua fei-

ção sombria, levantou-se da cadeira, inclinou-se para a frente sobre a mesa e pousou as duas mãos na superfície lisa de madeira.

— Então está me desafiando? — ele perguntou sem conseguir esconder o prazer na voz. Horace, contudo, fez um gesto hesitante.

— Antes de proferir qualquer desafio, exijo que o respeite — ele disse, e o cavaleiro franziu a testa levemente.

— Respeitar? — ele repetiu. — O que quer dizer, seu cachorro chorão?

Horace balançou a cabeça teimoso, ignorando o insulto.

— Eu quero uma garantia de que você vai cumprir os termos do desafio. E quero que o faça diante de seus homens.

— Ah, você quer, não é mesmo?

Agora, a raiva na voz de Deparnieux não era uma suposição. Ela era real. Ele tinha percebido para onde o garoto induzira a conversa.

— Acho que o garoto pensa que o senhor governa pelo medo, lorde Deparnieux — Halt interrompeu com calma.

— E o que isso tem a ver com você, arqueiro? —

ele perguntou, embora já imaginasse saber a resposta.

— Os seus homens estão com você por causa de sua reputação de guerreiro — Halt respondeu com indiferença, depois de dar de ombros. — Acho que Horace pre-feriria ver o desafio ser apresentado e aceito diante de seus homens.

Deparnieux franziu a testa. Como, de certa forma, o desafio já tinha sido apresentado diante de alguns de seus homens, ele sabia que não tinha escolha senão ceder.

Um comandante que só aparentasse mostrar medo de um jovem de 16 anos teria pouco respeito por parte dos homens que comandava, ainda que vencesse a batalha resul-tante.

— Você acha que tenho medo do desafio desse garoto? — ele indagou sarcástico.

— Nenhum desafio foi apresentado. . ainda — Halt retrucou e ergueu a mão num gesto de advertência. — Só estamos preocupados em garantir que o senhor tenha a coragem de honrar qualquer desafio que possa surgir.

Deparnieux resmungou aborrecido diante das palavras cuidadosas do arqueiro.

— Agora estou vendo o que realmente pretende, arqueiro — ele respondeu. — Pensei que você fosse um feiticeiro, mas percebo que não é mais do que um advo-gado desprezível brincando com palavras.

Halt mostrou um leve sorriso e inclinou um pouco a cabeça. Ele não respondeu e o silêncio se estendeu entre eles. Deparnieux olhou rapidamente para os dois sentinelas parados ao lado das enormes portas duplas do salão de jantar. Seus rostos mostravam o interesse na cena que se desenrolava. Os detalhes se espalhariam por todo o castelo, rapidamente, se ele recusasse o desafio ou tentasse ganhar uma vantagem desonesta sobre o garoto. Ele sabia que seus homens tinham pouco apreço por ele e que, caso não tratasse o desafio de forma correta, começaria a perdê-los. Talvez não imediatamente, mas aos poucos, um depois do outro, à medida que desertassem de seus postos e passassem para o lado de seus inimigos. E Deparnieux tinha muitos inimigos.

Ele olhou para o garoto. Não tinha dúvida de que podia vencer Horace numa luta justa, mas se ressentia do fato de que tinha sido manipulado para aceitar essa situa-

ção. No Chateau Montsombre, era Deparnieux quem preferia manipular. Ele se obrigou a sorrir e tentou parecer entediado com toda aquela situação.

— Muito bem — ele disse num tom indiferente —, se é isso que deseja, vou cumprir os termos do desafio.

— E vai fazer isso diante de seus homens? — Horace ajuntou rapidamente, o que fez o cavaleiro olhar para ele de mau humor e abandonar qualquer fingimento de que gostava do garoto tagarela e de seu companheiro barbado.

— Sim — ele disparou para os dois. — Se preciso dizer isso letra por letra para agradar vocês, garanto minha aceitação na frente de meus homens.

— Então — Horace retrucou suspirando aliviado e começando a tirar uma das luvas presa ao cinto — o desafio pode ser apresentado. O combate vai ocorrer daqui a duas semanas.

— Fechado — Deparnieux respondeu.

— . .no campo de grama em frente ao Château Montsombre. .

— Concordo.

A palavra foi dita quase com raiva.

— . .diante de seus homens e dos outros ocupantes do castelo. .

— Concordo.

— . .e deverá ser um combate mortal.

A voz de Horace hesitou um pouco ao pronunciar essa frase, mas ele olhou rapidamente para Halt, e o arqueiro balançou a cabeça levemente para lhe dar coragem.

E então o sorriso estreito, amargo e selvagem voltou aos lábios do dono do castelo.



— Concordo — ele disse novamente.

No entanto, desta vez a palavra foi quase ronrona-da.

— Agora continue, garoto, antes que perca a coragem e molhe as calças.

Horace inclinou a cabeça na direção do comandante e, pela primeira vez, sentiu-se no controle da situação.

— Que sujeito desagradável você é, Deparnieux —

ele disse devagar, o que fez o cavaleiro negro se inclinar sobre a mesa e oferecer o queixo para o golpe ritual com a luva que provocaria o desafio e tornaria todo o acontecimento irreversível.

— Com medo, garoto? — ele replicou com desdém e então se encolheu quando uma luva o atingiu como uma ferroada.

Contudo, não foi a dor que o fez se encolher, mas sim a forma inesperada como tudo aconteceu, pois o garoto do outro lado da mesa não se moveu. Em vez disso, o arqueiro grisalho e barbado se levantou com velocidade e agilidade tais que não houve tempo para o cavaleiro reagir. Ele foi atingido no rosto com a luva que estivera segurando sob a mesa nos últimos minutos.

— Então eu desafio você, Deparnieux — o arqueiro afirmou.

E, por alguns segundos, o comandante sentiu a hesitação tomar conta dele quando viu o brilho de satisfação no fundo daqueles olhos firmes e determinados.





Uma pequena mancha de sol se arrastou para dentro do único aposento da cabana. Evanlyn, cochilando na cadeira, sentiu o calor do sol no rosto e sorriu sem perceber.

Do lado de fora, a neve ainda formava uma camada alta no chão, mas o céu do meio da tarde era de um azul brilhante e sem nuvens.

Meio adormecida, ela aproveitou o calor enquanto a luz passava em seu corpo lentamente. Por trás das pálpebras fechadas, ela sentiu o vermelho vivo e ofuscante do sol.

Então, abruptamente, a luz foi bloqueada e ela abriu os olhos.

Will estava parado à sua frente na posição que tinha se tornado conhecida para ela na semana passada. As mãos dele estavam juntas e seus olhos castanhos escuros, antes tão vivos, cheios de diversão e alegria, não mostravam nada além de um pedido suplicante. Ele ficou ali, paciente, esperando que ela reagisse, e ela sorriu para ele com certa tristeza.

— Tudo bem — ela disse com delicadeza.

Um sorriso muito tênue tocou os lábios dele, parecendo por um momento se refletir naqueles olhos escuros, e ela sentiu uma renovada onda de esperança que vinha crescendo dentro de si nos últimos dias. Aos poucos, mas perceptivelmente, Wil estava mudando. Primeiro, quando lhe negava a droga, ele se retorcia naqueles terríveis ataques e tremores, recuperando-se apenas quando ela lhe dava uma pequena porção da erva.

Mas, como os intervalos entre as doses tinham ficado maiores e as doses menores, ela tinha começado a ter esperanças de que ele acabaria se recuperando. Os ataques eram coisa do passado. Agora, em vez de ser dominado pelo corpo quando ansiava pela droga, Wil estava mentalmente aceitando um suprimento menor. Ainda havia uma pequena necessidade, mas ela se refletia no comportamento suplicante, quase infantil, que ela estava vendo naquele momento.

Depois de três dias sem usar a droga, ele se aproximava e simplesmente ficava parado na frente dela com a mensagem clara no olhar. E, em resposta, ela media uma porção do estoque da droga, cada vez menor, que continuava na bolsinha impermeável de algodão. Evanlyn sabia que era uma corrida para ver se a dependência dele seria maior que o suprimento. Se esse fosse o caso, ela podia ver momentos difíceis para os dois no futuro. Ela não tinha ideia de qual seria a reação de Will quando lhe recusasse a droga, mas imaginava que mais privação iria resultar em outro acesso de tremores e gritos.

Ela pensou que talvez esse fosse o próximo passo necessário na recuperação dele. Mas, certo ou errado, ela simplesmente não podia se obrigar a testemunhar

aquela necessidade incontrolável outra vez. “Haverá tempo suficiente para isso quando a erva finalmente acabar”, ela concluiu.

— Fique aqui — ela pediu, levantando-se da cadeira de madeira e indo para a porta.

Mais uma vez, Evanlyn imaginou ver um leve brilho de prazer nos olhos dele que desapareceu numa fração de segundo, mas ela disse a si mesma que ele tinha estado lá, que ela não estava apenas vendo o que esperava ver.

Ela guardava o suprimento de erva no estábulo, a-trás de uma tábua solta junto de uma das paredes laterais.

No início, pensou em esconder a bolsa de tecido impermeável na pilha de lenha, mas lembrou que iria pedir a Will que apanhasse lenha para o fogo e a possibilidade de ele encontrar a droga era terrível demais para considerar.

Evanlyn não tinha uma ideia clara do que iria acontecer a Wil se ele ingerisse uma dose muito grande.

Ela pensou que, no mínimo, a dependência voltaria a aumentar outra vez. E também havia a possibilidade de ocorrerem mais efeitos colaterais permanentes — até mesmo fatais. O que ela sabia era que, se Wil encontrasse a erva e a usasse de uma vez, ela enfrentaria semanas de convulsões e acessos de tremores iguais aos que ele tivera quando tinha sido privado da droga antes.

Evanlyn se perguntou se a mente entorpecida de Will poderia processar o fato de que ela sempre deixava a cabana e voltava com a erva; se ele era capaz de juntar a sequência de causa e efeito e raciocinar que a erva devia estar guardada em algum lugar fora da cabana. Ela não tinha certeza, mas, em todo caso, não corria riscos e veri-ficava com cuidado se ele não a tinha seguido quando tirava a bolsinha do pequeno esconderijo na parede de madeira.

Evanlyn olhou sobre o ombro quando entrou no estábulo. O pônei olhou para ela e relinchou, cumprimen-tando-a. Mas não havia sinal de que Will estava interessado em seus movimentos. Aparentemente, ele estava satisfeito em esperar na cabana, sabendo que ela voltaria logo com a droga pela qual ansiava. Como isso acontecia ou onde ela a encontrava pareciam não ser perguntas que o preocupavam. Aquelas eram abstrações e naqueles dias ele lidava apenas com fatos.

Evanlyn mediu uma quantidade minúscula da erva seca na palma da mão, embrulhou o restante e o recolocou atrás da tábua solta. Novamente, durante em meio a esse procedimento, ela se virou de repente para checar se estava sendo vigiada. Mas não havia sinal do companheiro; apenas o pônei a observava com seus olhos brilhantes e inteligentes.

— Não diga uma palavra — ela pediu ao cavalo em voz baixa.

Surpreendentemente, ele escolheu esse exato momento para balançar a cabeça como os pôneis fazem de tempos em tempos. Evanlyn deu de ombros depois de reagir com espanto por um segundo. Era como se o animal a tivesse ouvido e compreendido. Recolocou a bolsa no buraco e o fechou com um pedaço de tábua para escondê-la. Ela se abaixou no chão do estábulo, pegou um punhado de terra e o espalhou sobre a linha recortada que marcava a junção da madeira. Então, convencida de que o esconderijo estava oculto da melhor forma possível, voltou para a cabana.

Will sorriu quando Evanlyn entrou e, por um momento, ela pensou que ele a tinha reconhecido, como nos velhos tempos. “Os velhos tempos”, ela pensou com tristeza. Apenas poucos meses tinham se passado, mas agora pensava neles como se tivessem ocorrido há muito tempo.

Então percebeu que o olhar dele disparou para sua mão direita fechada. O sorriso era para a droga, não para ela.

Mesmo assim, era um começo.

Evanlyn estendeu a mão fechada, e ele se aproximou ansioso, juntando as duas mãos debaixo da dela para que nenhum grão caísse. Evanlyn deixou que a erva verde-acinzentada escorregasse para as mãos dele, observando o rosto dele enquanto os olhos seguiam o fino fio da droga.

Inconscientemente, a língua disparou para os lábios, na expectativa. Depois de dar tudo a ele e deixar que limpas-se com cuidado os poucos e minúsculos grãos que tinham





ficado presos na palma de sua mão, ele olhou para ela e sorriu outra vez.

Desta vez, teve certeza de que ele tinha sorrido para ela.

— Bom — ele disse rapidamente e então seu olhar caiu sobre o pequeno monte de erva seca que tinha na mão.

Ele se afastou dela, curvando-se sobre a mão quando a levou para a boca.

Evanlyn sentiu aquele repentino clarão de esperan-

ça queimar com força dentro dela novamente. Era a primeira vez que Wil tinha

realmente falado com ela desde que tinham escapado de Hal asholm.

Não era muito. Apenas uma palavra. Mas era um começo. Ela sorriu para Wil quando ele se agachou num canto da cabana. Como um animal, ele instintivamente se encolhia enquanto usava a droga, aparentemente nervoso com a possibilidade de que ela a tirasse dele.

— Seja bem-vindo, Wil — ela disse baixinho.

Mas ele não respondeu. A *erva do calor* o tinha dominado mais uma vez.





Horace se ergueu nos estribos quando Kicker começou a galopar com velocidade. Ele segurava uma longa vara de freixo à direita, num ângulo reto com o corpo e com seu alvo. À sua frente, parado imóvel no meio do campo situ-ado diante do castelo, Halt puxou a corda do arco para trás até que a ponta enfeitada com penas da flecha tocasse o canto de sua boca.

Horace impeliu o cavalo de batalha a aumentar ainda mais o ritmo até chegar à velocidade máxima. Ele olhou para a direita para verificar se o capacete que tinha prendido no fim da lança de freixo ainda estava na posi-

ção correta voltada para Halt.

Ao olhar para o pequeno vulto na grama diante de-le, viu a primeira flecha ser posicionada e cuspida do arco com uma força incrível e disparar na direção do alvo em movimento. Em seguida, num movimento confuso e quase incompreensível, as mãos de Halt se mexeram e outra flecha estava a caminho.

Quase ao mesmo tempo, Horace sentiu um choque transmitido ao longo da vara de madeira que segurava quando as duas setas atingiram o capacete com um intervalo de meio segundo.

Ele deixou Kicker diminuir o passo para um meio-galope e levou o cavalo a fazer um círculo largo até parar na frente do arqueiro. Halt estava parado com o arco apoiado no chão e esperava pacientemente para ver o resultado do treino. Horace deixou a vara e o capacete caírem no chão na sua frente. Incrivelmente, as duas flechas atravessaram a abertura do visor e se instalaram no acolchoamento macio que Halt tinha posto no interior para proteger as pontas afiadas.

Quando Halt pegou o velho capacete nas mãos, Horace jogou a perna sobre o arção e escorregou para o chão ao lado dele. O arqueiro grisalho fez um gesto com a cabeça enquanto inspecionava o resultado de sua prática de tiro.

— Nada mal — ele disse. — Nada mal, mesmo.

Horace soltou as rédeas e deixou Kicker se afastar e pastar na grama curta e grossa que crescia no campo de torneios. Ele estava espantado e mais do que um pouco preocupado com as ações de Halt.

Depois que o desafio fora apresentado e aceito, Deparnieux tinha concordado em devolver as armas dos dois. Halt alegou que não atirava uma flecha havia semanas e precisaria treinar suas habilidades para o combate.

Deparnieux, que praticava diariamente suas técnicas de combate, não viu nada de incomum no pedido. Assim, as armas tinham sido devolvidas, embora os dois araluenses estivessem sendo vigiados de perto por pelo menos uma dúzia de homens armados de bestas sempre que iam treinar.

Nos últimos três dias, Halt tinha instruído Horace a galopar pelo campo com o capacete estendido na ponta de uma vara enquanto ele atirava setas no visor. A cada vez, pelo menos uma das duas flechas encontrava o alvo. Em geral, Halt conseguia pôr as duas flechas nos pequenos espaços que tinha em vista.

No entanto, aquilo não era mais do que Horace esperava do arqueiro. A habilidade de Halt com o arco era lendária. Não havia necessidade para ele praticar, especialmente quando, ao fazer isso, estava revelando suas táticas para o comandante galês.

— Ele está olhando? — Halt perguntou em voz baixa, parecendo ler os pensamentos de Horace.

O arqueiro estava de costas para os muros do castelo e não via o que acontecia lá. Mas Horace, movendo apenas os olhos, e não a cabeça, conseguia ver a silhueta negra, num dos muitos terraços do castelo, curvada na balaustrada observando-os, como fazia sempre que iam para o campo.

— Sim, Halt — ele respondeu. Ele está olhando.

Mas é sensato a gente fazer isso onde ele possa ver?

O leve sinal de um sorriso pareceu tocar os lábios do arqueiro.

Possivelmente não — ele respondeu —, mas ele iria garantir que poderia nos observar, não importa onde praticássemos, não é mesmo?

— Sim — Horace admitiu relutante —, mas você não precisa treinar, precisa?

— Você falou como um verdadeiro aprendiz —

Halt resmungou tristemente. — Treinamento nunca é demais para ninguém, jovem Horace. Tenha isso em mente para quando voltarmos ao Castelo Redmont.

Horace olhou para Halt desanimado, enquanto ele soltava as duas flechas do estofo de palha e couro que enchia a cavidade do capacete.

— Há outra coisa — ele começou, mas Halt levantou a mão para que parasse.

— Eu sei, eu sei — ele disse. — As suas preciosas regras de cavalaria estão perturbando você outra vez, certo?

Horace foi obrigado a concordar com relutância.

Aquele assunto era motivo de discussão entre os dois desde que Halt tinha desafiado Deparnieux para um duelo.

Primeiro, o cavaleiro tinha ficado enraivecido e depois, sarcasticamente divertido com o fato de que um homem do povo tivesse a audácia de desafiá-lo.

— Sou um cavaleiro consagrado — Deparnieux disparou para Halt. — Um nobre! Não posso ser desafiado para combater por qualquer rufião da floresta!

A expressão do arqueiro ficou sombria ao ouvir essas palavras. Sua voz, quando falou, estava baixa e perigosa. Inadvertidamente, tanto Deparnieux quanto Horace tinham se inclinado para a frente para ouvi-lo com mais atenção.

— Veja como fala, seu patife malnascido! — Halt tinha retrucado. — Você está falando com o membro da casa real de Hibernia, sexto na linha do trono e com uma linhagem que era nobre quando você e os seus estavam procurando por restos de comida nos canis!

E, enquanto falava, um inconfundível sotaque hi-berniano se fez, sentir em suas palavras. Horace olhou para ele surpreso. Ele não tinha a menor ideia de que Halt descendia de uma linhagem real. Deparnieux ficou igualmente espantado com a notícia. Ele estava certo, e claro.

Nenhum cavaleiro era obrigado a honrar um desafio vindo de um inferior. Mas a alegação do arqueiro grisalho sobre seu sangue real punha o assunto numa outra perspectiva. Seu desafio devia ser tratado com seriedade e respeito. Deparnieux não poderia ignorá-lo, especialmente por ter sido feito na presença de vários de seus homens.

Recusar o desafio abalaria seriamente sua posição.

Assim, ele aceitou o combate que foi marcado para dali a duas semanas.

Mais tarde, em seus aposentos, Horace mostrou surpresa quando à origem de Halt.

— Eu não sabia que você descendia da realeza hi-berniana — ele disse.

Halt sorriu com indiferença.

— Não descendo — ele respondeu. — Mas o nosso amigo não sabe e não tem como provar que estou mentindo. Portanto, ele teve que aceitar meu desafio.

E foi essa desconsideração pelas rígidas convenções da cavalaria que deixou Horace tão preocupado, tanto quanto o fato de que Halt parecia permitir que o inimigo soubesse exatamente que táticas usaria no combate para o qual faltava apenas um dia. O treinamento na Escola de Guerra dava muita importância às convenções e obriga-

ções da classe dos cavaleiros. Horace tinha aprendido nos últimos dezoito meses que elas eram firmes e inflexíveis.

Elas depositavam obrigações naqueles que seriam cavaleiros e, embora lhes dessem grandes privilégios, esses privilégios tinham que ser conquistados. Um cavaleiro tinha que obedecer as regras, viver de acordo com elas e, se necessário, morrer por elas.

Entre as convenções mais severas e inflexíveis estava a oportunidade do combate. Para falar a verdade, mesmo Horace, como um guerreiro ainda não promovido a cavaleiro, não estava autorizado a desafiar Deparnieux.

Mas Halt certamente estava, e a atitude de cavaleiro do arqueiro diante de um sistema que Horace tinha na mais alta estima havia chocado o garoto — e ainda o perturba-va.

— Escute — Halt disse com certa delicadeza, pondo um braço em volta dos ombros fortes de Horace —, eu admito que as regras da cavalaria são ótimas, mas apenas para os que vivem para obedecer todas as regras.

— Mas... — Horace começou, porém Halt o interrompeu apertando-lhe o ombro.

— Deparnieux usou essas regras para matar, para roubar e assassinar por Deus sabe quantos anos. Ele aceita as regras que lhe convém e descarta as que atrapalham.

Você já viu isso.

— Eu sei, Halt — Horace concordou infeliz. — É

que me ensinaram a. .

— Você aprendeu com homens nobres — o arqueiro o interrompeu outra vez com gentileza. — Com homens que seguem e vivem de acordo com todas as regras da cavalaria. Vou lhe dizer uma coisa: no que se refere a essa questão, não conheço homens melhores do que sir Rodney ou o barão Arald. Homens como eles são a personificação de tudo o que é correto sobre a cavalaria e seus procedimentos.

Ele parou, olhando para o rosto perturbado do garoto com atenção. Horace assentiu com um gesto. Halt tinha escolhido Rodney e o barão por serem modelos para o rapaz. Vendo que ele tinha sido compreendido, Halt continuou.

— Mas um porco assassino e covarde como Deparnieux não pode alegar seguir os mesmos padrões que esses homens seguem. Não tenho o menor remorso em mentir para ele, contanto que isso me ajude a atrair ele para uma luta. E derrotar, se tiver sorte.



E, nesse momento, Horace se virou para ele com a expressão ainda preocupada, mas talvez um pouco mais tranquilo.

— Mas como pode pensar em derrotar ele quando ele sabe exatamente o que pretende fazer? — ele perguntou desanimado.

— Talvez eu tenha sorte — Halt respondeu dando de ombros, sem o menor sinal de um sorriso.



35

O arco de caça provocava uma sensação estranha na mão de Evanlyn. Ela se atrapalhou ao tentar colocar uma das flechas na corda e quase a deixou cair na neve aos seus pés quando tentou manter os olhos no pequeno animal que se movia lentamente na clareira à sua frente.

Sem pensar, ela assobiou aborrecida e, no mesmo instante, o coelho se sentou nas patas traseiras remexendo as orelhas para ver se conseguia perceber outro sinal do som estranho que tinha acabado de ouvir, torcendo o focinho de um lado

para outro e procurando traços de algum cheiro estranho.

Evanlyn ficou paralisada e esperou até que o animal tivesse se certificado de que não havia perigo imediato e voltasse a raspar a neve com as patas dianteiras para descobrir a grama molhada e mirrada que se escondia debaixo dela. Quase sem ousar respirar, observou o coelho recomeçar a comer e então, olhando para baixo desta vez, deslizou a flecha para junto da corda, bem abaixo do entalhe que o fabricante tinha feito ali.

Nesse local, a corda era mais grossa e era envolvida por um fio fino para que o encaixe oferecesse firmeza e prendesse a flecha no lugar sem que se precisasse usar os dedos. Evanlyn conseguia segurar o arco com leveza e a força da corda quando solta faria que ela a soltasse de imediato e enviaria a flecha para seu alvo.

Evanlyn levantou o arco e começou a puxar a corda com a mão direita, mas sabia que não estava fazendo a coisa corretamente. Ela tinha visto vários arqueiros para saber que não era assim que se fazia. Entretanto, como estava começando a perceber, observar um arqueiro experiente e imitar seus movimentos eram duas coisas totalmente diferentes. Ela se lembrava de Will pôr a flecha no arco e atirar num único movimento suave, hábil e aparentemente fácil. Naquele momento, ela visualizou o movimento na imaginação, mas estava totalmente além de sua capacidade recriá-lo. Em vez disso, ela segurou o arco pa-ra cima e, tremendo, agarrando 0 entalhe da flecha entre o indicador e o polegar, tentou puxar a corda para trás somente com a força dos dedos e do braço.

Agindo assim, ela mal conseguia puxar a flecha a meia distância. Ela apertou os lábios zangada. Teria que conseguir. Fechou um dos olhos e observou a flecha, tentando mirar a pequena criatura que estava se alimentando satisfeita e sem notar o perigo mortal que rondava as árvores ao redor da clareira. Com mais esperança do que convicção, ela finalmente soltou a flecha.

Três coisas aconteceram.

O arco se retorceu em sua mão, afastando a flecha cerca de 3 metros do alvo. A flecha em si saltou do arco com uma força que mal era suficiente para perfurar a carne do animal, e a corda bateu doloridamente contra a pele macia do interior de seu braço. Evanlyn gritou de dor e deixou o arco cair. A flecha deslizou pela

casca de uma árvore e desapareceu na floresta do outro lado da clareira.

O coelho ergueu o corpo novamente e espiou na direção dela com um olhar que parecia totalmente confuso quando inclinou a cabeça para ver melhor. Então, ficou de quatro, afastou-se lentamente da clareira e andou vaga-rosamente para o meio das árvores.

“Que fim para quem estava correndo perigo mortal”, ela pensou com tristeza.

Evanlyn apanhou o arco, esfregou o braço dolorido onde a corda tinha batido e foi procurar a flecha. Depois de uma busca de dez minutos, chegou à conclusão que a tinha perdido para sempre. Aborrecida, voltou para a pequena cabana.

— Acho que vou ter que praticar mais — ela resmungou. Aquela tinha sido sua segunda tentativa de caça.

A primeira tinha sido igualmente infrutífera e totalmente desanimadora. Pelo que talvez fosse a décima quinta vez, ela suspirou ao pensar que, se Wil estivesse bem, ele não teria nenhuma dificuldade em usar o arco para conseguir comida para a mesa deles.

Evanlyn tinha lhe mostrado o arco, esperando que ele se lembrasse de alguma coisa ao ver a arma. Mas ele não tinha feito nada além de olhar para ela fixamente com a expressão desinteressada e dissimulada que tinha ficado tão conhecida para ela.

Havia nevado na noite anterior e a neve estava na altura dos joelhos quando ela voltou com dificuldade para a cabana. Era a primeira nevasca em mais de uma semana, e isso a tinha feito pensar. O inverno já devia estar pela metade e, por fim, quando a primavera chegasse, os escandinavos de Hal asholm recomeçariam a andar por aquelas montanhas. Talvez alguns até chegassem e usassem a cabana que ela e Wil estavam ocupando no inverno. Ele teria que estar recuperado até lá, para que pudessem inici-ar a longa jornada para o sul, e ela não tinha ideia de quanto tempo essa recuperação iria levar. Ele parecia estar melhorando dia a dia, mas Evanlyn não tinha certeza. Tampouco ela podia ter certeza de quanto tempo tinham até que o calor da primavera começasse a derreter a neve.

Evanlyn sabia que estavam numa corrida, mas não conseguia ver a linha de chegada. Ela poderia surgir na sua frente a qualquer momento.

A cabana entrou em seu campo de visão. Ela ficou aliviada por ver que um fino fio de fumaça ainda saía pela chaminé. Ela tinha acendido o fogo antes de sair pela ma-nhã, esperando ter colocado bastante lenha para que queimasse até sua volta. Ela já tinha descoberto que nada era mais desanimador do que chegar em casa fria e molhada e encontrar o fogo apagado.

Naturalmente, não havia como esperar que Will cuidasse do fogo na ausência dela. Até mesmo uma tarefa simples como aquela parecia ser demais para ele. Ela se deu conta de que não era má vontade da parte dele. Ele simplesmente não mostrava nenhum interesse em fazer ou dizer qualquer coisa além das funções mais básicas. Ele comia, dormia e ocasionalmente se aproximava dela com a expressão suplicante no olhar, pedindo mais erva. “Pelo menos”, ela se consolou, “faz algum tempo que ele não faz isso”.

Durante o resto do tempo, ele simplesmente ficava sentado em qualquer lugar, olhando para o chão, para as mãos, ou um pedaço de madeira, ou qualquer coisa em que seus olhos quisessem se concentrar no momento.

As velhas dobradiças de couro da porta da cabana rangeram quando ela a abriu. O barulho foi suficiente para chamar a atenção de Wil . Ele estava sentado de pernas cruzadas no chão, no meio da cabana, quase na mesma posição de quando ela tinha saído, horas antes.

— Oi, Wil . Voltei — ela avisou, obrigando-se a sorrir.

Ela sempre tentava, vivendo na esperança de que um dia ele iria reagir.

Mas aquele não era esse dia. O garoto não mostrou sinal de reação ou interesse. Suspirando, ela recostou o pequeno arco na parede ao lado da porta. Vagamente, ela percebeu que deveria tirar a corda do arco, mas estava de-sanimada demais para fazer isso naquele momento.





Evanlyn foi até a despensa e apanhou uma pequena quantidade de seu reduzido suprimento de carne seca.

Havia arroz também e ela começou a preparar o arroz temperado com carne que tinha se tornado a refeição principal nas últimas semanas. Pôs água para ferver para que pudesse cozinhar a carne e preparar um caldo ralo com pelo menos um pouco de sabor.

Evanlyn tinha medido uma xícara de arroz e a estava colocando em outra panela quando ouviu um leve barulho atrás dela. Ao se virar, percebeu que Wil tinha saído da posição em que tinha ficado quase toda a tarde. Naquele momento, ele estava sentado perto da porta e ela se perguntou o que o tinha feito se mexer,

mas chegou à conclusão de que tinha sido apenas uma decisão tomada ao acaso.

Então, ela percebeu o que tinha acontecido e deu um salto de surpresa, derramando parte do precioso arroz na mesa.

O pequeno arco ainda estava encostado à parede junto da porta. Mas Wil tinha tirado a corda.





Os homens de Deparnieux tinham estado fora desde ce-do, naquela manhã, passando o rastelo na grama comprida que cobria o campo na frente do Château Montsombre. O

cavaleiro galês não queria correr riscos no combate planejado. Ele tinha visto cavalos de batalha caírem por causa de grama emaranhada e queria garantir que o terreno da luta estivesse livre desse perigo.

Agora, uma hora após o meio-dia, ele saiu pela porta falsa que tinha usado na ocasião de seu último combate.

Ele não tinha dúvidas de que iria derrotar Halt, mas também não se deixava enganar pelo pequeno estranho. Ele tinha observado as constantes sessões de treinamento que Halt e Horace tinham conduzido e sabia que o araluense era um

arqueiro de habilidades raras. Ele não tinha dúvida sobre as táticas que o oponente usaria. As sessões de treinamento tinham deixado isso claro. Deparnieux sorriu para si mesmo. Ele pensou que as táticas psicológicas de Halt eram interessantes. A visão constante da flecha passando pelo visor de um capacete em rápido movimento podia muito bem ser suficiente para amedrontar a maioria dos oponentes. Mas, embora Deparnieux tivesse poucas dúvidas sobre as habilidades de Halt, tinha menos ainda sobre as próprias. Seus reflexos eram tão rápidos quanto os de um gato e ele tinha certeza de que poderia desviar as flechas de Halt com o escudo.

Ele concluiu que parecia que o araluense grisalho o tinha julgado mal como oponente, e ficou vagamente desapontado com o fato. Deparnieux tinha esperado muito do desconhecido. Parecia agora que as primeiras impressões tinham se reduzido a quase nada. Halt era um arqueiro experiente, isso era tudo. Ele não tinha poderes sobre-naturais ou habilidades misteriosas. O comandante pensou que, na verdade, ele era bastante limitado e um homem desinteressante que se tinha em alta conta. Ele duvidava da alegação do arqueiro de ter uma linhagem real, mas isso não importava mais. O homem merecia morrer, e Deparnieux ficaria feliz em lhe fazer esse favor.

Não havia nenhum dos habituais toques festivos de trompetes ou o rufar de tambores quando Deparnieux levou seu cavalo negro lentamente para o campo de batalha. Aquele não era um dia para cerimônias. Aquele era um dia de trabalho comum para o cavaleiro negro. Um intruso tinha desafiado sua autoridade e sua superioridade na região. Era necessário despachar esse tipo de gente com a máxima eficiência.

Por causa de tudo isso, praticamente todos os membros da equipe do Château Montsombre e muitos dos guerreiros de Deparnieux estavam presentes para testemunhar o combate. Ele sorriu com crueldade quando se perguntou quantos deles estariam ali na esperança de vê-lo derrotado. E concluiu que muitos deles. Mas eles estavam fadados ao desapontamento. Na verdade, matar o arqueiro iria servir a um objetivo conveniente para ele. Nada seria tão bom para a disciplina quanto a visão do dono e senhor do castelo provocando a morte rápida de um intruso arrogante.

E, por falar no diabo, lá estava ele. O arqueiro estava cavalgando na extremidade oposta do campo em seu pequeno cavalo parecido com um barril. Ele não usava armadura, apenas um colete de couro ornamentado com tachões que não lhe

daria nenhuma proteção contra a lan-

ça e a espada de Deparnieux. E, naturalmente, a sempre presente capa manchada de cinza e verde.

Seu jovem companheiro cavalgava alguns passos a-trás dele. Ele usava uma malha de ferro e seu capacete estava pendurado na sela do cavalo de batalha. Ele carregava a espada e levava o escudo redondo adornado com o símbolo da folha de carvalho.

“Interessante”, Deparnieux pensou. Obviamente, no caso da derrota inevitável de Halt, seu jovem companheiro de viagem tentaria vingara morte do amigo. “Melhor assim”, pensou o cavaleiro negro. Se uma morte iria servir como um exemplo salutar aos seus criados mais in-disciplinados, duas seriam duplamente eficientes. Afinal, tinha sido assim que todo esse acontecimento decepcionante tinha começado.



Ele fez o cavalo parar e testou a empunhadura da lança na mão direita para garantir que a segurava no ponto ideal de equilíbrio. No lado oposto do campo, seu oponente continuava a cavalgar para a frente, devagar e com firmeza. Ele parecia ridiculamente pequeno, diminuído pelo jovem musculoso e o imenso cavalo de batalha que andavam ao lado dele.

— Espero que saiba o que está fazendo — Horace disse, tentando falar sem mover os lábios, no caso de Deparnieux estar observando, coisa que, naturalmente, ele estava.

Halt se virou na sela e quase sorriu para ele.

— Pois eu sei — ele disse devagar.

Ele percebeu que a mão direita de Horace soltou a espada dentro do estojo mais uma vez. Ele tinha feito a mesma coisa pelo menos uma dúzia de vezes enquanto cavalgavam.

— Relaxe — ele acrescentou com calma.

Horace olhou para ele abertamente, sem se importar se Deparnieux o via ou não.

— Relaxar? — ele repetiu sem acreditar. — Você vai lutar só com um arco contra um cavaleiro vestido com uma armadura e você me pede para relaxar?

— E você sabe que só vou ter uma ou duas flechas

— Halt disse com suavidade, fazendo Horace olhá-lo espantado.

— Bem. . só espero que você saiba o que está fazendo — ele repetiu.

— Se é o que você acha — ele retrucou, e cutucou Abelard com o joelho, fazendo-o parar.

Halt sorriu para ele. Era apenas o leve clarão de um sorriso. Os olhos de Halt se concentraram na figura distante na armadura negra, ele passou a perna direita por sobre a sela e desceu do cavalo.

Tire ele do caminho para não se machucar — ele pediu ao aprendiz.

Horace se inclinou e pegou a rédea do cavalo do arqueiro. Abelard agitou as orelhas e olhou para seu dono com olhar inquisidor.

— Vá com ele — Halt ordenou em voz baixa, e o cavalo se permitiu ser conduzido para longe.

Halt olhou mais uma vez para o jovem sentado no cavalo de batalha e viu preocupação em cada centímetro do corpo do garoto.

— Horace? — ele chamou, e o aprendiz parou e olhou para ele.

— Fique tranquilo, eu sei o que estou fazendo. Horace conseguiu mostrar um fraco sorriso.

— Se você diz. . — ele replicou.

Enquanto falavam, Halt selecionou cuidadosamente três flechas entre as várias que levava na aljava e as colocou com a ponta para baixo dentro da bota direita. Horace viu o movimento e se perguntou o que o arqueiro pretendia. Não havia necessidade de Halt deixar as flechas à mão daquele jeito. Ele podia pegá-las na

aljava em suas costas e atirá-las numa fração de segundo.

Ele não teve tempo de pensar mais no assunto, pois Deparnieux chamava do outro extremo do campo.

— Caro lorde Halt — Horace ouviu claramente Deparnieux cumprimentá-lo com forte sotaque enquanto se afastava com o cavalo. — Você está preparado?

Sem se preocupar em falar, Halt ergueu a mão em resposta. Horace achou que ele parecia muito pequeno e vulnerável, parado sozinho no centro do campo aparado, esperando a aproximação do cavaleiro vestido de negro montado no seu enorme cavalo de batalha.

— Então, que o melhor homem vença! — Deparnieux gritou zombeteiro.

— É o que pretendo fazer — Halt respondeu desta vez, enquanto Deparnieux batia as esporas no cavalo que começou a se aproximar a galope.

Ocorreu a Horace que Halt não tinha dito nada sobre o que deveria fazer se Deparnieux vencesse. Ele tinha alguma esperança de que o arqueiro o mandasse fugir. Ele certamente esperava que Halt o proibisse de desafiar Deparnieux imediatamente após o combate, o que era exatamente o que Horace pretendia fazer se Halt perdesse. Ele se perguntou naquele momento se Halt não tinha dito na-da porque sabia que iria ignorar essa ordem ou se era simplesmente porque estava totalmente confiante em sua vi-tória.

Não que parecesse haver essa possibilidade. A terra tremeu sob os cascos do cavalo de batalha negro, e o olho experiente de Horace viu que o cavaleiro galês era um guerreiro de grande capacidade e habilidade naturais. Perfeitamente equilibrado em sua sela sobre o cavalo, ele ma-nuseava a lança longa e pesada como se fosse um objeto leve, inclinando-se para a frente e erguendo-se ligeiramente nos estribos enquanto a ponta da lança se aproximava cada vez mais da pequena figura vestida na capa cinza-esverdeado.

Era a capa que provocava uma sensação de apreensão na mente de Deparnieux. Halt oscilava levemente enquanto esperava, e as manchas irregulares na capa tendo como fundo a grama de inverno cinza-esverdeado recém-cortada pareciam fazer o vulto entrar e sair de foco. O

efeito era quase hipnotizador. Zangado, Deparnieux afastou o pensamento

perturbador e tentou concentrar a aten-

ção no arqueiro. Ele estava perto, a menos de 30 metros de distância, e mesmo assim o arqueiro ainda não. .

Deparnieux sentiu sua aproximação: um movimento confuso quando o arco foi erguido e a primeira flecha disparou na direção dele com uma velocidade incrível, in-do diretamente para as fendas do visor em seu capacete e provocando uma sensação de vazio.

No entanto, apesar da velocidade da flecha, Deparnieux foi ainda mais rápido e conseguiu levantar o escudo a tempo. Ele sentiu a flecha bater no escudo e ouviu o retinir de aço se chocando com aço quando ela abriu um longo sulco no esmalte preto e brilhante e depois saiu sibi-lando quando o escudo a desviou.

Mas então o escudo não o deixava ver o pequeno homem, e Deparnieux rapidamente o abaixou.

“Que todos os diabos do inferno o levem!”, foi o que Halt desejou ao disparar uma segunda flecha. Mas os incríveis reflexos de Deparnieux o salvaram outra vez, fazendo que ele usasse o escudo para desviar o segundo arremesso traiçoeiro. Ele se perguntou como alguém podia atirar tão depressa e então praguejou quando percebeu que, por não conseguir enxergar, já tinha passado do ponto em que o arqueiro estava parado, calmamente saindo do alcance da ponta da lança.

Deparnieux fez o cavalo de batalha diminuir o passo e dar uma grande volta. Não valeria a pena se arriscar a ferir o animal fazendo-o virar depressa demais. Ele agiria com calma e. .

Nesse momento, ele sentiu uma pontada aguda de dor no ombro esquerdo. Desajeitado e torcendo o corpo, a visão prejudicada pelo capacete, ele percebeu que, ao passar a galope, Halt tinha disparado outra flecha em sua direção, desta vez mirando a abertura na armadura na altura do ombro.

A malha de ferro que cobria essa abertura tinha su-portado quase todo o impacto da seta, mas a ponta afiadíssima ainda tinha conseguido cortá-la e penetrar na carne. Deparnieux se deu conta de que o ferimento era doloroso, mas superficial, e moveu o braço rapidamente para se certificar de que nenhum músculo ou tendão importante tinha sido machucado. Se a luta fosse prolongada, o braço

poderia ficar rígido e afetar a defesa com o escudo.

Do modo como as coisas caminhavam, o ferimento era um incômodo. “Um incômodo doloroso”, ele corrigiu ao sentir o sangue quente escorrendo pela axila. Ele pro-meteu a si mesmo que Halt pagaria por isso. E pagaria caro.

Pois, naquele momento, Deparnieux pensou que tinha entendido o plano de Halt. Ele iria continuar a impedir sua visão ao atacar, obrigando-o a levantar o escudo para proteger os olhos no último minuto, afastando-se então para o lado quando Deparnieux passasse para investir contra ele.

Mas o cavaleiro não tinha intenção de jogar o jogo de Halt. Ele iria trocar o ataque desenfreado em alta velocidade com a lança por uma aproximação lenta e delibera-da. Afinal, ele não precisava da força e do impulso de uma investida. Ele não estava enfrentando outro cavaleiro de armadura que tentava derrubá-lo da sela. Ele estava enfrentando um homem parado sozinho no meio do campo.

Enquanto percebia o plano, jogou a pesada lança no chão, pegou a flecha do ombro, quebrou-a e a jogou atrás da lança.

Em seguida, empunhou a espada e começou a trotar lentamente para perto de Halt e esperou por ele.

Ele manteve o arqueiro à sua esquerda para que o escudo ficasse em posição de desviar as flechas. A longa espada na mão direita balançava facilmente em círculos enquanto ele sentia o peso conhecido e o equilíbrio perfeito.

Enquanto olhava a cena, Horace sentiu o coração bater mais forte no peito. Agora só podia haver um fim para aquela luta. Quando Deparnieux abandonou o ataque impetuoso e o substituiu por uma aproximação mais cautelosa, Halt ficou com sérios problemas. Horace sabia que 9 entre 10 cavaleiros teriam continuado a atacar, indigna-dos pelas táticas de Halt e determinados a esmagá-lo com sua força superior. Ele via agora que Deparnieux era um dos 10 que veriam rapidamente a tolice de seguir esse ru-mo e encontrariam uma tática para anular a vantagem do arqueiro.

O cavaleiro montado estava a somente 40 metros de distância da pequena figura e se movimentava lentamente em sua direção. Como antes, o arco subiu e a flecha estava a caminho. Com habilidade, quase com desdém, Deparnieux levantou o escudo para desviar a seta. Desta vez, ele ouviu o guincho agudo do

impacto e tornou a a-baixar o escudo.

Ele viu a próxima flecha, já apontada para a sua ca-beça. Ele viu a mão do arqueiro começar a soltar a corda e novamente levantou o escudo quando a flecha disparou em sua direção.

Mas havia um detalhe importante que ele não viu.

Aquela flecha era uma das três que Halt tinha colocado no cano da bota. E essa flecha era diferente, pois tinha uma cabeça muito mais pesada feita de aço temperado. Ao contrário das flechas de guerra normais da aljava de Halt, ela não tinha a cabeça larga em formato de folha.

Em vez disso, ela tinha a forma da ponta de um formão frio cercado por quatro esporas que impediriam que fosse desviada e deixariam que atravessasse e penetrasse a carne atrás da armadura de Deparnieux.

A ponta da flecha era planejada para perfurar armaduras, e Halt tinha aprendido seus segredos anos antes com os fortes arqueiros montados das estepes do leste.

A flecha saiu voando do arco. Quando Deparnieux levantou o escudo, não conseguiu ver o peso adicional da ponta que já a fazia cair abaixo do local desejado. A flecha formou um arco para baixo do escudo inclinado e bateu no peito ali exposto como se quisesse apenas testar sua velocidade e força.

Deparnieux ouviu o baque. Um impacto surdo de metal contra metal — mais um golpe metálico do que um tinido. Ele se perguntou 0 que era. E então sentiu o co-meço de uma dor intensa, uma agonia ardente, que come-

çou em seu lado esquerdo e se espalhou rapidamente até tomar conta de todo o seu corpo.

Ele não chegou a sentir o impacto da queda de seu corpo no gramado.

Halt baixou o arco. Ele afrouxou a corda e guardou a segunda flecha preparada para perfurar armaduras, já posicionada e pronta, na aljava.

O senhor do Château Montsombre estava deitado imóvel. Um silêncio assombrado tomou conta da pequena multidão de espectadores que tinha saído do castelo para assistir ao combate. Nenhum deles sabia como reagir. Nenhum

deles esperava esse resultado. Os criados, cozinhei-ros e cavalariços sentiram uma cautelosa sensação de prazer. Deparnieux nunca tinha sido um patrão querido. O

uso do chicote e das gaiolas de ferro em qualquer criado que o desagradasse tinha sido o responsável por isso. Mas as expectativas em relação ao homem que tinha acabado de matá-lo não eram necessariamente mais altas.

Logicamente, eles imaginaram que o estrangeiro barbado tinha matado seu patrão para que pudesse assumir o controle de Montsombre. Era assim que as coisas aconteciam em Gálica, e experiências anteriores tinham mostrado a eles que uma mudança de dono não trazia me-lhorias para suas vidas. O próprio Deparnieux tinha derrotado um antigo tirano alguns anos antes. Assim, embora estivessem satisfeitos em ver o sádico e cruel cavaleiro negro morto, eles encaravam seu sucessor com pouco o-timismo.

Para os soldados que tinham servido Deparnieux, o assunto era um pouco diferente. Eles, pelo menos, tinham uma ligação mais próxima com o homem morto, embora classificar esse sentimento como lealdade fosse um exagero. Mas ele os tinha conduzido a muitas vitórias e a um prêmio considerável ao longo dos anos, de modo que agora três deles começaram a andar na direção de Halt movendo as mãos na direção do punho da espada.

Ao ver o movimento, Horace bateu com as esporas em Kicker e ficou entre eles e o arqueiro vestido com a capa cinzenta. Ouviu-se um tinido de aço sobre couro quando ele desembainhou a espada, fazendo a lâmina brilhar debaixo do sol do começo da tarde. Os soldados hesi-taram. Eles conheciam a reputação de Horace, e nenhum deles se considerava um espadachim habilidoso o bastante para acertar contas com o jovem rapaz. O campo de batalha ao qual estavam acostumados era a confusão de uma batalha campal, não a atmosfera fria e calculista de um duelo como esse.

— Pegue o cavalo — Halt pediu a Horace.

O aprendiz olhou em volta surpreso. Halt não tinha se mexido. Ele estava parado com os pés ligeiramente separados, voltado para os soldados que se aproximavam.

Mais uma vez, uma flecha estava preparada na corda do arco, embora ele continuasse abaixado.

— O quê? — Horace perguntou confuso, e o arqueiro virou a cabeça na direção do cavalo de batalha do comandante, apoiando o peso do corpo ora num pé, ora noutro, agitando a cabeça vagamente.

— O cavalo. Agora ele é meu. Pegue ele para mim

— Halt repetiu, e Horace fez Kicker trotar lentamente até onde pôde se inclinar e pegar as rédeas do cavalo negro.

Ele teve que embainhar a espada para isso e olhou preocupado para os três soldados e para os outros 12 que estavam atrás dele, como se ainda não soubesse o que fazer.

— Capitão da guarda! — Halt chamou. — Onde você está?

Um homem robusto usando meia armadura deu um passo à frente, afastando-se do grupo maior de guerreiros. Halt olhou para ele por um momento.

— Seu nome? — ele perguntou.

O capitão hesitou. Ele sabia que, no curso normal dos acontecimentos, o vitorioso de um combate como aquele simplesmente exigiria que as coisas continuassem como eram, e a vida em Montsombre iria continuar com poucas mudanças. Mas o capitão também sabia que, geralmente, o novo comandante podia decidir rebaixar ou até eliminar os oficiais graduados. Ele estava preocupado com o arco na mão do estranho, mas não viu sentido em não se apresentar. Os outros iriam isolá-lo rapidamente, se isso significasse um possível progresso para eles. Ele tomou uma decisão.

— Philemon, senhor — ele disse.

Os olhos de Halt pareciam atravessá-lo e se seguiu um silêncio longo e desconfortável.

— Venha até aqui, Philemon — Halt ordenou finalmente e, depois de recolocar a flecha na aljava, pendurou o arco no ombro esquerdo.

Esse gesto foi encorajador para o capitão, embora não tivesse dúvida de que, se Halt quisesse, poderia apanhar o arco e disparar várias flechas antes que ele pudesse piscar. Com cautela e com os nervos a flor da pele por causa da

expectativa, ele se aproximou do homem pequeno.

— Não pretendo ficar aqui mais que o necessário

— Halt disse quando o capitão estava bem perto. — Dentro de um mês, as passagens para Teutônia e a Escandiná-

via estarão abertas, e meu companheiro e eu vamos seguir viagem.

Ele parou e Philemon franziu a testa, tentando compreender o que estava ouvindo.

— O senhor quer que nós vamos com vocês? —

ele perguntou finalmente. — O senhor deseja nossa companhia?

— Não tenho desejo de ver nenhum de vocês outra vez — ele disse simplesmente. — Não quero nada deste castelo, nada de seus habitantes. Vou levar o cavalo de batalha de Deparnieux porque tenho esse direito tomo vitorioso neste combate. Quanto ao resto, você pode ficar com tudo: o castelo, os móveis, o dinheiro, a comida, as terras. Se puder esconder isso dos seus amigos, é tudo seu.

Philemon olhou para ele sem acreditar no que ouvia. Aquela era uma sorte imensa! O estranho estava indo embora e entregando o castelo e tudo o mais para ele, um simples capitão da guarda. Ele assobiou baixinho para si mesmo. Ele iria substituir Deparnieux como controlador da região. Ele seria um proprietário, dono de um castelo, com soldados e criados para atendê-lo!

— Duas coisas — Halt interrompeu seus pensamentos. — Você vai soltar as pessoas das gaiolas imediatamente. Quanto aos outros criados e escravos do castelo, vou dar permissão para ficarem ou partirem. Não vou obrigar ninguém a ficar com você, de jeito nenhum.

A expressão sombria do capitão se intensificou diante dessa declaração. Ele abriu a boca para protestar, mas hesitou ao perceber o olhar de Halt. Era um olhar frio, determinado e totalmente sem compaixão.

— Com você ou seu sucessor — ele corrigiu. — A escolha é sua. Critique minha decisão e vou apresentar essa opção a quem quer que substituir você depois que

eu o matar.

E, ao ouvir essas palavras, Philemon percebeu que Hal não iria hesitar em cumprir a ameaça. Ele ou o jovem e musculoso espadachim montado no cavalo de batalha não teriam dificuldade em acabar com ele.

O soldado analisou as alternativas: joias, ouro, um castelo bem abastecido, um grupo de homens armados que iriam segui-lo porque teria os recursos para pagá-los e uma possível falta de empregados.

Ou a morte, aqui e agora.

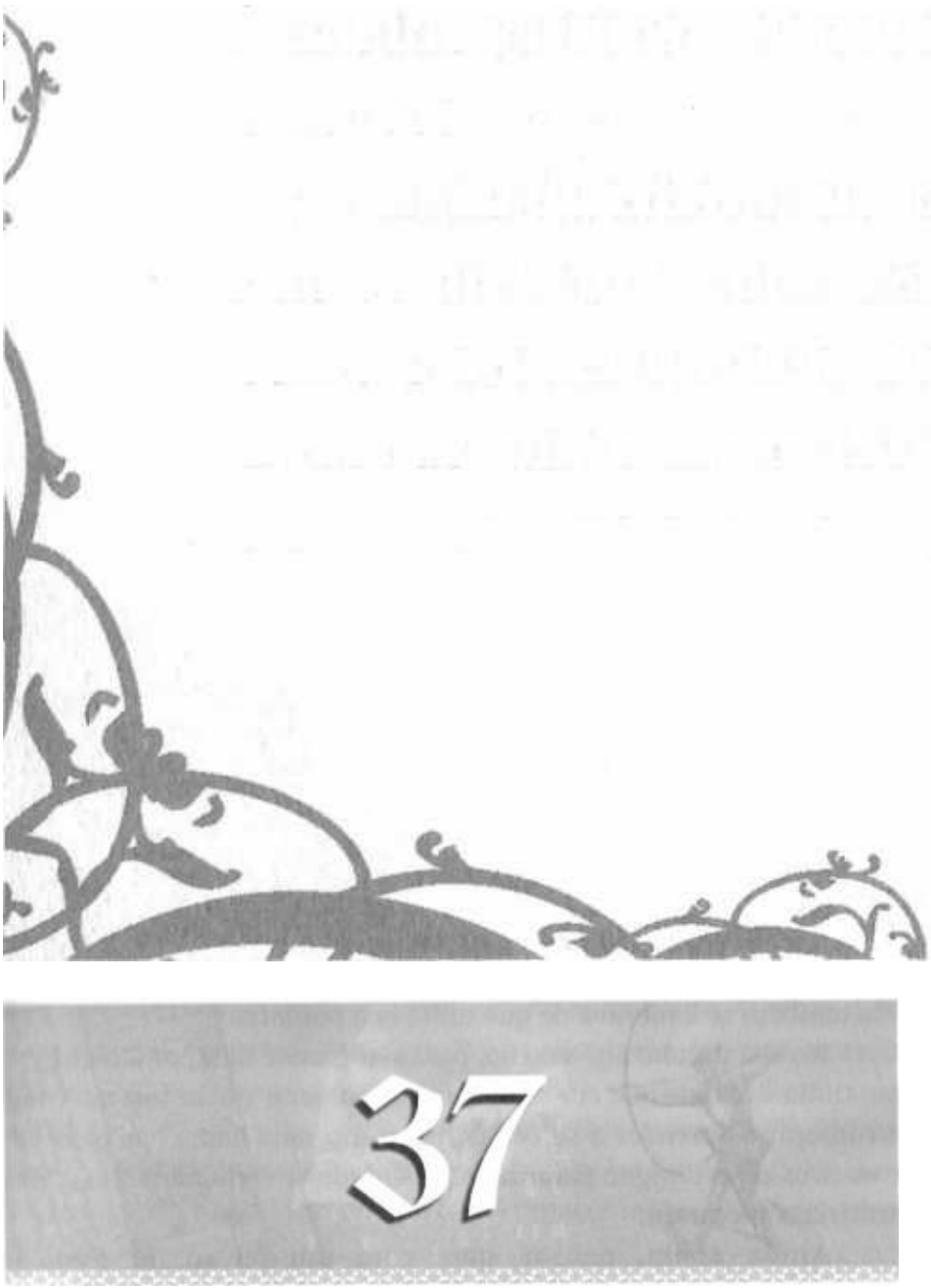
— Eu aceito — ele declarou.

Afinal de contas, Philemon pensou que a maioria dos criados e escravos não tinha para onde ir. As chances de que quase todos preferissem ficar no Château Mont-



sombre eram boas, caso confiassem que as coisas não poderiam realmente ficar piores do que eram e que talvez pudessem até ser um pouco melhores.

— Pensei mesmo que iria — Halt retrucou devagar.



37

Evanlyn estava se concentrando muito. Aponta de sua língua se espichava entre os dentes e ela franzia um pouco a testa quando começou a cortar o pedaço de couro macio na forma correta.

Ela não podia cometer erros. Tinha encontrado o pedaço de couro no estábulo e havia apenas o suficiente para o propósito que tinha em mente. Ele era macio, flexível e fino. Havia outros objetos entre os arreios, mas eles estavam secos e duros. Aquele era o pedaço de que precisava.

Evanlyn estava fazendo um estilingue.

Ela finalmente tinha desistido de tentar a aprender a manejar o arco. Quando finalmente conseguisse atingir alguma coisa, ela e Wil já estariam mortos de fome há muito tempo. Ser criada como princesa tinha grandes des-vantagens. Ela sabia fazer trabalhos de costura e bordado delicados, apreciar um bom vinho e ser anfitriã de um jantar para 12 nobres e suas esposas. Ela sabia organizar o trabalho dos empregados e ficar sentada, por horas, de



costas eretas e aparentemente atenta durante as cerimônias oficiais mais aborrecidas.

Todas habilidades valiosas no lugar certo, mas nenhuma delas era muito útil na atual situação. Ela desejou ter passado algumas horas aprendendo os rudimentos do manejo do equipamento dos arqueiros. Ela admitiu aborrecida que o arco estava além de sua capacidade.

Mas um estilingue! Aquela era uma questão diferente. Quando criança, ela e dois primos tinham feito estilingues e passeavam pelos bosques fora do Castelo Araluen atirando pedras em alvos aleatórios.

Ela também se lembrava de que tinha boa pontaria.

No seu décimo aniversário, para seu grande desapontamento, o pai tinha decidido que era tempo de a filha parar de ser um moleque e começar a aprender a se com-portar como uma dama. Os passeios e os tiros de estilingue pararam. Os bordados e o treinamento como anfitriã começaram.

Ainda assim, pensou que, com um pouco de práti-ca, provavelmente se lembraria de algumas técnicas que lhe serviriam naquele momento.

Evanlyn sorriu um pouco, lembrando daqueles dias privilegiados no Castelo Araluen. Eles estavam a séculos de distância de tudo aquilo. Ela pensou com ironia que atualmente tinha aprendido novas habilidades. Ela conseguia arrastar um pônei na neve que chegava aos quadris, dormir no chão duro, tomar muito menos banhos do que uma sociedade educada iria achar adequado e, com alguma sorte, até matar, limpar e cozinhar a própria comida.

Isso, é claro, se conseguisse montar o bendito estilingue. Ela moldou o pedaço de couro macio em volta de uma grande pedra redonda, embrulhando a pedra nele e puxando o couro macio de forma a criar uma bolsa. Ela repetiu o procedimento várias vezes, forçando o couro a tomar a forma da pedra. Suas mãos estavam começando a doer com o esforço e ela pareceu se lembrar de que, quando criança, os criados tinham feito essa parte para ela.

— Não sou muito útil, sou? — perguntou para si mesma.

Na verdade, ela estava subestimando as habilidades que possuía. Suas reservas de coragem, determinação e lealdade eram enormes, assim como sua criatividade.

Ao contrário de alguém criado naquelas condições, ela nem sempre encontrava a melhor forma de resolver seus problemas. Mas, de alguma forma, encontrava uma saída. Ela nunca desistia. E eram essa firmeza de propósitos e capacidade de adaptação que fariam dela uma grande governante, caso algum dia voltasse a Araluen.

Ela ouviu um barulho atrás de si e se virou. Seu co-ração ficou apertado no peito quando viu Will parado ao seu lado. O olhar dele estava vazio, a expressão perdida.

Por um terrível momento, pensou que ele estava querendo outra dose de erva e sentiu uma forte onda de medo. Fazia duas semanas que tinha usado a droga pela última vez e quando lhe tinha dado aquela porção, a bolsa ficara praticamente vazia. Ela não tinha ideia do que iria acontecer na próxima vez que a necessidade surgisse.

Assim, misturado com uma esperança desesperada e crescente de que talvez ele estivesse curado do vício, Evanlyn vivia o tempo todo com o constante medo de que ele fosse pedir mais. Desde o dia em que ele tinha de-samarrado o arco, ela tinha procurado outros sinais de consciência ou memória nele. Mas tinha sido

em vão.

Will apontou para a jarra de água no banco e ela suspirou aliviada. Evanlyn lhe serviu uma caneca de água e ele se afastou, arrastando os pés, com a mente ainda presa naquele lugar longínquo que apenas os viciados conhecem. Ele não estava curado, mas o momento que ela te-mia tinha sido adiado um pouco mais.

As lágrimas fizeram os olhos de Evanlyn se turva-rem. Ela as secou e voltou ao trabalho. Um pouco antes, ela tinha cortado duas liras compridas da mochila e as prendeu em cada um dos lados da bolsa. Ela colocou a pedra na bolsa e balançou o estilingue. Fazia muito tempo, mas a sensação era vagamente familiar. O peso da pedra era confortável e ela se aninhava com segurança na bolsa.

Ela olhou para Wil . Ele estava de olhos fechados encolhido contra a parede da cabana, perdido para o mundo.

Podia ficar assim durante horas.

— Não faz sentido perder mais tempo — ela disse a si mesma. — Vou caçar, Will. Vou demorar um pouco

— ela avisou o companheiro.

Evanlyn reuniu um suprimento de pedras e saiu.

Suas tentativas anteriores com o arco lhe ensinaram que os animais selvagens locais, agora que a cabana estava ha-bitada, costumavam ficar bem afastados. Ela pensou que eram experiências desagradáveis do passado, e que certamente nada tinham a ver com suas tentativas de caça.

Enquanto andava, aproveitou a oportunidade para treinar sua técnica e colocou uma pedia no estilingue, puxando-o para trás até ouvir um zunido, e então o soltou para atingir uma das árvores próximas.

Primeiro, os resultados não foram nada encorajadores. A velocidade era boa, mas a pontaria estava péssima.

Mas, porque continuou a praticar, a velha habilidade co-meçou a voltar. As pedras que atirava bateram nos alvos várias vezes.

Ela teve resultados ainda melhores quando carre-gou duas pedras no estilingue, dobrando suas chances de acerto. Por fim, sentindo que estava preparada, continuou a andar na direção da clareira perto do riacho, onde tinha visto coelhos se alimentando e tomando sol nas rochas aquecidas.

Evanlyn estava com sorte. Um grande coelho de olhos fechados estava sentado nas rochas, agitando as orelhas e o focinho enquanto se esquentava deitado no calor da pedra aquecida pelo sol.

Ela sentiu um arrepio de satisfação ao carregar duas das pedras maiores no estilingue e começou a ajeitá-lo acima da cabeça. O som surdo e sussurrante aumentou à medida que as pedras ganharam velocidade e o coelho abriu os olhos ao ouvi-lo. Mas ele não percebeu nenhum perigo e permaneceu onde estava. Evanlyn viu os olhos dele se abrirem e resistiu à tentação de atirar no mesmo instante. Ela deixou o estilingue girar mais duas ou três vezes e então soltou a ponta, acompanhando o movimento com o braço, direto para o alvo.

Talvez tenha sido sorte de iniciante, mas as duas pedras atingiram o coelho com toda a força. A maior delas quebrou a pata traseira e, quando ele tentou escapar, man-cou desajeitadamente na neve. Evanlyn, impelida pela for-

ça da vitória, atravessou a clareira, agarrou o animal que lutava pela vida e torceu o pescoço dele para acabar com o sofrimento.

A carne fresca seria um complemento bem-vindo à sua pobre dieta. Entusiasmada pelo sucesso, decidiu que poderia tentar outro local de caça e verificar se a sorte iria continuar. Dois coelhos certamente seriam melhores do que um.

Ela se moveu com cuidado e a neve macia debaixo de seus pés a ajudou a avançar sem ser ouvida. À medida que se aproximava da outra clareira, começou a andar com mais cuidado, pisando com atenção e garantindo que, depois de empurrar três galhos para passar, eles voltassem à posição inicial sem barulho.

É quase certo que seu cuidado exagerado salvou sua vida.

Ela estava para sair das árvores quando o sexto sentido a fez hesitar. Alguma coisa estava errada. Ela tinha ouvido ou sentido algo que estava fora do lugar ali. Recuou, ficou nas sombras atrás das árvores i esperou para ver se conseguia identificar a causa de sua inquietação. I então ouviu o barulho de novo e desta

vez o reconheceu. Era a batida macia dos cascos de um cavalo na neve espessa que ainda cobria o chão.

Com a boca seca e o coração acelerando de repente, Evanlyn ficou paralisada. Ela se lembrou das instruções de Will em Skorghijl.

Ela ainda estava escondida de todos e de tudo na clareira. Os pinheiros cresciam juntos uns dos outros e o sol do meio-dia jogava sombras escuras entre as árvores.

Os cabelos de sua nuca ficaram arrepiados enquanto ela ficou ali parada, imóvel. Seus olhos dispararam de um lado para outro, esforçando-se para ver entre as manchas alter-nadas de neve brilhante iluminada pelo sol e as sombras profundas. Em seguida, ouviu o leve resfolegar de um cavalo e soube que não tinha se enganado. Do outro lado da clareira, uma nuvem de vapor estava suspensa no ar e, enquanto a observava, viu o cavalo e o cavaleiro surgirem das sombras escuras.

Durante um breve momento, sentiu uma onda de alegria ao pensar que se tratava de Puxão, o cavalo de arqueiro de Wil . Pequeno, robusto e com pelo desgrenhado, era pouco maior que um pônei. Quando o viu, quase deu um passo à frente para a luz do sol, mas então, no momento exato, parou ao ver o cavaleiro.

Ele usava peles de animal, um chapéu também de pele achatado e um arco pequeno no ombro. Ela viu o rosto com bastante clareza: pele morena e maltratada pelo frio e maxilares altos e salientes que faziam os olhos acima deles parecerem um pouco mais que frestas. Ele era pequeno e atarracado como o cavalo, e algo nele transmitia uma sensação de perigo. Ele virou a cabeça e olhou para as árvores à direita e Evanlyn aproveitou a oportunidade para recuar ainda mais no esconderijo oferecido pela floresta. Satisfeito por não haver ninguém observando, o cavaleiro fez o cavalo dar alguns passos para o centro da clareira.

Ele parou ali e seus olhos pareceram atravessar as sombras até onde estava a garota: escondida atrás do tronco áspero de um enorme pinheiro. Durante alguns segundos assustadores, ela pensou que tinha sido vista. Mas en-tão o cavaleiro tocou o flanco do cavalo com o calcanhar de uma das botas enfeitadas com pele de animal e saiu trotando rapidamente da clareira para dentro do bosque.

Ele desapareceu num instante, o único sinal de sua presença eram as nuvens de vapor que pendiam no ar conge-lante deixadas pela respiração quente do animal.

Durante vários minutos, Evanlyn ficou encolhida de encontro ao pinheiro, temendo que o cavaleiro voltasse de repente. Então, muito tempo depois que o ruído surdo provocado pelos cascos do cavalo na neve tinha desaparecido, ela se virou e correu de volta para a cabana.

Will tinha dormido.

Ele despertou devagar, a consciência tomando conta dele aos poucos enquanto percebia que estava sentado no chão duro de madeira. Ele abriu os olhos e franziu a testa diante do ambiente desconhecido. Ele estava numa pequena cabana em que a luz brilhante do sol do Final de inverno passava por uma janela sem vidros e formava um quadrilátero alongado no chão, mais largo na base do que no topo.

Atordoado, ainda meio adormecido, ele se levantou, sentindo que por algum motivo tinha dormido sentado no chão e recostado numa das paredes. Ele se perguntou por que teria escolhido esse lugar, quando podia ver que a cabana tinha uma cama rústica e duas cadeiras. Ao se levantar lentamente, alguma coisa caiu com ruído de seu colo para o chão. Ele olhou para baixo e viu um pequeno arco de caça. Curioso, ele o apanhou e examinou.

Era uma arma pouco potente não recurvada e com os braços compridos e pesados de um arco longo, útil para caçar animais pequenos e coisas semelhantes. Ele se perguntou onde estaria o arco dele. Ele não se recordava de ser dono daquele brinquedo.

Então ele se lembrou. O arco não estava mais com ele, pois tinha sido tomado pelos escandinavos na ponte.

E, à medida que a memória voltava, outras imagens apareciam: a fuga pelos pântanos e brejos quando prisioneiro dos escandinavos; a viagem pelo mar de Stormwhite no navio de Erak; o porto em Skorghijl, onde tinham se protegido da pior tempestade da estação, e a viagem para Hallasholm.

E então. . então, nada.

Ele puxou pela memória, tentando se lembrar de alguma coisa que tinha

acontecido depois de terem chegado à capital escandinava. Mas não havia nada ali. Nada além de uma parede vazia que desafiava todos os seus esforços para penetrá-la.

De repente, foi tomado pelo medo. Evanlyn! O que tinha acontecido tom ela? Ele lembrou, como que em meio a um nevoeiro, que havia um grande perigo envol-vendo a amiga. Sua identidade nunca deveria ser revelada aos captores. Eles tinham realmente chegado a Hal asholm? Se tivessem chegado, Will tinha certeza de que se lembraria. Mas onde estava a garota loira de olhos verdes que tinha passado a significar tanto para ele? Será que ele a tinha traído por descuido? Teria ela sido morta pelos escandinavos?

Um val asvow! Agora ele lembrava. Ragnak, oberjarl dos escandinavos, tinha jurado vingança a todos os membros da família real de Araluen. E Evanlyn era, na verdade, Cassandra, princesa do reino. Numa agonia de incerteza e perda de memória, Will bateu com os punhos na testa, tentando lembrar, tentando se tranquilizar e se convencer de que Evanlyn não tinha sofrido por causa de alguma falha dele.





E então, no momento em que pensava nela, a porta da cabana se abriu nas dobradiças de couro e ela estava lá, emoldurada pela luz forte do sol que se refletia da neve, incrivelmente linda como sempre lembraria que ela era, não importava quanto tempo vivesse ou com que idade estivesse.

Will andou na direção dela com um sorriso de completo alívio iluminando seu rosto, estendeu as mãos para ela, que ficou parada, sem palavras, olhando para ele como se fosse um fantasma.

— Evanlyn! — ele disse. — Graças a Deus você está bem!

E, ao dizer isso, ele se perguntou por que os olhos dela tinham ficado úmidos e por que seus ombros se sa-cudiam enquanto as lágrimas escorriam incontroláveis

pe-lo seu rosto.

Afinal, para ele não havia motivo para chorar.





Halt e Horace desceram com cuidado o caminho sinuoso que saía do Château Montsombre. Nenhum dos dois falava, mas ambos sentiam a mesma e intensa satisfação. Estavam na estrada novamente. O pior do inverno já tinha passado e, quando chegassem à fronteira, as passagens para a Escandinávia estariam abertas.

Horace olhou para trás uma vez para ver o prédio sombrio onde ficaram presos por tantas semanas e prote-geu os olhos com a mão para enxergar melhor.

— Halt — ele chamou — olhe aquilo.

Halt fez Abelard parar e se virou. Havia uma fina coluna de fumaça cinzenta se levantando da fortaleza do castelo e, enquanto observavam, ela ficou mais espessa e negra. Vagamente, ouviram os gritos dos homens de Philemon enquanto corriam para combater o fogo.

— Parece que alguma pessoa descuidada deixou uma tocha ardendo numa pilha de trapos embebidos em óleo na despensa do porão — Halt murmurou com

cuidado.

— Você sabe disso só de olhar, não é mesmo? —

Horace retrucou sorrindo.

Halt concordou, mantendo uma expressão indiferente.

— Nós, arqueiros, somos dotados de poderes de percepção misteriosos — ele explicou. — E acho que Gá-

lica vai ficar bem melhor sem esse castelo, não concorda?

Apenas o comandante tinha realmente morado na fortaleza. Os soldados e os empregados viviam em outras partes do edifício e teriam tempo suficiente para impedir que o logo se espalhasse até lá. Mas a fortaleza e a torre central onde estavam os aposentos de Deparnieux estavam destruídas. E era assim que deveria ser. Montsombre tinha sido palco de muita crueldade e horror durante muitos anos, e Halt não tinha intenção de deixá-lo intacto pa-ra que Philemon continuasse a agir como o antigo mestre.

— É claro que as paredes de pedra não vão queimar — Horace ajuntou com uma ponta de desapontamento.

— Não — Halt concordou. — Mas os pisos de madeira e as vigas de sustentação vão. E todos os tetos e escadas vão queimar e cair. E o calor também vai danificar as paredes. Não ficaria surpreso se algumas delas simplesmente cedessem.

— Ótimo — Horace afirmou, e havia um mundo de satisfação naquela única palavra.

Juntos, eles viraram as costas à lembrança de Deparnieux e fizeram os cavalos continuarem a andar. O pequeno grupo se afastou seguido de perto por Puxão.





— Vamos embora, vamos encontrar Will — Halt disse.

Digitalização: villie

Revisão: Yuna